



PRISCILA MARQUES TONELI

# A PALAVRA PROSÓDICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CAMPINAS

2014





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

PRISCILA MARQUES TONELI

# A PALAVRA PROSÓDICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, Instituto de Estudos da Linguagem

Coorientadora: Profa. Dra. Marina Claudia Pereira Verga Afonso e Vigário, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

CAMPINAS

2014

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Haroldo Batista da Silva - CRB 5470

T612p Toneli, Priscila Marques, 1982-  
A palavra prosódica no português brasileiro / Priscila Marques Toneli. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre.  
Coorientador: Marina Cláudia Pereira Verga Afonso e Vigário.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos  
da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Análise prosódica. 2. Língua portuguesa - Entonação.  
3. Língua portuguesa - Acentos e acentuação. 4. Fonética. 5. Fonologia. I.  
Abaurre, Maria Bernadete Marques, 1946-. II. Vigário, Marina Cláudia, 1969-. III.  
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV.  
Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The prosodic word in brazilian portuguese

**Palavras-chave em inglês:**

Portuguese language - Prosodic analysis

Portuguese language - Intonation

Portuguese language - Accents and accentuation

Phonetics

Phonology

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutora em Linguística

**Banca examinadora:**

Maria Bernadete Marques Abaurre [Orientador]

Luiz Carlos da Silva Schwindt

Flaviane Romani Fernandes Svartman

Plínio Almeida Barbosa

Maria Filomena Spatti Sandalo

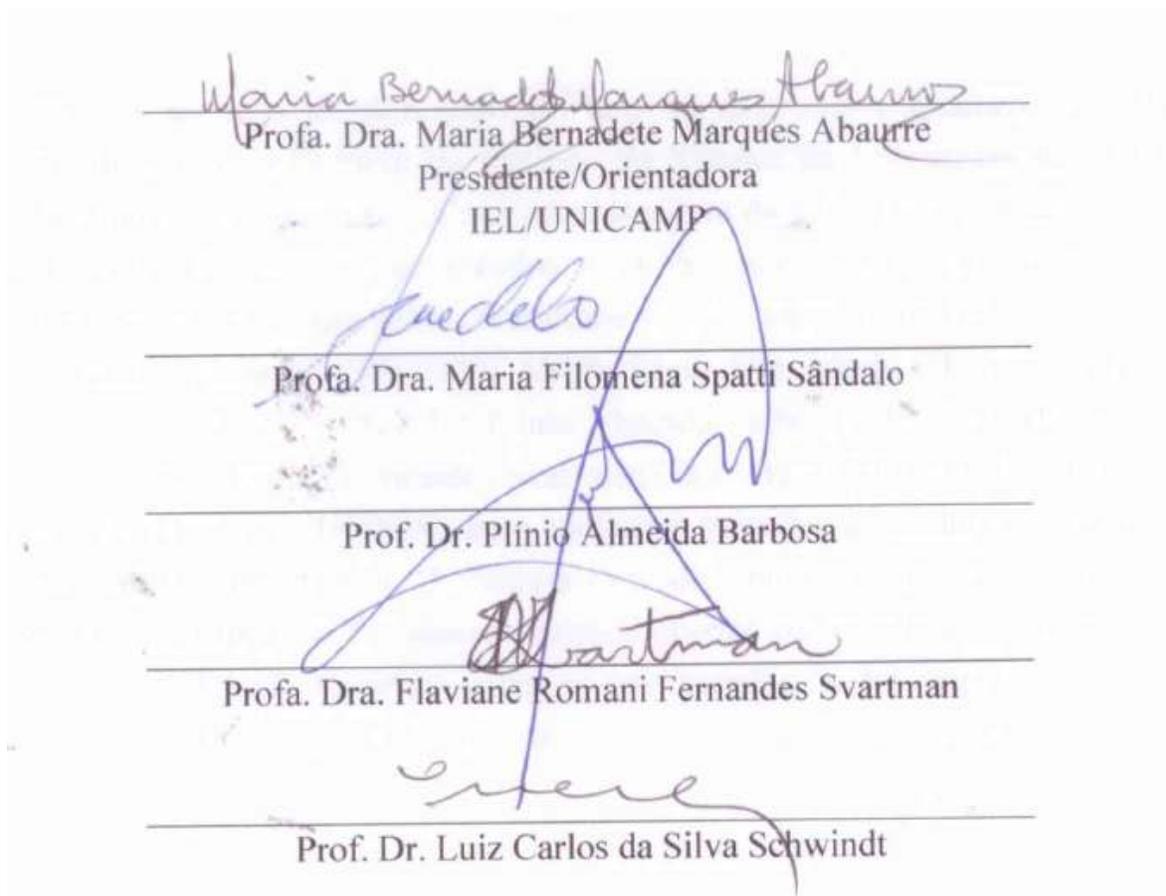
**Data de defesa:** 05-12-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 05 de dezembro de 2014, considerou a candidata PRISCILA MARQUES TONELI aprovada.

### BANCA EXAMINADORA



### BANCA SUPLENTE

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Prof. Dra. Elisa Battisti

Prof. Dr. José Sueli Magalhães



## RESUMO

Esta tese apresenta um estudo sistemático do domínio da Palavra Prosódica (PW – *Prosodic Word*) no Português Brasileiro (doravante PB) em relação (i) à prosodização de palavras funcionais e de palavras lexicais; (ii) aos fenômenos fonológicos que podem tomar a PW como domínio de aplicação e àqueles que podem funcionar como diagnósticos para identificá-la; e (iii) à investigação da estrutura entoacional em busca de evidências desse domínio prosódico no PB.

Uma comparação entre PB e Português Europeu (doravante PE) é feita ao longo do trabalho, conforme são discutidos os fenômenos fonológicos que identificam e caracterizam a PW na variedade europeia, uma vez que há um estudo sistemático sobre o respectivo domínio realizado por Vigário (2003).

Os *corpora* analisados para o desenvolvimento da presente pesquisa foram obtidos empiricamente por meio de observação e da elaboração de experimentos que controlaram algumas variáveis para a validação ou para a refutação de algumas hipóteses, por exemplo, a investigação do domínio relevante para distribuição tonal no PB e para a atribuição de acento de foco fonológico.

Na presente tese, mostramos que alguns fenômenos fonológicos tomam a PW como domínio de aplicação, como as regras de (i) atribuição de acento primário, (ii) harmonia vocálica, (iii) atribuição de acento secundário, (iv) neutralização da pretônica, (v) assimilação de nasalidade fonética, (vi) associação de acentos tonais e (vii) atribuição de acento tonal inicial. Outros fenômenos como a haplologia, a semivocalização, a nasalidade fonética, a neutralização vocálica das vogais pretônicas e postônicas ajudam a identificar uma PW no PB. Destacamos que a síndrome da palavra mínima e as generalizações fonotáticas também contribuem para a discussão do estatuto prosódico de palavras funcionais e de palavras lexicais.

Nossos resultados experimentais mostraram que a regra de atribuição de acento de foco e de acento enfático e o bloqueio da haplologia às PWs que constituem palavras

compostas (e.g. *cata-ventos*) trazem evidências do Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group* - PWG).

A análise da prosodização de palavras funcionais monossilábicas (e.g. *a*, artigo definido) também mostrou que tais palavras, quando prosodizadas como sílabas átonas, sofrem processos fonológicos pós-lexicais e são adjungidas a uma PW pronta no pós-léxico, formando um domínio prosódico acima de PW, formando uma PW pós-lexical. Por outro lado, em relação à prosodização de afixos átonos (e.g. *desfazer*), assumimos, conforme já proposto na literatura do PB, que são adjungidos a uma PW pronta no componente lexical, formando uma única PW. No caso de sufixos átonos, também é assumido que são incorporados a uma base lexical no componente lexical, formando uma PW (cf. LEE, 1995; MORENO, 1997, SCHWINDT, 2000).

A comparação entre PB e PE é tratada mais detalhadamente no âmbito da relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional, principalmente com relação à produção de sentenças declarativas em contexto de foco de escopo largo e de foco de escopo estreito contrastivo, e consiste em destacar os aspectos que aproximam e que distanciam as duas variedades de português, no que tange à aplicação de fenômenos fonológicos, como a distribuição tonal dentro do Sintagma Entoacional (I). Mostramos que a principal semelhança entre PB e PE é a posição e o tipo de acento tonal associado à posição nuclear de sentenças declarativas produzidas em contexto de foco largo, e a principal diferença consiste na densidade tonal, já que no PB há um acento tonal em cada PW de I, enquanto no PE há somente um acento tonal associado às posições inicial e final de I.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Fonética-Fonologia; Entoação; Acento; Palavra Prosódica.

## ABSTRACT

This thesis presents a systematic study on the domain of Prosodic Word (PW) in Brazilian Portuguese (BP) in relation to (i) the prosodization of function words and of lexical words; (ii) phonological phenomena that can take PW as an application domain, and those that can work as diagnostics to identify it; (iii) the investigation of the intonational structure searching for evidences of these prosodic domain in BP.

A comparison between BP and European Portuguese (EP) is made throughout the study as the phonological phenomena that identify and characterize the PW in the European variety are discussed, since there is a systematic study about this domain conducted by Vigário (2003).

The analyzed corpora on the development of this research were empirically obtained through the observation and by the elaboration of experiments that controlled some variables to validate or to deny some hypotheses, for example, the investigation of the relevant domain to the tonal distribution in BP and to the assignment of the phonological focus stress.

In this thesis, we show that some phonological phenomena take the PW as an application domain, as the rules of: (i) primary stress assignment, (ii) vowel harmony, assignment of secondary stress, (iv) pretonic vowel neutralization, (v) phonetic nasality assimilation, (vi) pitch accents association and (vii) initial stress assignment. Other phenomena such as haplology, semivocalization, phonetic nasalization, pretonic and post-tonic vowels neutralization, helped us to identify a PW in PB. We emphasize that the syndrome of minimal word and that the phonotactic generalizations also contribute to the discussion of the prosodic status of function words and lexical words.

Our experimental results showed that the rule for focus stress assignment and for emphatic accent, the deletion in coordinated structures, and the truncation in sentences that included words formed by two PWs (e.g. *cata-ventos*) provide evidence of the Prosodic Word Group (PWG).

The analysis of the prosodization of monosyllabic function words (e.g. *a* - definite article) also showed that such words when prosodized as unstressed syllables, suffer post-lexical phonological processes and are adjoined to a ready PW in the post-lexical, forming a post lexical PW. On the other hand, in relation to unstressed prefix prosodization (e.g. *desfazer* > *des+fazer*), we assume, as already proposed in the literature of PB, that they are adjoined to a ready PW in the lexical component, forming a single PW. In the case of the unstressed suffixes, it is also assumed that they are incorporated into a lexical base in the lexical component, forming a PW (cf. LEE, 1995; MORENO, 1997 SCHWINDT, 2000).

The comparison between BP and EP is treated in more details in the context of the relationship between the prosodic structure and the intonational structure, particularly with respect to the production of declarative sentences in a context of focus with a broad scope and focus with a contrastive narrow scope, and consists in highlighting aspects approaching and distancing the two Portuguese varieties, with respect to the application of phonological phenomena such as tonal distribution in the Intonational Phrase (I). We show that the main similarity between BP and EP is the position and the type of pitch accent associated with the nuclear position of declarative sentences produced in the context of broad focus, and the main difference lies in the tonal density, since in the BP there is a pitch accent on each PW in I, while in EP there is only one pitch accent associated with the initial and the final positions of I.

Keywords: Portuguese; Phonetics-Phonology; Intonation; Stress; Prosodic Word.

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	1
	1.1 Pressupostos teóricos .....	3
	1.1.1 Pressupostos básicos da Fonologia Prosódica .....	3
	1.1.1.1 Domínios prosódicos: Palavra Prosódica (PW), Grupo de Palavra Prosódica (PWG), Grupo Clítico (GC) e Sintagma Fonológico ( $\phi$ ) .....	6
	1.1.2 Pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional .....	18
	1.2 Diagnósticos para a identificação de PWs nas línguas .....	19
	1.3 A prosodização de palavras nas línguas .....	22
	1.4 A organização da presente tese .....	32
2	Estudos sobre domínios prosódicos e tipologia de processos fonológicos relacionados à PW no português .....	37
	2.1 Introdução .....	37
	2.2 Trabalhos prévios no PB .....	38
	2.2.1 O domínio da PW no PB .....	38
	2.2.2 Prosodização de palavras no PB .....	43
	2.3 Tipologia de processos fonológicos .....	56
	2.3.1 Tipologia de processos fonológicos que podem caracterizar a PW no PB .....	56
	2.3.1.1 Redução da pauta vocálica pretônica e postônica (neutralização) ...	56
	2.3.1.2 Harmonia vocálica .....	57
	2.3.1.3 Semivocalização .....	59
	2.3.1.4 Sândi vocálico externo: elisão, degeminação e ditongação .....	59
	2.3.1.5 Assimilação de nasalidade .....	61

2.3.1.6 Palatalização.....	62
2.3.1.7 Vozeamento de fricativas.....	63
2.3.1.8 Haplologia.....	64
2.3.1.9 Associação tonal à cadeia segmental .....	65
2.3.1.10 Acento de foco fonológico .....	66
2.3.1.11 Acento enfático .....	68
2.3.1.12 Acento secundário.....	70
2.3.1.13 Acento inicial de PW.....	73
2.3.2 Processos fonológicos no PE.....	75
2.4 Considerações finais do capítulo .....	76
3 O domínio da PW no PB: prosodização de palavras funcionais e de palavras lexicais ....	79
3.0 Introdução .....	79
3.1 Propriedades fonológicas de PW no PB .....	80
3.2 Prosodização de afixos não acentuados no PB .....	90
3.2.1 Prosodização de prefixos.....	91
3.2.2. Prosodização de sufixos .....	96
3.3. Prosodização de palavras funcionais no PB: clíticos prosódicos ou PWs? 98	
3.3.1. Revisão bibliográfica sobre a definição de clíticos prosódicos.....	99
3.3.2 Identificação e classificação prosódica de palavras funcionais .....	101
3.3.3 Prosodização lexical e pós-lexical de palavras funcionais átonas.....	108
3.4 A diferença entre afixos e palavras funcionais clíticas no PB.....	117
3.5 Considerações finais sobre a definição de PW no PB .....	120
4 A prosodização de palavras compostas x palavras simples no PB .....	123
4.0 Introdução .....	123

4.1 Experimento 1: palavras compostas no PB.....	124
4.1.1 <i>Corpus</i> e metodologia de obtenção dos dados .....	124
4.1.2 Resultados obtidos pelo Experimento 1 e caracterização fonológica de construções com mais de uma PW no PB.....	126
4.2 Discussão sobre o comportamento prosódico de acrônimos .....	138
4.3 Fenômenos morfofonológicos: diagnósticos para PW no PB? .....	144
4.4 Considerações finais sobre a relação entre PW e PWG.....	151
5 Estrutura prosódica e estrutura entoacional de palavras funcionais e de palavras lexicais .....	161
5.0 Introdução .....	161
5.1 Estudos sobre a estrutura entoacional de sentenças declarativas em PB e em PE.....	164
5.2 Experimento 2: palavras funcionais x palavras lexicais .....	170
5.2.1 <i>Corpus</i> e metodologia de obtenção dos dados.....	170
5.2.2 Descrição e discussão dos resultados.....	173
5.2.2.1 Descrição dos resultados das sentenças com palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas.....	174
5.2.2.2 Descrição dos resultados das sentenças com palavras lexicais simples e com palavras compostas .....	180
5.2.3 Comparação das sentenças obtidas pelo experimento 2 .....	187
5.3 Experimento 3: palavras lexicais simples e compostas .....	189
5.3.1 <i>Corpus</i> e metodologia de obtenção dos dados.....	189
5.3.2 Descrição e discussão dos resultados obtidos em contexto de foco largo e em contexto de foco estreito contrastivo em PB e PE .....	193
5.3.2.1 Descrição das sentenças produzidas em contexto de foco largo.....	194

5.3.2.2 Descrição e discussão dos resultados para as declarativas em contexto de foco estreito contrastivo.....	233
5.4 Comparação da estrutura entoacional no PB e no PE.....	268
5.4.1 As sentenças declarativas neutras em PB e PE .....	269
5.4.2 As sentenças focalizadas em PB e PE.....	271
5.5 Considerações finais .....	273
6 Considerações finais .....	277
Referências bibliográficas.....	285
Apêndices.....	305
Apêndice 1: Termo de consentimento livre e esclarecido e folha de aprovação do projeto no comitê de ética .....	305
Termo de consentimento livre e esclarecido.....	305
Folha de aprovação do projeto de pesquisa no comitê de ética .....	307
Apêndice 3: <i>Corpus</i> de PB – palavras funcionais x palavras lexicais – capítulo 5 .....	312
Apêndice 4: <i>Corpus</i> palavras lexicais compostas - Experimento 3 – capítulo 5 .....	321

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus amores,  
minha família e meu companheiro,  
Flávio.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer:

- a Deus por ter me dado intelectualidade, força e sabedoria para lidar com a pesquisa;
- à Bernadete, por ter me orientado e acompanhado meu crescimento acadêmico desde o mestrado, não só como orientadora, mas como mãe e amiga;
- ao meu companheiro Flávio que me deu suporte não só emocional, mas trocando ideias da pesquisa e me ajudando com os testes estatísticos;
- à Capes, ao Cnpq e, principalmente, à Fapesp, pela bolsa de doutorado, tendo esta última concedido também a bolsa BEPE para o estágio de doutorado no exterior;
- à toda minha família e aos meus amigos que acreditaram em mim, em especial, Ana Amélia, Magnun, Vinícius e Aquiles;
- aos funcionários, aos professores e aos alunos do Instituto de ciências tecnológicas e exatas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (ICTE-UFTM), especialmente, à Ana Cintia e à Natália, que me ajudaram com a recolha de dados;
- aos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e amigos do Laboratório de fonética, especialmente, Susana, Pedro, Nádia, Marisa e Joelma que enriqueceram minha vida e minha pesquisa;
- à professora Marina Vigário que coorientou o trabalho com muita dedicação, mesmo à distância;
- à professora Sónia Frota, por ter despertado em mim o desejo de um dia trabalhar com pesquisas em aquisição da linguagem, além de ter acompanhado e discutido várias questões da presente pesquisa durante meu período em Lisboa;
- aos professores Sónia Frota, Marina Vigário e Fernando Martins por cederem os equipamentos e o espaço do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem que me acompanharam e muitas vezes me ajudaram com a pesquisa: Plínio, Sónia, Ruth, Filomena,

Charlotte e Rosana, em especial, aos professores: Ruth, que me ajudou com uma parte da elaboração de experimentos, e Plínio, que me ajudou com os testes estatísticos;

- aos colegas do FORMA, além dos funcionários da secretaria de pós-graduação, Claudio, Rose e Miguel, e de projetos, Sueli e Francis;
- à Filomena e à Flaviane, por enriquecerem a pesquisa no exame de qualificação e aceitarem fazer parte da banca de defesa, além de terem participado ativamente durante toda minha vida pós-acadêmica;
- aos professores, Plínio, Luiz Schwindt, Angel Corbera, Elisa Battisti e José Magalhães por aceitarem participar de minha banca de defesa;
- às minhas informantes do Paraná, Kelly, Ariane e Cris, que além de colaborarem com a pesquisa trocaram experiências comigo durante o período que estive em Lisboa;
- à Carol, à Margarita e à Juliana, minhas companheiras em Portugal;
- à Lilian, à Marisa e à Carol que leram atentamente meu trabalho;
- aos meus amigos de Uberaba que ouviram meus medos, minhas angústias, meus desabafos, e acompanharam minhas vitórias, especialmente à Luana, ao Heron, ao Bruno que também vão finalizar o doutorado juntamente comigo.

Enfim, agradeço a todos aqueles que participaram direta e indiretamente da pesquisa e do meu percurso durante o doutorado.

## EPÍGRAFE

### A Palavra

Já não quero dicionários  
consultados em vão.

Quero só a palavra  
que nunca estará neles  
nem se pode inventar.

Que resumiria o mundo  
e o substituiria.

Mais sol do que o sol,  
dentro da qual vivêssemos  
todos em comunhão,  
mudos,  
saboreando-a.

Carlos Drummond de Andrade.



## LISTA DE FIGURAS

- Figura 5.1 – Sentença que inclui palavra funcional monossilábica + palavra lexical, *a responsabiliDade*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG.....175
- Figura 5.2 – Sentença que inclui palavra funcional monossilábica + palavra lexical, *por PernamBUco*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante NA de MG.....176
- Figura 5.3 – Sentença que inclui palavra funcional dissilábica + palavra lexical, *CONtra PERdas*, com PAs associados às sílabas tônicas das PWs, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG.....178
- Figura 5.4 – Sentença que inclui palavra funcional dissilábica + palavra lexical, *Sob(i) tempestAde*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG.....179
- Figura 5.5 – Sentença que inclui uma única PW, *insustentabiliDade*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG.....181
- Figura 5.6 – Sentença que inclui um PWG ramificado com duas PWs, *Luso-revolucioNÁrios*, com PA associado às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda de PW2, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante NA de MG.....184
- Figura 5.7 – Sentença que inclui uma única PW, *VINte republiCANos*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG.....186

Figura 5.8 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>LUso-moçambiCANos</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda de PW2, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR do PR.....	203
Figura 5.9 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>arquiteTONicaMENte</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda de PW1, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR do PR.....	206
Figura 5.10 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>CAtaVENtos</i> , com PA associado à sílaba tônica de PW2, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR do PR.....	207
Figura 5.11 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, <i>aportuguesaMENtos</i> , com PA associado à sílaba tônica de PW e acento inicial associado às sílabas iniciais à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante CR do PR.....	210
Figura 5.12 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, <i>diploMAtas</i> , com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à sílaba inicial à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG.....	214
Figura 5.13 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>gaLEgo-portuguGUEses</i> , com PA associado às sílabas tônicas de PW1 e PW2 produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR de PE.....	223
Figura 5.14 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>ecoNOmicaMENte</i> , com PA associado às sílabas tônicas dos φs inicial e final de I, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR de PE.....	223
Figura 5.15 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, <i>diploMAtas</i> , com PAs associados às sílabas tônicas dos φs inicial e final de I, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AX de PE.....	227
Figura 5.16 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, <i>aportuguesaMENtos</i> , com PA associado à sílaba tônica de PWG não ramificado interno e	

às sílabas tônicas dos φs inicial e final de I, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR de PE.....	228
Figura 5.17 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>arquiteTONicaMENte</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2G e acento enfático associado à sílaba pretônica de PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante AR do PR..	242
Figura 5.18 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>gerMANo-brasiLEIros</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2G, sendo um deles, acento de foco L*+H associado à sílaba pretônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante JL de MG.....	243
Figura 5.19 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>MULTiculturalISmo</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento de foco H*+L associado à sílaba tônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante PR de MG.....	243
Figura 5.20 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>MULTiculturalISmo</i> , com PAs associados à sílaba tônica de PW2 e acento enfático L+H associado à sílaba pretônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PW2, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante JL de MG.....	246
Figura 5.21 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>PORta-banDEIras</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento enfático H associado à sílaba pretônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PW2, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante CR do PR.....	246
Figura 5.22 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>MULTiculturalISmo</i> , com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento enfático L*+H associado à sílaba tônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante AR do PE.....	262
Figura 5.23 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, <i>eduCAdaMENte</i> , com acento de foco H*+L associado à sílaba tônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante FI em PE.....	263

Figura 5.24 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *Vira-L<sub>A</sub>tas*, com acento de foco H\*+L associado à sílaba tônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PWG, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante FI em PE.....265

Figura 5.25 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *M<sub>I</sub>nitorNEIos*, com acento enfático L\*+H associado à sílaba tônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PWG, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante AR em PE.....265

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 3.1: Palavras funcionais prosodizadas como PWs.....	102
Quadro 3.2: Palavras funcionais prosodizadas como sílabas átonas .....	108
Tabela 5.1 – Distribuição tonal em sentenças com a sequência palavra funcional dissilábica + palavra lexical em $\phi$ interno.....	177
Tabela 5.2 – Distribuição tonal em sentenças com uma única PW interna em I.....	180
Tabela 5.3 – Distribuição tonal em sentenças com palavras compostas internas em I.....	183
Tabela 5.4 – Distribuição tonal em sentenças com duas PWs internas em I.....	185
Tabela 5.5 – Distribuição de PAs em sentenças com PWG ramificado no PB.....	197
Tabela 5.6 – Comparação da condição de ter apenas um ou nenhum PA interno em I.....	198
Tabela 5.7 – Comparação da condição de ter ou não um PA associado à PW não cabeça de PWG ramificado.....	200
Tabela 5.8 – Comparação da condição – ter um PA associado à cabeça de PWG.....	201
Tabela 5.9 – Distribuição tonal em sentenças com PWG não ramificado.....	208
Tabela 5.10 – Comparação para a condição ocorrer ou não a aplicação de pelo menos um PA interno em I.....	209
Tabela 5.12 – Comparação entre os tipos de sentenças .....	212
Tabela 5.13 – Tipos de PAs associados à PW cabeça do 1º $\phi$ não ramificado de I em sentenças com PWG ramificado.....	215
Tabela 5.14 – PAs associados à PW cabeça do 1º $\phi$ não ramificado de I em sentenças com uma PWG não ramificado.....	216
Tabela 5.15 – PAs associados à PW cabeça do último $\phi$ não ramificado de I em sentenças com uma PWG ramificado.....	217
Tabela 5.16 – PAs associados à PW cabeça do último $\phi$ não ramificado de I em sentenças com uma PWG não ramificado.....	217
Tabela 5.17 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE .....	221

Tabela 5.18 – Distribuição de acentos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE.....	222
Tabela 5.19 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE.....	224
Tabela 5.20 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE.....	224
Tabela 5.21 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE.....	225
Tabela 5.22 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG não ramificado em PE.....	226
Tabela 5.23 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG não ramificado em PE.....	228
Tabela 5.24 – Distribuição de acentos tonais em sentenças declarativas em PE.....	229
Tabela 5.25 – Distribuição de acentos tonais em sentenças declarativas em PE.....	230
Tabela 5.26 – Acentos tonais associados à PW cabeça do 1º $\phi$ não ramificado de I.....	231
Tabela 5.27 – Acentos tonais associados à PW cabeça do último $\phi$ não ramificado de I.....	232
Tabela 5.28 – Estratégias de produção das sentenças com PWG ramificado em contexto de foco contrastivo.....	236
Tabela 5.29 – Produções neutras x não neutras em PB.....	238
Tabela 5.30 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW1.....	239
Tabela 5.31 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW2/PWG.....	244
Tabela 5.32 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW1.....	247
Tabela 5.33 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW2/PWG.....	249
Tabela 5.34 – Estratégias de fraseamento em PE.....	258
Tabela 5.35 – Marcações neutras x não neutras em PE.....	259
Tabela 5.36 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW1.....	261

Tabela 5.37 - Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW2/ PWG.....	263
Tabela 5.38 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW1.....	266
Tabela 5.39 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW2/PWG.....	267
Tabela 5.40 – Densidade tonal nas sentenças com PWG ramificado e PWG não ramificado em PB e PE.....	270



## ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

U	Enunciado fonológico	H	Tom Alto
I	Sintagma Entoacional	L	Tom Baixo
ϕ	Sintagma fonológico	T*	Acento Tonal
PWG	Grupo de Palavra Prosódica	T- ou Tp	Acento Frasal
GC	Grupo Clítico	T% ou Ti	Tom de Fronteira
PW/ω	Palavra prosódica	PA	<i>Pitch accent</i>
Σ	Pé	s	Strong
σ	Sílaba	w	Weak
W	Palavra Morfológica	PW1	Primeira PW
PB	Português Brasileiro	PW2	Segunda PW
PE	Português Europeu	V	Vogal
PL	Prefixo legítimo	VN	Vogal + nasal
PC	Prefixo composicional	DT	Ditongação
SLH	Strict Layer Hiphotesis	EL	Elisão
Q/ X	Nó sintático terminal	DG	Degeminação
DCL	Clítico direcional		
F <sub>0</sub>	Frequência Fundamental		



## 1 Introdução

A presente tese investiga sistematicamente o domínio da Palavra Prosódica (*Prosodic Word* - PW) no Português Brasileiro (doravante PB). Para isso, faz-se necessário investigar no PB: (i) os processos fonológicos que podem caracterizar e identificar a PW; (ii) a formação desse domínio conforme a teoria de domínios prosódicos (SELKIRK, 1984; NESPOR E VOGEL, 1986; HAYES, 1989; VIGÁRIO, 2003, 2007); (iii) a prosodização de palavras lexicais (simples e compostas<sup>1</sup>) e de palavras funcionais (monossilábicas e dissilábicas) como PW(s) ou como sílaba(s) átona(s); e (iv) as evidências entoacionais desse domínio no PB.

Em relação aos processos fonológicos já descritos na literatura que fazem referência ao domínio da PW no PB, nosso trabalho traz avanços à literatura fonológica em relação à sistematização dos fenômenos segmentais e acentuais que identificam e caracterizam a PW no PB e à investigação da relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional a partir da observação da regra de distribuição tonal em sentenças declarativas que seleciona a PW como domínio preferencial para associação de acentos tonais (*Pitch Accents* - PAs). Essa contribuição da presente pesquisa partiu da hipótese de Fernandes (2007) de que o domínio relevante para a distribuição tonal no PB é a PW. Também foram investigadas as regras de atribuição de acento de foco fonológico, de acento enfático e de

---

<sup>1</sup> Usaremos neste trabalho o termo ‘palavra composta’ para representar as palavras que têm mais de um domínio de acento, uma vez que tais palavras são formadas por duas PWs independentes. Entendemos o termo composição como uma combinação de elementos morfossintáticos, sejam eles lexicais ou gramaticais, que mantêm uma relação com a fonologia, de modo que podem constituir ou não domínios independentes para a regra de atribuição de acento. Para mais informações sobre a composição em PB, sugerimos a leitura de Bopp da Silva (2010) e Nóbrega (2014).

acento inicial. Outra contribuição relevante é a confirmação de pesquisas anteriores feitas sobre a variedade paulista em relação à estrutura entoacional do PB em duas outras variedades, mineira e paranaense, no que se refere aos acentos tonais nucleares de sentença declarativa, acento inicial de I e a métrica do acento inicial de PW.

Em vista do apresentado, nossa investigação partirá não só da análise de dados introspectivos e já apresentados na literatura, principalmente para os processos segmentais que caracterizam e identificam uma PW no PB, mas também de dados obtidos experimentalmente, principalmente para a análise da estrutura entoacional. Para validar os resultados, testes estatísticos foram aplicados nos dados experimentais.

Ao longo da presente investigação, também é feita uma comparação do domínio PW no PB com o respectivo domínio no Português Europeu (doravante PE), já que a PW foi amplamente estudada por Vigário na variedade europeia (2003, 2007, 2010). A comparação também é importante, uma vez que trabalhos anteriores têm mostrado diferenças e semelhanças entre PB e PE em termos, principalmente, de distribuição tonal nas sentenças declarativas, fenômeno que será mais bem explorado no capítulo 5 quando discutirmos a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional.

Na medida em que formos discutindo os fenômenos fonológicos que podem servir de diagnósticos para a PW no PB e em outras línguas, será necessário relacionar a interação do domínio PW com domínios mais altos como Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group - PWG*) e Sintagma Fonológico ( $\phi$ ) no PB por haver equivalência entre os domínios.

Para alcançar nossos objetivos, apresentamos, no presente capítulo, seção 1.1, uma revisão bibliográfica das principais teorias que auxiliaram na análise e na reflexão do nosso tema de pesquisa, como: a Fonologia Prosódica proposta Nespor e Vogel (1986) e o Modelo Métrico e Autossegmental enquadrado dentro da Fonologia Entoacional, na linha dos estudos feitos inicialmente por Pierrehumbert (1980), Beckman e Pierrehumbert (1986), Pierrehumbert e Beckman (1988), Ladd (1996, 2008). Os trabalhos realizados dentro do Modelo Métrico Autossegmental da Fonologia Entoacional sobre o português serão apresentados mais detalhadamente no capítulo 5, seção 5.1, por questões de organização da tese.

Na sequência, na seção 1.2, descrevemos os principais diagnósticos para a identificação do domínio PW nas línguas. Na seção 1.3, são resenhados trabalhos que tratam da prosodização de palavras lexicais e de palavras funcionais nas línguas. Por fim, na seção 1.4, apresentamos a organização do presente trabalho.

## **1.1 Pressupostos teóricos**

Nesta seção, são apresentados os principais trabalhos teóricos que irão sustentar nossa investigação.

### **1.1.1 Pressupostos básicos da Fonologia Prosódica**

Os pressupostos teóricos que norteiam a discussão sobre o domínio da Palavra Prosódica na presente pesquisa provêm dos conceitos básicos da Fonologia Prosódica conforme a proposta de Nespor e Vogel (1982, 1983, 1986).

Para Nespor e Vogel (1986), a teoria da fonologia prosódica baseia-se na relação da estrutura fonológica com a sintaxe (núcleos sintáticos). Essa teoria propõe que as línguas têm uma estrutura prosódica que é formada por constituintes prosódicos que são universais. Tais constituintes servem de domínio para a aplicação de regras fonológicas específicas (SELKIRK, 1982, 1984, 1986; NESPOR e VOGEL, 1986).

Nespor e Vogel afirmam que, apesar de não haver, em algumas línguas, regras que se refiram a determinado domínio prosódico, isso não significa que tal domínio não exista na fonologia de tal língua.

A estrutura prosódica tem como referência a estrutura morfossintática, contudo não é isomórfica a ela, uma vez que as regras fonológicas que caracterizam os domínios prosódicos não permitem que sejam vistas certas informações da estrutura morfossintática, por exemplo, não fazem referência às categorias N (nome), V (verbo) ou A (adjetivo) e não são sensíveis a elementos sintáticos vazios. Isto é, as regras puramente fonológicas aplicam-se em domínios que nem sempre coincidem com os domínios definidos pela

sintaxe ou pela morfologia. Nesse caso, a estrutura prosódica é parcialmente determinada pela estrutura sintática, pois em alguns casos essas duas estruturas podem coincidir, e, em outros, divergir, por isso, nem sempre a sintaxe prevê corretamente a prosódia.

De acordo com Nespor e Vogel (1986)<sup>2</sup>, a representação mental da fala é dividida em constituintes prosódicos da gramática arranjados hierarquicamente, como o indicado abaixo:

- (1.1) U → Enunciado fonológico (*Phonological Utterance*)  
I → Sintagma entoacional (*Intonational Phrase*)  
 $\phi$  → Sintagma fonológico<sup>3</sup> (*Phonological Phrase*)  
C → Grupo Clítico (*Clitic Group*)  
 $\omega$  → Palavra fonológica<sup>4</sup> (*Phonological Word*)  
 $\Sigma$  → Pé (*Foot*)  
 $\sigma$  → Sílabas (*Syllable*)

Cada constituinte da hierarquia é construído com base em diferentes tipos de informações fonológicas e não fonológicas para definição de seu domínio.

Os constituintes apresentado em (1.1) são arranjados hierarquicamente para satisfazer a *Strict Layer Hypothesis* – SLH<sup>5</sup>, apresentada por Nespor e Vogel (1986, p. 7) como:

---

<sup>2</sup> Destacamos que a hierarquia apresentada por Selkirk (1982, 1984, 1986) não inclui o domínio Grupo Clítico. Por estarmos trabalhando apenas com a visão de Nespor e Vogel (1986), limitamo-nos a apresentar os principais preceitos teóricos difundidos por estas autoras.

<sup>3</sup> Na literatura sobre Fonologia Prosódica no Português há, pelo menos, duas traduções possíveis para os domínios *Phonological Phrase*, Frase fonológica ou Sintagma Fonológico, e *Intonational Phrase*, Frase Entoacional ou Sintagma Entoacional. Além disso, Segundo Tenani (2002), há também uma tripla possibilidade de escrita para a palavra *Entoação*, *Entonação* e *Intonação*, e respectivos adjetivos entonacional, entoacional e intonacional, no PB. Ao longo da presente tese, adotaremos, preferencialmente, o uso dos termos Sintagma Fonológico, Sintagma Entoacional e Entoação.

<sup>4</sup> Usaremos, nesta tese, os termos ‘palavra fonológica’ e ‘palavra prosódica’ como sinônimos. Contudo convém ressaltar que daremos preferência ao uso do termo ‘palavra prosódica’ e para a sigla do inglês PW (Prosodic Word) ao invés do símbolo usado por Nespor e Vogel para fazer referência a esse domínio prosódico.

<sup>5</sup> Vigário (2003) afirma que há trabalhos que mostram a necessidade de relaxamento de alguns aspectos da SLH, por exemplo, nos casos de adjunção e de formação de estruturas compostas, que violam os princípios da SLH (cf. NESPOR e VOGEL, 1983; NESPOR, 1986; LADD, 1992; SELKIRK, 1996; BOOIJ, 1996; PEPPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2003, 2007, 2010; entre outros).

- (1.2) Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy,  $X^P$ , is composed of one or more units of the immediately lower category,  $X^{P-1}$ .  
Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.  
Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.  
Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w) (cf. NESPOR e VOGEL, 1986, p.7)<sup>6</sup>.

Tais princípios da SLH são caracterizados por uma configuração que é a mesma para a construção de cada constituinte da hierarquia prosódica. A seguir apresentamos os princípios de formulação dos domínios prosódicos referidos (1.3).

- (1.3) Join into an n-ary branching  $X^P$  all  $X^{P-1}$  included in a string delimited by the definition of the domain of  $X^P$  (cf. NESPOR e VOGEL, 1986: 7)<sup>7</sup>.

Com base na regra acima apresentada, as autoras dão também as regras de construção de cada constituinte da hierarquia prosódica apresentado em (1.1). Ainda na regra em (1.3),  $X^P$  representa um constituinte qualquer da hierarquia (pé, palavra fonológica, grupo clítico, sintagma entoacional, ou enunciado fonológico) e  $X^{P-1}$  representa o constituinte imediatamente inferior a  $X^P$ . Em cada constituinte, uma das categorias dominadas é o elemento forte e todas as outras restantes são fracas (exceto no caso da sílaba). O elemento forte é considerado o núcleo que pode ser uma sílaba, no caso do pé e de PW, ou de uma cabeça lexical, no caso de  $\phi$ , I e U.

Vigário (2003) ressalta que não há uma definição única para cada domínio prosódico, pois a informação incluída nos algoritmos de construção dos domínios varia entre as línguas.

---

<sup>6</sup> Princípio 1: uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica,  $X^P$ , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa,  $X^{P-1}$ . Princípio 2: uma unidade de um dado nível da hierarquia é exaustivamente contida em uma unidade de um nível superior da qual ela é uma parte. Princípio 3: as estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são de ramificação n-ária. Princípio 4: a relação de proeminência relativa definida para os nós irmãos é tal que a um nó é marcado o valor 'forte (s - *strong*)' e a todos os outros nós é marcado o valor 'fraco (w - *weak*)' (tradução nossa).

<sup>7</sup> Construção do constituinte prosódico: Junte em um  $X^P$  de ramificação n-ária todos os  $X^{P-1}$  incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de  $X^P$  (NESPOR e VOGEL, 1986, p. 7, tradução nossa).

É importante ressaltar, conforme Nespor e Vogel, que diferentes tipos de fenômenos fonológicos referem-se à hierarquia prosódica, como exemplo, fenômenos segmentais, duracionais, de proeminência, rítmicos e também entoacionais (cf. HAYES e LAHIRI, 1991; FROTA, 1994, 2000; FALÉ, 1995; FROTA e VIGÁRIO, 2000; VIGÁRIO, 1998, 2003; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; entre outros).

### 1.1.1.1 Domínios prosódicos: Palavra Prosódica (PW), Grupo de Palavra Prosódica (PWG), Grupo Clítico (GC) e Sintagma Fonológico ( $\phi$ )

Nesta seção, além do domínio PW, revisamos algumas definições e propostas de construção de alguns domínios prosódicos, PWG, GC e  $\phi$ , além do domínio PW, uma vez que tais domínios podem coincidir com PW em alguns casos como será mostrado no capítulo 5. A necessidade de apresentarmos tais domínios ficará claramente justificada nos capítulos a seguir, conforme formos discutindo o domínio PW no PB.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), a PW é um dos menores constituintes da hierarquia, e é construída com base em regras de mapeamento que fazem uso de noções não fonológicas. Dentro do domínio de PW, podem se reajustar as sílabas ( $\sigma$ ) e os pés ( $\Sigma$ ), quando necessário, desde que sejam respeitados os princípios universais e as restrições específicas da língua.

Embora se tenha afirmado que não há isomorfismo entre a estrutura prosódica e a estrutura morfossintática, nota-se que, em algumas línguas, PW e unidade morfológica podem ser (i) isomórficas, ou seja, do mesmo tamanho, (ii) menores ou (iii) maiores que o nó sintático terminal (cf. NESPOR e VOGEL, 1986). Segundo Bisol (2004), no PB, o nó sintático terminal pode **equivaler** a uma PW  $[[prefixo]_{PW}]_W^8$ , ser **maior**  $[[de]_W[seda]_W]_{PW}$ , ou ser **menor** que ele  $[[pré]_{PW}[estreia]_{PW}]_W$ .

Como já fora mencionado por Nespor e Vogel (p. 141), a PW representa o mapeamento entre os componentes fonológico e morfológico da gramática, no entanto, as

---

<sup>8</sup> Usamos o símbolo W para indicar palavra morfológica.

noções morfológicas usadas para discutir a formação de PW não são as mesmas para todas as línguas, e, por isso, várias opções estão disponíveis para a definição de PW. Por conta disso, Nespore e Vogel reuniram todas as possibilidades já apresentadas e formularam a definição geral dada abaixo:

(1.4)  $\omega$  domain<sup>9</sup>:

A. The domain of  $\omega$  is Q.

or

B. I. The domain of  $\omega$  consists of: a. stem; b. any element identified by specific phonological and/or morphological criteria; c. any element identified by specific phonological and/or morphological criteria.

II. Any unattached elements within Q form part of the adjacent  $\omega$  closest to the stem; if no such  $\omega$  exists, they form a  $\omega$  on their own.

Apesar de a definição em (1.4) permitir um número considerável de opções de formação de PW, é previsto que não há línguas em que existam palavras maiores que o elemento terminal de uma árvore sintática, sendo igual ou menor que Q (NESPOR e VOGEL, 1986).

É importante ressaltar que alguns aspectos dessa proposta têm sido revistos, questionados e refinados, principalmente em relação ao fato de algumas palavras funcionais formarem PWs independentes (cf. PEPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2003).

Vigário (2003) afirma não incluir, em sua análise sobre a PW no PE, parte da afirmação apresentada em B.II por Nespore e Vogel, pelo fato de essa definição considerar que elementos não ligados à PW formem PWs independentes, já que palavras funcionais monossilábicas de elevada frequência não se comportam como PWs independentes. Por isso não deve ser entendido que tais palavras assumem esse estatuto por uma estipulação como a em B.II.

---

<sup>9</sup> Domínio de palavra prosódica (PW): O domínio de PW é Q (Q = nó sintático terminal). Ou I. O domínio de PW consiste de: (a) uma raiz; (b) algum elemento identificado por critérios morfológicos e/ou fonológicos específicos; (c) algum elemento marcado com o diacrítico [+W]. II. Quaisquer elementos soltos dentro de Q faz parte da PW adjacente mais próxima da raiz. Se nenhuma palavra existir, eles formam uma PW por conta própria Nespore e Vogel (1986, p. 141, tradução nossa).

Na proposta feita por Vigário para a PW, é assumido que esses elementos soltos em Q não são PWs, mas sim clíticos, e o estatuto prosódico de tais elementos dependerá de fatores como a direção de cliticização típica da língua e/ou de organização sintática. Vigário (1999, 2003), por exemplo, mostra que, no PE, algumas palavras funcionais são ou adjungidas à esquerda de PW, como em *a menina*, porque a língua é fonologicamente proclítica, ou incorporadas à esquerda, como em *pede-te*, quando os clíticos estão numa configuração sintática particular com o seu hospedeiro.

Entretanto, essa questão é controversa, já que, como será discutido no capítulo 3, no português, há palavras funcionais dissilábicas e trissilábicas que não constituem um Q, porém são prosodizadas como PWs independentes.

Bisol (2000, 2005) e Toneli (2009), para o PB, mostram que palavras funcionais clíticas são adjungidas à PW, formando uma PW pós-lexical. Simioni (2008), por outro lado, propõe que as palavras funcionais clíticas são ligadas diretamente a  $\phi$ . Em relação às palavras funcionais dissilábicas, Toneli (2009) argumenta que algumas delas não sofrem processos típicos de sílabas átonas, sendo, portanto, prosodizadas como PWs. Voltaremos a essa questão no capítulo 3.

Outro ponto importante a ser apresentado sobre a definição de Nespor e Vogel para PW é que o respectivo domínio ainda prevê que não haverá mais que uma PW em uma única raiz e, em línguas nas quais a PW inclui ambos os membros de um composto, não haverá afixos ou sequências de afixos que formam uma PW independente. Tal definição ainda oferece a possibilidade de reagrupar elementos morfológicos de modo a confirmar o não isomorfismo entre a estrutura prosódica e a estrutura morfossintática. Uma vez definida a PW, segundo Nespor e Vogel (1986, p. 142), é possível processar sua construção como em (1.5):

(1.5)  $\omega$  construction: Join into an n-ary branching  $\omega$  all  $\Sigma$  included within a string delimited by the definition of the domain of  $\omega$ <sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Construção de PW: Una em uma PW de ramificação n-ária todo  $\Sigma$  incluído dentro de uma sequência delimitada pela definição do domínio de PW (tradução nossa de NESPOR e VOGEL, 1986, p. 142, tradução nossa).

A prosodização de palavras compostas, que podem formar mais que uma PW, é outro aspecto revisado e refinado pela literatura, já que este tipo de palavra equivale a um nó sintático terminal. Trabalhos como o de Nespor e Ralli (1996) para o Grego, Peperkamp (1997) para o italiano, Vigário (2003) para o PE, Schwindt (2000), Bopp da Silva (2010) e Nóbrega (2014) para o PB propõem que palavras compostas podem ser formadas por uma ou por mais de uma PW, dependendo da estrutura morfológica da palavra composta – ver seção 1.3.1 e 1.3.2.

Peperkamp (1997) para o italiano, Lee (1997) e Schwindt (2000) para o PB e Vigário (2003) para o PE discutem que os prefixos, quando acentuados, não são incorporados à PW seguinte, mas podem formar PWs independentes, assim como os sufixos *-mente* e *-zinho/a* no português, por exemplo (LEE, 1997; VIGÁRIO, 2003; entre outros) – seção 4.3 no capítulo 4.

No PE, Vigário (2003) afirma que a PW é construída com referência ao radical lexical ou com referência ao acento, e que é obtida via um conjunto de relações de mapeamento, além de estar sujeita a condições puramente fonológicas. No caso do acento em PE, as evidências fonológicas sugerem que ele pode ser atribuído a uma unidade que não inclui um radical lexical, como no caso de prefixos e de sufixos acentuados que não formam um radical. Nesses casos em que os afixos são portadores de acento independente, eles formam, segundo a autora, PW autônomas da base morfológica. O mesmo se pode afirmar para o PB, inclusive o acento é atribuído a palavras funcionais dissilábicas e trissilábicas (cf. SCHWINDT, 2000; BISOL, 2000, 2005; TONELI, 2009; entre outros).

Para permitir que tais unidades formem PWs, Vigário estabelece uma condição geral que relaciona acento de palavra e o domínio da PW: “Uma unidade portadora de acento de palavra deve ser incluída dentro de uma PW mínima” (cf. VIGÁRIO, 2003, p. 260).

Como na literatura tem sido assumido que a PW inclui um e apenas um acento primário, Vigário propõe uma divisão nas condições de boa formação da PW que é apresentada em (1.6.b), permitindo, então, a existência de um domínio composto, uma vez que há duas PWs mínimas que aceitam um acento de palavra cada uma, embora haja um

único elemento mais proeminente à direita. Essas PWs não são agrupadas diretamente a  $\phi$ , segundo Vigário (2007, 2010). Apesar de em Vigário (2003) se adotar a ideia de que PW pode ser recursiva e se assumir que as palavras compostas que integram duas ou mais PW sejam dominadas por um nó do mesmo tipo (PW), Vigário (2007, 2010) mostra que a análise com recursividade no nível de PW é incorreta e propõe a existência de um domínio prosódico autônomo entre PW e  $\phi$ , que a autora denomina como Grupo de Palavra Prosódica (PWG – *Prosodic Word Group*).

As relações de mapeamento na formação da PW (1.6.a), estabelecidas por Vigário, as condições de boa formação do domínio da PW (1.6.b) e as definições de Palavra Prosódica Máxima e Palavra Prosódica Mínima<sup>11</sup> (1.6.c) são dadas em (1.6). É importante destacar que a partir de Vigário (2007), o termo PWG é utilizado como sinônimo de PW Composta/ Máxima. No presente trabalho, usaremos apenas o termo PWG quando nos referirmos ao domínio prosódico que engloba palavras compostas.

(1.6) a. Mapping relations<sup>12</sup>

Morphology-Phonology

The prosodic Word domain includes a stem plus suffixes (and non-transparent prefixes)

Lexical prosodic word-Postlexical prosodic word

(Only) The left edge of a lexical prosodic word is projected postlexically

Syntax-Phonology

The lowest Lex<sup>0</sup> is mapped onto a prosodic word

b. Well-formedness conditions on the prosodic word domain

- A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress

- A Maximal prosodic word has one and only prominent element

- A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word

c. Maximal prosodic word: a prosodic word that is immediately dominated by the next higher prosodic level (i.e. the phonological phrase);

---

<sup>11</sup> Em nossa interpretação, a PW mínima equivale ao domínio PW na hierarquia prosódica.

<sup>12</sup> a. Relações de mapeamento Morfologia-Fonologia: O domínio da PW inclui um radical mais sufixos (e prefixos não transparentes). PW lexical – PW pós-lexical: (Somente) A fronteira esquerda de uma PW lexical é projetada pós-lexicalmente. Sintaxe-Fonologia: O Lex<sup>0</sup> mais baixo é mapeado em uma PW; b. Condições de boa formação no domínio da PW: Uma PW mínima tem um e apenas um acento primário (palavra); Uma PW máxima tem somente um e apenas um elemento proeminente; Uma unidade aceitando um acento de palavra deve estar incluída dentro de uma PW mínima. c. Definições de PW Máxima e Mínima: PW máxima (PWG) - uma PW que é imediatamente dominada pelo nível prosódico acima dela (i.e. o sintagma fonológico); PW mínima - uma PW que imediatamente domina o nível prosódico mais baixo (i.e. o pé) (Tradução nossa de VIGÁRIO, 2003, p. 263).

Minimal prosodic word: a prosodic word that immediately dominates the next lower prosodic level (i.e. the foot).

Com relação aos elementos que não são dominados pelo nó PW, na proposta de Vigário (2003), por exemplo, os afixos não acentuados e as palavras funcionais átonas, a autora estabelece um parseamento prosódico no nível de PW que é apresentado em (1.7).

(1.7) Any morpheme not dominated by the PW node is adjoined to the following prosodic word (if any)<sup>13</sup> (VIGÁRIO, 2003, p. 263).

Em nosso trabalho, seguiremos a proposta de Vigário para o domínio PW por considerá-la mais adequada para tratar a prosodização de palavras do PB.

Em relação à nova designação PWG para PW Composta/Máxima, Vigário (2007) afirma ser mais *intuitiva e transparente* por preservar a coerência terminológica da hierarquia prosódica e por refletir o tipo de constituinte que agrupa em seu interior, no caso, PWs, além de *conservador* por manter a expressão *grupo* presente na expressão *Grupo Clítico* (GC), domínio proposto por Nespor e Vogel (1986). Vale ressaltar que PWG não é um novo domínio prosódico, mas sim o antigo GC reciclado (cf. VIGÁRIO, 2007, p. 678). A diferença fundamental entre os PWG e GC (ou o *Composite Group* proposto em VOGEL (2009)) é que o primeiro é tomado como crucialmente envolvido na prosodização de palavras que incluem mais de uma PW e que ocupam posições terminais na árvore sintática, não estando especialmente envolvido na prosodização de clíticos (uma vez que em certas línguas estes podem ligar-se a constituintes prosódicos superiores, como  $\phi$ ), contrariamente ao GC.

Conforme Vigário (2007, 2010), é possível encontrar inúmeras evidências de que PWG é um constituinte distinto de PW e de  $\phi$  não só no PE, mas também em outras línguas, como inglês, holandês, turco e o baule.

Uma das principais evidências para o PWG no PE apontadas pela autora é que as PWs que pertencem a esse constituinte mantêm relações de proeminência,

---

<sup>13</sup> Qualquer morfema não dominado pelo nó PW é adjungido à PW seguinte (se houver) (tradução nossa de VIGÁRIO, 2003, p. 263).

correspondendo à cabeça de PWG a PW localizada mais à direita do constituinte, como ilustrado em (1.8).

- (1.8) a. (num universo de bonecos de plasticina moldados em vários tamanhos)<sup>14</sup>  
O híper-monstruOso ficou lindo!  
vs.  
b. (falando-se de um novo hipermercado enorme)  
O HÍper monstruoso ficou lindo!

Segundo a autora, em (1.8.a), o nível de proeminência de *híper* é evidentemente inferior em relação ao mesmo termo em (1.8.b), já que no segundo caso *híper* está diretamente ligado a  $\phi$ , enquanto em (1.8.a.) a palavra *híper* é uma PW que integra o PWG *híper-monstruoso*, e a proeminência do constituinte está em *monstruOso*<sup>15</sup>. Se nos dois casos as PWs estivessem ligadas diretamente a  $\phi$ , como em (1.8.b), não seria possível capturar os níveis distintos de proeminência, como proposto por Vigário (2007).

Além das relações de proeminência, Vigário apresenta fenômenos fonológicos que caracterizam a PW no PE. A regra de elisão de *e* átono em posição final de PW, por exemplo, é um fenômeno obrigatório quando a vogal final de PW está no limite direito de PWG (como em 1.9.a), e bloqueado quando a vogal final de uma PW é seguida de outra PW iniciada por vogal portadora do acento de PWG. Nesse caso, a vogal realiza-se como glide [j] (como em 1.9.b).

Já a atribuição de foco fonológico com acento tonal H\*+L, associado PA cabeça de PWG, e redução à direita, é restrita à PW à direita (cabeça de PWG), sendo, segundo Vigário (2007, 2010), um bom argumento de PWG no PE. Nos exemplos em 1.10, são PWG as PWs *onze*, *ovos*, *onze avos*, *manhã*, *âmbar* e *monogâmico*; são compostos por duas PWs os PWG *onze avos* e *monogâmico*.

- (1.9) a. ([onze]<sub>PW</sub> [ovos]<sub>PW</sub> [estragados]<sub>PW</sub>) $\phi$  j/0  
b. ([onze]<sub>PW</sub> [avos]<sub>PW</sub> [finais]<sub>PW</sub>) $\phi$  j/\*0

---

<sup>14</sup> Exemplos de Vigário (2007). As sílabas mais proeminentes estão em caixa alta.

<sup>15</sup> A caixa alta indica a proeminência relativa do domínio referido além da sílaba tônica.

- (1.10) a. A: O artista pintou uma manhã cinzenta na sua tela?  
B: (Não) O artista pintou uma manhã ÂMbar na sua tela<sup>16</sup>.  
A: O artista pintou uma tarde âmbar na sua tela?  
B: (Não) O artista pintou uma maNHÃ âmbar na sua tela.  
b. A: Ele é um poligâmico convicto?  
B: (Não) Ele é um monoGÂMico convicto.  
B': (Não) \*Ele é um MOnogâmico convicto.

Vigário sugere que em outras línguas românicas podem ser encontradas evidências semelhantes para esse constituinte (cf. HAULE, 2007), e que, assim como os restantes domínios prosódicos são fundamentados com base empírica, também em relação a PWG são diversos os argumentos empíricos que são encontrados para sustentar esse domínio como um constituinte da hierarquia prosódica. Além disso, entre as evidências demonstrativas de que PWG não corresponde a uma PW recursiva, que domina outras PW, mas um constituinte prosódico autônomo, a autora aponta a existência de várias línguas em que as regras de atribuição de proeminência aos níveis PWG e PW não coincidem, o que não seria esperado se estivéssemos perante dois níveis de um mesmo constituinte: por exemplo, no turco, as PW são acentuadas à direita, enquanto PWG tem proeminência à esquerda (i.e. a cabeça de PWG corresponde à PW mais esquerda).

Anteriormente à proposta de Vigário (2007, 2010), o constituinte prosódico que englobaria não só palavras compostas, mas também palavras clíticas e PWs seria o GC, conforme as propostas de Hayes (1984) e Nespor e Vogel (1986).

O GC fica entre  $\phi$  e PW na hierarquia proposta por Nespor e Vogel e é constituído por clíticos (formas átonas), caso existam, e uma palavra de conteúdo (forma que carrega um acento primário). Nessa visão, há dois tipos de clíticos: aqueles que são dependentes da PW, formando junto com ela uma unidade fonológica, tal como os afixos; e aqueles clíticos que revelam certa independência, como as palavras funcionais. Nos dois casos, esses elementos fonológicos não possuem acento primário e sofrem as mesmas regras fonológicas.

Nespor e Vogel (1986) argumentam que não é possível classificá-los como parte de uma PW ou de  $\phi$  devido ao seu caráter híbrido, por estar em posição intermediária

---

<sup>16</sup> As maiúsculas indicam a posição em que ocorre o acento de foco fonológico.

entre afixos e palavras, uma vez que não se comportam como afixos de uma palavra, tampouco como palavra independente, justificando a necessidade de um domínio para acomodar os clíticos, como o GC, que mapeia os componentes sintáticos e fonológicos, conforme o algoritmo proposto em (1.9).

(1.11) Clitic group formation.

I. C domain. The domain of C consists of a PW containing an independent (i.e. nonclitic) word plus any adjacent PWs containing

a. a DCL, or

b. a CL such that there is no possible host with which it shares more category memberships.

II. C construction. Join into n-ary branching C all PWs included in a string delimited by the definition of the domain of C (NESPOR e VOGEL, 1986, p. 154)<sup>17</sup>.

Embora alguns autores afirmem a existência desse constituinte nas línguas, outros como Selkirk (1984, 1986), Selkirk e Shen (1990), vão contra essa posição, pois afirmam que os clíticos, algumas vezes, comportam-se como afixos e se juntam à PW e ambos são prosodizados como um único constituinte, a PW. Em outras, comportam-se como palavra, ligando-se a  $\phi$ . Há outros autores que consideram os clíticos como parte da PW, pelo menos em certas línguas, tal como Vigário (2003, 2007). Por conta disso, o GC tem sido discutido e questionado, e até mesmo excluído da hierarquia prosódica, como propõem Booij (1996), Perperkamp (1997) e Vigário (1999, 2003, 2007, 2010).

A possibilidade de interpretação de um clítico como PW é um dos problemas da proposta do GC, segundo Vigário (2007). Inkelas (1990) sugere, utilizando o *Princípio da Economia*, que o GC pode ser reinterpretado como PW lexical, afetado por regras lexicais, *versus* PW pós-lexical (que pode incluir clíticos), afetado por regras pós-lexicais.

O fato de que, em várias línguas, os clíticos se ligam a níveis superiores na hierarquia prosódica, também é indicativo de que não existe um constituinte responsável

---

<sup>17</sup> Formação do Grupo Clítico: I. Domínio de C: O domínio de C consiste de uma PW contendo uma palavra independente (não clítico) mais quaisquer PWs adjacentes contendo: a. um Clítico derivacional, ou b. um clítico tal que não haja hospedeiro possível com o qual compartilhe mais categorias comuns. II. Construção de C: Reunir em um C de ramificação n-ária todas as PWs incluídas em uma sequência delimitada pela definição do domínio de C (NESPOR e VOGEL, 1986, p. 154, tradução nossa).

pela organização dos clíticos, visto que, conforme a literatura, os clíticos podem variar, de língua para língua, o domínio ao qual se unem, não havendo necessidade de um domínio exclusivo para eles.

No entanto, como já apontado por Vigário, a eliminação do GC cria novos problemas, por exemplo, ao não permitir uma representação satisfatória da prosodização das palavras compostas que integram mais de uma PW, já que palavras como *autoajuda* passam tipicamente a ser analisadas com o recurso a estruturas envolvendo recursividade ao nível de PW, como em  $[[auto]_{PW} [ajuda]_{PW}]_{PW}$ , quando, como referido acima, são vários os argumentos que apontam para uma diferenciação entre os constituintes prosódicos internos ao composto (PW) e o nó que domina esses constituintes (PWG, na proposta de Vigário 2007, 2010). Destacamos que a proposta de Vigário (2003) era a de uma PW recursiva para o PE, que, no entanto, foi abandonada em Vigário (2007, 2010) ao se assumir a existência de um domínio composto acima de PW, que é o PWG.

Ao se assumir a eliminação do GC da hierarquia prosódica, outro problema surge: qual o domínio que engloba a prosodização de palavras funcionais átonas que não constituem PWs independentes?

Em nosso trabalho, assumimos que o constituinte que acomoda adequadamente palavras compostas é PWG. Essa visão é discutida ao longo da presente tese com exemplos de PB – ver capítulos 4 e 5.

Como mostrado na literatura, já que os clíticos parecem não ter um único domínio ao qual são adjungidos e/ou incorporados, discutiremos no capítulo 3 que as palavras funcionais átonas do PB não se comportam como afixos, tampouco como PWs, podendo ser prosodizadas junto a uma PW no pós-léxico em PWG, análise que não sustenta a necessidade de um domínio exclusivo para a prosodização dos clíticos como o GC.

Como dito acima, por haver coincidência entre os domínios PW, PWG e  $\phi$  em alguns momentos, como será discutido nos capítulos 4 e 5, apresentamos, a seguir, a definição e a construção de  $\phi$ .

Na hierarquia proposta por Nespor e Vogel, o sintagma fonológico é o constituinte acima do GC e abaixo de I e que agrupa juntos um ou mais GCs. Um exemplo de regra fonológica que motiva sua existência é o *raddoppiamento* sintático no italiano. Tal

regra se aplica entre palavras e alonga a consoante inicial da segunda palavra se a) a consoante a ser alongada é seguida por uma soante, uma vogal ou não nasal e b) se a palavra anterior termina em uma vogal que constitui sílaba acentuada de PW, por exemplo, *PerCHÉ [k:]arlo non é venuto?*.

As autoras destacam que não é entre qualquer palavra que atenda ao contexto especificado que a regra ocorre, pois ela respeita a relação entre o núcleo e o elemento que se encontra à sua esquerda, dentro de sua projeção máxima, independentemente do seu estatuto sintático: um auxiliar e um verbo, um auxiliar e uma advérbio pré-verbal, entre um advérbio pré-verbal e um verbo, um quantificador e um nome, um quantificador e um adjetivo pré-nominal, uma cópula e uma partícula comparativa. Segundo as autoras, o que é relevante para a aplicação da regra é que as palavras se encontrem no mesmo constituinte prosódico,  $\phi$ , definido como em (1.12).

As autoras propõem a definição de  $\phi$  e a construção desse domínio (cf. NESPOR e VOGEL, 1986, p. 168):

(1.12)  $\phi$  formation<sup>18</sup>

I.  $\phi$  domain

The domain of  $\phi$  consists of a  $C$  which contains a lexical head ( $X$ ) and all  $C$ s on its nonrecursive side up to the  $C$  that contains another head outside of the maximal projection of  $X$ .

II.  $\phi$  construction

Join into an  $n$ -ary branching  $\phi$  all  $C$ s included in a string delimited by the definition of the domain of  $\phi$ .

III.  $\phi$  relative prominence

In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of  $\phi$  is labeled  $s$ ; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of  $\phi$  is labeled  $s$ . all sister nodes of  $s$  are labeled  $w$ .

---

<sup>18</sup> I. Domínio  $\phi$  - O domínio de  $\phi$  consiste de um  $C$  que contém um núcleo lexical ( $X$ ) e todos os  $C$ s no seu lado não recursivo até  $C$  que contém um outro núcleo fora da projeção máxima de  $X$ ; II. Construção de  $\phi$  - Junte em uma ramificação  $n$ -ária todos os  $C$ s incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de  $\phi$ ; III. Proeminência relativa de  $\phi$  - Em todas as línguas cujas árvores sintáticas estão ramificadas à direita, o nó mais à direita de  $\phi$  é rotulado como  $s$ ; em línguas cujas árvores sintáticas estão ramificadas à esquerda, o nó mais à esquerda de  $\phi$  é rotulado como  $s$ ; todos os nós irmãos de ' $s$ ' são rotulados  $w$ .

Em línguas românicas, adjetivos que são complementos de nomes e ocorrem à direita deles podem formar um único  $\phi$ , contudo, se o adjetivo ocorrer à esquerda, adjetivo e nome formam um único  $\phi$  por estar no lado não recursivo.

Como o *raddoppiamento* sintático no Italiano ocorre obrigatoriamente dentro de  $\phi$  e opcionalmente entre  $\phi$ s envolvendo normalmente palavras que sozinhas formariam um  $\phi$ , Nespor e Vogel propõem a reestruturação desse domínio, que é opcional. A reestruturação consiste na junção de um  $\phi$  não ramificado que é o primeiro complemento de X no seu lado recursivo e que é unido ao  $\phi$  que contém o X. Por exemplo, sendo X um verbo,  $(vendo)_\phi$ , o primeiro complemento do verbo que consiste em um  $\phi$  não ramificado,  $(casas)_\phi$ , e está no lado recursivo forma juntamente com o verbo um único  $\phi$ ,  $(vendo\ casas)_\phi$  (cf. TENANI, 2002; FERNANDES, 2007, para o PB).

Um fenômeno fonológico no PB que tem  $\phi$  como domínio de aplicação, segundo Sandalo e Truckenbrodt (2002), é a retração de acento. Segundo os autores, quando as palavras envolvidas no choque acentual pertencem ao mesmo  $\phi$ , a retração ocorre, como em  $[caFÉ\ QUENte]_\phi > [CAfé\ QUENte]_\phi$ ; pelo contrário, quando essas palavras pertencem a  $\phi$ s distintos, o choque acentual se mantém, como em  $[caFÉ]_\phi [QUEIma]_\phi$ <sup>19</sup>.

É importante destacar que, apesar da formação de  $\phi$  incluir noções sintáticas, não há isomorfia entre a hierarquia sintática e fonológica. A reestruturação de  $\phi$  também é um argumento a favor da não isomorfia entre as hierarquias, pois uma noção crucial é de natureza fonológica, já que tem a ver com o tamanho ou peso do constituinte que reestrutura e não com a sua natureza sintática.

A definição e a formação de  $\phi$  será relevante no capítulo 5, quando discutirmos as regras de distribuição tonal em sentenças declarativas produzidas em contexto de foco largo e a marcação prosódica não neutra de foco contrastivo.

Em suma, nesta seção nossa meta foi retomar a literatura sobre a formação do domínio PW, GC, PWG e  $\phi$ , já que um de nossos objetivos é discutir a prosodização

---

<sup>19</sup> A caixa alta indica sílaba acentuada.

palavras funcionais e de palavras lexicais, dando destaque àquelas que constituem PWs que irão formar os domínios superiores e àquelas que constituem sílabas átonas que irão se apoiar em um hospedeiro acentuado.

### 1.1.2 Pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional

Para a análise da estrutura entoacional do PB, utilizaremos o quadro teórico do Modelo Métrico Autossegmental dentro da Fonologia Entoacional conforme proposta de Pierrehumbert (1980), Pierrehumbert e Beckman (1986), Ladd (1992, 1996), e iremos nos basear em trabalhos já desenvolvidos a partir dessa perspectiva teórica como Frota (1994, 1998, 2000, 2012), Frota e Vigário (2000), Tenani (2002) e Fernandes (2007), Toneli (2009), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli, Vigário e Abaurre (2013, 2014), Frota et al (no prelo), entre outros.

Frota (1998, p. 11) denomina a perspectiva de análise da entoação adotada por ela como *visão integrada*, por considerar que as propriedades entoacionais podem ser pistas da estrutura prosódica, já que há uma estreita relação entre domínios prosódicos e entoação. Nessa visão, a entoação tem uma organização fonológica própria e é observada em termos de frequência fundamental ( $F_0$ ), interpretada como uma sequência de eventos fonológicos discretos e não um contínuo caracterizado pela forma e pela direção (cf. LADD, 1992, p. 322).

Esses eventos são de dois tipos: Acentos tonais (*Pitch Accent - PAs*), marcados pelos tons L (*low*) e/ou H (*high*) que são seguidos de asterisco e não necessariamente associados às sílabas tônicas, e tons de fronteira, marcados pelos tons L e/ou H seguidos por diacrítico % no caso de fronteira de I, ou acentos frasais, marcados por H- e L- e associados aos limites de um domínio prosódico. Posteriormente são propostos por Frota (2000) e Fernandes (2007) as seguintes notações Hp para H- e Lp para L-, notações que serão utilizadas no presente trabalho. Todos esses eventos tonais são localmente definidos e alinhados a segmentos específicos (BECKMAN e PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT e BECKMAN, 1988; HAYES E LAHIRI, 1991; LADD, 1996;

FROTA, 1997, 2000, 2002a, 2002b e 2003; VIGÁRIO, 1998; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007A, B; TENANI e FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA ET AL, no prelo; entre outros).

Os PAs podem ser normalmente associados às sílabas acentuadas, enquanto os tons de fronteira são associados às fronteiras inicial e/ou final de determinado constituinte prosódico e não a sílabas proeminentes, por exemplo, no caso de I, no português é comum a associação de PA L\* à sílaba tônica da última PW de I antecedido de tom H associado à sílaba pretônica imediatamente anterior à sílaba tônica – ver capítulo 5. Os PAs podem ser monotonais, como em L\* e H\*, ou bitonais, como em L\*+H, L+H\*, H+L\* e H\*+L. segundo Frota et al (no prelo), os tons de fronteira também podem ser complexos, por exemplo, LH% e HL%.

Como será mostrado no presente trabalho e já foi apontado em trabalhos anteriores sobre o PE e o PB, as informações entoacionais mostram a relevância de alguns domínios prosódicos no português, como em outras línguas. No capítulo 5, que trata da análise da estrutura entoacional de PB e da comparação com o PE, apresentaremos uma revisão dos trabalhos realizados no português sobre esse tópico, já que nesta seção, nossa meta foi apenas apresentar os pressupostos básicos do Modelo Métrico Autossegmental da Fonologia Entoacional.

## **1.2 Diagnósticos para a identificação de PWs nas línguas**

Considerando que o objetivo da presente pesquisa é estudar a sistematização do domínio da PW no PB, nesta seção são apresentados os modos de se diagnosticá-la nas línguas (cf. VIGÁRIO, 2003). Todavia, daremos destaque aos fenômenos relevantes para o PB.

O principal diagnóstico de uma PW nas línguas e um dos mais intuitivos é o acento primário, segundo Vigário (2003), pois esse domínio deve aceitar apenas um acento (cf. VAN DER LEEUW, 1997; VIGÁRIO, 2003; entre outros). Então é assumido na presente pesquisa que uma PW deve aceitar apenas um acento de palavra (acentos primários).

Esse diagnóstico é relevante para o estatuto prosódico de palavras funcionais, já que em algumas línguas, como o português, algumas palavras funcionais são prosodizadas como PWs e outras como sílabas átonas. No caso do inglês, Selkirk (1995) afirma que algumas palavras funcionais não formam uma PW, exceto em condições especiais, quando (i) recebem PA em contexto de foco estreito, (ii) são pronunciadas isoladamente ou (iii) quando sozinhas formam um I independente, recebem acento frasal, constituindo um domínio prosódico independente (cf. TONELI, 2009, para o PB). Somente nesses casos, é assumido que a palavra funcional, acidentalmente inerte, assume um comportamento de PW.

Outro diagnóstico importante para a definição de uma PW nas línguas e também para a definição de determinado domínio prosódico, como propõem Nespor e Vogel (1986), é a aplicação de processos fonológicos. Assim como para outros domínios, as autoras afirmam que o domínio da PW é um domínio de aplicação de regras fonológicas, entre elas, a assimilação da nasal no grego, a harmonia vocálica no turco, entre outros.

Em relação ao PB, há alguns trabalhos que apresentam fenômenos fonológicos que tomam a PW como domínio de aplicação. O nosso objetivo é justamente elencar tais trabalhos sistematicamente, discutindo os fenômenos que servirão de evidências de que algumas estruturas morfológicas apresentam comportamento de PW, como a regra de redução vocálica na pauta pretônica e postônica, a assimilação de nasalização e a distribuição de eventos tonais à cadeia segmental, e quais caracterizam o domínio PW no PB (cf. BISOL, 2004; SCHWINDT, 2000; ABAURRE e PAGOTTO, 1996, 2013; FROTA e VIGÁRIO, 2000; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010; TONELI, 2009, 2011a, b; entre outros). O objetivo dos capítulos 3, 4 e 5 da presente tese é discutir tais fenômenos e a relação deles com a PW no PB.

Além desses dois diagnósticos, autores como Bisol (2000, 2005) e Vigário (2003) afirmam que a PW é o domínio para generalizações fonotáticas. Tais autores apontam que, no PE e no PB, PWs não iniciam com consoantes palatais [ʎ, ɲ], exceto nos casos de empréstimos, como ‘*lhama*’ e ‘*nhoque*’ no português.

A síndrome da palavra mínima em algumas línguas tem mostrado papel relevante na definição do domínio da PW, ou seja, uma PW tem que ter um tamanho

mínimo, por exemplo, a PW tem que ser dissilábica ou bimoraica (CABRÉ, 1993; KENSTOWICZ, 1994; LEBEN e AHOUA, 1997; HALL, 1999; DOWNING, 1999; BISOL, 2000; SCHWINDT, 2000; VIGÁRIO, 2003; TONELI, 2009). No entanto, em línguas como o português, conforme apontado na literatura sobre o português, esse requerimento não serve para identificar uma PW já que uma PW pode consistir em uma única sílaba aberta ou fechada. A seguir são apresentados exemplos de Bisol (2000) para palavras mínimas no português que constituem PWs.

(1.13)	três	pé	mi
	pai	pó	nu

Vigário (2003) aponta outros dois fenômenos que referem à PW e que envolvem informações morfológicas e sintáticas e não apenas fonológicas, como o apagamento sob identidade (*Deletion under identity*) e o truncamento (*clipping or truncation*). Alguns autores propõem que em línguas como no holandês, conforme Booij (1985, 1988), no alemão, conforme Wiese (1993, 1996), Kleinhenz (1994), no PB, conforme Lee (1995), Moreno (1997) e Schwindt (2000) e no PE, conforme Vigário (2003), o apagamento de um elemento dentro de palavras compostas em estruturas coordenadas depende não somente de informações morfossintáticas, mas também do estatuto prosódico do elemento a ser omitido na sequência, ou seja, esse elemento deve ser uma PW independente, como acontece no exemplo *João saiu calmamente e alegremente* (cf. MORENO, 1997; SHCWINDT, 2000). No PB esse fenômeno também é produtivo e serve como evidência da PW, como será discutido no capítulo 4.

O truncamento é um encurtamento de palavras que gera formas de output que constituem uma PW, como exemplo, no PE *telemóvel* > *móvel*; no Italiano, *amplificatore* > *ampli* (VIGÁRIO, 2003). No PB, esse fenômeno também se mostra produtivo, como *heterossexual* > *hétero* e *quimioterapia* > *químio*, assim como no PE. No entanto, ele

parece também apagar sílabas dentro de PW, como em *cerveja* > *cerva* - ver discussão no capítulo 4<sup>20</sup> (cf. ARAÚJO, 1999; BELCHOR, 2009, 2014; SCHER, 2011; entre outros).

Entre os diagnósticos para a PW pode estar também a ressilabificação (cf. BOOIJ, 1995, 1996; WIESE, 1996; HALL, 1999; RAFFELSIEFEN, 1999; VIGÁRIO, 2003). No entanto, no caso do português e das outras línguas românicas, o domínio da ressilabificação é superior a PW, uma vez que o processo ocorre entre palavras, pelo menos, no interior de I (NESPOR e VOGEL, 1986; FROTA, 2000; VIGÁRIO 2003; BISOL 2004; TENANI, 2002). Para Bisol (2004), no PB, a ressilabificação entre palavras morfológicas altera as fronteiras de PW, como em *lápiz+azul* > *lapi.zazul*, sendo este um caso em que a formação de PW obtida pelas regras no mapeamento morfologia-fonologia (no componente lexical) é alterada (no componente pós-lexical). Logo, a silabificação não é um bom diagnóstico para a PW no PB<sup>21</sup>.

Em suma, vários fenômenos podem ser pistas do domínio da PW nas línguas, embora somente alguns podem identificá-las, e essa identificação é variável de língua para língua. Nossa meta, nos capítulos 3, 4 e 5, é discutir os fenômenos que são bons diagnósticos para a PW no PB e que a caracterizam como domínio de aplicação.

### 1.3 A prosodização de palavras nas línguas

Nesta seção, fazemos uma revisão de trabalhos que tratam da prosodização de palavras lexicais simples e compostas (por derivação e por composição) e de palavras funcionais nas línguas.

---

<sup>20</sup> No caso do PE, ao contrário de outras línguas e do PB, não é só o *output* é uma PW, mas também o que é apagado tem de ser uma PW.

<sup>21</sup> Uma hipótese que não será desenvolvida no nosso trabalho por fugir do tema proposto é a de que o domínio para a ressilabificação é  $\phi$ .

### 1.3.1. A prosodização de palavras lexicais formadas por composição nas línguas

Nesta seção, são apresentados trabalhos que exploram a prosodização de estruturas morfológicas compostas por composição. No presente trabalho o termo composição é entendido como combinação de raízes morfológicas ou palavras morfológicas em uma única palavra morfológica que pode constituir uma única PW, como em *fotografia* < *foto+grafia*, ou duas PWs independentes, como em *guarda-chuvas*<sup>22</sup>. Nossa meta na presente seção é apresentar trabalhos que têm tratado da prosodização de palavras compostas nas línguas (cf. LEE, 1995; MORENO, 1997; VILLALVA, 2004; entre outros).

Nespor e Ralli (1996) e Nespor (1999), por exemplo, analisam palavras morfológicas do grego formadas por (i) radical+radical em que um único acento recai na antepenúltima sílaba do composto, por exemplo, em *karavópano* < *karav-*, *pan-* (*lona*); (ii) radical+palavra, em que há também um único acento localizado no mesmo lugar, assim como quando a palavra relevante ocorre isoladamente, por exemplo, *karavópano* e *tamosaláta* < *taram saláta* (*salada de caviar*); (iii) palavra+palavra, em que há dois acentos principais que caem no mesmo lugar quando cada uma das palavras ocorre isoladamente, por exemplo, *atomikí vómva* < *atomikí vómva* (*bomba atômica*).

Para Nespor e Ralli, os tipos apresentados em (i) e (ii) são prosodizados como uma única PW, enquanto em (iii) corresponde a duas PWs que são diretamente ligadas a  $\phi$ . Essa análise é corroborada por duas regras fonológicas, como a assimilação progressiva de nasal, por exemplo, *pánplutos* > *pamblutos* ‘muito rico’, e a assimilação de vozeamento de oclusiva, por exemplo, *pankózmios* > *pangózmios* ‘universal’, além do acento de palavra.

Com relação aos domínios que incluem as palavras compostas – como PW ou  $\phi$  –, as autoras afirmam que essa variação é resultado do local na gramática em que essas construções são formadas. No caso de palavras do tipo (i), as autoras afirmam que são formadas no nível lexical e que somente o  $X^0$  mais baixo, que contém a palavra, parece ser

---

<sup>22</sup> Não exploraremos mais profundamente o conceito de composição e os processos de formação de palavras compostas nas línguas. Por isso sugerimos a leitura de trabalhos de PB que dedicaram atenção a esse tema, como Lee (1995), Moreno (1997), Bopp da Silva (2010) e Nóbrega (2014).

selecionado no mapeamento até PW, enquanto o tipo apresentado em (iii) é formado no nível pós-lexical, pois, ao contrário das duas primeiras, esta última constitui uma frase sintática composta por dois  $X^0$ s que é reanalisada como uma única categoria  $X^0$  quando readentram o léxico (cf. DI SCIULLO e WILLIAMS, 1987). As autoras ressaltam ainda que, no tipo (iii), cada membro da palavra composta equivale a um  $X^0$  que é prosodizado como uma única PW, antes de se ligarem a  $\phi$ , análise que é estendida às outras línguas, além do grego e do italiano, como português, espanhol, holandês, islandês, francês e romeno por Nespor (1999b). Já as palavras do tipo (ii) mostram algumas variações no modo como são prosodizadas nas línguas. Em grego, algumas variedades do italiano e no islandês, tais palavras são prosodizadas como as do tipo (i), enquanto no holandês, no catalão, no romeno, no servo-croata e em outras variedades do italiano, as palavras compostas são prosodizadas como as do tipo (iii). A principal evidência que as autoras apresentam para a prosodização das palavras do tipo (iii) como PWs ligadas a  $\phi$  vem das proeminências relativas dos acentos primários associados a cada PW, sendo que um dos elementos portará o acento mais forte que corresponderá à cabeça de  $\phi$ .

Uma visão alternativa à defendida por Nespor e Ralli é proposta por Vogel (1990), para quem a prosodização de palavras morfológicas compostas depende do modo como as línguas constroem o domínio Grupo Clítico (GC), já que as línguas podem variar ao selecionar o  $X^0$  mais baixo ou o  $X^0$  mais alto, que inclui dois nós sintáticos  $X^0$ s mais baixos, na formação do GC que englobará esse tipo de palavras.

Outro estudo que apresenta uma análise para palavras compostas no italiano é Peperkamp (1997a), que mostra, na ótica da Teoria da Otimalidade, que palavras compostas formadas por (i) palavra+palavra e (ii) radical+palavra no italiano permitem uma variação no modo como são prosodizadas, como duas PWs em *r[ε]ggi+lume* (*suporte de lâmpada*) ou como uma única PW em *r[e]ggi+s[e]no* (*sutiã*), formando uma PW recursiva.

Um terceiro tipo de palavra composta analisado por Peperkamp é formada por (iii) radical + radical, como em *geo+grafo* (*geógrafo*). Nesse caso, a autora afirma que tal palavra composta é prosodizada como uma única PW, e as evidências para essa

prosodização são a falta de acento no primeiro elemento à esquerda, a regra de alçamento da vogal do primeiro elemento *g[e]ografo* e o vozeamento da fricativa /s/ dentro de PW em *antropó[z]ofa* (*antropósofo*).

Na proposta de Peperkamp, as PWs que compõem uma palavra composta agrupam-se numa PW pós-lexical, formando então uma PW recursiva. Os argumentos apresentados pela autora para fundamentar a prosodização de uma palavra composta são a falta de acento primário associado ao primeiro elemento que é corroborada pelo alçamento da vogal, processo que ocorre em vogais átonas; a aplicação do vozeamento do *s* intervocálico, que ocorre dentro de PW, mostra que a fricativa não é tratada como o início da PW, o que significa que os membros do composto não possuem estatuto de PWs independentes. A autora sugere ainda que a palavra composta pode constituir uma estrutura recursiva quando é muito frequente no léxico dos falantes (familiaridade).

Em relação ao tipo de estruturas compostas por palavra+palavra que são produtivas em italiano, Peperkamp considera apenas as estruturas que combinam verbo+nome, visto que as outras combinações são entendidas como frases sintáticas que sofreram um processo de lexicalização.

Embora Peperkamp discuta os modos como as palavras compostas no italiano são prosodizadas, um problema da análise da autora é assumir a recursividade na fonologia, já que a proposta dela para lidar com palavras compostas por duas PWs é a PW recursiva.

Uma análise alternativa para as palavras compostas e para as construções similares no PE é proposta por Vigário (2003, 2007, 2010). A autora argumenta que as palavras formadas por radical+radical, como em *biomédico*, palavra+palavra, como em *cata-vento*, prefixo acentuado+radical, como em *pós-modernismo*, radical+sufixo acentuado, como em *jacarezinho* e *pobrememente*, acrônimos, como *RFM* (*erre efe eme*) e estruturas mesoclíticas, como em *falar-te-ei*, são formadas por duas ou mais PWs independentes.

Vigário apresenta evidências fonológicas e morfofonológicas de que tais palavras complexas são constituídas por duas ou mais PWs, como a não aplicação sistemática da regra de redução vocálica nas sílabas acentuadas dos membros das palavras complexas, como em *al[e]grememente*, a presença de acento em cada membro das palavras,

marcada mesmo com acento gráfico em palavras como *pós-sintático*, e o apagamento sob identidade, apenas possível quando o elemento apagado e o que fica são PW independentes, como exemplificado em *pré-guerra* e *pós-guerra*, entre outros.

A autora destaca que pode haver variação em relação à prosodização de palavras compostas por radical+palavra, radical+radical e prefixo+palavra que podem ser comportar como uma única PW, como em *biólogo*, *supérfluo* e *fotografia*. As evidências para essa prosodização vêm da ausência de acento no primeiro membro da palavra composta à esquerda e de regras segmentais que ocorrem em sílabas átonas, como o alçamento vocálico em posição pretônica, *f[u]tografia*.

Em relação ao domínio que engloba tais estruturas que contêm duas PWs, Vigário (2007, 2010) propõe que esse domínio é PWG e apresenta evidências segmentais, acentuais e entoacionais, como a relação entre proeminências dentro da palavra composta e a atribuição de foco fonológico, de que tais PWs pertencem a um domínio fonológico abaixo de  $\phi$ .

É importante destacar, como já antecipado acima, que não há convergência na literatura em relação ao domínio que engloba esse tipo de palavras nas línguas, variando entre PW recursiva, GC, PWG e  $\phi$ . Como mostrado anteriormente, Nespor e Ralli (1999) propõem que no grego e no italiano esse domínio é  $\phi$ , já Vogel (1990) sugere que é o GC. No baule, Leben e Ahoua (1997) sugerem que há a formação de uma estrutura recursiva com duas PWs, assim como Peperkamp (1997) sugere para o italiano. Já Hannahs (1995a), seguindo as linhas de Vogel (1990) que também analisa o italiano, sustenta que no francês esse tipo de palavra morfológica é agrupada dentro do GC. Vigário (2007, 2010) propõe que no PE e em línguas como o inglês, baule, holandês, húngaro, warlpiri, coreano, japonês, basco, alemão, mandarim, entre outros, esse domínio é PWG.

Seguindo a linha de Peperkamp (1997) para o italiano, Bopp da Silva (2010) propõe, para o PB, o afrouxamento da restrição de não recursividade, admitindo então que palavras compostas por duas PWs formam uma PW recursiva. Na visão de Bopp da Silva, é melhor assumir a recursividade em fonologia do que onerar a hierarquia prosódica, que já é bem estabelecida, com um novo domínio prosódico, como PWG, proposto por Vigário (2007, 2010).

Já a análise de Nóbrega (2014) procura delinear como se dá o mapeamento da estrutura sintática, no caso das palavras compostas, à estrutura fonológica, em PWs, a partir da regra de atribuição de acento primário. Embora o autor divida as palavras compostas do PB em três categorias, como proposto por Vigário (2003) para o PE e Toneli (2011) para o PB: (i) radical + radical que constitui uma única PW, como em *cervejólogo*; (ii) radical + palavra que é formada por duas PWs, como em *neurocirurgião*; e (iii) palavra + palavra que é formada por duas PWs, como em *ferro-velho*, ele não foca sua discussão na questão do domínio prosódico que inclui PWs que compõem uma palavra composta.

Com base nos dados analisados para o PB, nossa pesquisa avança ao propor qual domínio prosódico engloba adequadamente as palavras compostas do PB. Nos capítulos 4 e 5, serão discutidos quais fenômenos fonológicos corroboram essa análise de que esse domínio é PWG, como a atribuição de acento de foco fonológico.

### **1.3.2 A prosodização de palavras compostas por derivação nas línguas**

Nesta seção, são apresentados trabalhos que exploram a prosodização de estruturas morfológicas formadas pelo processo de derivação a partir da junção de afixos a uma base lexical e que podem constituir apenas uma ou mais de uma PW.

Trabalhos como os de Nespor (1985), Nespor e Vogel (1986), Peperkamp (1997a), Booij (1995), Hannahs (1995a), Raffelsiefen (1999a), e Vigário (2003) mostram que as línguas variam no modo com que (alguns) prefixos e (alguns) sufixos são prosodizados.

Em relação ao PB, Schwindt (2000) defende que palavras derivadas por prefixação podem conter prefixos legítimos que são átonos e formam uma única PW com a base a que se unem ou prefixos posicionais que são PWs que se unem a outra PW, como em *redescobrir* e *pré-operatório*, respectivamente.

Lee (1995) e Moreno (1997) afirmam que sufixos como *-mente* e *-zinho/a* são acentuados no léxico, formando um domínio para acento, configurando-se, portanto, como uma PW, como em *alegre+mente*. Nos demais casos, os sufixos vão se unir a uma base

lexical, constituindo uma única PW já que serão analisados como um único domínio para acento e serão submetidos à regra de atribuição de acento, por exemplo, em *comporTAR + mento < comportaMENto*.

Vigário (2003) mostra que palavras derivadas no PE podem comportar-se prosodicamente como palavras que constituem uma única PW, *continuidade* e *reorganizar* ou como palavras que são formadas por duas PWs, *claramente*, *cafezinho* e *pós-sintático*. A autora mostra que, no PE, a redução vocálica, por exemplo, é evidência do caráter de PW de alguns prefixos e sufixos como *-mente* e *-zinho/a*, como em *al[ε]gremente*, em que a vogal de primeira PW (PW1) não é reduzida ao se unir ao sufixo acentuado.

Também no italiano, assim como no português, alguns prefixos que compõem palavras derivadas podem se comportar como uma única PW, como *intransitivo* [*in*[*transitivo*]<sub>PW</sub>]<sub>PW</sub> ou como uma sequência de PWs, como [*inter*]<sub>PW</sub>[*disciplinare*]<sub>PW</sub>, conforme apresenta Peperkamp (1997).

Em línguas como o holandês, sufixos podem formar PWs independentes, dependendo de suas propriedades fonológicas, pois, alguns sufixos são totalmente previsíveis e consistem de sufixos nativos que têm as propriedades fonológicas de PWs como *-achtig*, *-baar*, *-able*, *-heid*, conforme afirma Booij (1995, p. 111). Isso não ocorre no PB.

No alemão, a prosodização de sufixos como átonos ou PWs também depende de restrições fonológicas. Segundo Wiese (1996), todos os morfemas, incluindo os sufixos, começando com uma consoante seguida por uma vogal, formam uma PW independente. É importante notar que a variação dialetal pode determinar uma prosodização diferente, pois foi observado que, em variedades sulistas do alemão, os sufixos com consoante inicial não constituem PWs independentes, conforme mostrado pelo teste de silabificação, o que não ocorre no PB.

Enquanto no português, como já mostrado na seção anterior, não há a exigência de um tamanho mínimo de PW, o que se mostra relevante para a análise dos prefixos monossilábicos que formam um PW. No italiano e no espanhol, segundo Peperkamp (1997), apenas prefixos dissilábicos constituem PWs independentes. Nesse caso, no espanhol e no italiano, prefixos monossilábicos funcionam apenas como sílabas átonas, ao

contrário de prefixos como *pré* e *pós* do português que se comportam como PWs, como já demonstrado por Schwindt (2000).

O mesmo tipo de síndrome desempenha papel crucial na prosodização de prefixos no alemão e no inglês, segundo Vigário (2003).

Em relação ao domínio que engloba tais palavras, somente Vigário (2003, 2007, 2010) apresenta uma proposta para acomodar palavras derivadas em uma única PW e em duas PWs. No segundo caso, palavras derivadas formadas por duas PWs formam um PWG ramificado, enquanto no primeiro caso, um PWG não ramificado.

Em suma, o que tem sido mostrado na literatura é que, além de outros fatores, as línguas dependem de restrições fonológicas para a prosodização de afixos e não é um único domínio prosódico que engloba palavras derivadas.

### **1.3.3 A prosodização de palavras clíticas nas línguas**

A prosodização de palavras clíticas tem gerado uma grande discussão na literatura já que há divergência quanto ao modo como os clíticos são prosodizados, seja por adjunção ou por incorporação, e quanto ao domínio prosódico que o clítico toma como hospedeiro, seja a PW, GC,  $\phi$  ou I (cf. ZWICKY, 1977; KLAVANS, 1985; NEIJT, 1985; BERENDSEN, 1986; INKELAS, 1990; ZEC e INKELAS, 1991; SELKIRK, 1995; BOOIJ, 1996; KLEINHENZ, 1996; PEPERKAMP, 1997; VAN DER LEEUW, 1997; NESPOR 1999; HALL, 1999; VIGÁRIO, 1999, 2003; BISOL, 2000, 2005; BRISOLARA, 2004, 2008; SIMIONI, 2008; TONELI, 2009; entre outros).

O fato de assumir a exclusão do GC da hierarquia prosódica abre a possibilidade de as palavras clíticas tomarem como hospedeiro outros domínios prosódicos, tal como afirmado acima.

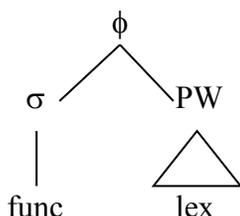
Em relação ao modo como os clíticos são integrados à estrutura prosódica, Selkirk (1995) afirma que as palavras funcionais (Func)<sup>23</sup> podem ser prosodizadas de três

---

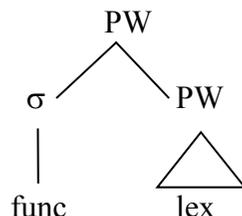
<sup>23</sup> Cook e Newson (1996) definem uma palavra funcional como membro de uma classe fechada, fonologicamente dependente e normalmente átona.

modos diferentes, como (i) um clítico livre que se une a uma palavra lexical (Lex) que é uma PW e é ligado diretamente a  $\phi$  (1.14.a), (ii) um clítico afixal que é adjungido a uma palavra lexical que é uma PW e é ligado a ela, formando uma outra PW (1.14.b) e (iii) um clítico interno em que a palavra funcional é incorporada a uma PW dentro do domínio da PW, assim como um afixo (1.14.c).

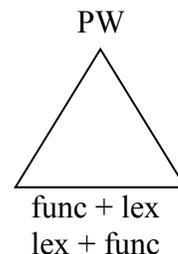
(1.14) a. clítico livre



b. clítico afixal



c. clítico interno



Um exemplo de variedade que apresenta dois dos três tipos de prosodização de palavras funcionais é o PE. Vigário (1999, 2003) em sua análise, mostra que as palavras funcionais clíticas, quando proclíticas, são adjungidas a uma palavra lexical, tal como em (1.14.b), formando uma PW pós-lexical no PE, entretanto, quando enclíticas, tal como os pronomes átonos, são incorporadas à palavra lexical anterior dentro do domínio da PW no pós-léxico, assim como afixos, tal como em (1.14.c).

No caso dos proclíticos, alguns fenômenos fonológicos como a não alteração da realização da vogal inicial de PW na presença de um proclítico, por exemplo, *a organização* [o, ɔ], e de acento enfático incidindo sobre o proclítico, por exemplo, *em Constantinopla*, são evidências de tal análise, segundo Vigário. Em relação aos enclíticos, o principal argumento a favor da incorporação de enclíticos à PW anterior é o bloqueio da regra de apagamento de vogal em final de PW quando é seguida por um enclítico. Outras regras como a ocorrência da semivocalização de V2, por exemplo, *eu vi-o deitado* [u,w], e o bloqueio da haplologia, por exemplo, *O João bate-te muito* [tɛtɛ]/ \*[tɛ], sustentam a análise proposta por Vigário para o PE.

Ao contrário do PE, no PB, os clíticos são adjungidos tanto à direita, no caso dos enclíticos, quanto à esquerda, no caso dos proclíticos, conforme afirmam Bisol (2000,

2005), Brisolara (2004, 2008) e Toneli (2009) – ver 1.14.b. Entre as regras que atestam as análises propostas pelas autoras, destacamos a ditongação vocálica em proclíticos em *m[j]aguarde* e a ocorrência da regra de redução vocálica em posição átona final em proclíticos em *m[i] espere*. No capítulo 3 do presente trabalho retomaremos essa discussão e retomaremos a análise de que palavras clíticas são adjungidas a um hospedeiro no nível pós-lexical no PB.

Outras línguas e mesmo variedades delas também apresentam comportamento variável em relação ao modo como as palavras clíticas são integradas à estrutura prosódica, como o inglês (cf. SELKIRK, 1995), o italiano padrão, o napolitano e o luciano (cf. Peperkamp, 1997), o alemão (cf. KLEINHENZ, 1996; HALL, 1999), o holandês (cf. BOOIJ, 1996), entre outras línguas.

Em relação à direção de cliticização prosódica, Nespor e Vogel (1986) sugerem que podem ser propriedades individuais dos clíticos que determinam o lado da cliticização prosódica e não a configuração sintática, como os clíticos possessivos no grego.

Para além disso, as línguas podem mostrar uma preferência pela direção que pode explicar por que em diferentes línguas se encontra uma tendência para uma direção ou outra de cliticização (cf. KLAVANS, 1985; NESPOR e VOGEL, 1986; BOOIJ, 1996; VIGÁRIO, 2003).

Em nosso entendimento, as línguas apresentam uma preferência de direção de cliticização, mas também propriedades individuais definem a direção de cliticização. No caso do PB, há uma clara preferência pela cliticização à esquerda de PW, como já apontado anteriormente na literatura.

De um modo geral, o que a literatura tem mostrado é que não há um único modo de integrar os clíticos à estrutura prosódica nas línguas. As línguas definem o domínio prosódico que o clítico toma como hospedeiro, bem como a direção de cliticização. Voltaremos, no capítulo 3, a essa discussão.

#### **1.4 A organização da presente tese**

O presente trabalho está organizado em seis capítulos.

No presente capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos básicos que fundamentam a presente tese, entre elas a Fonologia Prosódica – seção 1.1.1 – e a Fonologia Entoacional, já que fenômenos entoacionais têm mostrado uma relação direta com os domínios prosódicos no PB, principalmente com o domínio PW – seção 1.1.2. Uma revisão mais detalhada dos trabalhos realizados no PB e alguns trabalhos no PE sobre a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional é feita no capítulo 5 para fins de organização temática, seção 5.1.

Em seguida, na seção 1.2, descrevemos e discutimos os diagnósticos para a PW nas línguas, uma vez que nossa meta é sistematizar os fenômenos fonológicos que identificam a PW no PB. Como a formação desse domínio suscita várias questões relacionadas aos possíveis modos de os morfemas e de as palavras serem integrados à estrutura prosódica, fizemos uma revisão de alguns trabalhos que tratam da prosodização de morfemas e de palavras em PW e em outras línguas além do português - seção 1.3 do presente capítulo.

Para iniciar a sistematização do domínio da PW no PB, apresentamos, no capítulo 2, uma revisão de trabalhos realizados no PB que tratam da prosodização de morfemas e de palavras – seção 2.2. Em vista disso, no capítulo 2 é apresentado um inventário de fenômenos fonológicos do PB que vão servir ou de diagnóstico para a identificação de uma PW ou como evidência desse domínio seção 2.3. Optamos por manter nos capítulos 3 e 5 uma parte da revisão bibliográfica referente aos tópicos dos respectivos capítulos, com o intuito de contextualizá-los, ao invés de sobrecarregar o capítulo 2, para contextualizar os respectivos capítulos, mesmo por que essa literatura é retomada ao longo de nossa análise nos respectivos capítulos.

Uma comparação com o PE é feita ao longo de toda a tese, principalmente em relação à ocorrência de processos fonológicos, tanto segmentais, quanto acentuais e entoacionais, uma vez que Vigário (2001, 2003) desenvolveu um estudo exaustivo sobre a

PW nessa respectiva variedade. Na seção 2.3.2, apresentamos resumidamente os fenômenos fonológicos que caracterizam a PW na variedade europeia<sup>24</sup>.

Considerando a prosodização de morfemas e palavras no PB e a relação com o domínio PW no PB, iniciamos a discussão no capítulo 3 sobre o comportamento prosódico de *palavras lexicais* que constituem um único domínio de acento (palavras simples) e que sempre constituirão uma PW e de *palavras funcionais* que podem se comportar como sílabas átonas ou como PWs no capítulo 3. Para isso, discutimos quais dos diagnósticos apresentados no capítulo 1 (seção 1.2) são relevantes para a identificação de PW no PB – seção 3.1. Assim, mostramos que um conjunto de palavras funcionais, quando não constituem PWs, são sílabas átonas que vão se unir a um hospedeiro – seção 3.3.2. Considerando que as palavras funcionais átonas precisam de um hospedeiro acentuado para se apoiar, discutimos qual o hospedeiro selecionado por elas e a que nível da hierarquia prosódica se unem – seções 3.3.3 e 3.5. Na seção 3.5, apresentamos nossas considerações sobre a definição de PW no PB.

No capítulo 4, nossa meta é apresentar uma análise prosódica para as estruturas morfológicas que são formadas por mais de um domínio de acento, ou seja, estruturas formadas por mais de uma PW. Como precisávamos de uma quantidade de dados relativos ao tipo de estrutura morfológica que inclui palavras complexas morfológicamente, optamos pela obtenção de dados de natureza experimental. Desse modo, apresentamos na seção 4.1.1 a metodologia de obtenção dos dados para o experimento 1.

Na sequência, apresentaremos os resultados obtidos pelo experimento 1, seção, 4.1.2.1 e caracterizaremos as PWs dentro de tais estruturas morfológicas, a partir dos diagnósticos apresentados no capítulo 1 (seção 1.2) – ver seção 4.1.2.

Na seção 4.3, discutimos a relação de dois fenômenos morfofonológicos, truncamento e apagamento sob identidade em estruturas coordenadas, em relação ao domínio da PW no PB. Depois de mostrar que um conjunto de estruturas morfológicas é formado por duas ou mais PWs, passamos a discutir o domínio que engloba tais palavras no PB, tecendo uma comparação com a análise apresentada por Vigário (2003, 2007, 2010)

---

<sup>24</sup> Indicamos a leitura de Vigário (2003), capítulo 2, para obter informações sobre os trabalhos prévios em PE sobre a fonologia da palavra.

para o PE e dando destaque aos fenômenos fonológicos que sustentam nossa análise – seção 4.4. Incluímos no capítulo 4 uma descrição e discussão do comportamento dos acrônimos, já que são estruturas morfológicas formadas por mais de uma PW – seção 4.23.

Partindo da hipótese de que alguns fenômenos entoacionais tomam a PW como domínio de aplicação e que podem fornecer evidências para a prosodização de palavras funcionais, o capítulo 5 é dedicado ao estudo da relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional. Primeiramente, na seção 5.1, apresentamos uma revisão da bibliografia sobre a ocorrência de fenômenos entoacionais no PB e também no PE, com base em Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli, Vigário e Abaurre (2013,2014), Frota et al (no prelo), entre outros. Esses trabalhos mostram que a PW recebe, além de um acento tonal associado à sílaba portadora de acento primário, um tom H adicional associado às sílabas pretônicas iniciais de PW, respeitando uma distância de no mínimo duas sílabas pretônicas em relação à sílaba acentuada. Tais trabalhos não convergem em relação ao domínio relevante para a distribuição tonal.

Na seção 5.2, descrevemos o *corpus* experimental e a metodologia de obtenção dos dados (seção 5.2.1) e apresentamos os resultados obtidos pelo experimento que engloba as palavras funcionais em oposição às palavras lexicais (seções 5.2.2 e 5.2.3). O experimento 2 foi elaborado para observar se há evidências entoacionais do estatuto prosódico de palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas. Nosso objetivo com esse experimento era observar se haveria acentos tonais associados às palavras funcionais que poderiam ser evidência de que constituem uma PW independente. As sentenças foram produzidas em contexto de foco de escopo largo (amplo) sempre na posição pós-verbal.

Na seção 5.3.2, apresentamos o experimento 3 que foi realizado para a observação de fenômenos entoacionais, como a regra de distribuição tonal e de acento de foco fonológico em sentenças declarativas, incluímos, em nossa análise, a distribuição de acento inicial de PW (H inicial) e acento enfático. A análise de tais fenômenos justificou a necessidade de obtenção de um *corpus* controlado experimentalmente, visto que nosso objetivo era observar se tais fenômenos ocorriam tanto em palavras simples que constituem uma única PW quanto em palavras compostas por duas ou mais PWs nas mesmas

condições sintático-fonológicas. As sentenças foram produzidas em dois tipos de contexto: foco de escopo largo (amplo) e foco de escopo estreito (contrastivo). Como não havia trabalhos que observavam especificamente os dois tipos de contextos incluindo palavras compostas no PE, o mesmo experimento foi aplicado na variedade europeia. São apresentados na seção 5.3, os resultados da produção de sentenças em contexto de foco de escopo largo em PB e PE (seções 5.3.2.1.1 e 5.3.2.1.2) e foco de escopo estreito (seções 5.3.2.2.1 e 5.3.2.2.2), além da comparação entre as variedades na seção 5.4.

Ainda no capítulo 5, mostramos que a distribuição de acentos tonais e de acento inicial de PW são evidências do domínio PW no PB, e que a distribuição de acento enfático e de acento de foco fonológico fornece evidências do domínio PWG. Encerramos o capítulo 5 apresentando as considerações sobre o domínio prosódico que engloba as estruturas fonológicas analisadas na seção 5.5.

Por fim, no capítulo 6, apresentamos resumidamente a conclusão de nosso trabalho e os encaminhamentos para trabalhos futuros.



## **2 Estudos sobre domínios prosódicos e tipologia de processos fonológicos relacionados à PW no português**

### **2.1 Introdução**

Para sistematizar o domínio da PW no PB, faz-se necessário apresentar os estudos realizados no português que fazem referência a esse domínio, principalmente no que se refere à prosodização de palavras funcionais e de palavras lexicais e à relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional. A exposição dos trabalhos realizados em PB e em PE sobre a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional serão apresentados no capítulo 5 que tratará especificamente desse tema.

Em vista dos objetivos da presente pesquisa, também será apresentada, no presente capítulo, uma tipologia de processos fonológicos que podem servir de diagnósticos para a identificação do domínio da PW no PB – ver seção 2.3.1. Pelo fato de haver um estudo sobre a PW no PE e compararmos esse domínio nas duas variedades de português brasileira e europeia, fazemos uma breve exposição dos processos fonológicos que caracterizam a PW no PE na seção 2.3.2, a partir da descrição feita por Vigário (2003).

Por fim, na seção 2.4, apresentamos nossas considerações finais sobre o presente capítulo.

## **2.2 Trabalhos prévios no PB**

Nesta seção, revisaremos os trabalhos que fazem referência ao estudo da PW e também os trabalhos que discutem a prosodização de palavra morfológicas no PB, uma vez que é nosso objetivo sistematizar um estudo sobre o domínio PW na variedade brasileira.

### **2.2.1 O domínio da PW no PB**

Na literatura sobre a fonologia da palavra no PB, há alguns trabalhos que fazem referência direta e indiretamente ao domínio da PW no PB, todavia nenhum deles procurou explorar fenômenos entoacionais em busca exclusivamente de evidências desse domínio, assim como é proposto pela presente tese. Em vista disso, faz-se relevante apresentarmos o que tem sido discutido e descrito, até então, para podermos sistematizar os fenômenos segmentais e entoacionais que caracterizam o domínio PW no PB.

O primeiro a apresentar considerações sobre o que na Fonologia Prosódica passou-se a considerar o domínio PW no PB é Mattoso Câmara (1969, 1975). Mattoso já dizia que era necessário distinguir a palavra morfológica que compreende palavras lexicais (nome, adjetivo e verbo) e funcionais (preposição, conjunção, artigos e pronomes) do vocábulo fonológico<sup>25</sup>, já que há palavras com acento e sem acento primário (e.g. os clíticos).

Mattoso (1969, p. 34) apresenta uma distinção para as unidades morfológicas – “segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua” – e para as unidades fonológicas – “corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal”.

Para identificar o vocábulo fonológico, é proposta por Mattoso Câmara uma pauta prosódica, já descrita no capítulo 1 e retomada novamente no presente capítulo, que

---

<sup>25</sup> O vocábulo fonológico para Mattoso Câmara é o que a Fonologia Prosódica denomina como PW.

atribui um 3 e 2 aos ‘*acentos fortes*’, que corresponderiam aos acentos primários<sup>26</sup>, 1 para uma sílaba pretônica, que poderia corresponder a um acento secundário, e 0 para sílabas átonas postônicas, que correspondem a sílabas não acentuadas, pois, segundo o autor, “o vocábulo fonológico depende da força de emissão das suas sílabas. Essa força é que se chama acento” (MATTOSO CÂMARA, 1969, p. 35).

Em relação às palavras que são consideradas clíticas no português, Mattoso Câmara já defendia que o fato de os copistas medievais e as pessoas mal alfabetizadas escreverem *olivro*, *sefala*, *falasse*, sem espaço em branco ou hífen entre o clítico e o hospedeiro indicava que era usado um critério fonológico para a escrita, pois a sequência clítico-hospedeiro era analisada como um único vocábulo fonológico.

Já em relação às palavras compostas, o autor afirma que palavras como *GUARda-CHUva* constituíam dois vocábulos fonológicos e apenas um vocábulo morfológico, tendo a mesma pauta acentual ‘2030’ que *GRAnde CHUva*. Entretanto, o autor ainda não entrava na questão de domínios prosódicos e se haveria diferente prosodização de casos como *guarda-chuva* e *grande chuva*.

Mattoso Câmara (1975, p. 38) é o primeiro que propõe uma definição para o que ele chama de vocábulo fonológico para o PB. O autor considera que “o vocábulo fonológico é uma entidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de tonicidade possíveis, antes e depois do acento. Corresponde no plano mórfico à forma livre de Bloomfield”. Essa visão de Mattoso já aponta que uma palavra composta é formada por dois vocábulos fonológicos independentes por portar acentos de mesma natureza, no caso, acentos primários, e que um deles teria uma proeminência maior que a outra, indicando que um dos elementos tem a proeminência principal de um domínio formado por dois vocábulos fonológicos.

O autor não descreve quais são os fenômenos fonológicos caracterizadores do vocábulo fonológico no PB, tal como propomos no presente trabalho, uma vez que o autor não se refere a processos fonológicos no quadro estruturalista que adota. Por outro lado, ele

---

<sup>26</sup> Um acento 3 para Câmara é aquele mais à direita em palavras compostas como em *guarda-costas* e o 2 seria o acento primário associado ao primeiro vocábulo fonológico em *guarda*. O grupo de força para o autor é definido pela força de produção das sílabas na palavra. Essa força é denominada na literatura por acento.

discute a produtividade e a diferente interpretação fonológica que pode ser dada às vogais nasais, às vibrantes, aos róticos, às vogais pretônicas e postônicas, à harmonização vocálica, à vocalização de /l/, os graus de tonicidade e de atonicidade dos vocábulos, entre outros fenômenos fonológicos. Dentre esses fenômenos, alguns são caracterizadores do vocábulo fonológico no PB, como veremos no decorrer do presente trabalho.

Leiria (2000) faz referência direta ao domínio da PW. Em seu estudo, a autora afirma que esse constituinte faz parte da hierarquia prosódica do PB, apontando evidências fonológicas da sua existência na variedade brasileira. Leiria argumenta que a regra de neutralização da pretônica dentro de PW, por exemplo, em *caf[ε] > caf[e]teira* (cf. WETZELS, 1993), e a aplicação da haplologia, processo em que dada uma sequência de duas sílabas semelhantes<sup>27</sup>, em ambiente  $C_1V_1C_2V_2$ , ocorre queda da primeira sílaba,  $C_1V_1$ , como em *canto tonal ~ can[t:]onal* são evidências desse domínio no PB, sendo a haplologia a principal evidência, pois atende a um requisito básico para justificar a existência de uma categoria prosódica, conforme afirma Booij (1996), que é ser domínio para a ocorrência de regras fonológicas. No caso em questão a aplicação da haplologia se dá nas fronteiras de PW. O fato de a haplologia ocorrer apenas nas fronteiras de PW é evidência desse domínio no PB para a autora.

Leiria afirma que, em contextos que envolvem palavras funcionais, a regra não se aplica, como em *aula d[e] didática*, pois se a vogal for apagada, a regra de palatalização não ocorre *aula \*[d:]idática*. Na análise assumida por Leiria, as palavras funcionais são prosodizadas dentro da PW e não dentro do Grupo Clítico, como proposto por Nespor e Vogel. A regra também não se aplica dentro de uma PW, como em *tato ~ \*t:o*.

Nesse sentido, Tenani (2002) reforça a afirmação de que a haplologia é um fenômeno que tem a PW como limite e mostra ainda que o fenômeno não é bloqueado por nenhum tipo de fronteira prosódica. É importante lembrar que o processo só se dá em contextos em que os traços fonéticos são os mesmos, pois a regra reconhece apenas as fronteiras de PW para ser aplicada, independentemente do domínio maior de que tais PWs fazem parte.

---

<sup>27</sup> Definição proposta por Alkmim e Gomes (1982).

Para Tenani, a haplogogia entre PWs só é bloqueada quando uma das sílabas porta acento primário na primeira PW, como em *O DiDI diTOU* > \**O DidiTOU*.

É importante ressaltar que, embora Leiria tenha apontado evidências do domínio da PW no PB, a autora não aborda o tema de modo sistemático, explorando a questão da prosodização dos afixos e das palavras funcionais. Tampouco aponta evidências entoacionais desse domínio no PB.

Outro trabalho que apresenta considerações sobre a definição de PW a partir dos estudos de Mattoso Câmara é Bisol (2004), além de discutir a interação entre as unidades morfológica e fonológica, a dimensão e as funções da PW no PB.

O estudo feito por Bisol é firmado na distinção e na discussão da interação entre palavra morfológica e PW, cujos limites nem sempre coincidem. Baseando-se nos algoritmos de construção de constituintes prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986), Bisol afirma que a condição mínima para se estabelecer uma PW, também no PB, é ser dotada de apenas um acento primário.

Quanto ao tamanho de uma PW, no PB, a isomorfia entre palavra morfológica e PW nem sempre se mantém, pois dados do PB mostram que um mesmo prefixo se comporta ora como clítico ora como uma palavra independente. Por exemplo, em *pr[é]+fixo=pr[e]fixo* ocorre o alçamento da vogal média /ε/ do prefixo *pré* em posição pretônica, já que o prefixo se comporta como sílaba pretônica, ao contrário do que ocorre na palavra composta *pr[é]-estréia*, em que a vogal do prefixo *pré* mantém-se média alta, o que é uma evidência do acento primário no prefixo, uma vez que o prefixo se comporta como PW independente. Esse caso é evidência de que essa PW é menor que o elemento terminal de uma árvore sintática que no caso é uma palavra derivada formada por duas PWs (cf. BISOL, 2004).

Entretanto, um exemplo, também no PB, de que a PW pode ser maior do que o elemento terminal de uma árvore sintática é quando há a ressilabificação quando a segunda palavra inicia por vogal, como em *lápis azul*, conforme explica Bisol. Nesse contexto, ocorre a regra de vozeamento da fricativa, na qual a fricativa surda /s/, ao entrar em contato

com a vogal da palavra seguinte, assimila o traço [+voz] da vogal, e é ressilabificada como *onset* da sílaba seguinte, /'la.pi.za.'zul/, formando o *onset* da PW seguinte.

Bisol afirma ainda que a PW no PB tem três funções: (i) ser portadora de proeminência relativa, ou seja, a PW tem apenas uma sílaba proeminente em relação às outras sílabas; (ii) ser domínio de aplicação de regras fonológicas, como exemplo, a regra de neutralização das átonas finais, a harmonia vocálica e o abaixamento datílico, entre outras; e (iii) ser o domínio de restrições fonotáticas, por exemplo, consoantes palatais como /ʎ/ não podem iniciar PW.

Sem esgotar o tema, Bisol afirma que não há isomorfia entre PW e palavra morfológica, pois, assim como há PWs menores do que as morfológicas correspondentes, há também maiores, principalmente quando há ocorrência da ressilabificação após processo de juntura entre palavras, por exemplo, no caso de sândi externo.

Como apresentado de um modo amplo, Bisol aborda a relação entre o domínio PW e unidades morfológicas lexicais e funcionais, trazendo grandes contribuições para a definição do domínio PW no PB. Nossa proposta de trabalho se difere do trabalho de Bisol ao sistematizar os fenômenos fonológicos que identificam e caracterizam a PW no PB, com destaque aos fenômenos entoacionais, uma vez que os trabalhos feitos, assim como o de Bisol, não tinham esse intuito.

Nossa pesquisa também avança no sentido de que discute a prosodização das unidades morfológicas funcionais e lexicais no PB e explora a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional em busca de evidências do domínio PW.

Diante das considerações feitas nesta seção, reforçamos a importância do presente trabalho, que propõe o estudo sistemático da PW no PB, assim como já feito para o Português Europeu, por Vigário (2003).

## 2.2.2 Prosodização de palavras no PB

Nesta seção, apresentaremos alguns trabalhos realizados no PB que tratam da prosodização de palavras lexicais – ver seção 2.2.2.2 – e de palavras funcionais – ver seção 2.2.2.1.

### 2.2.2.1 Prosodização de palavras funcionais no PB

Na literatura sobre o PB, há vários trabalhos que discutem o estatuto prosódico de palavras funcionais, principalmente quando são clíticas, como Câmara (1972), Bisol (2000, 2005), Brisolara (2004, 2008), Simioni (2008), Toneli (2009), entre outros.

Câmara (1972), ao tentar distinguir o vocábulo fonológico da palavra morfológica (unidade formal), mostra que uma palavra funcional clítica se une fonologicamente a uma forma lexical livre, formando um único vocábulo fonológico, como em *feriu-se*. Nesse caso, um vocábulo fonológico coincide com uma unidade formal.

Na análise de Câmara, os clíticos tornam-se parte do vocábulo fonológico a que se unem, como já apresentado na seção anterior. Nos proclíticos, as vogais, em geral, não são distintas das vogais pretônicas, embora possam comportar-se como vogais finais sem acento, e nos enclíticos, as vogais se comportam como vogais postônicas.

Ainda em relação aos proclíticos, o autor afirma que formam vocábulos fonológicos independentes quando enfatizados, tanto em PB quanto em PE, criando ‘*certas anomalias*’ no sistema vocálico acentuado, uma vez que uma palavra clítica como *mas* pode ser realizada com uma vogal média /e/ que normalmente não é permitida em posição acentuada, no lugar da vogal baixa /a/<sup>28</sup>.

Visão semelhante à de Câmara é apresentada por Bisol (2000, 2005) que explora o estatuto prosódico das palavras funcionais clíticas e a relação delas com seu

---

<sup>28</sup> Vigário (2003) explica que essas anomalias podem ser consideradas se for assumido que há regras fonológicas lexicais (e.g. redução da vogal e atribuição de acento primário) e regras pós-lexicais (e.g. redução de palavras clíticas e atribuição de acento enfático).

hospedeiro, por exemplo, *de casa, chamem-no e para Joana*. Para a autora, essas palavras clíticas são formativos difíceis de classificar como palavras independentes ou como afixos, porque não recebem acento primário, diferindo da palavra lexical, e são formas livres, diferindo dos afixos flexionais.

Bisol (2000) afirma que os clíticos têm mobilidade na sentença, como exemplo, os clíticos pronominais *me, te, se, lhe(s), o(s), a(s)*, podendo estar enclíticos ou proclíticos em relação ao verbo, como em *para dizer-lhe a verdade* ou *para **lhe** dizer a verdade*. No entanto, como notado pela autora, o PB privilegia a próclise sintática, sendo a ênclise apenas mantida em alguns casos na escrita, ou em uso muito formal da linguagem oral.

Bisol afirma que os clíticos (i) são diferentes dos prefixos, pois os prefixos integram uma PW e estão sujeitos a regras lexicais, enquanto que um clítico se junta à palavra pronta sem integrá-la; (ii) estão sujeitos apenas a regras pós-lexicais; (iii) mantêm sua independência morfológica em relação à PW; e (iv) são mais livres em relação ao hospedeiro do que o prefixo em relação à base, pois os clíticos “figuram como contextos independentes na aplicação de regras fonológicas” (BISOL, 2000, p.20).

Algumas regras fonológicas, segundo Bisol, evidenciam a distinção entre clíticos e prefixos, por exemplo, a regra de neutralização de /e, o/ ~ /i, u/ em final de palavra que se aplica tanto no clítico quanto no hospedeiro, *do menino ~ d[oj] menin[oj]*, mas não se aplica em prefixos átonos, como em ‘*preconceber ~ \*pr[i]conceber*’.

Outro exemplo dessa distinção é que os clíticos são insensíveis a regras lexicais como a restrição de três janelas na atribuição de acento<sup>29</sup>, como em *aMAR < aMAR-te e faLÁvamos < faLÁvamo-nos*<sup>30</sup>. Independentemente da posição do acento na palavra lexical, a presença do pronome clítico não interfere na atribuição de acento que respeita a janela trissilábica.

Por serem acentualmente inertes, as palavras funcionais clíticas precisam apoiar-se num hospedeiro acentuado. Bisol destaca que, na representação prosódica, não

---

<sup>29</sup> A restrição de três janelas na atribuição de acento refere-se ao fato de o acento primário só poder incidir sobre as três primeiras sílabas da direita à esquerda, por exemplo, no português, há palavras oxítonas com acento na primeira sílaba, como em *soFÁ* e *ParaNÁ*, paroxítonas com acento na segunda, como em *CAma* e *baNAna*, e na proparoxítonas, como em *LÁMpada* e *hipoPótamo*.

<sup>30</sup> A caixa alta indica acento primário.

importa qual a função sintática ou morfológica que o clítico desempenha junto ao seu hospedeiro, pois o que conta é a relação que é estabelecida entre os dois em termos de *fraco* e *forte*, atribuindo ao clítico mais o seu hospedeiro o estatuto de constituinte prosódico.

Como afirmado por Bisol, o clítico só adquire o estatuto prosódico no pós-lexico, estando exposto somente às regras fonológicas pós-lexicais, como a neutralização da átona final, a nasalização da vogal, a sonorização da fricativa /s/, a palatalização de /t,d/ e as regras de sândi como a ditongação (DT), degeminação (DG) e elisão(EL). Nesse caso, tais regras são evidências de que o clítico é prosodizado junto à PW, sem integrá-la.

Bisol destaca que algumas dessas regras têm aplicação variável em alguns dialetos, como a neutralização das átonas finais, e aplicam-se tanto dentro de uma PW quanto em domínios superiores, como a sonorização da fricativa coronal /s/, o que corrobora o caráter pós-lexical de tais regras.

Embora Bisol (2000) afirme que o constituinte formado entre clítico e a PW no PB pode ser o GC ou a PW pós-lexical, Bisol (2005) argumenta a favor do GC.

Bisol (2005) apresenta duas regras que são evidências do GC no PB, tal como o apagamento da vogal /e/ em estruturas formadas por palavras funcionais, como em *de+um ~ dum* e a redução silábica da preposição *para*, sozinha, como '*para ~ pra ~ pa*', ou combinada com outra palavra funcional clítica, como '*para a ~ pra/pa, para as ~ pras/pas, para o ~ pro/po, para os ~ pros/pos*', já que, apesar de haver a mesma redução silábica em proparoxítonas como '*abóbora ~ abobra*', não há formas reduzidas como em *para>pa, abóbora>\*aboba*'.

Outro trabalho que defende a existência do GC no PB para a prosodização de clíticos é Briosolara (2004). Ao investigar a regra de elevação da vogal dos clíticos pronominais '*me, te, se, lhe*', em posição proclítica, a autora mostra que processos de sândi, tal como a DT e a DG, favorecem a ocorrência da regra. Na visão da autora, as regras de sândi só ocorrem porque tomam o GC como domínio de aplicação. Entretanto, essa análise parece um pouco controversa, já que, segundo a autora, o GC estaria sendo introduzido na gramática dos mais jovens e não existiria na gramática dos mais velhos que preservam a vogal átona /e/.

Em seu trabalho de (2008), Brisolara passa a defender que a sequência clítico pronominal+hospedeiro forma uma PW pós-lexical recursiva, que não sofre restrições de tamanho e que tem exatamente o tamanho do GC de Nespor e Vogel (1986). Assim, a PW pós-lexical é inserida no nível da PW, compartilhando com a palavra morfológica a característica de portar apenas um acento, sendo, no entanto, maior do que ela por ser constituída de uma ou mais palavras morfológicas.

Embora Brisolara (2008) apresente uma análise para os clíticos pronominais, a autora não defende claramente qual domínio prosódico os engloba adequadamente, não explorando as outras categorias funcionais em sua análise.

Toneli (2009) investiga a prosodização de palavras funcionais, como os artigos, as preposições, as conjunções e os pronomes átonos, em diferentes posições dentro de I e mostra que algumas palavras funcionais monossilábicas são prosodizadas como sílabas átonas que se adjungem a uma PW no nível pós-lexical, já que sofrem regras desse nível. A autora assume a proposta de Vigário (2003) de que o clítico se une ao hospedeiro que é uma PW, formando uma PW, entretanto Toneli afirma que o domínio formado pelo clítico+hospedeiro pode ser uma PW pós-lexical ou um PWG.

No caso de palavras funcionais dissilábicas, como *para* e *porque*, se (i) sofrerem redução vocálica na vogal que portaria acento primário, (ii) não formarem um pé e (iii) não receberem acento primário, são prosodizadas como sílabas átonas que vão se adjungir a um hospedeiro acentuado, assim como ocorre com as palavras funcionais monossilábicas. Nos demais casos, as palavras funcionais dissilábicas e trissilábicas podem ser prosodizadas como PWs independentes que irão fazer parte de um  $\phi$  junto a uma palavra lexical.

Toneli destaca que algumas palavras funcionais, normalmente clíticas, quando são focalizadas em contexto de correção semântica recebem um acento tonal (L)H\*+L, e, nesse caso, por receberem um acento de natureza pós-lexical, podem configurar-se como uma PW no pós-léxico, como já afirmado por Selkirk (1995) para o inglês. Outro caso apontado por Selkirk e notado por Toneli no PB em que as palavras funcionais podem receber estatuto de PW é quando são pronunciadas isoladamente, pois constituem sozinhas um I, recebendo o acento nuclear desse domínio.

Embora Toneli não apresente evidências segmentais e entoacionais de que clítico mais PW tem PWG como domínio exclusivo de aplicação, o trabalho da autora apresenta contribuições sobre a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional, já que mostra que, quando as palavras funcionais estão em posição inicial e interna de I, comportam-se como sílabas átonas, não recebendo acento tonal.

Nos dados analisados por Toneli, somente em posição final de I, tais palavras são prosodizadas como enclíticos a palavra anterior, comportando-se como sílabas postônicas e podendo receber tom de fronteira.

Visão diferente em relação às propostas de prosodização das palavras clíticas no PB e o domínio prosódico que tomam como hospedeiro é a de Simioni (2008), que defende que o clítico é anexado a  $\phi$  e não a PW ou a GC. O principal argumento apresentado pela autora é o de que o pronome *lhe* em posição proclítica violaria uma generalização fonotática do português que é de não iniciar PW com segmentos palatais como / $\ell$ /. Contudo, a análise de Simioni viola o princípio da exaustividade, já que uma sílaba é anexada diretamente a  $\phi$ , sem antes formar um pé ou uma PW.

Em nossa visão, o argumento apresentado por Simioni não seria problemático, já que o clítico se une a uma PW pronta, formando um domínio pós-lexical junto a ela que é PWG não ramificado e não no nível lexical, não ferindo uma restrição fonotática da língua.

Embora as análises propostas para o PB não sejam convergentes em relação ao domínio que as palavras funcionais selecionam para serem prosodizadas, podendo ser PW ou um domínio imediatamente superior como PWG, GC e  $\phi$ , todos os trabalhos desenvolvidos sobre o estatuto prosódico das palavras funcionais no PB têm caminhado na mesma direção, apontando quais palavras funcionais têm estatuto de clíticos fonológicos no PB e mostrando que, quando acidentalmente inertes, as palavras funcionais vão ser prosodizadas como sílabas átonas que irão se apoiar em um hospedeiro no nível pós-lexical, sofrendo processos fonológicos desse nível.

Como dito, voltaremos a essa discussão da prosodização de palavras funcionais no capítulo 3, seção 3.3.

### 2.2.2.2 Prosodização de palavras lexicais: simples e compostas

Os trabalhos sobre a prosodização de palavras lexicais, sejam elas simples ou compostas no PB, tratam não só do estatuto fonológico, mas também do estatuto morfológico e sintático, tais como Lee (1995, 1997), Moreno (1997), Schwindt (2000), Bopp da Silva (2010), Nóbrega, entre outros.

O trabalho de Lee (1995, 1997), por exemplo, explora a interface fonologia e morfologia no PB e procura discutir o modo como as regras fonológicas interagem com as estruturas morfológicas, argumentando que nem sempre estrutura fonológica e morfológica coincidem. O autor propõe, a partir do modelo da Fonologia Lexical Prosódica (cf. INKELAS, 1989, 1993), haver dois níveis para a formação de palavras no português, o nível lexical e o nível pós-lexical.

O autor insere a hierarquia prosódica no léxico e assume que a PW pertence ao componente pós-lexical, embora os pressupostos teóricos da Fonologia Lexical Prosódica afirmem que a PW é ao mesmo tempo saída do componente lexical e entrada para o componente pós-lexical.

Em relação à prosodização de palavras compostas, Lee afirma que há dois tipos (i) os compostos lexicais, ou compostos verdadeiros, que são aqueles formados no léxico e são sintaticamente opacos, pois se comportam como uma unidade (palavra comum) em relação aos processos morfossintáticos, não permitindo flexão, derivação nem concordância, por exemplo, *autopeça*, *italo-brasileiro* e *guarda-chuva*, e (ii) os compostos pós-lexicais, os *pseudo-compostos*, que são palavras sintáticas reanalisadas, são formados no pós-léxico, sendo sintaticamente transparentes, pois permitem os processos morfológicos entre seus constituintes, como a flexão, a derivação e a concordância, por exemplo, *sofá-cama*, *pão-duro*, *surdo-mudo* e *curto-circuito* (cf. DI SCIULLO e WILLIAMS, 1987).

A distinção entre os compostos lexicais e pós-lexicais em termos morfossintáticos é feita a partir de evidências como a regra de formação de plural, a derivação produtiva, a formação do diminutivo e a concordância.

Embora o trabalho do autor apresente contribuições fundamentais sobre a prosodização de palavras lexicais no PB, o mesmo não explora o estatuto prosódico das palavras funcionais, tampouco sistematiza a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional. Lee também não propõe qual domínio prosódico engloba as palavras compostas.

Assim como Lee, Moreno (1997) faz um estudo da morfologia das palavras lexicais no PB a partir dos pressupostos da Fonologia Lexical, conforme modelo proposto por Borowsky (1993). Todavia, diferentemente de Lee, Moreno propõe que o léxico é organizado em dois níveis: o nível 1 do radical e o nível 2 do vocábulo, já que, no nível do vocábulo, a fonologia precede a morfologia.

No modelo de Borowsky, o *vocábulo prosódico* ou PW é formado a partir do momento da derivação em que passa pela fonologia. No nível do Radical, por exemplo, as unidades morfológicas, ao passar pela fonologia, são unidades prosódicas. Já no nível do vocábulo, todas as unidades que ingressam nesse nível já são unidades prosódicas, pois no nível 2, todos os morfemas são vocábulos prosódicos.

Um forte argumento de que os domínios prosódicos já são independentes no nível do vocábulo é a regra de acento que se aplica individualmente a cada morfema, no caso de palavras compostas, por exemplo.

Em relação ao modo como se dá a interação fonologia-morfologia na formação da PW, Moreno explica que, no nível do radical, as regras interligam os morfemas, apagando as bordas internas e refazendo a organização prosódica cada vez que um morfema é acrescentado, então, o *output* é uma forma com juntura fechada e parece uma forma não derivada. Já no nível do vocábulo, as regras não apagam as bordas, pois são sensíveis a elas, e as formas produzidas se assemelham à concatenação de morfemas e não do vocábulo não derivado.

Moreno ressalta que a delimitação do domínio fonológico pode ser um problema, pois, se for considerado que PW é igual ou menor que o nó sintático terminal, os

limites de PW,  $\phi$  e frase sintática devem ser reanalisados, uma vez que palavra morfológica e PW não são isomórficas. Para o autor, uma PW nunca poderá ser maior do que uma palavra morfológica, nem menor do que um pé binário, ressaltando que não inclui o caso dos clíticos na discussão. Assim, conforme a visão do autor, uma PW no português inclui: (i) radical + marcador, (ii) radical + sufixos derivacionais, (iii) cada membro de um composto, (iv) prefixos tônicos: *pré*, *anti*, *pós*, etc, e (v) sufixos especiais como *-zinho(a)*, *-mente* e *-íssimo(a)*.

Em relação às palavras compostas, Moreno mostra que cada elemento de um composto, juntamente com seus afixos, forma uma PW, por exemplo, em *guarda-chuvada*, em que o afixo em *chuvada* representa derivação do composto como um todo. Uma das evidências de que compostos são formados por duas PWs é a presença de acento primário nos dois elementos para o autor.

Moreno afirma que a PW no PB é domínio de várias regras fonológicas, como a neutralização da pretônica. No caso das palavras compostas, tal regra não pode ser fixada no domínio morfológico, uma vez que é bloqueada em formações como *pr[É]-determinado*, e *t[Ó]ca-discos*, por isso o autor ressalva a necessidade de se delimitar a PW no PB e a definição das regras que a caracterizam, embora esse não seja o objetivo principal do autor.

Na visão de Moreno, todos esses elementos da palavra composta seriam formados no nível do radical no léxico, e a concatenação dos prefixos à esquerda da base morfológica e dos sufixos à direita no nível do vocábulo seria realizada na sintaxe (pós-léxico). Para o autor, não existe mecanismo morfológico para a formação de tais palavras, pois os dois vocábulos que formam as palavras compostas já estão prontos (passaram por toda a derivação no léxico) e começam a ser usados pelos falantes na forma de expressão habitual que, por forças semânticas, é analisada como um todo e posteriormente lexicalizada.

Em relação à formação prosódica das palavras compostas, o mesmo autor afirma que, embora as palavras compostas voltem ao léxico como palavra sintática perdendo os limites morfológicos, os limites prosódicos são mantidos e as evidências para

isso são a regra de acento primário, a não ocorrência da neutralização das vogais, entre outros processos.

Entretanto, Moreno defende que os falantes individuais fazem análises diferentes da mesma sequência de palavras, dependendo do momento da evolução da língua, por exemplo, palavras como *tele+fone* e *tele+visão*, que formam uma única palavra morfológica e também uma única PW após sofrer um processo de lexicalização, em oposição a palavras como *tele+jornalismo* e *tele+novela* que formam uma única palavra morfológica e duas PWs que não foram lexicalizadas como uma única PW.

Os sufixos *-mente* e *-zinho(a)* são considerados especiais por Moreno devido às suas peculiaridades morfológicas e fonológicas, pois se combinam com vocábulos já flexionados, como em *livr+o+zinho* e não afetam as regras fonológicas de PW do primeiro elemento, como em *pap[ε]l + zinho* (cf. BISOL, 1997).

Em resumo, destacamos que a análise de Moreno traz contribuições para a discussão do domínio da PW no PB, além de contribuições aos estudos referentes à formação morfológica de tais palavras. Contudo, assim como o trabalho de Lee, o autor não apresenta uma análise morfofonológica de palavras funcionais, não discute o domínio prosódico que engloba as PWs que formam uma palavra composta e não explora a relação entre estrutura prosódica e entoacional tal como propomos na presente pesquisa.

Tratando ainda de trabalhos que exploram o estatuto morfológico e fonológico de palavras lexicais, outro estudo que engloba palavras lexicais derivadas por prefixos átonos e tônicos é Schwindt (2000). Em sua análise, Schwindt discute apenas o comportamento prosódico e morfológico apenas dos prefixos a partir do modelo da Fonologia Lexical e propõe que no PB há dois tipos de prefixos: os legítimos (PLs) e os composicionais (PCs).

Essa divisão toma por base o acento primário, pois os prefixos legítimos são acentualmente inertes, ou seja, são sílabas átonas que se afixam à esquerda de uma base, enquanto os prefixos composicionais são PWs, pois recebem acento primário.

Schwindt utiliza algumas regras fonológicas para sustentar sua análise, como o acento primário, a neutralização da átona final, a elisão, a neutralização das pretônicas, a assimilação de nasalidade e a harmonização vocálica.

Em relação à estrutura prosódica dos dois tipos de prefixos, o autor assume que os prefixos legítimos são prosodizados como sílabas átonas que se alinham à esquerda de uma palavra acentuada que constitui uma PW, formando juntamente com ela uma PW ainda no nível lexical. Por outro lado, os prefixos composicionais são prosodizados como PWs por receberem acento primário e se alinham à esquerda de uma palavra também acentuada e que constitui também uma PW.

Schwindt afirma que o prefixo composicional tem que estar presente desde o início da derivação no nível lexical, já que recebe acento e se instancia isoladamente. Isso sugere que esse segundo tipo de prefixo é adjungido à base no nível pós-lexical, mesma análise feita por Lee (1995) e por Moreno (1997) para todas as palavras compostas do PB, embora, segundo ele, não seja a melhor análise já que, ao assumir que os prefixos composicionais sejam equiparados a palavras compostas, é perdida a informação de que são afixos. Devido a esse fato, Schwindt prefere assumir que tais prefixos são alçados para um segundo nível, local onde sofrem o processo de prefixação, por considerar essa análise menos onerosa para a gramática da língua do que perder informação derivacional na formação, pois o prefixo, quando retorna ao nível 2, forma, juntamente com sua base, uma única PW recursiva.

Uma contribuição importante em relação ao trabalho de Schwindt em relação à PW diz respeito ao domínio prosódico que engloba um prefixo acentuado e sua base que é a PW recursiva. Schwindt também não aprofunda uma discussão em relação à categoria prosódica que engloba palavras morfológicas formadas pelos PCs no PB, tampouco a relação entre estrutura prosódica e entoacional.

Em relação aos sufixos acentuados no PB, Bachrach e Wagner (2007) apresentam uma análise em que discutem que o padrão fonológico e semântico de palavras compostas por sufixos diminutivos como *-inho(a)* e *-zinho(a)* segue das estruturas sintáticas envolvidas e a interação delas com os princípios do mapeamento sintaxe-fonologia. Segundo eles, o diminutivo *-inho(a)* une-se ao radical da categoria n (nome) e a classe flexional é determinada pelo radical, por exemplo, *poetinha<sub>NF</sub>*; enquanto o diminutivo *-zinho(a)* adjuge-se mais alto, fora do núcleo de n, e concorda em gênero com

o radical, mas não necessariamente com a classe flexional, por exemplo, *poetazinho*<sub>NM</sub> ou *poetazinha*<sub>NF</sub>.

Para os autores, algumas evidências corroboram a afirmação de que diminutivos são adjuntos, por exemplo, o fato de não mudarem a categoria gramatical do radical, por exemplo, *café*<sub>N</sub> > *cafezinho*<sub>N</sub>, enquanto que, com outros sufixos, isso não ocorre. Outra evidência é a transparência para a seleção de alomorfes, dependendo de núcleos mais altos, por exemplo, *porc-ad-inh-a*, mas não *\*porc-inh-ad-a*. Contudo, é importante destacar que o objetivo dos autores é mostrar que a distribuição quase complementar das duas formas de sufixos diminutivos analisados são provenientes das estruturas sintáticas que são diferentes, como mostrado acima. A análise de *-zinho/a*, segundo Bachrach e Wagner, pode ser estendida a outros compostos nominais em geral, em que o segundo elemento não é adjunto e não é núcleo, por exemplo *poeta-vampiro*<sub>NM</sub> ou *poeta-vampira*<sub>NF</sub>. Os autores mostram que os compostos têm propriedades sintáticas e fonológicas idênticas às do sufixo *-zinho/a* e requerem a mesma análise de adjunção fora de *n*. Embora os autores discutam as propriedades fonológicas de palavras compostas formadas pelos sufixos diminutivos, eles não discutem a relação com os domínios prosódicos, ou seja, a prosodização de tais elementos morfológicos em PWs e o domínio que engloba PWs que compõem uma palavra composta, apenas defendem que junção de tais elementos se dá por adjunção e não por incorporação dentro da interação morfologia-sintaxe.

Por outro lado, Bopp da Silva (2010) inclui, em sua análise dos componentes morfológico e sintático, a interação da composição com o componente fonológico no PB, partindo da relação das fronteiras de tais componentes. A autora mostra, a partir da análise de um conjunto de fenômenos fonológicos, como a atribuição de acento primário a cada elemento do composto, que as palavras por ela analisadas são formadas por duas PWs.

Diferentemente dos trabalhos mencionados, a autora discute o domínio que engloba adequadamente as palavras compostas no PB. Bopp da Silva assume que as duas PWs que fazem parte da palavra composta estão ligadas ao nó PW, admitindo a violação do princípio de não recursividade da PW, princípio que rege a boa formação da hierarquia prosódica, já que uma PW está dentro de outra PW.

Bopp da Silva afirma que assumir o afrouxamento dos princípios da *Strict Layer Hypothesis* (SLH) é menos oneroso para a teoria da gramática do que postular a existência de um novo domínio prosódico, tal como propõe Vigário (2007, 2010). Desse modo, assumindo que as palavras compostas formam uma PW recursiva, a análise da autora diferencia tais palavras de palavras que compõem um sintagma sintático (modificador e modificado, por exemplo). Para a autora, incluir um constituinte do nível do PWG na hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) pode sobrecarregá-la e torná-la uma abordagem menos generalista. Contudo, é importante destacar que o PWG não é um novo domínio prosódico para a hierarquia proposta por Nespor e Vogel, mas uma nova interpretação do antigo Grupo Clítico, como descrito por Vigário (2007, 2010) - ver capítulo 1. Assim, ao considerar que PWG substitui GC na hierarquia prosódica, o argumento da autora que o PWG tornaria a hierarquia menos generalista é invalidado, uma vez que Nespor e Vogel já haviam previsto um domínio intermediário entre PW e  $\phi$ .

Desse modo, a proposta de Vigário, além de não ferir o princípio da recursividade, também não viola o princípio da exaustividade, já que as PWs estão contidas dentro de uma categoria intermediária entre  $\phi$  e PW. Essa questão será discutida ao longo da presente tese.

Nesse sentido nossa pesquisa avança em relação à pesquisa de Bopp da Silva ao propor uma análise da prosodização das palavras funcionais e também da relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional em busca de evidências da PW e de PWG.

Assim como Bopp da Silva, Nóbrega (2014) discute a formação de palavras compostas no PB a partir da interação entre morfologia, sintaxe e fonologia, propondo que a estrutura sintática de uma palavra composta é internalizada na forma fonológica (*phonological form* - PF) e que as noções de “radical” e de “palavra” dizem respeito às formas em que uma raiz sintática é realizada fonologicamente no ramo de PF. O autor descreve como os compostos são mapeados em PWs até à estrutura superficial, contudo, não discute o domínio prosódico que engloba as palavras compostas no PB, tal como propõe Vigário (2007, 2010) para o PE e tal como será desenvolvido no decorrer da presente tese.

No sentido da análise que será proposta no presente trabalho, principalmente em relação à prosodização de palavras compostas e a interação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional, Vigário e Fernandes-Svartman (2010) mostram que (i) há atribuição praticamente obrigatória de PA à cabeça de PWG ramificado, quando PWG ocorre em posição inicial e posição final de I, (ii) pode opcionalmente ocorrer um PA associado à PW não cabeça de PWG ramificado e (iii) as PWs dos membros de PWGs ramificados podem receber marcação tonal inicial de PW. Na análise das autoras, a distribuição tonal às PWs de PWG ramificado e a associação de acento inicial de PW servem como evidência do caráter de PW de cada membro da palavra composta. Já as relações de proeminência entre PWs é considerado um forte argumento a favor da existência de PWG no PB.

Embora o trabalho de Vigário e Fernandes-Svartman apresente muitas contribuições em relação à distribuição de PAs às sentenças declarativas com palavras compostas, as autoras não exploram tais palavras na posição interna de I e não exploram sentenças que incluem palavras funcionais, tal como será exposto no capítulo 5. Trabalhos anteriores como Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007a, b), Tenani e Fernandes-Svartman (2008), Frota et al (no prelo) têm mostrado que no PB a posição interna recebe PAs associados à cabeça de  $\phi$ . Logo, esperamos encontrar evidências da relevância tanto de PW, quanto de PWG e mesmo da prosodização de palavras funcionais no PB.

Assim, diante do apresentado, a presente tese pretende complementar e trazer avanços em relação aos trabalhos realizados sobre a prosodização de palavras morfológicas no PB e aos trabalhos que comparam a estrutura prosódica e estrutura entoacional do PB e principalmente evidências do domínio PW no PB.

## **2.3 Tipologia de processos fonológicos**

Nesta seção, descrevemos alguns processos fonológicos que irão servir de diagnóstico e de evidências para caracterizar a PW no PB – ver seção 2.3.1. Os processos fonológicos que caracterizam a PW no PE são resumidamente apresentados em 2.3.2<sup>31</sup>.

### **2.3.1 Tipologia de processos fonológicos que podem caracterizar a PW no PB**

Nesta seção, descrevemos alguns fenômenos fonológicos que ocorrem no limite de PW e entre PWs e que podem fornecer evidências do referido domínio e até mesmo como diagnóstico para a identificação de uma PW no PB.

Nosso objetivo é descrever e apresentar cada fenômeno fonológico a partir do que tem sido apresentado na literatura do português e discutir de que modo cada um se relaciona com o domínio da PW, estabelecendo assim os fenômenos que caracterizam esse domínio na variedade brasileira.

#### **2.3.1.1 Redução da pauta vocálica pretônica e postônica (neutralização)**

A pauta acentual do português inclui sete vogais na posição tônica [i, e, ε, a, u, o, ɔ]. No entanto, em posição pretônica, essa pauta é reduzida a cinco vogais [i, e, a, u, o], enquanto em posição postônica, há apenas três vogais [i, ε, u] (cf. CÂMARA, 1970; LEITE, 1974; LOPEZ, 1979; WETZELS, 1988, 1991, 1992, 1995; LEE, 1995; MORENO, 1997; SCHWINDT, 2000; BISOL, 2003; entre outros).

A redução vocálica é uma designação geral para os processos que afetam vogais não acentuadas, podendo incluir processos como a neutralização de vogais pretônicas e

---

<sup>31</sup> Como nosso intuito é estudar a PW no PB, não descrevemos a tipologia dos fenômenos fonológicos que caracterizam a PW no PE, já que isso será feito ao longo da tese conforme formos comparando tais fenômenos entre as variedades e também pelo fato de esse tópico ter sido apresentado detalhadamente em Vigário (2003).

postônicas a partir do alçamento e da centralização de vogais não altas (cf. CÂMARA, 1970; LEITE, 1974, LOPEZ, 1979; WETZELS (1988, 1991, 1992, 1995; LEE, 1995; MORENO, 1997; SCHWINDT, 2000; VIGÁRIO, 2003; entre outros)<sup>32</sup>.

A neutralização das vogais, por exemplo, é um processo caracterizado pela perda de distinção entre uma vogal média baixa em relação a uma vogal média alta, como em *al[é]gre* > *al[e]gréto* e *h[ó]spede* > *h[o]spedagem* em posição pretônica e a mudança de uma vogal média alta para uma vogal alta em posição postônica, como em *pent[e]* > *pent[ɪ]* e *fat[o]* > *fat[ʊ]*.

Todavia, em trabalhos que analisam o estatuto prosódico de palavras funcionais monossilábicas, a ocorrência da regra de redução vocálica é o principal argumento de que são sílabas átonas e não formam uma PW (cf. BISOL, 2000, 2005; BRISOLARA, 2004, 2008; TONELI, 2009; entre outros).

Esse fato mostra que a regra de redução vocálica não toma apenas PW como domínio de aplicação, assim como afirma Vigário (1999, 2003). Contudo, pode servir de diagnóstico de que alguns prefixos e alguns radicais se comportam como PWs independentes quando formam palavras compostas, como em *pr[é]-candidato* e não em *pr[e]ver* – ver discussão no capítulo 4 –, e também fornece evidências do estatuto prosódico de palavras funcionais.

### 2.3.1.2 Harmonia vocálica

O processo denominado harmonia vocálica, em que uma vogal alta em posição pretônica é harmonizada com a vogal tônica no PB, como em *p[e]pino* ~ *p[i]pino*, foi primeiramente observado por Bisol (1981, 1989).

Abaurre-Gnerre (1981, p. 27), por exemplo, observa que “em muitos dialetos do português do Brasil, vogais médias fechadas pretônicas realizam-se como vogais médias

---

<sup>32</sup> Entre os processos de redução vocálica, há a harmonia vocálica em que há a harmonização de traços das vogais átonas em relação à vogal tônica dentro de uma PW. Esse processo será descrito a seguir.

abertas, harmonizando-se em altura com a vogal aberta acentuada da sílaba seguinte”, como em p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca e c[ɔ]l[ɛ]ga.

Schwindt (2000) afirma que a harmonia, apesar de ser um processo variável e aplicado no nível pós-lexical, ocorre no domínio da PW, já que afeta a pauta pretônica das vogais.

Para Schwindt, a Harmonia não atinge prefixos que se comportam como PWs, já que ela se aplica dentro do domínio de PW, como pode ser observado em *hip[e]rglicemia* ~ \**hip[i]rglicemia*. Nos casos em que alguns prefixos já estão lexicalizados, como *pré* e *pró*, o autor afirma que a harmonização ajuda na identificação desse processo de lexicalização. Chamamos a atenção para o fato de que algumas palavras funcionais clíticas têm suas vogais alçadas independentemente de a vogal seguinte ser alta ou não, como exemplificado em *me chama* ~ *m[ɪ]chAma* (cf. BISOL, 2005; BRISOLARA, 2008; TONELI, 2009; entre outros).

Embora para alguns autores a harmonia seja um fenômeno que só atinge vogais médias, como mostrado acima, alguns estudos como o de Abaurre e Sandalo (2009) e Sandalo, Abaurre e Madruga (2013) mostram que ela atinge não só vogais altas e médias, mas também vogais baixas como o /a/. Sobretudo é importante destacar que tais estudos mostram que a regra de harmonia se dá apenas dentro de PW, não mencionando a possibilidade de tal regra ocorrer dentro de palavras compostas ou mesmo entre a sequência palavra clítica e palavra lexical.

Embora não seja nosso objetivo estudar exaustivamente a harmonia vocálica, é importante destacar que a harmonia vocálica é um fenômeno característico de PW, já que não ultrapassa os limites dela sendo, portanto, um bom diagnóstico para a PW no PB. A harmonia também é um bom diagnóstico para diferenciação entre sílabas pretônicas e palavras funcionais clíticas, como será discutido no capítulo 3.

### 2.3.1.3 Semivocalização

O fenômeno conhecido como semivocalização se dá quando uma vogal de uma sequência de duas vogais torna-se um glide, formando um ditongo (cf. D'Andrade, 1977; Mateus e d'Andrade, 2000; Vigário, 2003), podendo ocorrer na primeira vogal (V1), como em *famíl[j]a*, e na segunda (V2), como em *pa[j]*.

Vigário (2003) destaca que no PE somente vogais arredondadas parecem sofrer semivocalização de V2, como em *fO[j]*, não ocorrendo quando as vogais que formam o ditongo pertencem a palavras distintas, como em *\*táx[iw]sado*. Por outro lado, a semivocalização de V1 afeta vogais altas quando seguidas por outra vogal e que pode ocorrer tanto dentro de uma PW, como em *pass[j]ar*, quanto entre PWs, como em *grand[j]área*.

Contudo, Vigário destaca que a semivocalização é um fenômeno de propriedades pós-lexicais e que pode afetar enclíticos, sendo uma evidência de que são incorporados à PW anterior. O importante a destacar é que esse fenômeno parece afetar vogais átonas.

No capítulo 4, veremos que o bloqueio da semivocalização no PB é evidência de que alguns prefixos e alguns radicais comportam-se como PWs.

### 2.3.1.4 Sândi vocálico externo: elisão, degeminação e ditongação

O sândi vocálico externo é um fenômeno fonológico em que ocorre um processo de desestruturação silábica por meio de juntura, apagamento ou fusão de vogais, que ficam flutuantes até serem ressilabificadas (BISOL, 1992, 1993, 1996abc; TENANI, 2002; entre outros). Há três tipos de manifestações do sândi vocálico externo: a elisão (EL), a ditongação (DT) e a degeminação (DG).

Bisol (1992, 1993, 1996a, b, c) desenvolve um amplo estudo sobre o sândi no PB, envolvendo as possibilidades de aplicação e de restrição de cada processo. Tais processos são definidos como (i) a EL é um processo em que ocorre o apagamento da vogal

em posição de final de palavra não acentuada (V1) e seguida por uma palavra que começa por vogal de qualidade diferente (V2), por exemplo, *camisa usada > *camisusada*; (ii) a DT é a formação de um ditongo com a vogal final de uma palavra (V1) e a vogal inicial da palavra seguinte (V2), por exemplo, *camisa usada > *camisausada*, e (iii) a DG é a fusão de duas vogais idênticas, sendo que uma vogal está em posição final de uma palavra (V1) e a outra inicia a palavra seguinte (V2), por exemplo, *casa amarela > *casamarela*.***

De modo geral, os trabalhos sobre os processos de sândi no PB, demonstram que esses processos, por serem de aplicação variável, ocorrem no nível pós-lexical e consideram a localização do acento primário das palavras envolvidas, já que o processo pode (ou não) ser bloqueado devido à presença de acento.

Tratando-se da EL, tanto Bisol quanto Tenani especificam que a EL atinge apenas vogais átonas, sendo bloqueado quando uma das vogais é tônica, por exemplo, *pêssego amarelo > *pêssegamarelo* e *COma Uvas > \*comuvas*. Nesse segundo caso, Abaurre (1994), mostra que a EL é bloqueada, pois há a interferência do acento frasal de  $\phi$ .*

Bisol (1996) afirma que pode ocorrer EL quando o acento da segunda vogal pertencer a uma palavra funcional ou ao verbo *ser*, pois nesse caso o acento da segunda sílaba é apagado, como em *tinha outra > *tinhoutra* e *aula é > *aulé*.**

Como pode ser observado e já mostrado por Bisol e Tenani, a EL só ocorre entre PWs, sendo bloqueada dentro de PW (e.g. *paulada > \*pulada*).

Em grande parte dos contextos em que a EL não se aplica, a DT pode ser implementada, quando não houver a formação de um hiato. Bisol (1992) afirma que pode haver a formação de um ditongo decrescente formado pela vogal /a/ seguida por vogal alta, como em *camisa usada < *camisausada*, e de um ditongo crescente formado por vogais altas /i, u/ seguidas de vogais não altas, como em *comi uvas < *comiuvas*.**

Em relação ao contexto de aplicação, Bisol (1993) mostra que a DT ocorre normalmente quando as duas vogais são átonas, podendo ocorrer quando a segunda vogal é tônica. Entretanto, se a primeira vogal for tônica, pode ocorrer a DT se houver a formação de um ditongo crescente, como em *bebê urinado > *bebeurinado*, embora a DT também possa ocorrer opcionalmente se as duas vogais forem tônicas.*

Tratando da DG, Bisol (1992) afirma que a DG é bloqueada se a segunda vogal é tônica, ou se ambas forem tônicas. No entanto, se a primeira vogal for tônica, a DG só ocorrerá se as duas vogais forem iguais.

Já Tenani afirma que, no caso da DG, não há mais a necessidade de se falar em fusão de duas vogais, pois, o choque silábico provoca a perda de um dos núcleos, o que acaba motivando a ressilabificação. Tenani observa, em seus dados, que, quando a primeira vogal é acentuada, ocorre a DG. Contudo, quando a segunda vogal da sequência é acentuada, a DG é bloqueada, e esse fato deve ser interpretado como índice da direção do processo de ressilabificação, por exemplo, *marajáá aceita* > *marajááceita*. A autora destaca que a DG é aplicada entre todas as fronteiras prosódicas acima de PW, ou seja,  $\phi$ , *I*, e *U*, inclusive dentro de PW, além da DT, como em *paulada* e *cooperação*, como afirma Schwindt (2000), entretanto, não ocorre com a mesma frequência. O bloqueio da DG ocorre somente quando há pausa entre as fronteiras de *I* e *U*.

Embora o sândi no PB pareça não ter a PW como domínio de aplicação, ele será importante para a discussão sobre a prosodização das palavras clíticas do Português que também estão sujeitas a regras de sândi vocálico. O sândi ainda pode fornecer evidências de que alguns prefixos se comportam como PWs independentes quando formam uma palavra composta, como ilustrado por Schwindt (2000) em *intrauterino* > *intruterino*, em que ocorre a aplicação da EL entre PWs de uma palavra composta.

### **2.3.1.5 Assimilação de nasalidade**

A assimilação de nasalidade, a nasalidade fonética, dá-se quando um determinado segmento assimila algum traço do segmento vizinho, por exemplo, em *banana* ~ *bãnãna*. Nesse caso, a consoante nasal da sílaba seguinte espraia o traço nasal à vogal anterior, como em *mamãe* ~ *mãmãe*, *cana* ~ *cãna* e *aranha* ~ *arãnha* (cf. PERINI, 1971; LEITE, 1974; CAGLIARI, 1983; ABAURRE, 1973, 1979; WETZELS, 1991; MORAES e WETZELS, 1992).

Câmara (1985), por exemplo, defende que não há vogal nasal no português, mas apenas vogais nasalizadas, podendo ser uma assimilação fonética ou fonológica. A nasalidade fonológica se dá quando a vogal entra em contato com um elemento nasal, representado por um arquifonema N, no final de uma sílaba, como em *ta[m]pa*, *mi[n]to* e *mu[n]do*, em que o traço de nasalidade é que gera o contraste fonológico com palavras como *tapa*, *mito* e *mudo*, diferentemente da nasalidade que estamos nos referindo.

Bisol (1998) defende que a nasalidade no português é de assimilação e de estabilidade. No primeiro caso, o traço de nasalidade é subespecificado e espraia-se à vogal, criando a vogal nasal, enquanto, no segundo, a nasal torna-se flutuante e estável após ser desassociada do grupo VN, que, em final de palavra, gera o ditongo nasal.

Abaurre e Pagotto (1996, 2013) explicam que a assimilação de nasalidade fonética não ocorre quando o contexto de aplicação é a fronteira de palavras, sendo restrita ao interior de uma palavra. Isso indica que o contexto de aplicação dessa regra é o interior de PW, ou seja, não ocorre quando o contexto é uma palavra funcional e uma palavra lexical, por exemplo, em *da natação* mas não em \**dã natação*. Nesse caso, o fenômeno da assimilação de nasalidade serve não só de diagnóstico para identificação de uma PW e de caracterizador de tal domínio no PB, mas também é argumentado a favor da análise segundo a qual palavras funcionais não fazem parte da PW.

### **2.3.1.6 Palatalização**

De acordo com a literatura, a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ ocorre quando estão seguidas por de uma vogal alta /i/ tanto em posição tônica quanto em posição átona no PB, mesmo quando a vogal é um /i/ fonético, ou seja, após sofrer a regra de elevação de /e/ em posições átonas, como em *meDida* ~ *medzida*, *diFícil* ~ *dzfícil* e *VINte* ~ *vintʃi*.

Esse processo tem sido observado em várias regiões do Brasil e registrado por autores, como Nascentes (1953), Silva Neto (1970), Câmara (1970), Callou e Leite (1990), Hora (1990), Bisol (1991), Almeida (2000), Pagotto (2001), Abaurre e Pagotto (2002, 2013), Battisti e Hermans (2008), Silva et al (2012), entre outros.

Callou e Leite (1990) destacam que a consoante palatalizada pode ser realizada como uma africada.

Abaurre e Pagotto (2002, 2013) definem a palatalização como um processo assimilatório no qual a língua se move em direção ao palato duro, afetando consoantes oclusivas, tal como /t/, /d/ e /s/, embora estudem apenas /t/ e /d/ quando seguidas de uma vogal foneticamente realizada como alta anterior /i/, como em *po[dʒɪ]* e *pó[tʃiɪ]*. Esse fenômeno se implementa, segundo os autores, em posições prosodicamente fracas, como as sílabas postônicas mediais e pretônicas, ocorrendo tardiamente em posições tônicas.

Destacamos o fato de que a palatalização ocorre concomitantemente com outros processos fonológicos, por exemplo, a epêntese em palavras como *D[ʒi]javan*, ou cancelamento de glides em ditongos, como em *sít[i]u ~ sit[ʃ]u* (cf. CRISTÓFARO SILVA, 2003).

Em suma, por ser um processo variável no PB, tem características de um fenômeno pós-lexical e atinge não só sílabas de PW, mas também clíticos, podendo trazer informações sobre a prosodização de tais elementos.

### 2.3.1.7 Vozeamento de fricativas

O processo fonológico em que uma fricativa assimila o traço de sonoridade do elemento soante que a segue entre palavras é denominado na literatura como vozeamento da fricativa (cf. MATTOSO CÂMARA, 1970; TENANI, 2002; TONELI, 2009; entre outros).

Esse processo ocorre entre palavras conforme descreve Tenani (2002), independentemente de a sílaba que tem a coda preenchida pela fricativa ser acentuada, mesmo quando há choque acentual. A seguir, são apresentados alguns exemplos de aplicação do vozeamento da fricativa.

- (2.1) [[o[z]] [meninos]<sub>PW</sub>]<sub>PW</sub>  
[menina[z]]<sub>PW</sub> [bonitas]<sub>PW</sub>ϕ

Tenani afirma que somente pausa bloqueia a ocorrência do processo quando ocorre entre PWs. Desse modo, esse processo não serve como evidência de nenhum domínio prosódico acima de PW.

O fato de esse fenômeno ultrapassar todas as fronteiras acima de PW mostra sua variabilidade e sua característica intrínseca de fenômeno pós-lexical, podendo corroborar a integração de palavras clíticas no nível pós-lexical, já que as atinge também.

### 2.3.1.8 Haplologia

O processo fonológico denominado *haplologia* na literatura sobre os processos fonológicos do PB ocorre quando, em uma sequência de duas sílabas foneticamente semelhantes, há a queda da primeira sílaba, como em *leite de coco* > *leidi côco* (cf. ALCKMIM e GOMES, 1982; BISOL, 2000; LEIRIA, 2000; TENANI, 2002; VIGÁRIO, 2003; BATTISTI, 2004; PAVEZI, 2004, 2005, 2006; LEAL, 2006; entre outros).

Esse fenômeno parece não ocorrer dentro de uma PW, como em *bebedeira* ~ \**bedeira*, e pode ultrapassar qualquer fronteira acima de PW no PB, segundo Tenani (2002)<sup>33</sup>.

Frota (2000) mostra que no PE a haplologia ocorre entre PWs, dentro e entre  $\phi$ s e Is (ilustrado em 2.2), sendo bloqueada apenas pela presença de acento primário na primeira PW.

- |       |                                                            |               |
|-------|------------------------------------------------------------|---------------|
| (2.2) | a. [[CAMpo] <sub>PW</sub> [poluído] <sub>PW</sub> ] $\phi$ | [pupu]/ [pu]  |
|       | b. [[CAMpo] <sub>PW</sub> [podIa] <sub>PW</sub> ] $\phi$   | [pupu]/ [pu]  |
|       | c. [[DiDI] <sub>PW</sub> [diTOU] <sub>PW</sub> ] $\phi$    | [Didi]/ *[di] |

---

<sup>33</sup> Destacamos a necessidade de um estudo que proponha um levantamento de palavras que possuam sílabas idênticas átonas como em *bebedeira* para que se verifique o bloqueio ou a aplicação da haplologia.

Para Leiria (2000), a haplologia é a principal evidência para o domínio da PW no PB, que a tem como domínio de aplicação, ou seja, a regra só ocorre depois de identificar as fronteiras de PW, como já mostrado na seção 2.2 do presente capítulo.

A haplologia também é uma boa evidência da diferença entre clíticos e PWs, já que, em contextos que envolvem palavras funcionais clíticas, a regra parece ser bloqueada, como em *aula d[e] didática > \*aula didática*, pois perde-se informação gramatical após o apagamento. Contudo, destacamos a necessidade de um estudo acústico para avaliar se o apagamento realmente ocorre em termos acústicos.

Embora seja um processo opcional e pareça ocorrer apenas entre PWs ligadas diretamente a  $\phi$ , como afirma Vigário, o bloqueio do processo dentro de palavras compostas e entre a sequência clítico mais hospedeiro é evidência do domínio da PW no PB, assim como já notado por Leiria.

### **2.3.1.9 Associação tonal à cadeia segmental**

Como já introduzido no capítulo 1, na seção 1.1.2, a teoria que nos auxiliará na análise da estrutura entoacional é o Modelo Métrico Autossegmental dentro da Fonologia Entoacional. Nessa abordagem teórica, a entoação é interpretada como uma sequência de eventos tonais (PAs e tons de fronteira) associados à cadeia segmental (cf. HAYES e LAHIRI, 1991; LADD, 1996).

Frota e Vigário (2000) mostram que no PB, além de PAs associados às sílabas tônicas de PW, há uma presença frequente de eventos não ligados a sílabas acentuadas, denominado pela literatura como acento inicial de PW ou H inicial que aparece alinhado normalmente à fronteira esquerda de PW. Esse tom H no PB ocorre, normalmente, em PWs que tenham, no mínimo, três sílabas pré-tônicas.

Também é descrito pelas autoras e pela literatura posterior a esse trabalho que a maioria dos  $\phi$ s que compõem as sentenças analisadas são assinalados com pelo menos um acento tonal associado à sílaba tônica, sendo uma das propriedades desse domínio a presença de um acento tonal no seu elemento mais proeminente. A literatura destaca

também que, quando  $\phi$  é ramificado, pode ocorrer PA associado também à PW não cabeça de  $\phi$ .

Esses fatos sobre as propriedades de  $\phi$  no PB o aproximam de línguas como o japonês e o bengali, devido à existência de tons delimitativos que podem marcar PW e  $\phi$  e à relação estreita entre número de  $\phi$ s e número de acentos tonais.

Análises posteriores como as de Tenani (2002), Fernandes (2007), Toneli (2009), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli, Vigário e Abaurre (2014), Frota et al (no prelo) confirmam a análise de Frota e Vigário (2000) e trazem informações adicionais à estrutura prosódica do PB.

Por exemplo, Fernandes mostra que, além da relação entre a cabeça de  $\phi$  e PA, a PW também apresenta um papel relevante na distribuição tonal, uma vez que há praticamente um PA por PW nos dados analisados pela autora. Essa hipótese de Fernandes será investigada no capítulo 5 do presente trabalho.

Toneli (2009) mostra que palavras funcionais normalmente clíticas podem receber PAs quando estão sobre focalização corretiva ou quando sozinhas formam um I.

Tais trabalhos sobre o PB apontam a relevância da associação tonal para a descrição dos domínios prosódicos como PW,  $\phi$  e I<sup>34</sup>.

### **2.3.1.10 Acento de foco fonológico**

O acento de foco fonológico<sup>35</sup> no português, tanto europeu quanto brasileiro, foi estudado por Frota (1994b, 1997, 2000, 2012), Vigário (1997, 1998a), Fernandes (2007a,b), Tenani e Fernandes-Svartman (2008) e por Frota et al (no prelo).

Segundo tais autores, o foco de escopo largo (foco amplo) em declarativas neutras é marcado pela associação de um acento H+L\* seguido de L% associado à última PW do último  $\phi$  de I. Em relação ao foco de escopo estreito (corretivo, contrastivo e não

---

<sup>34</sup>Por questões de organização da presente tese, apresentaremos mais informações sobre os trabalhos realizados no português sobre a relação entre estrutura prosódica e entoacional no capítulo 5, seção 5.1.

<sup>35</sup> Conferir a noção de foco em Jackendoff (1972), Rochemont e Culicover (1990), Frota (2000, 2012) e Fernandes (2007).

contrastivo), tais trabalhos mostram que, tanto no PE quanto no PB, há associação de acento H\*+L à sílaba acentuada da PW focalizada. Entretanto no PB, no caso de foco estreito informativo, pode ocorrer acento L\*+H, associado à sílaba tônica, seguido opcionalmente por um acento frasal L<sub>p</sub>, associado à fronteira de  $\phi$  e que pode coincidir com alguma sílaba postônica (cf. FERNANDES, 2007A,B; TENANI e FERNANDES-SVARTMAN, 2008; FROTA ET AL, no prelo).

Em (2.3) são apresentados exemplos dos tipos de foco mencionados que incluem sentenças incluídas em um contexto de foco largo (2.3.a), foco estreito informacional (2.3.b) e foco contrastivo (2.3.c). Os elementos focalizados estão em negrito.

(2.3) a. Contexto: O que aconteceu?

- Os meninos chegaram.

b. Contexto: Quem chegou?

- **Os meninos** chegaram.

c. As meninas chegaram?

(Não). **Os meninos** chegaram.

Frota (1994b, 1997, 2000) e Vigário (1997, 1998a) descrevem as propriedades fonológicas dos elementos focalizados como: (i) a sílaba acentuada do elemento focalizado recebe um PA; (ii) a gama de valores de F<sub>0</sub> depois do acento local torna-se mais estreita; (iii) o elemento focalizado corresponde ao núcleo de I; (iv) a presença do foco indica implicação semântica na leitura da sentença; (v) a presença do acento de foco afeta o padrão de proeminência no nível de I, e (vi) somente palavras de conteúdo parecem ser focalizadas. No capítulo 3, veremos que há controvérsias em relação à propriedade (vi), já que Toneli (2009) mostra que palavras funcionais em contexto de foco corretivo podem receber acento tonal de foco no PB. Já no capítulo 5, descreveremos e discutiremos quais propriedades estão associadas ao acento de foco em sentenças que eliciavam foco estreito contrastivo em palavras compostas.

Vigário ressalta ainda que o acento de foco tem propriedades de fenômenos fonológicos pós-lexicais e desempenha um importante papel na definição de domínios prosódicos como o PWG no PE, já que é restrito à cabeça do respectivo domínio.

Outra característica relevante sobre a marcação de foco fonológico no português é que após o elemento focalizado há um efeito de redução tonal em que há compressão de  $F_0$  até o final do enunciado, efeito também notado em outras línguas como o italiano, o francês, o espanhol, o romeno, entre outras línguas (cf. FERNANDES, 2007; TRUCKENBRODT, SANDALO e ABAURRE, 2008; TONELI, VIGÁRIO e ABAURRE, 2013; FROTA ET AL, NO PRELO; GRICE ET AL, 2004; D'IMPERIO, 2001; SUN-AH e FOUGERON, 2000; PRIETO, 2013; MANOLESCU, OLSON e ORTEGA-LLEBARIA, 2009; entre outros).

No capítulo 5, apresentamos os resultados obtidos para sentenças com palavras compostas em contexto de foco contrastivo.

#### **2.3.1.11 Acento enfático**

O acento enfático, comum no discurso político, segundo Vigário (2003), não é muito discutido na literatura do PE. Para Vigário, esse acento pode ser atribuído à sílaba inicial de palavra, como exemplificado em (2.4).

(2.4) Isto é SUberbo!

Para Vigário, essa definição de acento enfático não coincide com o uso do termo conforme propõe Morais Barbosa (1965). Para Morais Barbosa, acento enfático pode ser atribuído a qualquer sílaba da palavra. Para ela, o acento enfático não envolve contraste semântico, pois sua função é a de ressaltar e/ou destacar a palavra relevante em qualquer contexto discursivo.

Em relação à literatura do PB, alguns autores têm tratado o acento enfático e o acento de foco fonológico como o mesmo tipo de acento (cf. GONÇALVES, 1997, 1998; MORAES, 2006, 2009), uma vez que muitas marcações de foco são enfáticas.

Nesse sentido, Vigário procura diferenciar o acento enfático do acento de foco, como descrito na seção anterior, já que o acento de foco fonológico é restrito ao contexto discursivo.

Para a autora, o acento enfático é de natureza pós-lexical, pois não é sensível à informação morfológica ou lexical, é opcional, nunca bloqueia redução vocálica e pode ser atribuído a elementos que se tornam iniciais em PW somente no pós-léxico, isto é, os proclíticos, podendo também aparecer nas sílabas iniciais de palavras não prefixadas, em sílabas iniciais pertencentes a prefixos. Esses fatos sugerem que o conceito relevante, segundo a autora, é fonológico e não morfológico. Vigário defende que esse processo tem a PW como domínio de aplicação.

Vigário propõe ainda uma generalização para a aplicação de acento enfático, apresentada em (2.5).

(2.5) Atribuição de acento enfático (opcional)

Acento enfático é atribuído à primeira sílaba de uma PW.

Vigário (2003, em nota) aponta ainda que é possível haver uma correlação entre acento inicial e acento enfático, sendo este último uma realização mais forte do acento inicial. Contudo, o fato de não ser possível haver um acento inicial não enfático seguido imediatamente por um acento principal, enquanto é possível haver acento enfático antes de um acento principal, é uma evidência de que são fenômenos distintos para a autora.

Abaurre e Fernandes-Svartman (2008) afirmam que a ênfase também pode interagir com o padrão rítmico e pode produzir pés ternários, como resultado de colocação de acento secundário em sílabas não esperadas. As autoras relacionam a colocação de acento secundário ao contexto enfático no PB, não seguindo a linha de que a ênfase leva a colocação de um acento enfático, pois no PB o acento associado à ênfase é decorrente da atribuição de acento secundário para a implementação do ritmo na variedade brasileira.

Na linha do que propõe Vigário (2003), Toneli, Vigário e Abaurre (2014) discutem que o acento enfático pode aparecer em sentenças produzidas em contexto de foco largo com o intuito de destacar um elemento sem interferência semântica do contexto, ou seja, não é o contexto que obriga o falante a produzir um acento enfático como ocorre nos casos de foco estreito. Segundo as autoras, o acento enfático é associado não só às sílabas pretônicas de PW, mas também à sílaba tônica. Quando ocorre em sílabas pretônicas, o acento enfático pode ser um evento bitonal (L+)H com gama de variação estendida, embora o contorno ascendente pareça ser opcional, sendo caracterizado obrigatoriamente por um tom H. Quando ocorre na sílaba tônica, normalmente é realizado com o PA L\*+H.

É importante ressaltar que a atribuição de acento secundário não é decorrente de ênfase no PB, desde que implementado dentro de PW. Por esses motivos, apresentaremos, na próxima seção, uma revisão sobre o acento secundário no PB.

#### **2.3.1.12 Acento secundário**

O acento secundário é caracterizado como um acento de menor proeminência que o acento primário e de maior proeminência em relação às outras sílabas não acentuadas, conforme Keller (2004), e é caracterizado como o acento que aparece sempre à esquerda do acento primário, como pode ser observado em (2.6).

(2.6) **coliBRI**                      **probabiliDAde**                      **irresponsabiliDAde**<sup>36</sup>

Esse acento tem sido estudado por vários autores no PB, como Carvalho (1988), Collischon (1993, 1994), Abaurre e Galves (1998), Lee (2002), Barbosa, Arantes e Silveira (2004), Keller (2004), Arantes e Barbosa (2004, 2008), Arantes (2010), Abaurre e Sandalo (2007), Abaurre e Fernandes (2008), Fernandes-Svartman (2009). É importante destacar que grande parte desses trabalhos trata esse fenômeno como pós-lexical, por meio

---

<sup>36</sup> O acento secundário é marcado pelo negrito e a caixa alta marca o acento primário.

de um algoritmo que divide as sílabas pretônicas em troqueus binários da direita para a esquerda (cf. COLLISCHON 1993, 1994; GALVES e ABAURRE, 1996).

Em relação ao domínio de aplicação da regra de atribuição de acento secundário, Collischon (1994) afirma que é a porção esquerda da palavra em relação ao acento primário, mais especificamente a parte inicial da palavra.

Abaurre e Sandalo (2007), ao compararem a atribuição de acento secundário em PB e PE a partir de uma análise representacional pela Teoria da Otimalidade, afirmam que o PB atribui acento secundário diferentemente do PE, uma vez que no PE o acento pode incidir no clítico ou na primeira sílaba da palavra lexical, enquanto que no PB o acento secundário pode incidir na primeira ou na segunda sílaba, como pode ser observado nos exemplos das autoras, em (2.7), em que as sílabas portadoras do acento primário estão em negrito e as sílabas portadoras do acento secundário estão sublinhadas. As sentenças são produzidas dentro de contextos com foco amplo, como se fossem manchetes de jornal.

- (2.7) PE: a. A inteligência da catalogadora **foi determinante**.  
b. A inteligência da catalogadora **foi determinante**.  
c. A inteligência da catalogadora **foi determinante**.  
d. A inteligência da catalogadora **foi determinante**.  
PB: e. A inteligência da catalogadora **foi determinante**.  
f. A inteligência da catalogadora **foi determinante**.

Seguindo a hipótese de Hulst (1997) de que o acento primário não é um acento métrico, as autoras concluem que a atribuição de acentos secundários em PB e PE independe do acento primário e que esse fenômeno diferencia as duas variedades de português de modo não trivial.

Sobretudo, Abaurre e Sandalo afirmam que não há consenso quanto à descrição da acentuação secundária no PE, assim como no PB, que segue um padrão binário e com proeminência inicial, que no caso seria o acento inicial de PW.

Andrade e Laks (1991) propõem que o acento secundário no PE é binário, enquanto Carvalho (1988, 1989) propõe que é ternário. Já Frota (1998) e Vigário (1998) propõem que o acento secundário não é obrigatório em PE, embora, em Vigário (2003), é

afirmado que a posição inicial de PW recebe acento não primário, como já apresentado nas seções anteriores.

Em Abaurre e Galves (1998) e Abaurre e Fernandes-Svartman (2008), é discutido que, em contexto de ênfase, o acento secundário marca o início de PW.

Fernandes-Svartman (2009) também mostra que o acento secundário marca o início de PW tanto em contexto neutro quanto em contexto enfático, confirmando as intuições de Abaurre e Galves (1998) e Abaurre e Fernandes-Svartman (2008). Fernandes-Svartman confirma também que há um padrão de alternância binária desse acento nos dois tipos de contextos. Na visão da autora, o acento secundário não é aplicado de modo categórico como o acento primário, pois pode ser variável, dependendo do estabelecimento dos diferentes tipos de padrões rítmicos e do contexto discursivo.

Outro resultado interessante em relação à atribuição de acento secundário nos dados analisados por Fernandes-Svartman, além do padrão binário, é a presença de tom H adicional associado a tais sílabas em posição inicial de PW (frequentemente a primeira sílaba portadora do acento secundário), tanto em contexto neutro quanto em contexto de ênfase (mais frequente).

Fernandes-Svartman mostra que (i) a atribuição de acento secundário no PB é uma evidência do domínio da PW no PB, já que é implementado a partir do acento primário que é o principal diagnóstico de PW nas línguas e por ocorrer dentro dos limites de PW, (ii) esse fenômeno se relaciona com dois outros fenômenos apontados por Vigário para o PE que são atribuição de acento enfático e de acento inicial de PW, uma vez que, no PB, a implementação de acento enfático se dá pelo contexto e pela necessidade do PB em atribuir acento secundário a palavras com mais de duas sílabas pretônicas, (iii) o fato de o PB ter uma predominância pela acentuação inicial secundária que pode ser marcada pela presença do tom H adicional, havendo coincidência entre acento secundário e acento inicial, e por fim (iv) pode haver também coincidência entre acento secundário e acento enfático (cf. FROTA e VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; entre outros).

O que se quer destacar é que esse fenômeno caracteriza o domínio da PW no PB, uma vez que a atribuição de acento secundário não ultrapassa os limites desse domínio no português.

### 2.3.1.13 Acento inicial de PW

D'Andrade e Viana (1999) sugerem que, no *continuum* da fala no PE, somente são encontrados acentos primários e acentos em início de palavra. Essa sugestão é confirmada nos resultados apresentados em Frota e Vigário (2000), pois, além das sílabas que carregam acento primário, as sílabas iniciais de palavra, no caso de PW, são percebidas como proeminentes, e nenhuma sílaba proeminente interna à palavra foi encontrada<sup>37</sup>.

Vigário argumenta que (i) essa proeminência não se refere à informação lexical, diferente do acento de palavra e defende o estatuto pós-lexical da proeminência inicial; (ii) é opcional (cf. D'ANDRADE e VIANA, 1999; FROTA e VIGÁRIO, 2000); (iii) inclui proclíticos em seu domínio, e (iv) é mais frequente em posição inicial de I (cf. FROTA e VIGÁRIO, 2000).

No caso do PE, Vigário afirma ainda que o acento inicial pode ser percebido em sequências que envolvem proclíticos e hospedeiros. Esse fato é evidência de que a noção relevante para a atribuição de acento inicial é a de PW e não morfológica.

Outro aspecto relevante em relação ao acento inicial é que esse acento é posicionalmente determinado e não rítmico, corroborando a afirmação de Vigário de que é um fenômeno pós-lexical, hipótese defendida também por Toneli, Vigário e Abaurre (2014).

---

<sup>37</sup> Vigário (2003), em nota (163), afirma que, nos trabalhos de Andrade e Viana (1989) e Frota e Vigário (2000), não foi relatada qualquer ocorrência de acento inicial na segunda sílaba, embora, pareça ser possível. Já nos trabalhos de Laks (1992), d'Andrade (1989, 1999) e Pereira (1999), a alternância de acentos ocorrendo na primeira e na segunda sílaba de uma palavra é descrita para palavras com número ímpar de sílabas pretônicas. Assim, o acento encontrado na primeira sílaba é obtido pelo acento não primário determinado posicionalmente, enquanto o acento na segunda é determinado pela alternância rítmica, computada à esquerda do acento primário. Vigário conclui que todos os acentos rítmicos entre a segunda sílaba e o acento primário não são percebidos, assim, o acento em segunda posição da palavra é possível em alguns casos, porque é contado como sendo em início de palavra.

Em relação a esse fenômeno no PB, Frota e Vigário (2000) afirmam que o PB apresenta uma frequência de eventos tonais que não são associados à sílaba acentuada, cuja ocorrência depende do número de sílabas na palavra que precedem o acento principal.

Os dados apresentados pelas autoras foram agrupados em dois esquemas de atribuição tonal: o esquema 1, em 2.9.a, engloba palavras com até duas sílabas pré-tônicas, sendo que apenas a sílaba acentuada é portadora de PA; e o esquema 2, para as palavras com mais de duas sílabas pré-tônicas, sendo que além do PA associado à sílaba acentuada, pode haver um evento tonal adicional H alinhado a pelos menos duas sílabas de intervalo em relação à sílaba acentuada, como em 2.9.b.

(2.9)	a. Esquema 1 profeSSOR   H	b. Esquema 2 governaDOR         H     LH
-------	-------------------------------------	---------------------------------------------------

A generalização proposta por Vigário (2003) para a atribuição de acento inicial é a de que a primeira sílaba de uma PW é um pico, generalização baseada na proposta de d'Andrade e Viana (1999). Nesse caso, o pico seria a atribuição de um tom alto à primeira de sílaba à esquerda de uma PW.

O que é importante ressaltar em relação a essa regra é que, segundo Vigário, o seu domínio de aplicação é o da PW, e no PB, ao contrário do PE, qualquer PW, independentemente da posição em I, pode receber acento inicial, desde que tenha mais de duas sílabas pretônicas.

É importante destacar que esse tipo de acento não pode ser confundido com o acento enfático, uma vez que não é necessário haver uma produção tida como enfática para que ele ocorra no PB, embora o contrário possa ocorrer, já que o acento enfático é um tipo de marcação inicial de PW (TONELI, VIGÁRIO e ABAURRE, 2014)<sup>38</sup>.

Outro ponto importante a ser destacado em relação ao acento inicial é que ele é normalmente descrito como um H inicial, contudo em Toneli, Vigário e Abaurre (2014),

---

<sup>38</sup> Destacamos a necessidade de um estudo que mostre se há propriedades acústicas específicas que caracterizam a ênfase no PB, já que nos dois casos ocorre um tom alto H associado ao início de PW.

essa proeminência é descrita com um evento bitonal L+H e em Vigário e Fernandes-Svartman (2010), como um H+L, o que pode indicar uma variação regional já que são estudadas variedades distintas de PB, questão que precisa ser melhor estudada em trabalhos futuros.

Por fim, destacamos que o acento inicial é dependente do número de sílabas pretônicas dentro de PW no PB e tem função delimitativa de domínio prosódico, no caso de PW (cf. FROTA e VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007 a, b; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; ABAURRE e FERNANDES-SVARTMAN, 2009; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010; TONELI, VIGÁRIO e ABAURRE, 2014; entre outros).

### **2.3.2 Processos fonológicos no PE**

Apresentamos a seguir resumidamente os processos fonológicos que caracterizam a PW no PE, já que ao longo da presente pesquisa, esses processos serão retomados ao se estabelecer a comparação com os processos que caracterizam a PW no PB.

Em relação ao PE, Vigário separa os processos que se referem à PW em lexicais, que dão estatuto de PW a um constituinte no léxico, e em pós-lexicais, que são os únicos testes confiáveis para domínios de PW no componente pós-lexical.

A autora assume que processos lexicais constituem diagnóstico para a estrutura prosódica associada a palavras individuais, incluindo palavras clíticas bem como a combinação de afixos não acentuados com suas bases, mas não servem de diagnósticos para estruturas prosódicas que envolvem combinações de palavras, como a sequência clítico mais hospedeiro, uma vez que esse tipo de combinação é obtido no pós-léxico.

Desse modo, segundo Vigário, fenômenos fonológicos que se referem à PW no PE que operam no nível lexical são a centralização de /e/ heterossilábico, por exemplo, *ar[é j]a*, a inserção de glide para quebrar hiato, por exemplo, *ar[é jɐ]*, o abaixamento de vogal sem acento em final de sílabas travadas por /r/, por exemplo, *lid[ɛ]r*, o

fortalecimento de /r/ inicial, por exemplo, *mel[R]o*, e a realização de vogal inicial (neutralização), por exemplo, *[ɔ]ptimo* e *[ɔ]ptimista*.

Já os fenômenos que operam apenas no nível pós-lexical são a realização de vogal inicial (especificação de traço), a semivocalização V2, por exemplo, *vi[w]*, o apagamento de vogal não posterior final /e/, por exemplo, *tenente 0/[ɛ]*, apagamento de vogal arredondada final /o/, *belo animal < belanimal*, e apagamento de vogal central final /a/, por exemplo, *el~~a~~ errava < elerrava*, degeminação silábica (haplologia), por exemplo, *gato tolinho < gatolinho*, acento inicial, acento enfático, acento de foco e atribuição de tom H em início de I, assim como exemplificado nas seções anteriores que tratam do mesmo tópico<sup>39</sup>.

Na medida em que formos discutindo os fenômenos fonológicos que identificam e caracterizam a PW no PB, iremos tecendo as comparações e destacando as semelhanças e as diferenças entre as duas variedades de português.

## 2.4 Considerações finais do capítulo

No presente capítulo, apresentamos uma revisão dos trabalhos realizados no PB que fazem referência ao domínio da PW e uma tipologia de fenômenos fonológicos que nos ajudarão a discutir a caracterização, não só desse domínio no PB, mas também a prosodização de palavras funcionais e de palavras compostas e também de domínios mais altos, como PWG e  $\phi$ .

Foram destacados quais fenômenos afetam palavras funcionais e palavras lexicais e suas respectivas combinações, com o intuito de identificar quais deles servem de bons diagnósticos para a PW no PB, quais podem caracterizá-la como domínio de aplicação e quais podem trazer evidências de outros domínios, como PWG e  $\phi$ .

---

<sup>39</sup> Para mais informações acerca dos referidos processos no PE, conferir o capítulo 3 de Vigário (2003).

Esses fenômenos serão retomados nos próximos capítulos quando iniciarmos a discussão sobre a prosodização de palavras funcionais e de palavras lexicais no PB em busca de definir o domínio PW no PB.



## 3 O domínio da PW no PB: prosodização de palavras funcionais e de palavras lexicais

### 3.0 Introdução

Neste capítulo, apresentamos e discutimos o comportamento prosódico de algumas palavras funcionais, como clíticos fonológicos ou como PWs, e de palavras lexicais que formam um único domínio de acento, denominadas *palavras simples* (e.g. palavras derivadas por afixos não acentuados). Incluímos também a prosodização de afixos que vão se unir a uma base e formar uma única PW no PB. Destacamos que nosso objetivo, além de discutir o modo como tais palavras, lexicais e funcionais, são prosodizadas no PB, ou seja, como PWs (palavras simples) ou como sílabas átonas (e.g. caso de algumas palavras funcionais), é definir no PB o domínio da PW.

Em relação às palavras funcionais, se elas forem prosodizadas como PWs, compartilharão, com palavras lexicais simples, a natureza de formarem um único domínio para a regra de acento lexical e serem contexto de aplicação de regras fonológicas segmentais e autosegmentais. Entretanto, se forem átonas, serão prosodizadas como sílabas átonas no nível lexical.

Já as palavras lexicais simples são sempre prosodizadas como uma única PW. Contudo, a grande questão é o modo como alguns prefixos, como *re-* e *des-* e alguns sufixos, como *-idade* e *-mento*, são prosodizados, seja como PWs ou sílaba(s) átona(s), e se são adjungidos ou incorporados à base lexical.

Desse modo, primeiramente, sistematizamos na seção 3.1 os fenômenos fonológicos que servem de diagnósticos para identificar a PW, destacando quais deles caracterizam a PW no PB.

A seção 3.2 engloba a prosodização de afixos átonos (prefixos e sufixos), com destaque aos processos fonológicos que caracterizam o modo como os afixos se unem às palavras lexicais na estrutura prosódica.

Já a seção 3.3 fica a cargo do estudo do estatuto prosódico das palavras funcionais, a partir da discussão dos fenômenos fonológicos que identificam e caracterizam a PW no PB, como apresentado na seção 3.1. Também discutimos o modo como as PWs são inseridas na estrutura prosódica.

Na seção 3.4, discutimos a diferença entre afixos e palavras funcionais. Por fim, na seção 3.5, apresentamos indicativos da definição do domínio da PW no PB.

### **3.1 Propriedades fonológicas de PW no PB**

Conforme apresentado no capítulo 1, seção 1.1.3, há um conjunto de diagnósticos que são comuns a todas as línguas para a identificação de uma PW.

Entretanto, veremos que nem todos os fenômenos apresentados são bons diagnósticos para a identificação de uma PW no PB, tampouco para caracterizá-la nessa variedade. Um exemplo disso é o apagamento sob identidade que atua somente em estruturas morfológicas que são formadas por mais de um domínio de acento, como será discutido no capítulo 4. Esse fenômeno também não serve para identificar se palavras funcionais são prosodizadas como PWs no PB, como será mostrado na seção 3.3.2 no presente capítulo. Destacamos que não discutiremos estruturas morfológicas que formam mais de um domínio para a atribuição de acento no presente capítulo – ver capítulo 4, seção 4.1.2.

Entre os diagnósticos apresentados no capítulo 1, o principal para a identificação da PW no PB e no português de modo geral, como já afirmado anteriormente, é a atribuição de acento primário, que respeita a janela de três sílabas da direita à esquerda

para localização do acento primário – ver exemplos na seção 1.2 do capítulo , sendo uma evidência de que algumas palavras monossilábicas formam uma PW, não sofrendo a síndrome da palavra mínima, fato já notado anteriormente por Bisol (2000) para o PB e Vigário (2003) para o PE. Desse modo, nem o tamanho da palavra (apenas uma ou mais de uma sílaba) nem o tipo de sílaba que é acentuada (leve ou pesada) influenciam a formação do domínio da PW no PB.

Assim, o fato de o PB não exigir um tamanho mínimo para a PW não pode ser utilizado na argumentação de que alguns afixos e algumas palavras funcionais são prosodizadas como sílabas átonas ou como PWs. Observe os exemplos a seguir.

- |       |                 |                   |                  |
|-------|-----------------|-------------------|------------------|
| (3.1) | a. Prefixos:    | <u>bi</u> campeão | <u>des</u> feito |
|       | b. Pronomes:    | tu                | nos              |
|       | c. Preposições: | de                | por              |

Por exemplo, em 3.1.a, o prefixo *bi-*, que constitui uma sílaba leve formada por apenas consoante e vogal, pode se comportar como PW por ser acentuado, enquanto o prefixo *des-*, que constitui uma sílaba pesada, comporta-se como uma sílaba átona que se associa a uma palavra acentuada *feito*. Assim, a principal evidência de que tais prefixos são PWs é o fato de portarem acento primário (cf. SCHWINDT, 2001, 2008). Em relação aos exemplos em 3.1.b e 3.1.c, independentemente de serem sílabas leves ou pesadas, tais palavras funcionais são prosodizadas como sílabas átonas. A discussão sobre o estatuto prosódico das palavras funcionais será feita na seção 3.3 do presente capítulo.

Não só esses prefixos constituem palavras monossilábicas formadas por sílabas leves que podem constituir PWs, mas também os nomes, os verbos, os adjetivos, e alguns advérbios, como exemplificados em (3.2).

- |       |               |             |
|-------|---------------|-------------|
| (3.2) | a. nomes:     | pé, nó, pá, |
|       | b. verbos:    | li, ri, dê, |
|       | c. adjetivos: | má, nu, sã  |
|       | d. advérbios: | já, lá, cá  |

De modo geral, assumimos que a presença de acento primário em uma dada unidade morfológica implica que essa unidade tem o estatuto de PW, conseqüentemente identificando uma PW (BISOL 1992, 1995; LEE, 1995; VIGÁRIO, 2003; entre outros).

O acento é relevante também para a identificação de unidades morfológicas que são formadas por apenas uma ou mais de uma PW, inclusive nos casos em que alguns radicais e prefixos perdem o caráter de PW durante o processo de lexicalização, como ocorre em palavras como as apresentadas em (3.3.a)<sup>40</sup>.

- |       |    |                                     |    |                                                   |
|-------|----|-------------------------------------|----|---------------------------------------------------|
| (3.3) | a. | <u>telefone</u><br><u>autonomia</u> | b. | <b>teleconferência</b><br><b>autoconhecimento</b> |
|-------|----|-------------------------------------|----|---------------------------------------------------|

Os casos em (3.3.a) diferem dos casos em (3.3.b), uma vez que há apenas um acento de palavra no primeiro caso e dois no segundo. Além da ausência de acento primário em *autonomia*, a ocorrência e/ou bloqueio de algumas regras, como a neutralização das pretônicas em *telefone*, corroboram para que os prefixos e os radicais se comportem como sílabas pretônicas em 3.3.a e como PWs independentes em 3.3.b já que tais processos são bloqueados. Discutiremos mais detalhadamente os casos apresentados em 3.3.b no próximo capítulo.

Em relação ao papel das generalizações fonotáticas no português, Bisol (2000) e Vigário (2003) afirmam que a PW é domínio para restrições fonotáticas, já que não há PW que iniciem por alguns segmentos, por exemplo, consoantes palatais /ɲ, ʎ/ e tepe, exceto no caso de empréstimos citado no capítulo 1, embora possam aparecer iniciando sílabas internas dentro de PW, como em *malha*, *manhã* e *caro*. Assim, as generalizações fonotáticas restringem-se à formação de uma PW, embora, como veremos a seguir, essa restrição não se aplique à formação de clíticos fonológicos. Isso implica que as generalizações fonotáticas são um bom diagnóstico para distinguir PWs de clíticos.

---

<sup>40</sup> As sílabas acentuadas estão em negrito, e os radicais e os prefixos que perdem o caráter de PW estão sublinhados.

Dando continuidade à discussão sobre os diagnósticos para a identificação de uma PW no PB, há vários processos fonológicos que, além de identificar uma PW no PB, têm-na como domínio de aplicação.

Uma regra que exemplifica bem esse ponto e ainda corrobora o estatuto de tônica de uma sílaba é a de redução vocálica da pauta tônica a cinco vogais quando em posição pretônica, regra que atinge apenas sílabas átonas. Em uma palavra como *LÓgica*, a sílaba tônica é a primeira à esquerda e uma evidência é a vogal média baixa posterior /ɔ/ que ocorre normalmente em posições tônicas. Entretanto, em palavras derivadas com a mesma base lexical *logic-*, como em *l[o]giCISmo*, a sílaba acentuada passa a ser a penúltima e a vogal da primeira sílaba à esquerda, que antes portava o acento primário, em *LÓgica*, é elevada a média alta /o/, já que se torna uma sílaba pretônica<sup>41</sup>. Nesse exemplo, a inclusão de um sufixo a uma base lexical como *logic-* respeita a janela de três sílabas para a atribuição de acento primário no português, pois o acento movimenta-se para a direita após a inclusão do sufixo.

É importante destacar que no português as vogais médias baixas /ɛ, ɔ/ ocorrem em posição tônica com valor fonêmico, embora possam aparecer em sílabas pretônicas quando ocorre harmonia vocálica, como em *perereca* e *pororoca*, já que as vogais pretônicas harmonizam os traços com a vogal tônica.

Em produções como, *p[i]queno*, *t[u]mate*, *p[u]lenta* e *b[u]neca*, a redução vocálica em sílabas pretônicas envolve o alçamento da vogal /o/ independentemente dos traços da vogal seguinte. Entretanto, esse tipo de redução vocálica não é motivada pelo traço de altura da vogal seguinte, já que ocorre antes da vogal baixa /a/. Também não pode ser explicada pelo ponto de articulação da vogal seguinte, pois ocorre antes de vogal anterior /e/, tampouco pelo traço de arredondamento, uma vez que a vogal /u/ é arredondada e as vogais da sílaba seguinte não são.

Para Lee (2006), está sendo aplicada a mesma regra de redução vocálica das sílabas postônicas nas sílabas pretônicas, enquanto Carneiro (2008) e Bisol (2010) aponta a influência do contexto consonantal. Entretanto, como não é nosso objetivo aprofundar a

---

<sup>41</sup> As vogais tônicas estão em caixa alta.

discussão sobre esse tipo de redução vocálica em posição pretônica, o fato de ocorrer nos limites de PW sem influência externa pode ser uma boa evidência de PW no PB.

Outro fenômeno que ocorre em sílabas pretônicas e atinge vogais átonas é a harmonia vocálica. A literatura mostra que a harmonia é dependente das características da vogal da sílaba tônica, por exemplo, em *p[e]pino* ~ *p[i]pino*, *p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca* e *c[o]l[ɛ]ga*. Contudo, destacamos que esse tipo de processo fonológico parece ocorrer em algumas variedades específicas de português e é dependente da vogal tônica. Nesse caso, não parece ser um contra-argumento ao que tem sido afirmado ao longo da presente tese sobre a regra de redução vocálica, embora é possível haver uma contraevidência em alguma variedade de PB. Para isso seria, necessário realizar um estudo mais amplo, o que não é objetivo do presente trabalho. Com base no que tem sido descrito para o PB, consideramos que a harmonia é um bom diagnóstico para a PW, caracterizando-a no PB, já que a tem como domínio exclusivo de aplicação.

A redução da pauta vocálica postônica em final de palavra também é bloqueada se a vogal da última sílaba for acentuada como em *caFÉ* e *ciPÓ*. Nos exemplos, as vogais são médias baixas. Novamente, em palavras derivadas do mesmo radical lexical, como em *cafeTEIra* e *cipoAda*, como o acento muda de lugar, incidindo no sufixo, a vogal final do radical lexical passa a média alta, sofrendo a redução vocálica da pauta pretônica, uma vez que são sílabas pretônicas na palavra derivada, sendo, então, as vogais anteriormente médias baixas /ɛ, o/ realizadas como médias altas /e, o/.

Outros processos fonológicos que não afetam sílabas acentuadas são a semivocalização e a elisão da primeira de duas vogais adjacentes já que a primeira vogal funciona como núcleo da sílaba no PB. Assim, conforme afirma Vigário (2003), a não aplicação de processos como os mencionados a palavras monossilábicas é evidência de que tal palavra constitui uma PW. Esse argumento será relevante para a análise da prosodização de palavras monossilábicas funcionais na seção seguinte e também para a prosodização de prefixos acentuados no próximo capítulo.

Em 3.4, apresentamos exemplos de duas naturezas, os primeiros em que não há semivocalização da vogal núcleo da sílaba, como em 3.4.a e em 3.4.b, e, posteriormente,

em que a primeira vogal de uma sequência de duas vogais não é apagada, como em 3.4.c e em 3.4.d, em palavras monossilábicas.

- (3.4) a. **dê** abraços            [e]/ \*[j]/ \*0  
 b. **pó** amarelo            [ɔ]/ \*[u]/ \*[w]/ \*0  
 c. **sou** animado            [ow]/ [o]/ \*[w]/ \*0  
 d. **pau** amarelo            [aw]/ \*[a]/ \*[w]/ \*0

Ressaltamos que, embora a primeira vogal de 3.4.c não possa ser apagada, a segunda vogal é normalmente apagada na fala informal sem prejuízo de sentido no PB quando a sequência vocálica é [ou] em palavras monossilábicas e dissilábicas, como em *falou*, podendo também ser semivocalizada. Esse tipo de apagamento da vogal final do ditongo *ou* ocorre também dentro de palavra, como *touro* ~ *toro*, *ouro* ~ *oro*. Esse tipo de apagamento não ocorre normalmente, com a sequência vocálica *au*, como em 3.4.d.

Há vários estudos no PB que exploram esse fenômeno de apagamento denominado como monotongação, como Mattoso Câmara (1957), Lemle (1978), Bisol (1989; 1994), Paiva (1996), Lopez (2002), Costa (2004), Pereira (2004), Hora (2007), Hora e Ribeiro (2007), Seara (2008), Cristofolini (2011), entre outros. Esse processo fonológico consiste no apagamento da semivogal alta final /j, w/ de um ditongo, como em *peixe* ~ *pexe*, *couro* ~ *coro* e *caixa* ~ *caxa*.

Bisol explica que o apagamento das vogais de alguns ditongos no PB ocorre em ditongos orais /aj/, /ej/ e /ow/, e que, segundo a autora, é decorrente do contexto segmental, por exemplo, o apagamento da semivogal de /aj/ ocorre antes de consoante palatal (e.g. *faixa*); de /ej/ antes de tepe (e.g. *cadeira*), e de /ow/ também antes de tepe (e.g. *couro*). Ressaltamos também que a monotongação ocorre quando a sequência vocálica /ow/ está diante de fronteira de palavra, como em *estou*.

De modo geral, o que a literatura aponta é que esse tipo de fenômeno depende do contexto fonológico em que ocorre, por exemplo, só ocorre antes das consoantes palatais /ʃ, ʒ/ de tepe /r/ e em fronteira de palavra (cf. MATTOSO CÂMARA, 1957; LEMLE, 1978; BISOL, 1989, 1994; PAIVA, 1996; LOPEZ, 2002; COSTA, 2004; PEREIRA, 2004;

HORA e RIBEIRO, 2007; HORA, 2007; SEARA, 2008; CRISTOFOLINI, 2011; entre outros).

O fato de esse processo ser influenciado pelo ataque da sílaba seguinte e diante de pausa aponta ser uma evidência de que é um fenômeno que não toma a sílaba como domínio de aplicação, já que é intersilábico. Nossa hipótese é de que esse domínio seria superior como o da PW, uma vez que parece não ocorrer dentro dos limites dela e não entre PWs, como em *deixei chaveado* > *\*deixe chaveado*. Destacamos a necessidade de um estudo mais aprofundado dessa hipótese para assim se confirmar que esse fenômeno é característico de PW.

Destacamos também que a semivocalização em ditongos não é influenciada pela palavra seguinte, uma vez que se aplica dentro dos limites de PW, sendo um fenômeno que identifica a PW no PB e também que a toma como domínio de aplicação.

Como mencionado no capítulo 2, a regra de assimilação fonética de nasalidade pela vogal /a/ que ocorre quando a vogal assimila a nasalidade fonética da nasal da sílaba seguinte, como em *cana* ~ *cãna* e *aranha* ~ *arãna*, tem sido descrita na literatura como um processo variável que não ultrapassa os limites de PW, exceto eventualmente quando há ressilabificação com alguns prefixos em que a nasalidade em final de palavra torna-se *onset* da sílaba seguinte, como em *pan+americano* > *pã.na.me.ri.ca.no*. Nesse caso o traço de nasalidade preenche o *onset* da sílaba seguinte no processo de ressilabificação, embora a vogal do prefixo mantenha o traço de nasalidade.

Esse processo não ocorre entre PWs, como afirmado por Abaurre e Pagotto (1996, 2013), como em *carro novo* ~ *\*carrõ novo* e *rapidamente* ~ *\*rapidãmente*. No próximo capítulo, discutiremos essa questão da nasalidade fonética em palavras compostas. Diante desses fatos, podemos concluir que essa regra é restrita ao interior de PW, sendo, portanto, um bom diagnóstico para identificá-la, além de uma evidência caracterizadora de tal domínio no PB.

Um último fenômeno segmental já apontado na literatura por Leiria (2000) como caracterizador de PW no PB e por Vigário (2003) para o PE é a haplogogia. Embora esse processo não tenha aplicação apenas entre PWs, pois ocorre entre as fronteiras de domínios mais altos como  $\phi$  e I, como mostrado por Tenani (2002), vale lembrar que é um

fenômeno que a identifica, já que respeita os limites de PW, ocorrendo apenas entre PWs, como em *faculdade dinâmica* < *faculdadinâmica*, mas parece não ocorrer dentro de uma única PW, como em *bebedeira* < *\*bedeira*.

Além dos processos fonológicos segmentais e da regra de acento primário que contribuem na identificação de uma PW no PB, podemos ainda elencar os fenômenos prosódicos, tal como o acento inicial de PW e o acento tonal (PA) que incide sobre a sílaba tônica de uma PW (cf. FROTA e VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007AB; TENANI e FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA ET AL, no prelo; entre outros).

O trabalho de Frota e Vigário (2000) mostra que a maioria dos  $\phi$ s que compõem as sentenças analisadas é assinalado com pelo menos um PA associado à sílaba tônica da PW cabeça de  $\phi$ . Nesse caso, o que queremos destacar é que no PB a associação de PA incide na sílaba tônica de uma PW.

Fernandes (2007) ainda aponta a relevância do domínio da PW no PB para a distribuição de PAs, já que, em sua análise, praticamente todas as PWs recebem um PA associado à sílaba tônica. No capítulo 5, apresentaremos os resultados de um *corpus* experimental e uma discussão sobre a regra de distribuição tonal no PB em sentenças com palavras simples que constituem uma única PW e sentenças com palavras compostas formadas por duas PWs, com o intuito de investigar tal afirmação.

Além disso, como já mostrado no capítulo 2 - seção 2.3.1.13 -, a PW também é o domínio que pode receber, opcionalmente, um evento tonal inicial (L+)H ou H(+L), associado às sílabas pretônicas iniciais, além do PA associado à sílaba tônica – fenômeno que será explorado no capítulo 5. Esse evento tonal ocorre quando a PW tem no mínimo três sílabas pretônicas, o que pode ser interpretado não só como uma evidência do domínio da PW no PB, mas também como um fenômeno que o caracteriza.

Outro fenômeno prosódico que tem a PW como domínio de aplicação é o acento enfático, que é utilizado para destacar algo do discurso sem que haja ligação semântica de contraste. Nos dados analisados, que serão apresentados no capítulo 5 da presente tese, notamos uma recorrência de acento enfático associado às sílabas pretônicas iniciais e tônicas de PW tanto em palavras simples (uma única PW) quanto em palavras

compostas (duas PWs), quando produzidas em contexto de foco largo. O fato de ocorrer acento enfático tanto na primeira quanto na segunda PW de palavras compostas é uma evidência de que o domínio relevante para a ocorrência de acento enfático é PW, corroborando as afirmações de Vigário (2003) de que o domínio de aplicação do acento enfático é a PW, sendo este acento, então, um bom diagnóstico para sua identificação. Voltaremos a essa questão no capítulo 5.

Com relação ao acento secundário, o que tem sido mostrado pela literatura é que este fenômeno caracteriza o domínio da PW no PB, uma vez que não ultrapassa os limites desse domínio no português, podendo, então, ser um bom diagnóstico para sua identificação (cf. COLLISCHON, 1993, 1994; ABAURRE e SANDALO, 2007; FERNANDES-SVARTMAN, 2009), além de ser um fenômeno exclusivo de PW.

Por fim, um último fenômeno que mantém uma relação com o domínio da PW no PB é o acento de foco fonológico, embora, segundo Vigário (2003), esse acento seja relevante para a identificação de PWG no PE.

Frota (2000) destaca que no PE o acento de foco fonológico pode incidir tanto sobre PWs cabeças de  $\phi$  quanto sobre PWs não cabeças de  $\phi$ , como pode ser observado em 3.5. Em 3.5, *uma manhã âmbar* é um único  $\phi$  com cabeça à direita, *âmbar*, em 3.5.a, à esquerda em 3.5.b, *manhã*, e isso se deve à atribuição do acento de foco.

- (3.5) a. A: O artista pintou uma manhã cinzenta na tela?  
B: (Não). O artista pintou uma manhã ÂMbar na tela.  
H\*L mais redução à direita
- b. A: O artista pintou uma tarde cinzenta na tela?  
B: (Não). O artista pintou uma maNHÃ âmbar na tela.  
H\*L mais redução à direita

Por outro lado, Toneli (2009) mostra que palavras funcionais normalmente clíticas podem receber um acento de foco com a característica de um (L)H+L quando estão sobre focalização corretiva. A associação desse acento à palavra funcional é considerado evidência de seu estatuto de PW pela autora.

Contudo, os trabalhos feitos sobre a atribuição de acento de foco no português não mostram evidências de qual o domínio de aplicação para esse fenômeno. Uma hipótese

por nós levantada é a de que a aplicação desse tipo de acento, toma PWG como domínio de aplicação, conforme será mostrado no capítulo 5.

Como mostrado por Vigário (2003), há outros fenômenos segmentais que identificam e caracterizam a PW no PE, além dos aqui apresentados, como, a regra de centralização de /e/ heterossilábico seguido por palatal, por exemplo, em *ar[éj]a*, de inserção de glide para quebrar hiato, como em *arE[j]a*, de abaixamento de vogais átonas em final de sílaba travada por /r/, como em *líd[ε]r*, do fortalecimento de /r/ inicial, como em *[R]ato*, da neutralização e da especificação de traço da realização da vogal inicial, como em *[ɔ]ptimo e [ɔ]ptimista* – cf. capítulo 2, seção 2.4.

Por outro lado, o PB apresenta uma maior ocorrência de fenômenos entoacionais, o que é uma diferença que será ressaltada entre as duas variedades no capítulo 5.

Para finalizar nossa discussão, discutiremos se o fenômeno morfofonológico denominado truncamento ou *clipping* pode identificar uma PW no PB e/ou se a toma como domínio de aplicação.

Trabalhos como o de Araújo (2002), Belchor (2009, 2014), Scher (2011), entre outros, mostram que o truncamento segue um padrão: a forma truncada tende a ser dissilábica, o acento secundário, que ocorre apenas se a palavra matriz tiver no mínimo três sílabas, passa a acento primário da forma encurtada, como pode ser observado em (3.6).

- (3.6)
- a. cervéja > céerva
  - b. refrigeránte > refrí
  - c. bijùteria > bijú
  - d. pròfessor > prófi > fessor
  - e. profissionál > profí > profíssa

No entanto, é importante destacar que, além do acento secundário e do número de sílabas da palavra matriz, a direção das sílabas que permanecerão na forma truncada e as condições fonotáticas também devem ser respeitadas.

Além de incidir sobre uma única PW, o truncamento no PB afeta palavras compostas que são formadas por duas PWs, como em *gastroenterologista* > *gastro* (cf. BELCHOR, 2009, 2014).

Belchor (2009, 2014) mostra que o truncamento apresenta uma regularidade em níveis prosódicos distintos: (i) todas as formas preservam a margem esquerda da base e têm os segmentos apagados até o limite em que se pode recuperar a forma derivante, *refrigerante* > *refrí* e *gastroenterologista* > *gastro*, e (ii) todas as formas têm um padrão ou oxítono, dissilábico e iâmbico – padrão *refrí* – ou um padrão que preserva o morfema da margem esquerda – padrão *gástro*.

Diante do exposto, destacamos que o truncamento em formas encurtadas como *refrí* apaga sílabas de uma PW, enquanto em formas como *gástro* o truncamento apaga toda uma PW.

Uma hipótese é a de que o truncamento apaga pés métricos dentro de um domínio mais alto que PW, podendo ser PWG ou  $\phi$ , uma vez que tanto em *refrigerante* quanto em *gastroenterologista* pode haver concomitância entre esses dois domínios. Voltaremos a essa questão sobre o truncamento no próximo capítulo, ao discutirmos o estatuto prosódico de palavra compostas no PB.

### **3.2 Prosodização de afixos não acentuados no PB**

Nesta seção, discutiremos a prosodização de afixos que não constituem domínios independentes das bases morfológicas a que se associam e que podem ligar-se tanto à esquerda, no caso dos prefixos, quanto à direita da base lexical, no caso dos sufixos. Assim, a prosodização de prefixos é apresentada na seção 3.2.1 e a prosodização de sufixos na seção 3.2.2. Destacamos que nosso objetivo na presente seção é fazer uma revisão da literatura para poder comparar o comportamento prosódico de afixos com o comportamento de palavras funcionais átonas e pelo fato de haver trabalhos no PB que tratam da prosodização de afixos, como Lee (1995), Moreno (1997) e Schwindt (2000, 2005, 2008, 2013a, b, c).

### 3.2.1 Prosodização de prefixos

Os prefixos no PB são classificados como **prefixos legítimos** (PLs) e **prefixos composicionais** (PCs), segundo Schwindt (2000, 2001b, 2005, 2008, 2013a, b, c), sendo os primeiros, sílabas átonas que se unem a uma base como sílabas pretônicas. São pertencentes a dois níveis que equivalem ao nível da raiz (nível 1), e ao nível da palavra (nível 2). O segundo tipo de prefixo se configura como PW até o nível pós-lexical, quando se afixa a uma base. Voltaremos na discussão dos prefixos que se comportam como PWs independentes no próximo capítulo.

Para sustentar sua análise, Schwindt utiliza alguns fenômenos como evidência do modo como cada prefixo é prosodizado. Entre esses fenômenos, o autor destaca primeiramente a presença de acento primário e a oposição forma livre vs forma presa, já que somente prefixos que portam acento comportam-se como formas livres. Também é destacado pelo autor que os prefixos não acentuados obrigatoriamente se unem a uma base, como ilustrado a seguir.

- (3.8) a. Carlos decidiu fazer uma *pós* (pós-graduação).  
b. Paulo desfez as malas, antes que Maria *\*des* as dela.

Schwindt destaca ainda alguns processos fonológicos que confirmam a proposta de divisão dos prefixos do português em dois tipos, como a neutralização das vogais pretônicas e da vogal átona final, a assimilação de nasalidade e o sândi vocálico externo.

Para o autor, prefixos não acentuados como *a-*, *com-*, *des-*, *dis-*, *em-*, entre outros, funcionam como sílabas pretônicas, já que não alteram a posição do acento de palavra no nível lexical e isso os diferencia das palavras funcionais clíticas, uma vez que se unem ao hospedeiro no nível pós-lexical e são livres em relação a ele, quando comparado aos afixos, que são formas presas e se unem ao hospedeiro no nível lexical.

Schwindt afirma que a neutralização da átona final não atinge PLs, já que esses não se comportam como PWs, ao contrário do que ocorre com PCs, como em *tel[ɨ]teatro*.

Esse mesmo processo fonológico é evidência da diferença entre palavras funcionais clíticas e afixos, como em *[sɪ] vesti*, mas não em *\*r[i]lembrar* (ver discussão na seção 3.3).

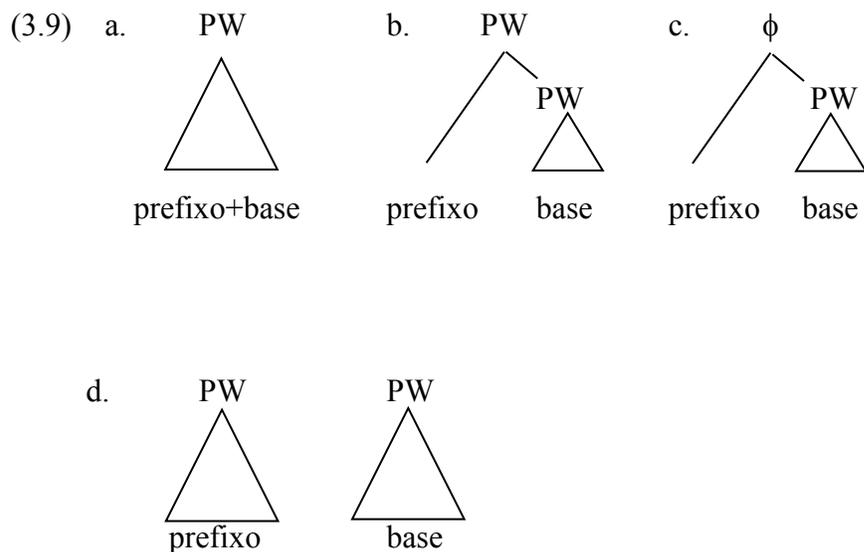
Enquanto a neutralização da átona final ocorre em PCs, caracterizando-os como PWs, e não em PLs, a neutralização da pretônica é evidência de que alguns prefixos se comportam como sílabas pretônicas, como em *p[ɔ]s-fácio* mas não em *\*p[ɔ]s-fácio*, já que o prefixo tem perdido o comportamento de PW independente no processo de lexicalização do prefixo. Casos em que há alternância entre *p[ɔ]s-tônica* e *p[ɔ]stônica* são considerados resultado de um processo de lexicalização em curso dos prefixos segundo a literatura (cf. Lee, 1995; Moreno, 1997; Schwindt, 2000).

Em relação ao sândi externo, o autor destaca que a DT e a DG não distinguem PLs de PCs, como em *re[j]naugar* e *ant[j]alérgico*. Como a EL ocorre apenas entre palavras, serve apenas para mostrar a independência de PCs como PWs, como será mostrado no próximo capítulo.

Outros dois processos fonológicos que distinguem PLs de PCs são a harmonia vocálica e a assimilação de nasalidade. Como já mencionado no capítulo 2 e na seção 3.1 do presente capítulo, a harmonia vocálica só atinge sílabas pretônicas, como em *r[e]primido ~ r[i]primido*, sendo bloqueada quando há PLs também, como em *\*r[i]ferir ~ r[e]firir*. No segundo caso, Schwindt mostra que, quando há PLs, a nasal se torna *onset* da sílaba seguinte, como *an+alfabeto = a.nal.fa.be.to*, não havendo portanto a assimilação do traço de nasalidade entre a nasal e a vogal que a precede ou segue, como em *bããna*.

Em relação à prosodização dos prefixos no PB, Schwindt assume que PLs são sílabas pretônicas que se associam a uma PW pronta no léxico, antes da afixação, uma vez que o prefixo não altera o acento anteriormente atribuído à base. Para o autor, PLs são incorporados a uma base que é uma PW no próprio léxico já que são atingidos por regras desse nível. Para ele, os processos fonológicos que caracterizam os prefixos átonos no PB são o bloqueio da neutralização da vogal átona final, a realização da neutralização das vogais pretônicas, o bloqueio da EL, a aplicação da harmonia vocálica e a assimilação de nasalidade.

Vigário (2003, p. 166) destaca que a prosodização dos prefixos pode variar entre as línguas, e há quatro possibilidades para a prosodização desses elementos (cf. PEPERKAMP, 1997A; RAFFELSIEFEN, 1999; HALL, 1999; VIGÁRIO, 2003). Segundo a autora, um prefixo pode se comportar como uma PW independente (3.9.d), aparecer incorporado a uma PW (3.9.a), aparecer adjungido a uma PW (3.9.c) ou diretamente a  $\phi$  (3.9.c).



Vigário defende que no PE há um conjunto de evidências fonológicas de que os prefixos átonos são adjungidos a uma PW que contém a base morfológica, como exemplificado em 3.9.b, uma vez que não só os prefixos apresentam comportamento de início de PW, mas também os segmentos que iniciam a base morfológica.

Entre os processos fonológicos que ocorrem na margem esquerda de PW no PE, os que também atingem palavras com prefixos átonos são o fortalecimento de /r/ inicial (ver 3.10.a), a ausência de redução vocálica em posição inicial (3.10.b) e a variabilidade nos traços de altura em vogais iniciais (3.10.b'), com exceção das vogais internas à palavra e do acento enfático, ilustrados em 3.10.c, respectivamente.



segunda vogal de formas como *\*iNOdor* e *\*iNEficz* é outra evidência de que, nesses casos, os prefixos são incorporados à base. Outros exemplos de prefixos que se comportam como palavra simples são as contrapartes átonas de prefixos que ocorrem em construções produtivas e são acentuados como *pré*, *pós* e *pró*. Vigário argumenta que, além de sofrerem redução vocálica obrigatória, também apresentam um significado não composicional, como em *pré-ocupação* x *preocupação*.

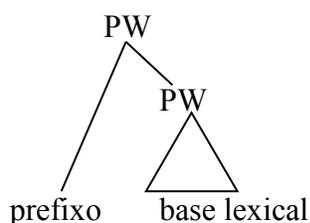
Assim, na visão de Vigário, prefixos não acentuados produtivos em construções transparentes lexicalmente são prosodizados como adjuntos à base morfológica que é uma PW e juntos formam uma PW no léxico, enquanto que prefixos em construções não transparentes (opacos) podem ser prosodizados como palavras simples. Essa análise também é feita por Schwindt para os PLs no PB.

No caso do PB, embora não tenhamos dados acústicos de que o acento enfático indica sobre os prefixos átonos, parece possível ocorrer a produção de acento enfático em prefixos, como exemplificado por Vigário para o PE. Também os prefixos do PB sofrem o fortalecimento de /r/ inicial, como em *refazer*.

Com relação à haplogogia, não há dados substanciais que possam fornecer uma análise conclusiva sobre os prefixos, ficando aberta a questão para discussões futuras.

Como dito inicialmente, nosso intuito era apresentar uma revisão do comportamento prosódico de prefixos átonos, para poder diferenciá-los de palavras funcionais clíticas no PB nas próximas seções. Isso nos leva por ora a assumir juntamente com Schwindt (2000), que os prefixos átonos são adjungidos a uma PW, formando uma única PW no nível lexical, diferentemente do que será mostrado para as palavras funcionais átonas que são adjungidas a uma PW no nível pós-lexical - ver 3.12.

(3.12)



### 3.2.2. Prosodização de sufixos

Os sufixos do português podem ser formados por apenas um segmento, como o morfema *s* que indica plural ou a vogal temática *a*, e até por três sílabas, como o morfema *-idade*. Eles são ainda divididos em sufixos flexionais, que são aqueles que associam ao radical a noção de tempo, modo, aspecto, pessoa, número ou gênero, e os sufixos derivacionais que podem modificar a classe de palavra, mas não obrigatoriamente (e.g. *mulher* e *mulherada*), e criar novas formas nas línguas.

Entretanto, o que a maioria dos sufixos tem em comum, conforme descrito na literatura, é o fato de constituírem, com a base a que se unem, uma única PW, com exceção de *-zinho/a*, *-íssimo* e *-mente* que serão discutidos nos próximos capítulos 4 e 5 (cf. LEE, 1995; MORENO, 1997; SCHWINDT, 20013a, b, c). Diante dessa afirmação, apresentaremos argumentos que justificam o comportamento prosódico desses sufixos como sílabas que se incorporam a uma base lexical formando uma única PW. Lembramos que nossa meta nesta seção é apresentar uma revisão da literatura para que, nas próximas seções, possamos diferenciar a estrutura prosódica de sufixos em relação à de enclíticos.

A principal evidência de que os sufixos integram uma única PW com a base lexical, como descrito na literatura, a que se unem é a regra de atribuição de acento primário, já que a adição de um sufixo a uma base lexical influencia na posição do acento de palavra, como pode ser observado em 3.13<sup>43</sup>.

- (3.13) a. CANto + ada > canTAda  
b. aLISta + mento > alistaMENTo  
c. SOngo + ar > soNHAR  
d. conTÁbil + idade > contabiliDAde

Os exemplos apresentados em 3.13 mostram que tais palavras sufixadas constituem um único domínio para acento, e as evidências para essa constatação provêm da falta de acento associado à base lexical e da mudança da localização do acento mais à

---

<sup>43</sup> As sílabas acentuadas estão em caixa alta.

direita, respeitando a janela acentual do português que é de três sílabas da direita à esquerda. Em todos os casos, o acento de palavra incide sobre uma das vogais do sufixo.

Nesses casos, as sílabas da base lexical funcionam como sílabas pretônicas em relação aos sufixos, estando sujeitas a processos fonológicos que incidem sobre tais sílabas, por exemplo, a regra de redução da pauta vocálica pretônica, como em *al[e]grar + mento > al[e]gramento* e em *p[ɔ]bre + eza > p[o]breza*, o que não ocorre quando os sufixos em questão são *-mente* e *-zinho/a*, como em *al[ɛ]gre + mente > al[ɛ]gremente* e em *p[ɔ]bre + zinho > p[ɔ]brezinho*.

Vigário (2003) aponta ainda alguns outros processos que justificam a prosodização dos sufixos como sílabas postônicas no PE, como o bloqueio do apagamento de vogal em final de PW, como em 3.14, o não fortalecimento do tepe em início de PW, como em 3.1.4.b, e não ter acento enfático associado à fronteira esquerda do sufixo, como em 3.14.c.

- |                             |                             |              |
|-----------------------------|-----------------------------|--------------|
| (3.14) a. <b>cru</b> eza    | ( <b>cru</b> -eza)          | [u]/ [w]/ *0 |
| b. pedir <b>ia</b>          | (ped-i- <b>ria</b> )        | [r]/ *[R]    |
| c. *marisque <b>i</b> RInha | (marisc- eir- <b>inha</b> ) |              |

Já em casos como em *cervejólogo* (*cervej-ó-logo*), a inserção vocálica em bases lexicais no PB mostra que alguns sufixos formam com a base uma única PW, como afirmado por Nóbrega (2014).

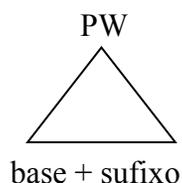
Entretanto, destacamos que, em alguns casos, há o apagamento da vogal final, como em *frio > frieza*, que pode ser um núcleo silábico se considerarmos que tal palavra é produzida como *fri<sup>i</sup>ʊ*, enquanto a vogal que preenche o núcleo da sílaba anterior em *fri* não é apagada. Nesses casos, independentemente do estatuto da vogal a ser apagada em relação à sílaba, a junção do sufixo não altera o estatuto prosódico da palavra derivada, que ainda é uma única PW, *[[frio]<sub>PW</sub>* e *[[frieza]<sub>PW</sub>*.

Em relação ao acento enfático, embora tenha sido mostrado por Toneli, Vigário, Abaurre (2014) que o acento enfático pode incidir na sílaba pretônica imediatamente

adjacente à sílaba tônica, como em *banDEIras*<sup>44</sup>, por introspecção, não parece possível a ocorrência de acento enfático na sílaba pretônica adjacente à sílaba tônica de palavras derivadas, como em *marisqueiRInha*. Contudo, seria necessário elaborar um experimento para confirmar tal afirmação.

Em vista do apresentado, assumimos, juntamente com Vigário que os sufixos unem-se à base por meio da incorporação dentro do domínio da PW ainda no léxico, diferentemente dos prefixos, conforme ilustrado a seguir. Assim, as evidências apontadas mostram que não há fronteira prosódica entre a base morfológica e o sufixo, uma vez que os segmentos à direita da base lexical não se comportam como final de PW e os segmentos que iniciam os sufixos não se comportam como início de PW.

#### (3.14) Prosodização de sufixos no PB



Definida a prosodização dos afixos no PB, passamos a discutir, na próxima seção, a prosodização das palavras funcionais de modo a diferenciá-la dos afixos e sistematizar a prosodização das palavras lexicais e funcionais no PB.

### 3.3. Prosodização de palavras funcionais no PB: clíticos prosódicos ou PWs?

As palavras funcionais apresentam um padrão fonológico variável entre as línguas, sendo, então, difíceis de classificar prosodicamente, já que é uma categoria em que pode haver palavras que se comportam como clíticos prosódicos, isto é, sílabas átonas, e outras que se comportam como PWs independentes, ao contrário da categoria lexical, em que as palavras sempre são PWs (cf. SELKIRK 1984, 1995; INKELAS e ZEC 1993, PEPERKAMP 1997; ZEC 2005, BISOL 2005; TONELI, 2009; entre outros).

---

44 A caixa alta indica acento de palavra e o grifo, sílaba enfatizada.

No caso do PB, trabalhos como os de Bisol (2000, 2005) e de Toneli (2009) têm mostrado que a categoria funcional apresenta comportamento prosódico variável, pois algumas palavras funcionais monossilábicas não formam domínios independentes para a atribuição de acento primário, como os artigos definidos *o, a(s)*.

Entretanto, há palavras funcionais dissilábicas, trissilábicas e até monossilábicas que preenchem essa condição, recebendo, portanto, acento primário, por exemplo, algumas preposições como *desde, perante*, conjunções, como *entretanto, todavia, porém* e pronomes, como *eu, este aquilo*.

No primeiro caso, as palavras funcionais serão prosodizadas como sílabas átonas devido à falta de acento primário e, no segundo caso, como PWs, caso não sofram processos de redução vocálica típicos de sílabas átonas, como ocorre com a preposição *para* e a conjunção *porque*, segundo Toneli (2009). Nas situações em que as palavras funcionais são prosodizadas como PWS, veremos que as palavras funcionais clíticas apresentam comportamento prosódico semelhante ao das sílabas átonas, conforme apresentado nas seções anteriores do presente capítulo. Nosso objetivo, nesta seção, é discutir o comportamento prosódico de um conjunto de palavras funcionais.

Além dessas considerações sobre as palavras funcionais do PB, fazemos, na seção 3.3.1, uma revisão da definição de clíticos prosódicos. Na seção 3.3.2, são feitas a identificação e a classificação das palavras funcionais clíticas no PB a partir dos diagnósticos para identificação da PW. O modo como as palavras funcionais clíticas são inseridas na estrutura prosódica é discutido na seção 3.3.3. A diferença entre clíticos e afixos é feita na seção 3.4. Por fim, na seção 3.5, apresentamos nossas considerações finais sobre a definição de PW no PB e a relação desse domínio com o PE.

### **3.3.1. Revisão bibliográfica sobre a definição de clíticos prosódicos**

Nesta seção, fazemos uma breve revisão da definição de clíticos na fonologia.

Zwicky (1977) apresenta três categorias de clíticos prosódicos: **clíticos simples** (*simple clitics*), **clíticos especiais** (*special clitic*) e **palavras de limite/fronteira** (*bound words*).

Os **clíticos simples** correspondem a morfemas livres que podem aparecer fonologicamente reduzidos quando não são acentuados, enquanto aparecem na forma não reduzida em posição acentuada (ênfase ou isolado), como os pronomes pessoais na função de objeto do inglês.

Já os **clíticos especiais** correspondem a variantes não acentuadas de forma livre acentuada; elas são formas fracas e prosodicamente dependentes; a forma fonológica delas não pode ser claramente relacionada à forma fonológica da contra parte forte; a seleção da forma forte ou clítica normalmente segue restrições sintáticas e semânticas, mostrando frequentemente uma sintaxe especial, por exemplo, os pronomes pessoais em línguas românicas.

As **palavras de limite** correspondem a elementos que são sempre não acentuados e dependentes do material adjacente, embora mostrem alguma liberdade sintática e apareçam associados a palavras de diferentes categorias sintáticas, como exemplo a conjunção *que* do Latim.

Como podemos observar, das três categorias apresentadas de clíticos, todos pertencem à classe de palavras funcionais distintas. No PB, a classe das palavras funcionais engloba as preposições, os artigos, as conjunções e os pronomes, sendo uma classe fechada, pois não permite a criação de novos termos pelos falantes. Contudo, como mostrado na literatura, nem todas as palavras dessa classe se comportam prosodicamente como sílabas átonas.

Em termos de propriedades prosódicas, Selkirk (1995), no quadro teórico da Teoria da Otimalidade, afirma que a categoria funcional é analisada por uma série de restrições ranqueadas, e, por haver diferenças nas propriedades morfossintáticas das línguas, pode haver diferentes ranqueamentos com restrições específicas de cada língua. Para a autora, as palavras funcionais podem também ser prosodizadas como PWs independentes em três situações: (i) pronunciadas isoladamente; (ii) em posição final de

sintagma e (iii) se estão focalizadas, pois recebem PA específico nesse contexto. Nos demais casos, elas serão formas ‘fracas’, portanto, clíticos prosódicos.

Apresentada a definição para clíticos prosódicos, ou seja, sílabas átonas, a partir da literatura, na seção seguinte, passamos à identificação e à classificação prosódica das palavras funcionais no PB.

### **3.3.2 Identificação e classificação prosódica de palavras funcionais**

Como apresentado acima, discutiremos e classificaremos o comportamento prosódico, a partir dos diagnósticos para a identificação de PW no PB, das palavras funcionais do PB. Entre os fenômenos fonológicos apresentados na seção 3.1 do presente capítulo que identificam uma PW no PB, destacamos que uma palavra funcional átona é caracterizada, principalmente, pela ausência de acento lexical.

Como defendido ao longo de toda esta tese, o principal diagnóstico para a identificação de uma PW nas línguas em geral, e principalmente no PB, é a presença de acento primário. Assim como a presença de acento é definidora do domínio PW no PB, a sua ausência é também a principal evidência do caráter clítico das palavras funcionais (cf. NESPOR e VOGEL 1986; VIGÁRIO, 2003; BISOL, 2004; TONELI, 2009; entre outros).

A formação de um pé dissilábico, o tipo silábico e a síndrome de palavra mínima não influenciam a presença de acento no PB, como já discutido anteriormente, muito menos ser pertencente a categoria funcional, já que há palavras funcionais monossilábicas com estrutura silábica leve (consoante e vogal) que são acentuadas, como os pronomes pessoais *eu, tu, nós, vós*. Uma de nossas metas, na presente seção, é discutir quais evidências fonológicas corroboram a análise de que um conjunto dessas palavras são prosodizadas como sílabas átonas (clíticos fonológicos), quando não constituem PWs independentes.

Considerando as especificidades da categoria funcional, listamos no Quadro 3.1 um conjunto de palavras funcionais monossilábicas, dissilábicas e trissilábicas que consideramos serem prosodizadas como PW por portarem acento primário e também pelo

fato de as sílabas candidatas a portar acento não sofrerem processos fonológicos típicos de sílabas átonas no PB<sup>45</sup>.

**Quadro 3.1: Palavras funcionais prosodizadas como PWs<sup>46</sup>**

Categorias funcionais	Monossilábicas	Dissilábicas	Trissilábicas
Artigos indefinidos		uma(s)	
Conjunções	pois	quando, porém, ora, logo, como	portanto, contudo, todavia, entretanto, enquanto, consoante
Preposições	nem, sem	ante, após, até, contra, desde, entre, sobre, trás, além, antes, dentro, depois, menos, salvo, fora, senão, sob	perante, abaixo, acerca, acima, adiante, apesar, debaixo, defronte, durante, exceto
Pronomes pessoais	eu, tu, nós, vós, mim	ele(s), ela(s)	comigo, contigo, conosco, convosco
Pronomes possessivos	meu(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s)	minha(s), nosso(a/s), vosso(a/s)	
Pronomes demonstrativos		este(a/s), isto, esse(a/s), isso	aquele(a/s), aquilo
Pronomes relativos e interrogativos	quem, qual, que	cujo(a/s), quanto(a/s), onde, quando, como	
Pronomes indefinidos		algum(a/s), alguém, nenhum(a/s), ninguém, todo(a/s), tudo, outro(a/s), outrem, muito(a/s), nada, pouco(a/s), certo(a/s), vários(a/s), cada, algo, tanto(a/s), quanto(a/s)	
Formas aglutinadas		dele(a/s), nele(a/s), pelo(a/s)	daquele(a/s), daquilo, naquele(a/s), naquilo

Fonte: elaborado pela própria autora

<sup>45</sup> Pelo fato de as palavras *pois*, *nem* e *sem* não sofrerem redução vocálica, as incluiremos no quadro 3.1. Mesmo porque a pronúncia delas parece com a de palavras lexicais, como *cem*, *tem*, *vem*, *dois*, etc.

<sup>46</sup> Esse quadro está organizado conforme nomenclatura da gramática tradicional (cf. CUNHA e CINTRA, 2001).

O fato de a PW ser domínio para generalizações fonotáticas é uma das principais evidências de que algumas palavras lexicais se comportam como PWs, uma vez que o português não aceita PWs iniciadas por consoante palatal /k/, como pode ser observado no Quadro 3.1. No entanto, o fato de a gramática do português aceitar palavras funcionais iniciadas por consoante palatal, como o pronome *lhe*, é evidência de que tal pronome não se comporta como PW (cf. BISOL, 2005; VIGÁRIO, 1999, 2003).

Passamos a apresentar agora os fenômenos fonológicos típicos de sílabas átonas de PW no PB e que atingem as palavras funcionais.

O principal fenômeno é o alçamento de vogais altas /e, o/ a [ɪ, ʊ] em posição pretônica, que é efeito da redução da pauta tônica quando em posição pretônica e postônica. Esse processo se aplica na única vogal que pertence à palavra funcional, sendo, então, a pista da ausência de acento, em [o] *menino* ~ [ʊ] *minino* e d[e] *manhã* ~ d[ɪ] *manhã*. Das palavras listadas no Quadro 3.1, a redução vocálica ocorre apenas nas posições átonas (sílabas pretônicas e postônicas), mas não nas sílabas consideradas acentuadas.

A interpretação da elevação/alçamento da vogal anterior média alta /e/ a vogal anterior alta [ɪ] e da vogal posterior média alta /o/ a vogal posterior alta [ʊ] como neutralização das átonas, segundo Bisol (2003), deve-se a Câmara Jr. (1977), tanto na posição pretônica quanto na postônica.

Em 3.15, apresentamos as palavras funcionais que sofrem a regra de elevação de /e, o/ a [ɪ, ʊ] no PB.

(3.15) Palavras funcionais com [ɪ]

de, me, te, se, lhe(s), que, em, porque, e, se, que

Palavras funcionais com [ʊ]

o(s), com, do(s), no(s), nos, vos, por, porque

Vigário (1999, 2003) considera os processos de redução da vogal como uma das pistas primárias para identificar o comportamento prosódico das palavras funcionais como clíticos prosódicos (sílabas átonas), pois a redução da vogal é tomada como evidência

do caráter átono da palavra funcional, visto que esse processo fonológico só ocorre em sílabas átonas.

Em relação às palavras funcionais com a vogal baixa não arredondada /a/, como em *a(s)*, *à*, *da(s)* *mas*, *na(s)*, é possível a realização de tais palavras com vogais médias centrais médias baixas e baixas [ə, ɐ] em algumas variedades de PB em posições átonas em algumas variedades do PB (cf. CRISTÓFARO SILVA, 2005, p. 86). Embora não tenhamos evidências acústicas do comportamento das vogais de tais palavras funcionais com a variante reduzida<sup>47</sup>, não descartamos a possibilidade da realização variável da vogal /a/ em palavras como *a(s)*, *da(s)*, *mas*, *na(s)*. Assumimos que essa variabilidade é evidência de que são acentualmente inertes, sendo, portanto, prosodizadas como clíticos prosódicos.

Há ainda outros fenômenos que acompanham a redução vocálica nas palavras funcionais e que corroboram o comportamento clítico delas. Por exemplo, tal como sucede em PE (Vigário, 2003), a preposição ‘*com*’ pode (i) perder o traço de nasalidade e há a DG das vogais em sequências como *com+o* ~ *co* e em *com+a* ~ *ca* ou (ii) formar um ditongo com o artigo *com+a* ~ *côa* ~ *cua*. Esses fenômenos não ocorrem em palavras lexicais como *dom* e *som*, quando seguidas por artigo, *dom+a* \*[da] ou *som+a* \*[sa] (cf. TONELI, 2009).

Ainda sobre a realização de vogais, Vigário (2003) afirma que vogais que constituem sozinhas uma palavra, tal como a conjunção *e* ou o artigo *o* podem sofrer semivocalização quando seguidas por uma vogal no PE. Observe os exemplos dados pela autora em (3.16).

- (3.16) a. a blusa azul **e** amarela      [jɐ]  
      b. queria ver **o** animal        [wɐ]  
      c. a pele **do** animal            [wɐ]

A formação de um ditongo entre as vogais das palavras funcionais e as vogais das palavras que as seguem ou antecedem e a semivocalização são evidências do caráter átono das palavras funcionais analisadas.

---

<sup>47</sup> Tema interessante para pesquisas futuras.

No entanto, há ainda algumas palavras funcionais dentre as apresentadas em 3.16 que merecem destaque. Uma delas é o *que*, uma vez que essa palavra representa mais de uma classe gramatical no PB: conjunção e pronome relativo e interrogativo. Quando aparece com função de pronome relativo ou de conjunção, tem sua vogal reduzida, independentemente da posição na sentença e do segmento que o seguir, conforme afirma Toneli (2009), como podemos observar nos exemplos em 3.17.a e 3.17.b, e também antes de pausa em 3.17.c. É importante destacar que tais palavras funcionais só ocorrem em posição inicial e final de I quando há casos de reformulação ou suspensão da fala, como exemplificado em 3.17.e e 3.17.f.

- |                                                                        |                |
|------------------------------------------------------------------------|----------------|
| (3.17) a. Deem-me dois cadernos <b>qu[e]</b> vou levar.                | [ɪ]/*0         |
| b. Ele não diz nada <b>qu[e]</b> eu possa aproveitar.                  | [ɪ]/ 0         |
| c. Você não se lembra do dinheiro <b>qu[e]</b> ... você deve para mim? | [ɪ]/*0         |
| d. Sabemos <b>qu[e]</b> os jovens saíram.                              | [ɪ]/ *0        |
| e. Ele acredita <b>qu[e]</b> ... <b>qu[e]</b> os livros educam.        | [ɪ]/*0 [ɪ]/ *0 |
| f. As blusas <b>qu[e]</b> encomendamos chegaram.                       | [ɪ]/ 0         |
| d. As blusas <b>qu[e]</b> ... <b>qu[e]</b> encomendamos chegaram.      | [ɪ]/ *0 [ɪ]/ 0 |

Com função de pronome interrogativo, a redução vocálica pode ocorrer quando aparece em posição inicial e interna de I, como pode ser observado em 3.18.a e 3.18.b, mas não em posição final, 3.18.c em que a vogal é realizada de modo pleno.

- |                                            |         |
|--------------------------------------------|---------|
| (3.18) a. O <b>qu[e]</b> ele está fazendo? | [ɪ]/*0  |
| b. Eu não sei o <b>qu[e]</b> ele falou.    | [ɪ]/ 0  |
| c. Ele quer o <b>qu[e]</b> ?               | *[ɪ]/*0 |

O fato de não ocorrer redução vocálica quando a palavra funcional *que* é um pronome interrogativo em posição final de I pode indicar que tal palavra funcional utiliza alguma informação prosódica diferente de outras palavras funcionais para se comportar como PW apenas em posição final de frases interrogativas. Uma hipótese plausível para justificar o bloqueio da redução vocálica nessa posição é que, quando o *que* ocorre em posição de final de I, recebe acento nuclear de I, o que o leva a se comportar como uma

PW. Contudo, não temos dados acústicos para comprovar tal hipótese, mas é a explicação mais plausível para o bloqueio da redução vocálica. Fatores sintáticos e semânticos podem também corroborar nossa análise, já que o pronome carrega informação principal da sentença (ver também discussão em Vigário, 2003 sobre casos similares em PE).

Nas demais possibilidades da palavra funcional *que*, ela sofre redução vocálica, podendo ainda ditongar com a vogal da palavra seguinte, quando houver, e até mesmo ser apagada quando produzida em posição interna de I, como exemplificado em 3.17.b, 3.18.b e 3.17.d.

A conjunção *porque* é uma palavra funcional dissilábica que pode sofrer a regra de elevação tanto da vogal /o/ na sílaba  $p[o]r \sim p[u]r$ , independentemente da posição em I, quanto da vogal /e/ da sílaba *que*, pode ser realizada como [i] quando a conjunção ocorrer em início ou meio de I<sup>48</sup>, como exemplificado a seguir.

- (3.19) a. Por que você não quer sair? **P[o]rqu[e]** eu não quero. [u] - [i]/ 0  
 b. Vou embora, **p[o]rqu[e]... p[o]rqu[e]** estou cansada. [u] - \*[i]/\*0 – [u] [i]/ 0

No caso da preposição dissilábica *para*, trabalhos como o de Bisol (2000, 2005) e Toneli (2009), por exemplo, têm mostrado formas reduzidas produzidas na fala oral, como *pra e pa*, além de haver formas contraídas com artigos como *para + um > prum*, *para + o > pro, pó*, e até mesmo em textos escritos. Esses fatos mostram que tal preposição sofre regras de apagamento vocálico ou de redução da vogal que poderia portar acento, o que é considerado uma evidência de que tal palavra apresenta comportamento de sílaba átona assim como ocorre nas sílabas postônicas de uma palavra lexical como *fósforo ~ fórfi ~ fósfri*.

Esses dois casos, da preposição *para* e da conjunção *porque*, chamam a atenção por serem palavras dissilábicas que formam um pé e poderiam receber acento primário. Todavia, sofrem processos de redução ou de apagamento da vogal nas sílabas que seriam candidatas a receber acento na formação dos pés. Esses fatos indicam que tais palavras

---

<sup>48</sup> A forma *porquê* não entra nessa discussão, pelo fato de se comportar como um substantivo, sendo, então, uma palavra lexical, não estando propensa a sofrer redução vocálica.

apresentam comportamento de clíticos e não de PWs, tal como ocorre em PE. Esse tipo de comportamento pode ser uma mudança em curso de tais palavras, já que preenchem as condições para constituírem PW e receberem acento primário.

Em relação à preposição *sob*, o que é notado em algumas variedades de PB é a inserção de uma vogal, que depois, eventualmente, semivocaliza se seguida de vogal, após a consoante *b*, gerando uma palavra dissilábica [so.bi]. Destacamos que não há redução vocálica na sílaba que portaria o acento primário \*s[u]bi. Nesse caso, tal palavra formaria um pé binário, sendo apta a receber acento primário. Diante desses fatos, assumimos que tal preposição comporta-se como PW e não como clítico prosódico. No capítulo 5, exploraremos se essa preposição recebe PA, o que reforçaria nossa análise.

Outro processo que ajuda a diferenciar palavras clíticas de PWs, já que é restrito ao domínio da PW, é o bloqueio da harmonia vocálica. Tal regra não ocorre em palavras funcionais átonas independentemente de a vogal subsequente ser alta ou não, como em *me leva*, mas não \*m[ɛ] l[ɛ]va ao contrário do que ocorre em p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca. é importante destacar que o alçamento vocálico ocorre independentemente da vogal da sílaba tônica da palavra lexical, como em m[ɪ] chama.

Podemos destacar também a ausência de atribuição de PAs às palavras funcionais, já que somente sílabas acentuadas recebem PAs (cf. SELKIRK, 1995; VIGÁRIO 1999). Ao longo deste capítulo, apresentaremos evidências de que as palavras funcionais monossilábicas não recebem PA.

Entretanto, Toneli (2009) mostra que nos dados por ela analisados é comum a associação de acento tonal L+H seguido por L- quando as palavras funcionais estão em contexto de foco corretivo. Em algumas situações discursivas, a palavra funcional é produzida como um único I. Esse é um dos casos em que a palavra funcional pode ser prosodizada como PW.

Embora não tenhamos dados acústicos que comprovem essa afirmação, por introspecção, é possível observar a associação de acento enfático às palavras funcionais monossilábicas. Mesmo que esses eventos tonais sejam caracterizadores do domínio PW no PB, a associação deles pode indicar que se unem à PW por adjunção, como os prefixos.

Diante do que foi discutido na presente seção, no Quadro 3.2, apresentamos um conjunto de palavras funcionais que consideramos ser acentualmente inertes, pois não formam um pé, não recebem acento primário e sofrem processos típicos de sílabas átonas (clíticos fonológicos)<sup>49</sup>.

**Quadro 3.2: Palavras funcionais prosodizadas como sílabas átonas**

Categorias funcionais	Monossilábicas	Dissilábicas
Artigos definidos	o(s), a(s)	
Conjunções	e, ou, se, mas, que,	porque
Preposições	a/ à/ ao, de, em, com, por, do(a)(s), no(a)(s) <sup>50</sup>	para
Pronomes pessoais	me, se, te, lhe(s), o(s), a(s), nos, vos	
Pronomes relativos e interrogativos	que	porque

Os dados discutidos em relação à ocorrência/bloqueio dos processos fonológicos observados no PB revelam que as palavras funcionais apresentadas acima são prosodizadas como sílabas átonas, comportando-se prosodicamente como clíticos fonológicos que irão se apoiar em uma palavra acentuada. Discutido o estatuto prosódico das palavras funcionais no PB, na próxima seção, discutiremos o modo como as palavras funcionais átonas são inseridas na estrutura prosódica, além de discutir a estrutura prosódica formada junto ao seu hospedeiro na próxima seção.

### 3.3.3 Prosodização lexical e pós-lexical de palavras funcionais átonas

Algumas análises sobre a prosodização de palavras funcionais átonas nas línguas têm proposto que são inseridas diretamente no componente lexical sem sofrer antes processos lexicais (cf. KAISSE e SHAW, 1985, p. 9).

<sup>49</sup> Destacamos que não foram encontradas evidências fonológicas, exceto a ausência de acento primário, de que as palavras funcionais, como *um(s)*, apresentam comportamento de clíticos fonológicos. Voltaremos a discutir o comportamento prosódico de *um* no capítulo 5.

<sup>50</sup> É importante ressaltar que tais palavras são formas aglutinadas da preposição *em* ou *de* mais artigo definido *a(s)*, *o(s)*, que estão sendo consideradas como preposições.

Inkelas (1990, p. 241), por exemplo, sugere que palavras átonas não possuem propriedades atribuídas às palavras plenas no componente lexical, isso porque não sofrem regras lexicais.

Por outro lado, Vigário (2003, p. 183) afirma que no PE sofrem regras lexicais como redução vocálica e ditongação nasal final, por exemplo, o que pode ser evidência de que também são afetadas por processos fonológicos dentro do componente lexical e isso implicaria que são prosodizadas dentro do léxico assim como outras palavras.

Vigário ressalta, sobretudo, o fato de as palavras átonas não terem propriedades de PW lexicais, assim como notado por Inkelas, já que a elas falta acento primário, estando as vogais aptas a sofrer redução vocálica, além de não estarem sujeitas a generalizações fonotáticas a que PWs estão.

Os dados discutidos na seção anterior mostraram que no PB as palavras funcionais apresentadas no Quadro 3.2 comportam-se prosodicamente como clíticos prosódicos, que irão se apoiar em uma PW.

Vigário afirma que, no PE, as palavras clíticas são processadas no léxico como sílabas, já que apresentam a mesma estrutura silábica que palavras lexicais nas línguas (cf. D'ANDRADE e VIANA, 1994; VIGÁRIO e FALÉ, 1994; MATEUS e D'ANDRADE, 2000; VIGÁRIO, 2003). A seguir, trazemos exemplos da autora.

(3.20) palavras funcionais clíticas		palavras lexicais plenas	
V	o	V	ó
CV	da	CV	dá
CVC	por	CVC	pôr
VC	as	VC	ás
VG	ao	VG	eu
CVGC	pois	CVGC	dois

Vigário afirma que alguns tipos silábicos de palavras lexicais plenas não são encontrados em palavras funcionais clíticas, como CCV (crê), CCVC (crer), CCVG (breu) e CCVGC (grãos), que podem ainda aparecer como formas reduzidas de clíticos como *pra* 'CCV', e também que não encontrou processos lexicais que são exclusivos do domínio

sílabas no PE para que se pudesse afirmar se os clíticos são ou não são parseados como sílabas dentro do componente lexical.

Em relação ao modo como são integrados à estrutura prosódica, que também pode variar entre as línguas, destacamos que as palavras funcionais clíticas apresentadas no Quadro 3.2 (seção anterior) para o PB são destituídas de acento lexical, comportando-se como sílabas átonas no léxico, entrando no pós-léxico como tal (cf. SELKIRK, 1996; BOOIJ, 1996; KLEINHENZ, 1996; PEPERKAMP, 1997; HALL, 1999; VIGÁRIO, 2003; BISOL, 2000, 2005; BRISOLARA, 2004, 2008; TONELI, 2009; entre outros).

Discutida a prosodização das palavras funcionais prosodizadas no léxico como sílabas átonas, passamos a apresentar evidências de que as palavras funcionais clíticas vão se unir a um hospedeiro acentuado no nível pós-lexical.

Na análise apresentada por Vigário, enclíticos são incorporados à PW, e as evidências para tal proposta são que os clíticos pronominais à fronteira direita de PW sofrem os processos fonológicos típicos de final de PW, como o bloqueio do apagamento de vogal final, como em *pele alva* > *pelalva* e *ped[e]-t[e]* ~ *ped[e]-t*, mas não em *\*ped-t[e]*. outros processos que corroboram a análise de que os enclíticos no PE incorporam à PW precedente são a semivocalização V2, *eu vi-o deitado* (*u/w*), o apagamento de vogal final, *peço-te agora* (*0/ʃ*), e a haplologia, *Ô João bate-te muito* (*tĩ tĩ/ x̣tĩ*), como exemplificado anteriormente.

Os proclíticos, por outro lado, são adjungidos à PW seguinte no PE, e as evidências para essa análise são os processos que ocorrem na fronteira direita de PW, como o acento enfático que pode aparecer na primeira sílaba de PW ou no proclítico, como em *a catalogaDOra*. Vigário (2003) assume que as palavras átonas do PE têm o domínio PW como hospedeiro. Outros fenômenos pós-lexicais que caracterizam a próclise no PE são a realização da vogal inicial, o acento inicial e o acento enfático, que são evidências de que as palavras átonas fazem parte da PW.

Em se tratando do PB, autores como Bisol (2005), Brisolara (2008) e Toneli (2009) afirmam que as palavras átonas nesta variedade de português estão sujeitas a regras de aplicação variável, típicas do componente pós-lexical, como sândi vocálico, *tapping*, vozeamento da fricativa, redução vocálica e semivocalização.

Como afirmado anteriormente, os processos de sândi vocálico que atingem palavras funcionais clíticas são a DG e a DT.

Tenani (2002) afirma que, quando a sequência de duas vogais iguais ocorre no nível pós-lexical, ou seja, em fronteira de PW, a aplicação da DG é bloqueada se a segunda vogal é tônica, ou se ambas forem tônicas. Em 3.21, exemplificamos casos em ocorre a DG (TONELI, 2009).

- (3.21) a. Esse carro é **da** Aline.  
b. Acho que **do** Osvaldo.  
c. Eu **me** esqueci.  
d. Não sei **se** está certo.

Contudo, diferentemente de Toneli, Tenani estuda os fenômenos de sândi entre PWs e não entre a sequência clítico+hospedeiro, o que justifica a diferença entre os contextos de aplicação da DG. A DG ocorre também quando a junção de um prefixo a uma base como em *co+operar > cooperar ~ coperar*, como descrito por Schwindt (2000). Nesse caso, tanto o clítico quanto o prefixo comportam-se como sílabas pretônicas, sendo a DG uma evidência de que o clítico faz parte da PW.

A DT também é implementada independentemente de a vogal seguinte ser átona ou tônica, diferentemente de quando ocorre entre PWs (cf. BISOL, 1992; TENANI 2002). Em 3.22, apresentamos frases em que as palavras funcionais sofrem DT<sup>51</sup>.

- (3.22) a. Não sei **se** ele me viu.  
b. O livro está **sobli a** mesa.  
c. Não vi **o** ônibus passar não.  
d. Eu peço que **me** aguarde.

Nos casos apresentados em 3.22.c, 3.22.d e 3.22.e, a DT só ocorre quando as vogais /e, o/ forem alçadas a [ɪ, u]. Com exceção disso, a DT pode ocorrer em todos os casos mencionados.

---

<sup>51</sup> Exemplos de Toneli (2009).

Para Bisol (1996a), o fator mais importante para a aplicação do processo é o contexto segmental, pois a vogal alta e átona favorece a DT independentemente da sílaba em que ocorre, se postônica ou pretônica. No geral, a DT é aplicada em contextos que envolvem palavras funcionais, exceto se for seguida por pausa final ou se essas palavras estiverem sobre foco estreito, pois o foco propicia a criação de um hiato entre as vogais envolvidas, ao invés de privilegiar a criação de um ditongo (cf. TONELI, 2009). Embora seja um processo que não tem restrição quanto à fronteira prosódica, podendo ocorrer inclusive dentro de PW, a sua ocorrência na sequência palavra átona+hospedeiro mostra a natureza pós-lexical dessa união.

Ao contrário da DG e da DT, que têm aplicação produtiva entre palavras átonas e PW, a EL é bloqueada quando o contexto é palavra funcional clítica monossilábica, segundo Bisol (1992, 2005), mas pode ocorrer entre palavras funcionais desde que uma delas seja uma PW, como em *entre um dia ~ entr[u]mdia*. Brisolara (2008) e Toneli (2009) afirmam que a tendência do PB é que a vogal média /e/ se transforme em semivogal, como em *gent[ja]legre*, ao invés do apagamento da vogal /e/ em final de palavra funcional quando a palavra seguinte for iniciada por vogal de qualidade distinta, como em ‘*Você fica d[ja]ntena ligada*’.

- (3.23) a. da Odete \*0  
b. de ônibus \*0

Bisol (2005) afirma que a EL produziria estruturas malformadas quando a vogal final pertence a uma palavra funcional, como ilustrado em 3.23, enquanto pode ocorrer livremente entre duas PWs, como em ‘*camisa usada → ka.mi.zu.za.da*’.

Em 3.23.a, o apagamento da vogal /a/ não é permitido, pois implicaria no desaparecimento desse morfema monossilábico, assim como não é permitido em sequências que envolvem o artigo *a*, como em *a Odete*, nem em sequências que envolvem a preposição *a* como em *Fui a Americana*.

Bisol (2005) afirma também que as palavras funcionais terminadas em /e/ e /o/ podem sofrer opcionalmente o apagamento da vogal final entre palavras funcionais (3.24.a-b), mas não entre palavras lexicais (3.24.d) e entre a sequência clítico+hospedeiro (3.24.c).

(3.24) Contextos<sup>52</sup>

a. duas palavras funcionais

de + um: dum

em + um: num

para + um : prum

c. clítico+ palavra lexical

de amor: \*damor

de atenção: \*datenção

de amigo: \*damigo

b. mais de duas palavras funcionais

de outra: doutra

em outro: noutro

para outro: proutro

d. duas palavras lexicais

cidade antiga: \*cidadantiga

grande amigo: \*grandamigo

leque azul: \*le[ka]zul

O bloqueio da EL entre a sequência clítico+PW é evidência de que as palavras clíticas funcionam como sílabas pretônicas, já que esse processo também não ocorre dentro de PW. O fato de ocorrer entre duas palavras funcionais mostra que algumas palavras funcionais, embora se comportem prosodicamente como sílabas pretônicas, carregam informações morfossintáticas que as diferenciam de alguns prefixos. Todavia, não entraremos nessa questão, por fugir de questões importantes para nossa pesquisa.

Em relação à redução vocálica no PB, o fato de ocorrer independentemente de as palavras funcionais estarem à direita ou à esquerda de PW é evidência do comportamento delas como sílabas átonas, assim como ocorre com as sílabas átonas em final de palavras lexicais, como em *chav[ɪ]* e *fat[ʊ]*. O fato de essa regra não ter aplicação obrigatória mostra que é um fenômeno pós-lexical que atinge palavras funcionais átonas, corroborando a análise de que as palavras funcionais são prosodizadas no pós-léxico junto ao hospedeiro, diferentemente dos afixos.

Outros processos que têm aplicação variável e que afetam a sequência palavra funcional clítica e hospedeiro, corroborando com a análise de que tais palavras são prosodizadas junto ao hospedeiro no pós-léxico, são a palatalização de /t, d/, o vozeamento da fricativa /s/ e o *tapping*, como, respectivamente, em *d[ʒi] manhã*, *a[z] meninas* e *po[r]*

---

<sup>52</sup> A maioria dos exemplos apresentados em (3.24) são de Bisol (2005).

*amor*. Nesse caso, tais processos vão colaborar para a argumentação de que as palavras funcionais são prosodizadas junto ao hospedeiro no pós-léxico.

Um fenômeno que corrobora a análise de que as palavras funcionais não se comportam como sílabas pretônicas átonas de uma PW é o bloqueio da regra de assimilação de nasalidade que ocorre normalmente dentro de PW, como em *bãñãna*, mas não afeta clíticos, como em *ele \*ã nana*. Como será mostrado no capítulo seguinte, esse mesmo fenômeno não ocorre entre PW, como em *\*ultrãnatural*. Esse é um dos principais fenômenos que sustentam a análise de que palavras funcionais átonas não são sílabas pretônicas de uma PW.

Diante do exposto e seguindo a análise de Vigário para o PE, a qual se baseia na classificação proposta por Zwicky (1977), as palavras funcionais do PB podem se encaixar nos três casos de clíticos prosódicos definidos por Zwicky: os clíticos pronominais podem ser clíticos especiais, por causa da sua mobilidade em relação ao hospedeiro e as demais palavras funcionais clíticas podem pertencer à classe dos clíticos simples ou até mesmo das palavras de fronteira. Entretanto, o que podemos afirmar é que todas essas palavras funcionais podem ser classificadas como clíticos fonológicos no sentido de que são elementos sem acento e que precisam se apoiar em um hospedeiro.

Em relação ao domínio prosódico em que o clítico é prosodizado junto ao seu hospedeiro, tem sido reportado na literatura, como já mencionado na seção 3.3.1, que pode ser a PW, PWG,  $\phi$  e I.

Os argumentos apresentados acima mostram que as palavras funcionais clíticas do PB se unem a uma PW como domínio de prosodização, pelo fato de sofrerem processos fonológicos pós-lexicais que afetam sílabas átonas, tanto pretônicas e quanto postônicas de PW.

No entanto, o bloqueio da regra de assimilação de nasalidade é uma evidência de que as palavras funcionais clíticas não se ligam à PW do mesmo modo que sílabas pretônicas.

Em relação às palavras funcionais proclíticas no PE, Vigário propõe que são adjungidas ao hospedeiro que as segue, e as evidências para essa prosodização é a ocorrência de fenômenos que se aplicam no limite esquerdo de PW, tanto na primeira sílaba

da PW a que o proclítico se adjunge, como no próprio proclítico, como a variabilidade no grau de elevação de vogais não centrais e não altas iniciais de PW, a *organização* (o/ɔ), a atribuição de acento inicial de PW, *do governador*, e de acento enfático, *NA posição*. Esses fenômenos também podem sustentar a argumentação de que as palavras funcionais quando proclíticas adjungem-se ao hospedeiro acentuado, embora destacamos a necessidade de um estudo experimental para sustentar nossa intuição de falante nativo.

Em relação à direção em que vão se unir ao hospedeiro, os dados nos mostram que o PB privilegia a adjunção à direita de PW (próclise), ficando a adjunção à esquerda somente para casos em que a palavra funcional é produzida em final de enunciado (casos raros).

Uma evidência de que os enclíticos não são incorporados à PW no nível lexical é a não alteração do acento primário em verbos quando seguidos por pronomes átonos, como em *ajuDÁvamo-nos*, corroborando a análise de que os enclíticos se unem ao hospedeiro no nível pós-lexical, já que a regra de atribuição de acento é um fenômeno lexical.

Toneli (2009) ressalta que no PB, de modo geral, a ênclise se dá em poucas situações, por exemplo, quando a palavra funcional clítica está em posição final de *I*, não tendo nenhum hospedeiro acentuado que a segue, gerando o que a autora denomina ser uma ênclise prosódica e não sintática.

Em relação à prosodização das palavras funcionais clíticas, a aplicação da regra de elevação de vogal final no PB mostra uma simetria entre próclise e ênclise, já que esta regra ocorre tanto no clítico quanto na PW hospedeira, independentemente da posição em que o clítico estiver em relação ao hospedeiro, como em *m[i] lev[i]* ou *lev[i] m[i]* (cf. BISOL, 2005; BRISOLARA, 2008).

Por conta dessa uniformidade do modo como proclíticos e enclíticos se juntam ao hospedeiro e por não haver evidências fonológicas de incorporação de ambos tanto à direita quanto à esquerda do hospedeiro, assumimos que a palavra funcional clítica se une a uma PW já pronta por adjunção, e essa adjunção ocorre no pós-léxico ao contrário do que ocorre com afixos.

Considerando que há violação do princípio da recursividade no léxico, na representação proposta por Schwindt (2000) e por nós assumida, poderíamos estipular que a diferença entre a prosodização de prefixos átonos e palavras funcionais átonas seria o nível em que a adjunção ocorre, já que no primeiro caso a adjunção ocorre no nível lexical e no segundo ocorreria no nível pós-lexical. Para isso, poderíamos seguir a proposta de Vigário (1999, 2003) de que as palavras funcionais formam junto com o hospedeiro que é uma PW uma PW recursiva.

Uma outra possibilidade de análise é assumir que essa adjunção ocorre em um nível superior, como PWG, conforme proposta de Toneli (2009), abrindo mão da violação da restrição de recursividade e mantendo a violação da restrição exaustividade, já que a palavra funcional é prosodizada como sílaba átona que une diretamente a uma PW em PWG, um domínio mais alto que PW.

Uma evidência de que o clítico não faz parte de PW é a não ocorrência da regra de harmonia vocálica, como em *m[e] l[ɛ]va*, como em ocorre dentro de PW em *p[ɛ]r[ɛ]r[é]ca*. O fato desse processo também não ocorrer entre PWs dentro de PWG ramificado, como em *Hip[e]rgliceMla* sugere que os clíticos podem se unir a PW em PWG.

Outro fenômeno que sugere a a análise de que o clítico não se une à PW e nem a  $\phi$  é o bloqueio da haplologia em sequências como  $[[curso]_{PWG} [de \underline{direito}]_{PWG}] \phi > [[curso]_{PWG} * [direito]_{PWG}] \phi$ , já que a haplologia ocorre em sequências que envolvem PWs dentro  $\phi$ , como em  $[[faculdade]_{PWG} [dinâmica]_{PWG}] \phi < [[faculda]_{PWG} [dinâmica]_{PWG}] \phi$ . Sobretudo, destacamos a necessidade de um teste acústico para avaliar se realmente não há apagamento fonético da palavra funcional nesse contexto, como ocorre dentro de  $\phi$ .

Como mencionado acima, a não ocorrência da regra de assimilação de nasalidade entre palavra funcional átona e hospedeiro, como em *na mesa < \*nã mesa*, e entre PWs, *belamente < \*belãmente*, que compõem PWG também corroboram essa análise.

Em nossa visão, o clítico é prosodizado como sílaba átona no léxico. No pós-léxico, agrega-se a PW como sílaba átona e junto a ela forma um PWG e não uma PW recursiva.

Por isso, em nossa visão, assumindo a existência de PWG no PB, nossos argumentos fortificam a análise de que o constituinte que agrupa palavras funcionais clíticas e PWs é PWG. Essa análise parece ser mais vantajosa para a gramática também do que manter a ideia de que as palavras clíticas se reúnem no constituinte GC, uma vez que PWG agrupa PWs. A diferença dessa proposta em relação à de Nespor e Vogel (1986) é que a nossa não pretende afirmar qual é o domínio de ligação dos clíticos nas línguas, uma vez que tem sido proposto para as línguas que os clíticos podem se ligar a domínios mais altos, como  $\phi$  e I, mas propor que no caso do PB os clíticos se adjungem no nível de PWG. Desse modo, PWG pode ser ramificado, formado por duas PWs, como proposto por Vigário, e não ramificado, incluindo uma única PW, conforme já propõem Vigário (2003) e Toneli (2009).

Contudo, essa análise não invalida a proposta de que as palavras funcionais átonas se adjungem à PW, formando uma PW pós-lexical ou recursiva como proposta por Schwindt e Vigário (1999, 2003), mesmo porque essa análise é aceita para os prefixos átonos no PB.

Em vista disso, apesar de não haver contra-argumentos para a proposta de que as palavras funcionais átonas se unem ao hospedeiro formando uma PW pós-lexical, destacamos que prefixos e palavras funcionais são prosodizados em diferentes níveis da gramática. Por esse motivo, mantemos a questão do domínio de prosodização das palavras funcionais átonas no PB aberta a discussões em trabalhos futuros.

### **3.4 A diferença entre afixos e palavras funcionais clíticas no PB**

Como discutido na seção anterior, as palavras funcionais apresentadas no Quadro 3.2 do PB são prosodizadas no léxico como sílabas átonas, não sofrendo algumas regras lexicais, como atribuição de acento, assim como alguns afixos discutidos na seção 3.2.

Em relação ao modo como se unem ao hospedeiro, foi assumido que prefixos são adjungidos a uma PW no nível lexical, enquanto palavras funcionais átonas se unem a

uma PW no nível pós-lexical. Por outro lado, os sufixos átonos são sempre incorporados a uma PW no nível lexical.

Embora tenhamos mostrado, nas seções 3.2 e 3.3, propriedades que caracterizam palavras funcionais clíticas e afixos, apresentaremos alguns aspectos que mostram uma distinção, não só morfossintática, mas também fonológica.

Um primeiro argumento que permite que clíticos fonológicos não sejam confundidos com afixos é a independência sintática que algumas palavras funcionais clíticas têm dentro da sentença, como exemplo os pronomes átonos, já que podem estar proclíticos, mesoclíticos ou enclíticos ao verbo (hospedeiro), enquanto os afixos átonos sempre aparecem presos a uma forma livre (palavra lexical), que é hospedeiro, como em ‘*re+escrever=reescrever*’. Os pronomes átonos ‘*me, te, se, lhe(s), o(s), a(s), nos, vos*’ são clíticos sintáticos, que podem ocorrer antes (próclise), no meio (mesóclise) ou depois (ênclise) do seu hospedeiro que é sempre um verbo.

Outra diferença entre eles é que os afixos podem alterar o sentido e a classe de palavra, enquanto palavras funcionais clíticas apenas inserem informações de gênero e de determinação, caso dos artigos, ou estabelecem uma relação de ligação entre palavras, como as preposições e as conjunções, por exemplo, ou indicam uma função sintática, como os pronomes átonos.

(3.25) a. afixos

ocupar – verbo

‘tomar posse’

desocupar – verbo

‘deixar de ocupar’

ocupação – substantivo

‘ato de ocupar’

desocupação – substantivo

‘ato de desocupar’

b. clíticos

a menina – artigo

‘feminino e definido’

casa de madeira – preposição

‘estabelece relação de especificidade entre substantivos’

menino e menina – conjunção

‘estabelece relação de adição entre substantivos’

me leve/ leve-me – pronome

‘função sintática de complemento verbal’

Os afixos sufixais alteram também a posição do acento primário, aumentando o tamanho da palavra morfológica, como pode ser observado em 3.25, enquanto o mesmo não ocorre com palavras funcionais enclíticas, como em *chamáva-se/ chamáva*.

Há também o fato de alguns afixos terem autonomia acentual quando fazem parte de uma palavra composta, como exemplo, o prefixo *pré-* em *pré-natal*, ao contrário de algumas palavras funcionais acentuadas que não formam uma palavra composta, por exemplo, *entre manifestantes*. No caso do prefixo, ele compõe junto à palavra lexical um significado, enquanto a palavra funcional apenas exprime uma ideia de posição no espaço junto à palavra lexical.

O fato de as palavras clíticas serem consideradas formas livres, enquanto que os afixos são formas presas, por exemplo ‘*desocupar*’ x ‘*de socorro*’, é outro argumento que mostra a diferença entre afixos átonos e palavras funcionais átonas. Podemos ainda destacar que palavras funcionais átonas pertencem a classes morfológicas diferentes (artigos, preposições, pronomes e conjunções), pois os afixos não pertencem a uma classe morfológica e são ignorados por regras sensíveis à informação morfológica, e as palavras funcionais átonas são sensíveis à informação morfológica.

Em relação às regras fonológicas que distinguem afixos de palavras funcionais clíticas, tanto em PB quanto em PE, uma regra que afeta apenas sufixos, mas não enclíticos, é a inserção de glide para quebrar o hiato, como em *creio* vs *dê-o*.

No caso do PE, além da inserção de um glide para quebrar o hiato, a centralização de /e/ heterossilábico, como em *plebeizar* [e] e *dê-lho* [e], afeta enclíticos de acordo com Vigário (2003).

No caso de prefixos no PE, a ditongação nasal exemplifica um processo que afeta apenas proclíticos, como em *enviuvar* [ẽ]/ \*[ẽ] e *em vitrines* [ẽ], já que é bloqueada em prefixos no PE.

A neutralização das átonas pode afetar palavras funcionais átonas, mas não prefixos átonos, enquanto o contrário ocorre com a regra de harmonia vocálica que afeta prefixos, mas não palavras funcionais átonas. O mesmo se dá com a assimilação de nasalidade que afeta prefixos.

De acordo com nossa análise, embora tanto afixos e quanto palavras funcionais clíticas sejam prosodizadas no léxico como sílabas átonas, defendemos que tais elementos se unem a uma PW em níveis distintos, já que os afixos se unem a PW no nível lexical, enquanto as palavras funcionais, por sofrerem apenas regras pós-lexicais, unem-se a PW no nível pós-lexical.

Em suma, além dos aspectos morfossintáticos que diferenciam palavras funcionais clíticas de afixos, os aspectos fonológicos discutidos são relevantes para demonstrar que afixos são distintos de palavras funcionais clíticas no que se refere ao nível em que são prosodizados e semelhantes somente em relação à direção de cliticização (direita e esquerda) e o tipo de hospedeiro a que se une (no caso PW).

### 3.5 Considerações finais sobre a definição de PW no PB

Ao longo do capítulo, discutimos a prosodização de afixos, de palavras lexicais e de palavras funcionais, dando destaque aos fenômenos fonológicos que servem de diagnóstico para a identificação de que determinada estrutura morfológica constitui uma PW independente ou uma sílaba átona no léxico e no pós-léxico.

Foi observado no PB que algumas unidades morfológicas são unidas, formando (i) uma única PW com um radical e uma vogal temática, por exemplo,  $[cas+a]_{PWlex}$ , (ii) uma PW com um sufixo incorporado à esquerda de PW, por exemplo,  $alegrar+mento = [alegramento]_{PWlex}$ , (iii) uma PW com um prefixo adjungido à direita de uma PW, por exemplo,  $des+honesto = [desonesto]_{PWlex}$  e (iv) uma PW com um proclítico adjungido à direita  $[me+aguarde]_{PWpos-lex}$  e (v) uma PW com um enclítico adjungido à esquerda de PW, como em  $[falávamo-nos]_{PWpos-lex}$ .

Assim, para derivar a prosodização de elementos que não constituem PW no nível lexical, assumimos a generalização proposta por Vigário (2003), apresentada em 3.26.

#### (3.26) Generalização do parseamento prosódico no nível de PW

Qualquer morfema não dominado pelo nó PW é adjungido a um domínio superior que PW.

Entretanto, tal generalização não engloba palavras derivadas por afixação, como *descontentamento*. Para dar conta de casos como esse, apresentamos em 3.27 uma nova generalização baseada no que propõe Vigário (2003).

(3.27) Domínio da PW lexical

O domínio da PW lexical inclui um radical mais afixos tanto à direita quanto à esquerda.

Para, então, incluir a prosodização de palavras funcionais clíticas junto a uma PW, assumimos que a definição de PW no nível pós-lexical inclui dois componentes: um que define o modo como PWs lexicais são relacionadas à estrutura prosódica construída pós-lexicalmente (3.28.a) e outra que define a informação sintática referida no mapeamento entre estrutura sintática e estrutura prosódica no nível de PW (3.28.b), conforme propõe Vigário (2003).

(3.28) Domínio da PW pós-lexical/ PWG

- a. As fronteiras de uma PW lexical são pós-lexicalmente projetadas.
- b. A  $Lex^0$  é mapeada até uma PW.

Destacamos que o domínio prosódico em que a palavra funcional átona se adjunge à PW, ou mesmo se incorpora, pode variar de língua a língua. Como dito na seção anterior, encontra-se em aberta essa questão no PB, mesmo porque não há argumentos claros de qual domínio ocorre a adjunção de palavras funcionais átonas no PB e mesmo por não haver consenso na literatura com relação ao domínio prosódico em que a palavra funcional clítica se insere na estrutura prosódica.

Destacamos que o objetivo da presente pesquisa que é de sistematizar o domínio da PW no PB foi cumprido, na medida com que apresentamos evidências de que afixos e palavras funcionais átonas são prosodizadas no léxico como sílabas ato à prosodização desses elementos, mostramos que, no caso dos afixos, são prosodizados no léxico, sofrendo regras desse componente, enquanto palavras funcionais são prosodizadas no pós-léxico, sofrendo regras do componente pós-lexical. Definido o estatuto prosódico

das palavras funcionais clíticas e de afixos não acentuados, passamos a discutir as palavras morfológicas formadas por mais de uma PW.

## 4 A prosodização de palavras compostas x palavras simples no PB

### 4.0 Introdução

Neste capítulo, discutiremos o estatuto prosódico de algumas estruturas morfológicas, como as que envolvem palavras derivadas por prefixos acentuados, as palavras derivadas específicas formadas pelos sufixos acentuados *-mente* e *-zinho/a* e palavras envolvendo algumas combinações de radicais e de palavras morfossintáticas, como as formadas por Verbo+Nome, Radical+Radical e Radical+Palavra. Nossa meta é investigar se tais palavras constituem mais de um domínio para a atribuição de acento primário e diferenciá-las de estruturas que constituem uma única PW, no caso de palavras simples, como as discutidas no capítulo anterior, a partir da análise de fenômenos fonológicos que funcionam como diagnósticos para identificação de PWs no PB. Ao longo desta tese, temos denominado *palavras compostas* as estruturas morfológicas formadas por mais de uma PW, e *palavras simples* aquelas que constituem uma única PW - exploradas no capítulo anterior. Esse será o tema da seção 4.1.2.

Os dados utilizados na discussão sobre os fenômenos fonológicos são de natureza empírica, obtidos experimentalmente e a partir da observação e da introspecção do investigador. O estudo experimental e os resultados obtidos são apresentados nas seções 4.1 e 4.2, respectivamente.

Na seção 4.2, apresentamos uma discussão sobre o comportamento prosódico de acrônimos, já que, segundo Vigário e Fernandes-Svartman (2010), a associação de PAs às abreviaturas mostram que cada elemento dessas estruturas constitui PWs independentes

que se agrupam, respeitando condições de tamanho e sendo maximamente binárias. A estrutura prosódica formada por tais estruturas será discutida na seção 4.2.

Na seção 4.3, discutimos o comportamento de dois fenômenos que não são de natureza puramente fonológica, como o apagamento sob identidade e o truncamento, já que, segundo Vigário (2003), esses fenômenos trazem pistas adicionais sobre o domínio da PW no PE. Nosso objetivo é discutir se podem ou não trazer evidências do domínio PW no PB.

Por fim, na seção 4.4, comparamos os domínios PW e PWG, explicitando a relação que mantêm com as estruturas morfológicas analisadas no presente capítulo, além de apresentar as considerações finais do capítulo.

#### **4.1 Experimento 1: palavras compostas no PB**

Nesta seção, dividida em duas outras, apresentamos a descrição do *corpus* experimental e da metodologia de obtenção dos dados, seção, 4.1.1, e na seção seguinte, descrevemos os resultados e caracterizamos o comportamento prosódico de palavras compostas por mais de uma PW a partir da discussão de fenômenos fonológicos que identificam a PW.

##### **4.1.1 *Corpus* e metodologia de obtenção dos dados**

Como mencionado acima, uma parte dos dados analisados no presente capítulo foi obtida a partir de um *corpus* elaborado experimentalmente, por conta da dificuldade de encontrar, em *corpora* de fala espontânea, uma variedade de palavras compostas como as analisadas na presente tese<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Ressaltamos que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, uma vez que envolve a gravação de dados de fala. A realização da pesquisa foi aprovada pelo referido comitê. Nos apêndices, apresentamos o termo de consentimento livre e esclarecido entregue aos participantes da pesquisa.

Esse *corpus* experimental engloba (i) palavras derivadas com sufixos acentuados *-zinho/a* e *-mente*, (ii) palavras derivadas com prefixos acentuados, como *pré*, (iii) palavras morfológicas que contêm dois radicais acentuados (radical+radical), como em *fotomontagem* e (iv) palavras sintáticas formadas por V+N (verbo + nome), como *porta-lápis*. Foram inseridos no experimento também alguns acrônimos com o intuito de observar a ocorrência de processos segmentais e retomar a discussão sobre a distribuição tonal verificada com este tipo de palavras desenvolvida por Vigário e Fernandes-Svartman (2010).

O *corpus* foi elaborado de acordo com a abordagem conhecida como ‘Fonologia laboratorial’ (cf. OHALA, 1995; entre outros), uma vez que se pretendia controlar (i) o tipo de palavra a ser analisada, no caso, as palavras compostas em oposição a palavras simples; (ii) a posição das palavras dentro da sentença, no caso com a palavra-alvo em posição interna de I; (iii) o contexto que eliciava foco de escopo largo para se obter declarativas neutras e (iv) o contexto segmental das palavras compostas para observar a ocorrência de alguns processos fonológicos.

As sentenças foram distribuídas aleatoriamente em *slides* que foram projetados na tela do computador. Cada *slide* continha apenas um contexto que equivalia à sentença a ser produzida e uma pergunta *O que aconteceu?*, como exemplificado em 4.1 – ver *corpus* no apêndice 2.

- (4.1) Procedimento experimental para obtenção de sentenças neutras  
(sentença-contexto projetada na tela do computador) *Apareceu um porta-lápis na televisão.*  
(pergunta a ser lida e respondida) *O que aconteceu?*  
(sentença alvo) *Apareceu um porta-lápis na televisão.*

Instruímos os informantes a realizar uma leitura silenciosa de cada *slide* e depois foi feita a gravação da produção de cada sentença. A pergunta a ser respondida deveria ser lida silenciosamente. Os informantes produziram duas repetições de cada sentença alvo. O objetivo desse *corpus* era a recolha de dados controlados que incluíssem palavras compostas com os mais variados tamanhos e para que pudessemos observar a ocorrência de fenômenos fonológicos, que poderiam fornecer pistas do comportamento

prosódico das palavras compostas no PB, e assim complementar os dados observacionais e introspectivos. No total, 86 sentenças compunham o *corpus*, incluindo as sentenças com acrônimos.

A gravação foi realizada em uma sala silenciosa do Instituto de Ciências Tecnológicas e Exatas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com um gravador digital Microtrack II, M-Audio e microfone, do próprio aparelho, conectado a ele. Posteriormente, as sentenças foram segmentadas em arquivo de áudio com formato *wav* e também analisadas no programa *Praat* (versão 5.3.22) de Boersma e Weenink (2012). Dez informantes do sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos, de nível universitário e residentes na cidade de Uberaba, Minas Gerais, sem problemas fonoarticulatórios reportados, participaram do experimento. O estudo inclui apenas informantes de sexo feminino já que a maioria das pesquisas feitas dentro da perspectiva teórica adotada têm utilizado mulheres nas gravações, então isso permite a comparação de nosso estudo com os demais.

A análise auditiva e perceptual dos dados também foi feita no programa *Praat*. Tal análise foi feita apenas pela investigadora e inclui a observação da ocorrência ou não de alguns fenômenos fonológicos segmentais e da presença de acento primário a partir da análise perceptiva.

Na seção seguinte, é feita a discussão dos resultados obtidos pelo experimento e de outros fenômenos segmentais que são diagnósticos para a PW em palavras morfológicas compostas, a partir dos dados empíricos e dos dados intuitivos.

#### **4.1.2 Resultados obtidos pelo Experimento 1 e caracterização fonológica de construções com mais de uma PW no PB**

Na presente seção, apresentaremos os resultados obtidos pelo experimento 1 e discutiremos as regras fonológicas que caracterizam as palavras morfológicas analisadas ao longo do capítulo 4, uma vez que são formadas por duas PWs independentes. Além das regras fonológicas que podem afetar as palavras compostas que incluíam o experimento 1,

discutiremos outros fenômenos que colaborarão com a identificação e com a caracterização de PWs em tais elementos morfológicos, ou seja, quando há duas PWs em uma palavra composta, dando destaque aos fenômenos que mostram que essas duas PWs não constituem uma PW recursiva, mas um domínio mais alto como PWG. Como mostrado no capítulo 1 – seção 1.2, há um número de testes que fornecem pistas para o domínio da PW nas línguas, assim como mostrado por Vigário (2003) para o PE.

Primeiramente, discutiremos a síndrome da palavra mínima. O fato de o PB não sofrer tal síndrome sugere que prefixos monossilábicos podem constituir PW, assim como já notado por Schwindt (2000) – ver exemplos em 4.2.a.

(4.2) a. Prefixos monossilábicos acentuados

bIcampEÃO  
EX-campEÃO  
pAN-islamIsmo  
pÓS-operatÓrio  
prÉ-silÁbico

b. Prefixos dissilábicos acentuados

AUtodidAta  
cONtra-evidÊncia  
hIperamIgo  
INfraestrutUra

Assim, a presença de um acento primário em uma dada unidade morfológica implica o estatuto de PW para essa unidade, por sua vez, implica o estatuto de PW dessa unidade, como já afirmado nos capítulos anteriores. Nos dados obtidos pelo experimento 1, há duas palavras-alvo que se enquadram nessa condição, *PRÉ-candiDAto* e *PÓS-moderNISta*, e em ambos a presença de acento é claramente percebida auditivamente. Nesses casos, além de não sofrerem a restrição da síndrome da palavra mínima para constituírem PWs independentes, não sofrem abaixamento vocálico de /ɛ/ para /e/, e isso se deve ao fato de serem portadores de acento primário. Em nenhuma das sentenças produzidas pelos informantes, houve a ocorrência dessa regra, sendo, portanto, prosodizados como PWs.

Em se tratando de presença de acento primário, tanto no PB quanto no PE, há palavras compostas que constituem um único domínio de acento, ilustrado em 4.3.a, enquanto outras constituem dois domínios de acento, como em 4.3.b<sup>54</sup>.

- |       |    |                                                                                                                                                                             |    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (4.3) | a. | (fotograFIa) <sub>PW</sub><br>(auTÔnomo) <sub>PW</sub><br>(biÓlogo) <sub>PW</sub><br>(teLégrafo) <sub>PW</sub><br>(alegraMENto) <sub>PW</sub><br>(passaRInho) <sub>PW</sub> | b. | (Foto) <sub>PW</sub> (monTAgem) <sub>PW</sub><br>(Auto) <sub>PW</sub> (rresponsabiliDAde) <sub>PW</sub><br>(Bio) <sub>PW</sub> (diversiDAde) <sub>PW</sub><br>(Tele) <sub>PW</sub> (comunicaÇÃO) <sub>PW</sub><br>(aLEgre) <sub>PW</sub> (MENte) <sub>PW</sub><br>(PAssaro) <sub>PW</sub> (ZInho) <sub>PW</sub> |
|-------|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Os casos em 4.3.a são diferentes dos casos em 4.3.b, uma vez que é possível perceber apenas um acento de palavra no primeiro caso e dois, no segundo. Em palavras como *auTÔnomo*, *biÓlogo* e *teLégrafo*, o acento primário cai na vogal final do primeiro radical, o que não ocorre em palavras como *FOtomonTAgem*, *AUtorresponsabiliDAde* e *TElecomunicaÇÃO* em que o acento pode incidir sobre o sufixo. Assim, não apenas a presença, mas também a localização do acento é uma evidência de PW também no português, como em outras línguas românicas (cf. VIGÁRIO, 2003).

O acento é evidência de que alguns radicais e os sufixos *-mente* e *-zinho* podem ser prosodizados como PWs independentes em algumas construções morfológicas, como as apresentadas em 4.2.b e 4.3. Assumindo que os membros de palavras compostas, como as apresentadas em 4.3.b, equivalem a dois domínios independentes para atribuição de acento primário e havendo a correspondência de um para um entre domínio de acento e PW, consideramos que cada palavra composta é formada por duas PWs independentes internas a um mesmo nó terminal sintático, como ilustrado em 4.4<sup>55</sup>.

- (4.4) a. [[civilizada]<sub>PW</sub>[mente]<sub>PW</sub>]<sub>w</sub>  
 b. [[hipopotamo]<sub>PW</sub>[zinho]<sub>PW</sub>]<sub>w</sub>  
 c. [[pré]<sub>PW</sub>[classicismo]<sub>PW</sub>]<sub>w</sub>  
 d. [[afro]<sub>PW</sub>[dominicano]<sub>PW</sub>]<sub>w</sub>  
 e. [[cata]<sub>PW</sub>[ventos]<sub>PW</sub>]<sub>w</sub>

<sup>54</sup> Alguns exemplos são retirados de Vigário (2003). A caixa alta indica sílaba acentuada.

<sup>55</sup> O símbolo w significa Palavra Morfológica.

Analisando os exemplos em 4.3.b, ressaltamos que, além da presença de acento primário, outra evidência da prosodização das palavras como uma única ou como duas PWs é o comportamento da regra de redução vocálica da pauta pretônica no PB. Dos dados obtidos pelo experimento 1, todas as unidades que constituíam as palavras compostas foram percebidas como acentuadas – exemplos no apêndice 2.

Em nossos dados, somente nas palavras alvo *diretor*, *governador*, *alistamento*, *catalogadora*, *venezuelana* e *paralelepípedo* houve a percepção auditiva de um único acento primário. Nos demais casos, foram percebidos dois acentos, cada um associado a um elemento morfológico distinto.

Em palavras como *f[o]tograFia* e *t[e]LÉgrafo*, há o alçamento das vogais /o, ε/ dos radicais em *f[o]to* e de *t[e]le* para [o, e] quando esses radicais se unem a outros radicais acentuados ou a sufixos átonos em algumas variedades de PB. Dependendo do tipo de elemento que se juntar ao radical, poderá haver nova regra de aplicação de acento, como exemplificado acima em 4.3. Nesses casos, as sílabas dos respectivos radicais funcionam como sílabas pretônicas para a regra de acento. Por outro lado, em palavras como *f[ɔ]tomontagem* e *t[ε]elecomunicação*, após a união de outros radicais, a regra de atribuição de acento é bloqueada, já que os respectivos radicais são portadores de acento primário. Nesse caso, então, o a presença de acento em cada elemento dessas palavras em 4.5.a é evidência de que se configuram como PWs independentes.

Assim, em palavras como as apresentadas em 4.5.a, se as duas palavras constituíssem uma única PW, seria esperado que a regra de redução vocálica da pauta pretônica fosse implementada, como ocorre nas palavras em 4.5.b.

(4.5) a. al[ε]gre]mente] <sub>w</sub>	[ε]/ *[e]/ *[i]	b. al[e]gramento] <sub>w</sub>	*[ε]/ [e]/ *[i]
p[ɔ]bre]mente] <sub>w</sub>	[ɔ]/ *[o]/ *[u]	p[o]breza] <sub>w</sub>	*[ɔ]/ [o]/ *[u]
[ɔ]culos]zinho] <sub>w</sub>	[ɔ]/ *[o]/ *[u]	[o]culista] <sub>w</sub>	*[ɔ]/ [o]/ *[u]
pr[ε]]candidato] <sub>w</sub>	[ε]/ *[e]/ *[i]	pr[e]fixo] <sub>w</sub>	*[ε]/ [e]/ *[i]
p[ɔ]s]modernista] <sub>w</sub>	[ɔ]/ *[o]/ *[u]	p[o]sposição] <sub>w</sub>	*[ɔ]/ [o]/ *[u]

Nos dados experimentais, foram analisadas 26 sentenças que incluíam palavras compostas como as apresentadas em 4.5.a, em que a primeira PW incluía uma vogal média baixa na posição tônica da primeira palavra dentro da palavra composta. Dos dados analisados, foi notado que a primeira palavra do composto não sofre a regra de redução da pauta vocálica pretônica em 100% (total de 520 sentenças = 26 sentenças x 10 informantes x 2 repetições) dos dados, já que esse radical possui o acento primário.

A presença do acento primário da base lexical significa que não estão verificadas as condições estruturais para a regra de redução da vogal média baixa aberta /ɛ, ɔ/ se aplicar, uma vez que ela implica que as vogais relevantes estejam em posição átona, por exemplo, *alegre + zinho*. Nesse caso, o acento permanece até o final do processo de formação da palavra (cf. VIGÁRIO, 2003, p. 219). Se a primeira palavra funcionasse como sílabas pretônicas de uma palavra morfológica, a redução vocálica ocorreria como nos casos apresentados em 4.5.b, uma vez que o acento primário se desloca para a outra sílaba à direita, recuperando a janela acentual do português, já que a base lexical se junta a um sufixo que não é acentuado, ao contrário do que ocorre nos dados em 4.5.a.

A redução vocálica na pauta pretônica, como em *t[u]matezinhos* e em *m[u]lequezinhos*, é outro tipo de redução em sílabas átonas pretônicas que tem como domínio de ocorrência a PW e atinge também palavras derivadas pelo sufixo *-zinhos(a)*. Nesse caso, tal regra corrobora o estatuto de PW de PW1, já que é uma regra que atinge sílabas átonas. Em nossos dados, não havia nenhum caso em que ocorria tal regra.

A redução da pauta vocálica postônica em três vogais [ɪ, ʊ, ɐ] é outro processo fonológico variável que ocorre nos membros das palavras compostas, como ilustrado em 4.6.

- (4.6)
- a. fot[ʊ]montag[ɪ]m
  - b. aut[ʊ]admiraçã[ʊ]
  - c. tel[ɪ]conferência
  - d. tel[ɪ]atendiment[ʊ]

Esse processo é variável e se aplica em final de PW como em *sap[ʊ]* e *árvor[ɪ]*, mas também em palavras clíticas, como em *m[ɪ]* (cf. BISOL, 2000, 2004, 2005; TONELI, 2009; entre outros), sendo, portanto, um fenômeno típico de sílabas átonas. Entretanto, não ocorre em palavras formadas pelos mesmos radicais ou palavras sufixadas, mas que são prosodizados como uma única PW, como em *\*tel[ɪ]fonema*, pois nesses casos os radicais perderam o comportamento de PW no curso da evolução da língua em tais palavras. Desse modo, a ocorrência desse processo fonológico na primeira PW é evidência de que ela constitui um domínio independente da segunda PW à direita.

No total, foram analisadas 29 sentenças em que a primeira PW era terminada nas vogais /e, o/. A redução vocálica tem aplicação praticamente categórica em torno de 89% (total de 515 sentenças) na primeira PW, já que a regra se aplica em posição átona em final de PW. A redução vocálica também ocorreu na segunda PW da palavra composta em 97% dos dados (562 sentenças), independentemente de a vogal ser /e/ ou /o/, conforme exemplos apresentados em 4.7.

- |       |                          |                                 |
|-------|--------------------------|---------------------------------|
| (4.7) | a. exercit[ʊ]zinh[ʊ]     | [o]/ [ʊ]/ *[ɔ]                  |
|       | b. trist[ɪ]ment[ɪ]       | [e]/ [ɪ]/ *[ɛ]                  |
|       | c. tel[ɪ]processament[ʊ] | [e]/ [ɪ]/ *[ɛ] e [o]/ [ʊ]/ *[ɔ] |

Embora a regra seja aplicada quase categoricamente, é importante destacar que a redução da pauta vocálica postônica é variável.

A regra só não ocorre na vogal final da PW não cabeça das palavras compostas quando termina em sílaba tônica, como em *beb[e]zinho/ \*beb[i]zinho* e *jacar[e]zinho/ \*jacar[i]zinho*, pois a vogal final da palavra não cabeça, *bebê* e *jacaré*, carrega o acento primário que é mantido após a junção das PWs. Entretanto, a regra se aplica normalmente na vogal final da segunda palavra em 100% das sentenças em que há o sufixo *-zinho*.

Assim, a aplicação desse processo fonológico na vogal final da primeira palavra, além de ser um processo que caracteriza o final de PW, embora não seja exclusivo dela já que atinge palavras funcionais clíticas, em oposição ao seu bloqueio, é evidência de

que as palavras compostas analisadas são formadas por duas PWs independentes e não de que se comportam como sílabas pretônicas.

Outro processo fonológico que fornece evidências de que as palavras morfológicas analisadas são formadas por duas PWs independentes é o bloqueio da regra de assimilação fonética de nasalidade pela vogal /a/. Essa regra, de natureza variável em sílabas átonas, como afirmado por Abaurre e Pagotto (1996, 2013) ocorre no PB quando a vogal assimila a nasalidade de um segmento nasal que a segue dentro de uma mesma palavra, como em *banana* ~ *banãna* ~ *bãnãna*, contudo, a regra não ocorreu em nenhuma das dez palavras formadas por sufixo *-mente* do *corpus* experimental – ver exemplos em 4.8.

(4.8)	credul <u>a</u> mente	[e]/*[ẽ]
	calm <u>a</u> mente	[e]/*[ẽ]
	apressad <u>a</u> mente	[e]/*[ẽ]

Os dados sugerem que a regra tem PW como domínio, sendo que a não aplicação dessa regra, nesses casos, é uma evidência de que há uma fronteira de constituinte prosódico que, no caso, é a PW, que bloqueia a assimilação de nasalidade. Isso é compatível com a observação de Abaurre e Pagotto (1996, 2013) que afirmaram que o processo de assimilação de nasalidade é bloqueado no contexto de juntura de palavra, sendo um fenômeno de natureza intralexical, isto é, ocorre livremente dentro de PW.

A mesma regra não se aplica também à vogal final de prefixos e de radicais seguidos de uma base morfológica iniciada por nasal, como em 4.9, corroborando a análise desses prefixos como PW independentes da PW que inclui a sua base morfológica.

(4.9)	ultr <u>a</u> naturalismo	[e]/*[ẽ]
	ultr <u>a</u> microscópio	[e]/*[ẽ]
	supr <u>a</u> nacional	[e]/*[ẽ]
	intr <u>a</u> muscular	[e]/*[ẽ]
	extr <u>a</u> matrimonial	[e]/*[ẽ]

No caso de prefixos terminados por segmento nasal como *pan* e *recém*, ocorre um processo diferente. Schwindt (2000) mostra que a nasal segue o padrão de nasal em coda final, isto é, a nasal subespecificada pode assimilar ponto do segmento que a antecede, ser apagada deixando o traço de nasalidade na vogal do prefixo, ou ser ressilabificada como *onset* da sílaba seguinte – ver exemplos em 4.10.

- (4.10) a. paN+islamismo > pa[n] islamismo > p[ẽ:] islamismo  
 b. recéN+apagado > rec[ẽ] apagado : recej[ɲa]pagado

Os casos apresentados em 4.10.a são diferentes dos casos apresentados em 4.8 e 4.9, já que em 4.10 a nasal em coda torna-se ataque da sílaba seguinte após um processo de ressilabificação, o que não ocorre nos exemplos em 4.8 e em 4.9 que exemplificam se ocorresse um processo fonético de assimilação. Todavia, destacamos ainda que a assimilação de nasal não ultrapassa os limites de PW, sendo, portanto, um bom diagnóstico para a PW no PB.

Em relação à elisão vocálica, no PB, o apagamento da vogal final de PW não ocorre antes de vogal tônica, como em 4.11 a, mas pode ocorrer em 4.11.b, pois a vogal da palavra seguinte é átona. Destacamos que, conforme afirmam Schwindt (2000) e Bisol (1996), nos contextos apresentados em 4.11.b, o processo de apagamento é variável.

- (4.11) a. extra-Época           \*0/ [ɐ]/ [a]  
           ultra-Óbvio           \*0/ [ɐ]/ [a]  
       b. extra-eleiÇÕES       0/ [ɐ]/ [a]  
           ultra-ocuPAdo       0/ [ɐ]/ [a]

Nos dados do *corpus*, foi notado que o apagamento ocorre com vogal posterior /u, o/, quando a palavra seguinte inicia por vogal, como em *macr[θ]endividaMENto – u/ 0*. No *corpus*, a elisão ocorreu em 73% das sentenças (73 sentenças) que continham palavras

que apresentavam contexto vocálico para a aplicação da regra (*macroendividamento, latino-americano, socioeconomista, microeconomista e italo-iraniano*)<sup>56</sup>.

Conforme a literatura, esse processo de apagamento é generalizado com vogais /o, u/ e aplica-se também com vogais frontais entre PWs que não estão ligadas a PWG, por exemplo, *estav[a]hospitalizado > estavospitalizado* e *merend[a]escolar > merendescolar* (cf. BISOL, 1996).

Schwindt (2000) destaca que a regra de elisão é de aplicação intervocabular e não se aplica em prefixos átonos. O fato de ela ocorrer em alguns prefixos é evidência do seu estatuto de PWs, como em *contr[a]exemplo > contrexemplo*.

Em relação ao PE, notamos que a regra apresenta o mesmo comportamento, descrito por Vigário (2003): aplicação em vogais seguidas por vogal átona, como em 4.11.b, e bloqueio, se a segunda vogal carrega a proeminência principal de PWG, como exemplificado em 4.11.a.

É importante destacar que por esse tipo de apagamento ocorrer em contexto intervocabular é um bom diagnóstico para a identificação de PW dentro das estruturas morfológicas em análise no presente capítulo no PB.

A harmonia vocálica, como em *p[ɪ]p[ɪ]no, c[ʊ]r[ʊ]ja, p[ɔ]r[ɔ]r[ɔ]ca* e *p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca*, já descrita no capítulo 3, também corrobora o caráter de PW nas palavras compostas apresentadas em 4.12.

- (4.12) a. [hiper]<sub>PW</sub>[glicemia]<sub>PW</sub> > \*hip[ɪ]rglicemia  
b. [pressentir]<sub>PW</sub> > pr[e]ssentir > pr[ɪ]ss[ɪ]ntir

Como mencionado, a harmonia não ultrapassa os limites de PW, por isso o bloqueio da regra com prefixos reforça a análise de que se comportam como PWs (cf. SCHWINDT, 2000).

No *corpus* experimental, foi observada harmonia de altura apenas na palavra *m[ʊ]squitozinho*, um exemplo de harmonia vocálica dentro de primeira PW que forma uma

---

<sup>56</sup> O grifo indica sílaba a ser apagada pela elisão vocálica.

palavra composta com sufixo acentuado, uma vez que a vogal pretônica /o/ assimila o traço de altura da vogal tônica /i/ da primeira PW. Contudo, destacamos que a ocorrência da harmonia em *m[ʊ]squito* se dá dentro dos limites da primeira PW e não por influência da vogal do sufixo *-zinho*, não podendo ser um contra-argumento de que a harmonia não respeita as fronteiras de PW, mesmo porque essa regra ocorre quando a palavra *m[ʊ]squito* é produzida isoladamente.

Ainda explorando os fenômenos segmentais que caracterizam a PW, apesar de não haver dados em nosso *corpus* referentes a esse fenômeno, discutimos a seguir o abaixamento de vogal em sílaba travada por /R/, já que é um processo que ocorre na fronteira direita de PW no PE, segundo Vigário (2003).

Essa regra parece não ocorrer no PB com as vogais anteriores e posteriores [e ~ ε] e [o ~ ɔ] nas variedades faladas em São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Convém destacar que esse /R/ é representado pelo arquifonema no PB, uma vez que, dependendo da região, ele pode variar sua forma fonética para [h, ñ, x, ʁ, r, ɹ], por exemplo. No PE, esse fonema é realizado como um tepe, conforme Vigário (2003), como pode ser observado em 4.13.

- |        |                |           |
|--------|----------------|-----------|
| (4.13) | a. IlderzEco   | [ε]/ *[ɨ] |
|        | b. sEniorzInho | *[u]/ [ɔ] |

Sobretudo seria necessário um estudo acústico, com relação a essa regra em variedades faladas em todo o Brasil, com destaque àquelas em que há um grau de abertura maior das vogais pretônicas. Como foge do nosso objetivo esse estudo, afirmamos, por ora, que esse fenômeno fonológico ajuda a caracterizar a PW também no PB. Mas destacamos a necessidade de um estudo mais aprofundado em pesquisas futuras.

Outra evidência de que os prefixos se comportam como PWs é o fato de a vogal candidata a portar o acento primário do prefixo nunca sofrer semivocalização, como ilustrado em 4.14.a. No caso do prefixo *ex-*, ao contrário do PE, não ocorrem no PB realizações como \*[eɪs], mas é comum a realização de um ditongo, como exemplificado em 4.14.b. Porém nunca ocorre apagamento ou redução do [e], como em \*[is] ou \*[s]. Em

relação ao prefixo *bi-*, a não ocorrência da semivocalização (*bj-*) é evidência de que tal prefixo se comporta como PW.

- |        |    |           |                                         |
|--------|----|-----------|-----------------------------------------|
| (4.14) | a. | bi-anual  | [bi]/ *[bɪ]/ *[bj]                      |
|        | b. | ex-colega | [es]/ [eɪs]/ *[ɪs]/ *[ɐɪs]/ *[s]/ *[js] |

Assim, como já apresentado por Vigário para o PE, também a impossibilidade de ocorrer semivocalização em vogais acentuadas, como em *\*bɛ[j]omédico* em oposição a ocorrência de semivocalização em *bɛ[j]ologia*, é evidência do caráter de PW no primeiro caso e não no segundo. Embora casos como *?\*bijologia* pareçam não ocorrer nas variedades de PB analisadas, seria necessário um estudo para avaliar se em outras variedades esse processo pode ocorrer. Destacamos por ora que a impossibilidade de ocorrer em casos como *\*bijomédico* é uma evidência de que tal prefixo se comporta como PW.

Em 4.15, são apresentados outros casos em que não há semivocalização no prefixo. Entretanto, é importante destacar que há variação na realização das vogais dos prefixos entre médias altas e médias baixas no PB.

- |        |    |            |                               |
|--------|----|------------|-------------------------------|
| (4.15) | a. | preaquecer | [ɛ]/ ?[e]/ *[i]/ *[ɪ]         |
|        | b. | proativo   | [ɔ]/ *[o]/ *[u]/ *[ʊ]         |
|        | c. | pospor     | [o]/ *[ɔ]/ *[u]/ *[ʊ]         |
|        | d. | exportar   | [e]/ *[ɛ]/ ?[i]/ *[ɪ]/ *[eis] |

Queremos destacar que a não ocorrência de semivocalização em palavras derivadas por prefixação, como as apresentadas em 4.15, não pode ser um contra-argumento sobre a prosodização de alguns prefixos como sílabas átonas ou como PWs.

Assumimos, juntamente com Schwindt (2000), que prefixos que aceitam alternância de realização, como os apresentados em 4.15.a e 4.15.b, estão sofrendo um processo de lexicalização, uma vez que tais prefixos estão perdendo a independência fonológica de PWs e tornando-se sílabas pretônicas. O autor afirma ainda que nesses casos é perdido o caráter prefixal, já que o estatuto fonológico e o modo de prosodização são

afetados e também modificados, pois passam de PWs a sílabas pretônicas unidas a uma PW.

Por fim, outros dois fenômenos que ocorrem na junção do prefixo à base morfológica são a DG e a DT, como podem ser observados nos exemplos em 4.16.

- (4.16) a. Degeminação  
arqui-inimigo > arqu[i]nimigo  
b. Ditongação  
antialérgico > ant[ia]lérgico

Schwindt (2000) ressalta que os processos de DG e DT não garantem a distinção entre os tipos de prefixos por ele analisados (legítimos e composicionais), já que podem se dar inter e intravocábulos.

Apesar de não haver em nosso *corpus* dados que exemplificassem os fenômenos referentes ao abaixamento de vogal antes de sílaba travada por *r*, a semivocalização em prefixos como *bi-* e ocorrência da DG e da DT entre PWs, tais fenômenos colaboram na argumentação do caráter de PW dos elementos que compõem as palavras compostas analisadas.

Em síntese, os fenômenos fonológicos apresentados na presente seção são evidências de que, exceto nos casos de palavras compostas já lexicalizadas em que um dos membros perdeu o estatuto de PW, as palavras compostas analisadas do PB comportam-se como PWs independentes dentro de uma única palavra morfológica, sejam elas formadas por derivação, no caso das palavras formadas por prefixos e sufixos acentuados, ou composição, como as palavras formadas por radicais e/ou palavras. Assim, a estrutura prosódica de tais palavras pode ser representada como em 4.17.

- (4.17) (pré)<sub>PW</sub>(candidato)<sub>PW</sub>  
(mega)<sub>PW</sub> (promoção)<sub>PW</sub>  
(arquitetônica)<sub>PW</sub> (mente)<sub>PW</sub>  
(elétrica)<sub>PW</sub> (mente)<sub>PW</sub>  
(hipopotamo)<sub>PW</sub> (zinho)<sub>PW</sub>  
(relampago)<sub>PW</sub> (zinho)<sub>PW</sub>  
(tele)<sub>PW</sub> (processamento)<sub>PW</sub>  
(afro)<sub>PW</sub> (dominicano)<sub>PW</sub>

(porta)<sub>PW</sub> (bandeira)<sub>PW</sub>

Em relação ao domínio prosódico que engloba tais estruturas morfológicas, como apresentado anteriormente, assumimos que esse domínio é PWG e não GC, como apontado por Nespor e Vogel (1986), ou mesmo de  $\phi$ , como apontado para outras línguas – ver seção 1.3.1 no capítulo 1. Na seção 4.4, discutimos evidências desse domínio para o PB e para a prosodização de palavras compostas.

Na seção seguinte, tecemos algumas observações sobre o comportamento prosódico dos acrônimos.

## 4.2 Discussão sobre o comportamento prosódico de acrônimos

Nesta seção, é discutido o comportamento prosódico de unidades lexicais formadas pela combinação de letras iniciais de palavras que compõem um sintagma e que são denominadas na literatura como acrônimos ou siglas (cf. LAROCCA, 1994; CUNHA e CINTRA, 2001; LUFT, 2007)<sup>57</sup>. Em vista do nosso objetivo, discutiremos a prosodização de tais palavras entendidas como combinação de letras iniciais de palavras.

Tais palavras apresentam um comportamento fonológico distinto dentro de sua categoria, uma vez que há acrônimos que formam uma única PW, como *MEC* [mɛk] (Ministério da Educação e Cultura)) por formar apenas um domínio de acento, e outras que são formadas por mais de uma PW, como *RPM* [ɛxi'péeme] (banda de rock brasileira), já que cada letra é produzida como uma palavra.

A primeira evidência de que cada letra de um acrônimo é uma PW independente é a presença de acento primário associado a cada letra, como exemplificado em 4.18.

---

<sup>57</sup> A não convergência para a denominação desse fenômeno morfológico é encontrada também nos dicionários e nas gramáticas e não só nos manuais de morfologia. Sandmann (1988) trata a acronímia como um tipo de redução, assim como ocorre em *fotografia* > *foto*. O dicionário Aurélio (1993) trata todos os tipos de redução vocabular como abreviaturas. Cunha e Cintra (2001) e Luft (2007) distinguem acrônimo de abreviatura. Por ora, assumimos a definição de que o acrônimo é um tipo de abreviatura, em que são usadas apenas as letras iniciais de cada palavra abreviada para representá-la.

(4.18)	FM – efe eme	[éfiémi]
	RPM – erre pe eme	[éxipéémi]
	KLM – ca ele eme	[káéliémi]

A presença da vogal média anterior /ɛ/ nos nomes das letras corrobora o estatuto acentuado de algumas palavras em 4.18. Em nosso *corpus*, nenhuma das vogais sofreu a regra de elevação nas sílabas que portariam acento primeiro, apenas nas sílabas postônicas, como em *éff[ɪ]*, *err[ɪ]* e *em[ɪ]*.

A elevação das vogais postônicas finais, como mencionado, corrobora o caráter de PW do nome de cada letra do acrônimo. O fato de a regra não ocorrer nas palavras monossilábicas, como *p[e]*, também evidencia o estatuto de sílaba acentuada.

O fato de o português não sofrer da síndrome da palavra mínima também fortifica a possibilidade de tais palavras formarem PWs.

Assim como no PE, conforme Vigário (2003), não é atestada a ocorrência da semivocalização da vogal de uma palavra monossilábica acentuada no PB, como em 4.19.

(4.19)	PB	PE	
PS	[péési], *[pjési]	[péés]/ *[pjés]	(nome de partido político)
CD	[sédé]/ *[sjde]	[sédé]/ *[sde]	(disco compacto)

Outro processo fonológico do PB que é evidência de que os acrônimos são formados por mais de uma PW é a regra de elisão vocálica em posição postônica em final de palavra entre a PW mais à direita do acrônimo e a PW anterior. Essa regra se aplica quando o acrônimo é formado por três ou mais PWs, como exemplificado em 4.20.ii e 4.20.iii<sup>58</sup>. Em 4.20.i, há a aplicação de redução vocálica da vogal postônica, mas não apagamento<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> As vogais que poderiam ser apagadas estão em negrito.

<sup>59</sup> A caixa alta indica acento de palavra.

- |        |                             |              |
|--------|-----------------------------|--------------|
| (4.20) | i. FM (Efe Eme)             | [ɿ]/ [j]/ *0 |
|        | ii. SMS (Esse Eme Esse)     | [ɿ]/ [j]/ ?0 |
|        | iii. INSS (I Ene Esse Esse) | [ɿ]/ [j]/ 0  |

Assim, como no PB, no PE, conforme Vigário (2003), o apagamento entre a última e a penúltima PW do acrônimo é bloqueado – ver 4.21.i, 4.21.ii, 4.21.iii e 4.21.iv.

- |        |                        |         |
|--------|------------------------|---------|
| (4.21) | i. RN (Erre Ene)       | [j]/ *0 |
|        | ii. UMM (U Eme Eme)    | [j]/ *0 |
|        | iii. TSF (tÊ Esse Efe) | [j]/ *0 |
|        | iv. JL (jOta Ele)      | [e]/ *0 |

Segundo Vigário, a elisão da vogal final de PW é bloqueada quando a vogal seguinte é portadora do acento de PWG, que incide sempre sobre a PW mais à direita de PWG. Nos casos em que V2 não é portadora de acento de PWG, pelo contrário, a elisão de V1 pode ocorrer, como em *RFM (Erre Efe Eme)* e *JSD (jOta Esse dê)*. No PB, em acrônimos como *JN - jota ene \*0 (Jornal Nacional)* ou em *TJF – te jota efe \*0 (Tribunal de Justiça Federal)*, a vogal final /a/ parece não ser apagada quando a PW é a primeira ou a segunda do acrônimo, como exemplificado.

Vigário (2003) mostra que ainda a elisão não é influenciada pela proeminência de  $\phi$ , já que o apagamento é bloqueado mesmo quando o acrônimo não é cabeça de  $\phi$ , como em *[TSF regional]  $\phi^{60}$* . Nesse exemplo, como nos anteriores, a elisão da vogal da penúltima PW do acrônimo (*esse*) é bloqueada porque *efe* é a cabeça de PWG. As quatro PWs desse  $\phi$  não se comportam como se estivessem ligadas diretamente a  $\phi$ , uma vez que nesse caso o nível de proeminência de *efe* seria idêntico ao das PWs precedentes e teríamos apenas uma PW proeminente ao nível de  $\phi$ , que seria *regional*. Assim, segundo a autora, os acrônimos exibem um comportamento fonológico distinto das palavras que formam um único domínio de acento, e também de PWs que estão diretamente ligadas a  $\phi$ . A mesma análise pode ser apresentada para o PB.

---

<sup>60</sup> A sílaba que recebe o acento principal de  $\phi$  está sublinhada.



inicial), o que atesta uma tendência de PAs mais à direita, sugerindo proeminência à direita ao nível desse composto fonológico<sup>62</sup>.

Para as autoras, a definição da proeminência à direita explica a distribuição dos PAs na PW à direita, já que ela se comporta como cabeça, e é opcional ao nível de PW, já que é sensível a condições como a distância até à sílaba acentuada.

Em se tratando do PE, não foi feito um estudo em que se observasse a estrutura entoacional de sentenças com acrônimos. Como tem sido descrito que a distribuição tonal na variedade falada em Lisboa é escassa e esparsa, com PAs associados, essencialmente, às posições inicial e final de I, não acreditamos ser possível encontrar evidências entoacionais do comportamento dos acrônimos nessa variedade de português (cf. VIGÁRIO, 1998; FROTA, 2000; FROTA ET AL, no prelo).

Um último fenômeno a ser discutido é a atribuição de acento de foco fonológico em acrônimos. No caso do PB, quando há sentenças que incluem acrônimos produzidos em contexto de foco contrastivo, as seguintes marcações enfáticas<sup>63</sup> são esperadas:

(4.23) i. A: Você enviou um telegrama à Maria?

B: (Não). Eu enviei um SMS (esse eme Esse/ ?Esse eme esse/ ?\*esse Eme esse) à Maria.

ii. A: A Maria gosta de ouvir AM de manhã?

B: (Não). A Maria gosta de ouvir FM (Efe eme/ efe Eme) de manhã.

iii. A: O João foi à prefeitura da cidade dele?

B: (Não). O João foi ao INSS (i ene esse Esse/ ?i ene Esse esse/ ?i Ene esse esse/ ?I ene esse esse) da cidade dele.

Em 4.23.i, o acento de foco recai sobre a cabeça de PWG à direita, *SMS (esse eme Esse*. Entretanto, quando o acrônimo é formado por apenas duas PWs e a primeira for a PW em contraste semântico, é possível que ambas recebam marcação de foco – ver exemplo em 4.23.ii. Quando o acrônimo for formado por mais de duas PWs, como em

---

<sup>62</sup> Destacamos a possibilidade de se encontrar outras configurações tonais em sentenças que incluem acrônimos, além das encontradas por Vigário e Fernandes-Svartman (2010).

<sup>63</sup> A caixa alta aqui indica sílaba que recebe o acento de foco.

4.23.iii, e o contraste for em relação a uma única PW, *prefeitura vs. INSS* (i ene esse esse), o acento de foco parece incidir tanto em qualquer uma das PWs.

Quando o contexto requer o foco informacional, podemos notar as seguintes marcações ilustradas em 4.24. Entretanto, destacamos que não nos parece agramatical a marcação enfática sobre a primeira PW do acrônimo nos exemplos em 4.24.

(4.24) i. A: O que você enviou à Maria?

B: Eu enviei um SMS (esse eme Esse/ ?Esse eme esse/ \*esse Eme esse) à Maria.

ii. A: O que a Maria gosta de ouvir de manhã?

B: A Maria gosta de ouvir FM (efe Eme/ ?Efe eme) de manhã.

iii. A: Onde o João foi à tarde?

B: O João foi ao INSS (i ene esse Esse/\* i ene Esse esse/ \*i Ene esse esse/ ?I ene esse esse) à tarde.

O que esses dados nos mostram é que, embora possa haver a organização de dois PWGs, como proposto por Vigário e Fernandes-Svartman, se dados como os apresentados em 4.23.iii e 4.24.iii com marcação de foco na primeira PW à esquerda forem aceitos pelos falantes de PB, a relação entre as proeminências de PWG não parece influenciar a atribuição de acento de foco quando o foco foi eliciado sobre todo o acrônimo, assim como ocorre em 4.23.ii, quando o contraste semântico incidir sobre a PW não cabeça de PWG.

No PE, Vigário afirma que acento de foco recai sobre a última PW do acrônimo, como ilustrado em 4.25, assim como mostrado em 4.23.i e 4.24.i para o PB.

(4.23) A: Dizem que o João era entusiasta dos ecologistas quando era jovem.

B: Nada disso. Ele era entusiasta do PCP (\*PÊ ce pê/ \*pê CÊ pê/ pê cê PÊ) quando era jovem.

De um modo geral, no PE, Vigário (2003) afirma que os acrônimos apresentam comportamento extremamente regular, fornecem evidências de PWG, e são compostos por mais de uma PW potencial, o que permite identificar o núcleo de PWG para o bloqueio de processos.

Assim como no PE, no PB, os fenômenos segmentais e entoacionais que afetam os acrônimos são evidências de que tais construções são formadas por PWs independentes. Por sua vez, as evidências fonológicas discutidas apontam que as PWs que compõem os acrônimos estão ligadas a um domínio acima de PW. Com base nessas considerações, assumimos, juntamente com Vigário (2003) e Vigário e Fernandes-Svartman (2010), que os acrônimos formados por até três PWs se agrupam em um único PWG ramificado. Entretanto, quando são formados por três ou mais PWs, parecem se agrupar em PWGs distintos para tenderem ser maximamente binários. Destacamos também a relevância de um estudo experimental mais amplo sobre os fenômenos fonológicos que caracterizam os acrônimos no PB em pesquisas futuras.

#### **4.3 Fenômenos morfofonológicos: diagnósticos para PW no PB?**

Além dos fenômenos fonológicos apresentados que caracterizam o domínio da PW e que a identificam no PB, discutimos, nesta seção, o comportamento de dois fenômenos morfofonológicos, o apagamento sob identidade e o truncamento (*clipping*), e a hipótese de que podem ser bons diagnósticos para o domínio PW também no PB, fornecendo evidências adicionais do estatuto de PW aos membros de palavras compostas. Segundo Vigário (2003), esses fenômenos servem como testes adicionais para a identificação do domínio da PW no PE.

Vamos iniciar nossa discussão com o truncamento no PB. Como apresentado no capítulo 3, seção 3.1, o truncamento é o fenômeno em que pode ocorrer o apagamento de uma PW, como em *neurocirurgião* < *neuro*, ou apenas parte de uma PW, como em *profissional* > *profi* ou *profissa*.

Araújo (2002) destaca que o acento secundário é crucial em palavras com mais de três sílabas, pois, para ele, a gramática da língua faz uso do acento secundário na formação do truncamento, uma vez que o acento da forma truncada incidirá sobre a sílaba que portava o acento secundário e, se não houver acento secundário, a penúltima sílaba será

acentuada. O acento secundário diferencia as formas truncadas derivadas de palavras como *professor* > *prófi* e *profissional* > *profí*.

No entanto, é importante destacar que o acento secundário não é o único fator relevante na formação do truncamento, pois há outros fatores que são condições para a ocorrência desse fenômeno, como o número de sílabas da palavra matriz, a direção das sílabas que permanecerão na forma truncada e as condições fonotáticas que serão respeitadas.

Araújo afirma que o truncamento afeta vários tipos de construções morfossintáticas, além de ocorrer em uma única palavra como exemplificado em 4.26. Em alguns casos, o sentido da palavra matriz é recuperado contextualmente, enquanto alguns já estão cristalizados na língua.

- (4.26) a. eletrocardiograma > elétro<sup>64</sup>  
b. microcomputador > mícro  
c. gastroloenterologista > gástro

Ao contrário dos exemplos apresentados no capítulo 3, seção 3.1, em que há uma única PW, nos exemplos em 4.26, o truncamento afeta estruturas formadas por duas PWs, embora Duarte (1999) não as nomeie claramente como PWs, preferindo denominá-las como pseudoprefixos que mantêm o acento quando formam palavras compostas (acento primário quando aparecem isoladamente e secundário na formação do composto).

Diferentemente do PB em que o truncamento ocorre dentro de PW, Vigário (2003) afirma que o truncamento só apaga PWs, no PE, que pertencem a construções morfossintáticas compostas por duas PWs, como em 4.27.

- (4.27) a. computador portátil > portátil  
e-mail > mail  
cabelos brancos > brancos  
Jogos Olímpicos > Jogos  
b. hipermercado > hiper  
micro-ondas > micro

---

<sup>64</sup> O acento gráfico na forma truncada marca apenas a sílaba em que há acento de palavra.

- c. quimioterapia > quimio
- internet > net
- homossexual > homo
- heterossexual > hetero
- bissexual > bi

Normalmente, a forma reduzida dos casos em 4.27.a corresponde a uma das PWs da expressão, enquanto em 4.27.b é mantida parte do radical da forma abreviada.

Das formas abreviadas apresentadas em 4.27 por Vigário no PE, no PB, encontramos as mesmas possibilidades de encurtamento com exceção de *computador portátil* já que para esse termo usamos *notebook*. Esta palavra é um bom exemplo de que no PB esse fenômeno é produtivo também com empréstimos, já que é comum o uso do termo *note* para fazer referência a *notebook*.

A literatura sobre o truncamento no PB limita-se a discutir o padrão fonológico da forma encurtada, não discutindo se esse processo tem algum domínio de aplicação, assim como propõe Vigário para o PE.

Como já apresentado no capítulo 3, a análise proposta por Belchor (2009) mostra que há preservação da margem esquerda da base, *refrigerante* > *refri* e *gastroenterologista* > *gastro*, e dois padrões acentuais: iâmbico, como em *refri*, e padrão trocaico, como em *gastro*. O truncamento no padrão *refri* ocorre nos limites de PW, exigindo uma reestruturação acentual já que apaga a sílaba que carrega acento primário, ou seja, a sílaba cabeça de PW e de PWG não ramificado. No padrão *gastro*, o apagamento ocorre nos limites de um domínio mais alto já que apaga toda uma PW. Contudo, assim como no padrão *refri*, apaga a cabeça de PWG ramificado.

É importante destacar que esse fenômeno não atinge PWs ligadas diretamente a  $\phi$ . Diante do exposto, nossa interpretação para esses dados é que, por hipótese, esse fenômeno no PB toma como domínio de aplicação PWG, apagando apenas pés, desde que a cabeça de PWG esteja incluída no apagamento. Assim, em nossa visão, esse fenômeno no PB não é um bom caracterizador do domínio PW, mas pode ser evidência de PWG, se confirmada nossa hipótese. Por outro lado, se considerarmos que o truncamento pode afetar

palavras que estão em  $\phi$  como em *refrigerante gelado* > *refri gelado*, essa hipótese parece ser enfraquecida.

O segundo fenômeno investigado é o Apagamento sob identidade em estruturas coordenadas, designação proposta por Vigário (2003), e também denominado na literatura ‘*Apagamento de estruturas coordenadas*’ (*Coordinate Structure Deletion*), conforme Hall (1999a) (cf. também BOOIJ, 1985, 1995; WIESE, 1993, 1996; KLEINHENZ, 1994; VIGÁRIO, 2003a, 2003b).

Esse fenômeno é produtivo não só no português, mas também em línguas como o neerlandês (cf. BOOIJ, 1985, 1988), o alemão (WIESE, 1993, 1996; KLEINHENZ, 1994; HALL, 1999a), o catalão e o espanhol (FABRA, 1956) e também o PB (MORENO, 1997; SCHWINDT, 2000), variando grandemente de língua para língua (ver VIGÁRIO 2003, capítulos 6 e 8).

A estrutura prototípica para a ocorrência do fenômeno e referida em gramáticas normativas, como em Cunha e Cintra (2003, p. 547) entre outros, é a coordenação de advérbios formados por *-mente*, afirma Vigário (2003b), como pode ser observado nos exemplos de Cunha e Cintra em 4.28.

(4.28) a. Dir-se-ia tudo naquele paraíso murado se movimentava **lúdica** e **religiosamente**.

(M. TORGA, CM, 176.)

b. É longa a estrada... Aos rípidos estalos  
Do impaciente látego, os cavalos  
Correm veloz, larga e fogosamente...

(R. CORREIA, PCP, 123.)

Moreno afirma que esse fenômeno também permite a ocorrência de um vocábulo entre os advérbios, como em *ele caminhava lenta, muito lentamente*, e menciona que o fenômeno também ocorre no espanhol, como em *Los muchachos trabajaron rápida e eficazmente* (cf. HARRIS, 1983).

De acordo com a literatura, o fenômeno afeta outros tipos de estruturas morfossintáticas, além das palavras sufixadas por *-mente*, como palavras prefixadas e alguns outros tipos de palavras compostas, como será exemplificado a seguir em 4.29.

Em se tratando de palavras prefixadas, Moreno (1997) apresenta um conjunto de dados envolvendo prefixos, uma vez que a possibilidade de apagamento da estrutura que segue o prefixo na coordenação é uma evidência da independência dele como palavra (cf. também SCHWINDT, 2000). Para o autor, a condição básica para que uma palavra seja apagada em estrutura coordenada é que ela seja uma PW (cf. BOOIJ, 1984).

Em 4.29, apresentamos dados de Moreno (1997) que envolvem estruturas compostas por prefixos acentuados e que compõem PWs independentes em relação à base morfológica.

(4.29) pré e pós fixado	hipo e hipercalórico
intra e extramuros	intro e extrovertido
bi e tricampeonato	uni e tridimensional
pró e anti aborto	macro e microeconômico
sub e super -avaliado	mini e maxidesvalorização
in e exclusive	exo e endogâmico
ex e importar	retro e antecarga
supra e infraestrutura	neo e paleozóico

Dos dados apresentados por Moreno, Vigário (2003b) destaca que no PE não são aceitos casos como *ex e importar* e *in e exclusive*, e também *ex e incorporar*, e a explicação dada pela autora para isso é a existência de uma diferente estruturação prosódica desse tipo de sequência nas duas variedades.

Moreno destaca que os adjetivos formados pelos sufixos *-zinho/a*, ao contrário de adjetivos genuínos, não podem ser frasais, uma vez que não podem se ligar por coordenação a dois substantivos, como em *réguas novas e canetas novas* > *réguas e canetas novas*. Em casos como *canetas e reguazinhas*, não é possível a interpretação *canetazinhas e reguazinhas*.

Assim, segundo o autor, o comportamento das palavras derivadas pelo sufixo *-zinho/a* se assemelha às palavras compostas por Substantivo + Adjetivo, em relação ao apagamento de um dos termos da estrutura que mantém relação de concordância interna, conforme apontado por Moreno em *plantões e cirurgiões-médicos* que não se entenderá como *plantões-médicos e cirurgiões-médicos*.

Vigário (2003b) também ressalta que casos com *-zinho(a)*, como em *\*Era um fulano bonzinho mas estupidozinho* não são interpretáveis como resultado de apagamento. Embora *-zinho/a* apresente comportamento de PW no português, as construções com esse sufixo não podem ser apagadas em estruturas coordenadas sem haver comprometimento semântico.

É possível ocorrer ainda o apagamento sob identidade sem comprometimento semântico em palavras que incluem mais de um radical morfológico, como nos exemplos a seguir em 4.30.

- (4.30)      homossexual e heterossexual > homo e heterossexual  
 macroeconomia e microeconomia > macro e microeconomia  
 luso-brasileiro e afro-brasileiro > luso e afro-brasileiro  
 interdisciplinar e extradisciplinar > inter e extradisciplinar

É importante destacar que o fenômeno de apagamento não ocorre quando o composto já foi lexicalizado como uma única PW, como em *monografia e biografia > \*mono e biografia* (VIGÁRIO, 2003).

No PE, o apagamento também é possível em compostos morfossintáticos formados por V+N, no entanto, não ocorre em compostos sintáticos, como pode ser observado nos exemplos de Vigário (2003b), apresentados em 4.31.a.

- (4.31)      a.      Só ofereceu pisa-papéis e corta-papéis no Natal.  
                   Ele fabrica porta-lápis ou afia-lápis?  
                   b.      ?\* A tua mãe comprou um casaco verde-seco ou verde-azeitona?  
                   ?\* Preferes azul-petróleo ou azul-bebê?

No caso do PB, o apagamento em estruturas como as de 4.31.a gera estruturas que não parecem gramaticais, embora destacamos a necessidade de um estudo experimental que avalie corretamente qualquer afirmação sobre esse tópico. Por outro lado, parece haver perda semântica nas sentenças em 4.31.b.

Com base nos dados apresentados para o apagamento sob identidade em estruturas coordenadas, podemos concluir também que no PB, assim como no PE, o processo apaga elementos morfológicos que constituem PWs independentes.

Para Moreno, a melhor descrição do comportamento dos prefixos é a de que formam vocábulos fonológicos construídos com noções morfossintáticas, desde que tais regras não produzam constituintes malformados do ponto de vista fonológico, pois, assim, seria necessária a intervenção de noções fonológicas específicas. A possibilidade de apagamento nos contextos citados parece ser possível também nas variedades faladas em SP e MG, no entanto destacamos a necessidade um estudo experimental futuramente.

Poderia se conjecturar que assim como ocorre com o truncamento no PB, o apagamento sob identidade apagaría pés, desde que estivesse incluída a cabeça de PWG ramificado. O fato de não se afetar PWs que constituem PWG não ramificado, como em *legalidade* e *fraternidade* > *\*legal e fraternidade*, não suporta essa hipótese. Entretanto, embora apaguem estruturas prosódicas distintas, os dois fenômenos ocorrem nos limites de PWG e não nos limites de  $\phi$ .

Convém destacar que, tanto com o truncamento, mesmo que não apague sempre PWs, quanto com o apagamento sob identidade em estruturas coordenadas que claramente apaga PWs, o produto final é sempre uma PW, podendo de algum modo contribuir com a identificação de PWs no PB. As estruturas prosódicas das sequências antes e após a ocorrência dos fenômenos de Truncamento e de Apagamento sob Identidade são apresentadas, respectivamente, em 4.32.

(4.32) a. Truncamento

(hetero)<sub>PW</sub>(sexual)<sub>PW</sub> > (hetero)<sub>PW</sub>

(professor)<sub>PW</sub> > (profí)<sub>PW</sub>

b. Apagamento

(luso)<sub>PW</sub>(brasileiro)<sub>PW</sub> e (afro)<sub>PW</sub>(brasileiro)<sub>PW</sub> > (luso)<sub>PW</sub> e (afro)<sub>PW</sub>(brasileiro)<sub>PW</sub>

É importante destacar que os fenômenos investigados na presente seção que atuam em palavras compostas não se referem à constituição morfossintática de tais palavras, mas à constituição prosódica, já que há requisitos sintáticos que interagem com esse fenômeno. Como, essa hipótese não aponta evidências do domínio PW no PB, ficará aberta para ser investigadas em pesquisas futuras.

#### 4.4 Considerações finais sobre a relação entre PW e PWG

Nas seções anteriores, mostramos que um conjunto de palavras compostas é formado por duas PWs independentes. Entretanto, a ocorrência de alguns fenômenos fonológicos dá indícios de que tais PWs são agrupadas dentro de um domínio prosódico intermediário entre PW e  $\phi$ .

Em vista disso, temos assumido ao longo deste trabalho que o domínio que acomoda adequadamente as palavras compostas no PB é PWG e não GC, tal como proposto inicialmente por Nespor e Vogel (1986), que é o antigo GC reciclado, conforme Vigário (2007, 2010).

Com base nessas considerações, nosso objetivo nesta seção é discutir as evidências segmentais e acentuais comuns de que as PWs que pertencem às palavras compostas estão ligadas a PWG que é ramificado por portar duas PWs, apontando não só as condições de boa formação do domínio da PW no PB, mas também as definições de PW e de PWG.

Diferentemente de outras línguas, para formação de uma PW, o português não sofre a síndrome da palavra mínima, não considera restrições segmentais (por exemplo, os sufixos têm que ser iniciados por consoante) e composição silábica das unidades morfológicas (os prefixos têm que ser dissilábicos). Por outro lado, a PW é domínio de generalizações fonotáticas – ver capítulo 1.

Como já argumentado ao longo da presente tese, uma PW tem apenas um acento primário. Desse modo, as unidades morfológicas que apresentarem mais de um acento serão consideradas PWs independentes.

Nos capítulos 3 e 4, discutimos que palavras de conteúdo incluem, no mínimo, um radical que sempre aceita acento, como *casa* e *fotografia*. Embora a literatura tenha mostrado que a construção do domínio da PW é baseada no radical, mostramos, nos capítulos 3 e 4, que o PB inclui palavras acentuadas que não constituem radicais, como os prefixos acentuados, os sufixos *-mente* e *-zinho/a* e as palavras funcionais dissilábicas, como alguns pronomes (e.g. *este*) e algumas preposições (e.g. *contra*). Destacamos que

Vigário (2003) mostrou a mesma análise para o PE em relação ao tipo de palavra que forma PW.

Também foi mostrado no capítulo 3 que, palavras funcionais são prosodizadas como sílabas átonas no nível lexical e vão se adjungir a uma PW no nível pós-lexical. No caso dos afixos, embora também sejam prosodizadas como sílabas átonas no nível lexical, vão se unir a uma base também no nível lexical ao contrário das palavras funcionais átonas.

Em relação às palavras morfossintáticas (radical+radical, radical+palavra e palavra+palavra), o presente capítulo mostrou que a formação de PW é definida principalmente pela atribuição de acento primário a cada radical derivacional, uma vez que formam domínios independentes para a atuação da regra, como em *teleprocessamento* e *porta-bandeiras* e vão se unir em PWG no nível pós-lexical.

Em vista do que foi discutido neste capítulo, adéquam-se também ao PB as condições de boa formação para a PW propostas para o PE em Vigário (2003), apresentadas em 4.33.

(4.33) Well-formedness conditions on the prosodic word domain<sup>65</sup>

- A minimal prosodic Word has one and only (word) primary stress
- A maximal prosodic Word has one and only one prominent element
- A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word

Como apresentado no capítulo 3, a PW lexical inclui um radical mais afixos e prefixos transparentes, não incluindo palavras funcionais clíticas. Em relação ao que Vigário chama de PW pós-lexical, para dar conta da prosodização de clíticos, assumimos somente as fronteiras esquerdas de uma PW lexical são pós-lexicalmente projetadas, o que permite a inclusão, no pós-léxico, de elementos como palavras funcionais clíticas.

---

<sup>65</sup> Condições de boa formação do domínio PW

- Uma PW mínima tem um e apenas um acento primário;
- Uma PW máxima tem um e apenas um elemento proeminente;
- Uma unidade portadora de acento de palavra deve estar incluída dentro de uma Palavra Prosódica Mínima (VIGÁRIO, 2003, p. 263).

Em nossa visão, com base no que propõe Vigário (2007, 2010), a PW lexical, que engloba apenas radicais, é constituída dentro do domínio PW que atua no componente lexical, organizando bases morfológicas com morfemas flexionais e derivacionais e vogal temática. Não havendo nenhum complemento acentuado que mantenha alguma relação morfossintática com a PW lexical, ela será prosodizada como um PWG não ramificado, assim como já proposto por Vigário (2007, 2010) para o PE. Em, 4.34, exemplificamos a prosodização de uma PW lexical.

- (4.34) congestionamento  
 Prosodização lexical  
 i. (congestionamento)<sub>PW</sub>  
 Prosodização pós-lexical  
 ii. <sub>PW</sub>(congestionamento  
 iii. ((congestionamento)<sub>PW</sub>)<sub>PWG não ramificado</sub>

A união de palavra funcional e hospedeiro, que é uma PW, é constituída no pós-léxico, pode equivaler tanto a uma PW pós-lexical quanto a PWG não ramificado. O fato de a fronteira esquerda de PW ser pós-lexicalmente projetada, não impede que o clítico se associe à PW, uma vez que ele é adjungido a uma PW pronta, como exemplificado a seguir em 4.35.

- (4.35) o congestionamento  
 Prosodização lexical  
 i. (o)<sub>σ</sub> (congestionamento)<sub>PW</sub>  
 Prosodização pós-lexical  
 ii. (o)<sub>σPW</sub>(congestionamento  
 iii. ((o)<sub>σ</sub>(congestionamento)<sub>PW</sub>)<sub>PW pós-lex/ PWG não ramificado</sub>

Como já dito anteriormente, PWG é um domínio formado no nível pós-lexical. Desse modo, um PWG não ramificado pode conter uma PW lexical e/ ou uma PW pós-lexical, que vem pronta do nível lexical até o pós-léxico e que equivaleria a PW mínima proposta por Vigário. Em nossa análise, a diferença entre palavra lexical vs palavra funcional+palavra lexical é o nível em que a adjunção da palavra funcional ocorre, que no caso é no pós-léxico.

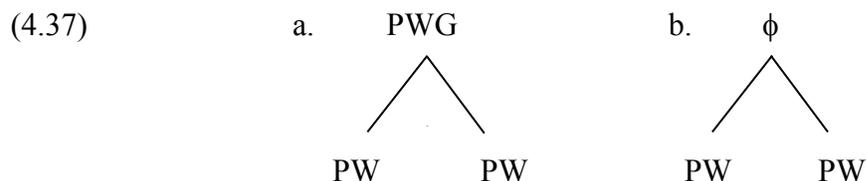
Já a PW máxima de Vigário (2003) incluiria todos os elementos não dominados pelo nó PW no léxico, já que tem sua fronteira esquerda projetada no nível pós-lexical, incluindo as palavras compostas. Assim como propõe Vigário (2007, 2010), o domínio que engloba adequadamente tais palavras é PWG ramificado.

No caso de palavras compostas, cada PW é processada no léxico como uma PW independente que readentra a derivação e vai se unir no nível pós-lexical a um domínio mais alto que ela na hierarquia prosódica, no caso PWG que é ramificado por conter duas PWs. Como a presença de acento implica a formação de PW a cada elemento da palavra composta, essas PWs vão formar uma única unidade num único Lex<sup>066</sup> e esse Lex<sup>0</sup> é mapeado em PWG, como ilustrado em 4.36.

- (4.36) luso-moçambicano  
 Prosodização lexical  
 i. (luso)<sub>PW</sub>(moçambicano)<sub>PW</sub>  
 Prosodização pós-lexical  
 ii. <sub>PW</sub>(luso <sub>PW</sub>(moçambicano  
 iii. (luso)<sub>PW</sub>(moçambicano)<sub>PW</sub>  
 iv. ((luso)<sub>PW</sub>(moçambicano)<sub>PW</sub>)<sub>PWG</sub>

Essa análise converge com o que Vigário (2010) propõe, já que Lex<sup>0</sup> é um nó terminal sintático que corresponde a um PWG, e por conter mais de uma PW, configura-se como um PWG ramificado.

Em vista dessas considerações, a seguir apontamos as evidências de que no PB, assim como no PE, o domínio prosódico que inclui palavras compostas que contêm duas PWs é PWG e não  $\phi$ , como ilustrado em 4.37.a.




---

<sup>66</sup> Unidade terminal sintática.

No caso do PB, fenômenos fonológicos, como a regra de elisão de vogal átona final, a atribuição de foco fonológico, o apagamento sob identidade e o truncamento fornecem evidências de que é PWG e não  $\phi$  o domínio relevante para a prosodização das palavras compostas.

Entre os fenômenos apontados, a atribuição de acento de foco é a principal evidência de que PWs em uma palavra composta são ligadas diretamente a PWG e não  $\phi$ . Como mostrado nos capítulos 1 e 3 e repetido aqui novamente para fins elucidativos, é possível atribuir foco, não só a PW cabeça de  $\phi$  (ver 4.38.b), mas também a PW não cabeça de  $\phi$ , como ilustrado em (4.38.a) (cf. FROTA, 2000).

- (4.38)
- a. A: Foi a tarde âmbar que o pintor retratou?  
B: Não. O pintor retratou ((a(maNHÃ)<sub>PW</sub>)<sub>PW</sub> (âmbar)<sub>PW</sub>) $\phi$ .
  - b. A: Foi a manhã cinzenta que o pintor retratou?  
B: Não. O pintor retratou ((a(manhã)<sub>PW</sub>)<sub>PW</sub> (ÂMbar)<sub>PW</sub>) $\phi$ .
  - c. A: O pintor retratou uma tarde âmbar?  
B: Não. O pintor retratou ((uma(maNHÃ)<sub>PW</sub>)<sub>PW</sub> (âmbar)<sub>PW</sub>) $\phi$ .
  - d. A: O pintor retratou uma manhã cinzenta?  
B: Não. O pintor retratou ((uma(manhã)<sub>PW</sub>)<sub>PW</sub> (ÂMbar)<sub>PW</sub>) $\phi$ .

Frota (2000) mostra que quando há foco contrastivo, o acento de foco recai sobre o elemento contrastado semanticamente, como exemplificado em 4.38.c e 4.38.d.

Fernandes (2007) afirma que, quando há sujeito ramificado em contexto de foco informacional, o acento de foco fonológico é associado à cabeça de  $\phi$ , podendo haver atribuição de PAs às PWS não cabeças e acento frasal à direita do elemento focalizado, como ilustrado em 4.39.

- (4.39)
- A: Quem morreu no lago?
  - B: ((As(meninas)<sub>PW</sub>)<sub>PW</sub> (BElas)<sub>PW</sub>) $\phi$  morreram no lago.  
(T\*)                      T\*      (Tp)



Sobretudo, os resultados obtidos pelo *corpus* experimental que será descrito no capítulo 5<sup>67</sup> mostraram que é possível haver a marcação enfática contrastiva tanto nas sílabas tônicas das PWs de qualquer uma das PWs das palavras compostas, quanto nas sílabas iniciais de uma das PWs – ver exemplos a seguir.

(4.42) **a. marcação de acento foco fonológico na sílaba tônica da cabeça de PWG<sup>68</sup>**

A: Os palhaços distribuía**m** balões às crianças?

B: (Não). Os palhaços distribuía**m** cata-**VEN**tos/ ?CA**Ta**-ventos às crianças.

**b. marcação enfática contrastiva na sílaba tônica da PW não cabeça de PWG**

A: Os policiais encontraram afro-portugueses na Espanha?

B: (Não). Os policiais encontraram ga**LE**go-portugueses/ galego-portu**GUE**ses / galego-**PORT**ugueses na Espanha.

**c. marcação enfática contrastiva na(s) sílaba(s) inicial(is) da PW não cabeça de PWG**

A: Os engenheiros projetaram cuidadosamente o condomínio?

B: (Não). Os engenheiros projetaram **AR**quiteticamente/  
ar**QU**iteticamente/ arquite**T**onicamente/ arquite**tonica**MEN**T**e o condomínio.

**d. marcação enfática contrastiva na(s) sílaba(s) inicial(is) da PW cabeça de PWG**

A: Os átomos ganham eletropositividade nas ligações químicas?

B: (Não). Os átomos ganham eletro**NE**gatividade/ eletrone**G**atividade/  
e**LE**tronegatividade/ eletronegati**vi**DA**D**e nas ligações químicas.

Esses fatos sobre o PB não podem servir de contra-argumento para a afirmação de que as PWs que pertencem a uma palavra composta são diretamente ligadas a  $\phi$ , uma vez que não é possível atribuir acento de foco fonológico às sílabas iniciais de qualquer uma das PWs que compõem  $\phi$ , tampouco à sílaba tônica da PW não cabeça quando a palavra que está em contraste semântico não é ela – ver exemplos em 4.43<sup>69</sup>.

(4.43) 1. A: Os palhaços distribuía**m** pirulitos azuis às crianças?

---

<sup>67</sup> No capítulo 5, seção 5.3, apresentamos a metodologia de obtenção do *corpus*.

<sup>68</sup> A caixa alta indica a posição em que se é atribuído algum acento de foco no PB.

<sup>69</sup> Uma exceção para essa afirmação é quando há contraste entre uma única PW e duas PWs ligadas a  $\phi$ , como em “Os palhaços distribuía**m** balas às crianças? (Não). Os palhaços distribuía**m** pirulitos ama**RE**los/ \*pirulitos **a**ma**RE**los / p**iru**L**It**os ama**RE**los / \***p**iru**L**Itos ama**RE**los às crianças”, já que aqui são interpretadas duas possibilidades de contraste entre *balas* vs. *pirulitos amarelos* e entre *balas* vs. *pirulitos vermelhos*. Os dados aqui apresentados foram julgados por cinco informantes de PB, contudo destacamos a necessidade de um estudo experimental que analise e atribuação de foco contrastivo em  $\phi$  ramificado.

B: (Não). Os palhaços distribuíam pirulitos amaRElos/ pirulitos amaRElos/  
\*piruLItos amaRElos/ \*PIrulitos amaRElos às crianças.

2. A: Os palhaços distribuíam pirulitos amarelos às crianças?

B: (Não). Os palhaços distribuíam refrigeRANtes amaRElos/ refrigeRANtes  
amaRElos às crianças/ \*refrigeRANtes amaRElos/ \* refrigeRANtes amaRElos.

Como pode ser observado em 4.43, os tipos de marcações não neutras atestados em palavras compostas não são atestados em PWs que compõem um  $\phi$ . Em 4.43.1, o contraste é na cabeça de  $\phi$ . Os informantes aceitaram a possibilidade de marcar a sílaba inicial, mas não PW1. Em 4.43.2, o contraste era na PW não cabeça de  $\phi$ . Nesse caso, foi aceita a marcação tanto na sílaba tônica quanto na pretônica inicial de PW1, mas não na PW cabeça de  $\phi$ .

Nossa interpretação para esses resultados é que esses tipos de marcação não neutra em contexto de foco estreito em PB só são possíveis, uma vez que as PWs estão ligadas a PWG e não diretamente a  $\phi$  e, por haver a ideia de conjunto prosódico associado ao domínio que contém as PWs, os informantes aceitam a marcação de foco tanto em PW1 quanto em PW2.

Outra contribuição importante que esse estudo traz é apontar para o fato de poder ser atribuído foco às sílabas iniciais pretônicas de PW, o que é uma evidência de não haver um domínio exclusivo para a atribuição de foco, já que, em casos como em 4.43, o foco parece incidir sobre  $\phi$ , mas, em 4.42, o foco parece incidir em PWG.

É importante destacar, inclusive, que alguns informantes consideraram mais natural marcar o contraste semântico nas sílabas iniciais de PW, como em *eletropositividade vs. eletronegatividade* e em *pirulitos vs. refrigerantes* do que na sílaba tônica. No próximo capítulo, voltaremos a essa questão ao discutir os tipos de contornos entoacionais associados às marcações de foco contrastivo.

Além da atribuição de foco, outros processos fonológicos, como mencionado acima, podem servir de evidência para PWG no PB. Um deles é a distribuição de PAs às PWs que integram as palavras compostas, como será mais bem exemplificado no próximo

capítulo. Diante dos dados analisados que incluem palavras compostas, foi notada uma preferência em atribuir PAs a cada PW da palavra composta.

Outro fenômeno fonológico apontado por Vigário para o PE que evidencia PWG é o bloqueio da regra da elisão de vogal final em contexto V1 (vogal final da primeira palavra que compõe a palavra composta) seguido por V2 (vogal final da segunda palavra que compõe a palavra composta), quando V2 porta a proeminência principal de PWG, como em *extra-Época* \*0/ [ɐ], *porta-Óculos* \*0/ [ɐ] e *RFM – erre efe Eme* \*0/ [j]<sup>70</sup>.

Assim como no PE, no PB, a regra de apagamento é bloqueada quando a segunda PW inicia por vogal acentuada. Schwindt (2000) já afirmava que, em construções com prefixos acentuados, a elisão pode ocorrer quando V2 é uma vogal átona, como em *extra escola* < *extrescola*, uma vez que a elisão não ocorre quando V2 tiver acento de PWG, como em *\*ultraóbvio*. Contudo, destacamos que esse tipo de apagamento também é bloqueado em PWs que estão diretamente ligadas a  $\phi$ , como descrito na literatura do PB, não sendo então um bom argumento para PWG na variedade brasileira (cf. ABAURRE, 1994; TENANI, 2002; entre outros).

O bloqueio da haplologia entre palavras que compõem um PWG ramificado, como em *antetítulo* < *\*antítulo*, é uma boa evidência da existência de PWG, já que esse fenômeno ocorre livremente nas fronteiras acima de  $\phi$  e I, como mostrado por Tenani (2002).

Em suma, procuramos apresentar e discutir nesta seção (i) a definição de PW assumida para o PB, (ii) a relação entre PW e PWG no PB, (iii) as evidências de PWG no PB, e (iv) a comparação com o PE. A partir da definição de PW assumida, fomos capazes de explicitar a prosodização de palavras compostas, entre elas as palavras derivadas por prefixos e sufixos acentuados e as palavras morfossintáticas, diferenciando-as de palavras simples, além de retomar a discussão sobre a estrutura prosódica dos acrônimos já iniciada por Vigário e Fernandes-Svartman (2010). Em vista do que tem sido discutido na literatura, acreditamos que nosso trabalho trouxe contribuições não só para o conhecimento sobre a PW no PB, mas também sobre PWG e  $\phi$ .

---

<sup>70</sup> As vogais em contexto de elisão vocálica estão em negrito.



## 5 Estrutura prosódica e estrutura entoacional de palavras funcionais e de palavras lexicais

### 5.0 Introdução

Neste capítulo, descreveremos e analisaremos os dados de PB referentes à estrutura entoacional de sentenças declarativas que incluem palavras funcionais, monossilábicas e dissilábicas, e palavras lexicais, simples (PWG não ramificado) e compostas (PWG ramificado), em posição interna de I.

Nosso principal objetivo neste capítulo é investigar se a aplicação e/ou o bloqueio de fenômenos entoacionais, como a distribuição de PAs na sentença, a atribuição de acento de foco fonológico, de acento enfático e de acento inicial de PW, além da presença de tons adicionais de fronteira associados a algum domínio prosódico como a PW, pode fornecer evidências do domínio da PW no PB ou até mesmo de domínios superiores, como PWG e  $\phi$ . Além disso, esta investigação procurará trazer também contribuições em relação à prosodização de tais palavras no PB.

Nossa hipótese geral é de que PW é o domínio relevante para a aplicação de fenômenos entoacionais no PB. Todavia, nossa análise para alguns fenômenos considerará as hipóteses e as discussões já apontadas na literatura para alguns dos fenômenos já estudados anteriormente. A não convergência entre as análises para a distribuição tonal, como será mostrado na seção seguinte do presente capítulo, leva-nos a discutir, por exemplo, se o domínio relevante pode ser acima de PW, como PWG e  $\phi$  (cf. FROTA e

VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010).

No caso da atribuição de acento de foco fonológico, será considerada a análise de Vigário (2003, 2007, 2010) para o PE de que o foco é restrito à cabeça de PWG. Entre as contribuições do presente trabalho para a literatura dos fenômenos entoacionais no PB, destacamos a descrição da atribuição tonal em contexto de foco contrastivo e a regra de atribuição do acento enfático em relação à regra de acento de foco fonológico.

Em vista dessa hipótese geral e considerando a prosodização de palavras funcionais no PB, investigamos o comportamento prosódico de tais palavras na estrutura entoacional em busca de evidências entoacionais para corroborar a análise apresentada no capítulo 3: de que palavras funcionais monossilábicas são sílabas átonas que se comportam como clíticos prosódicos e as palavras dissilábicas são PWs.

Nossa análise será validada com testes estatísticos, realizados no programa R (versão 3.0.2), que serão apresentados ao longo do presente capítulo.

Para investigar as várias questões colocadas, optamos por trabalhar com *corpora* elaborados a partir de uma metodologia experimental. Considerando a análise de Vigário (2003, 2007, 2010) para a atribuição de foco fonológico no PE, e o fato de, ao longo de toda a tese, tecermos comparações entre PB e PE no que se refere ao domínio da PW, adaptamos o *corpus* para a análise das palavras compostas construído para possibilitar a investigação de tal fenômeno também na variedade lusitana. Desse modo, poderíamos apontar as principais diferenças e semelhanças entre as duas variedades de português no que se refere à distribuição tonal em sentenças declarativas, à atribuição de acento de foco e também ao comportamento tonal de palavras compostas e de palavras simples produzidas nas mesmas condições sintático-fonológicas. Essa adaptação se fez necessária, uma vez que não há trabalhos experimentais que exploram o comportamento prosódico de palavras compostas produzidas em contexto de foco largo e estreito em PE.

Primeiramente, na seção 5.1, apresentamos uma revisão dos principais trabalhos que tratam da relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional em PB e em PE.

Na sequência, na seção 5.2, apresentamos o experimento 2 realizado com sentenças declarativas produzidas em contexto de foco de escopo largo que incluem palavras funcionais em contraposição a palavras lexicais na mesma posição da sentença. Desse modo, na seção 5.2.1, descrevemos o *corpus* e a metodologia de obtenção dos dados e de análise. Posteriormente, na seção 5.2.2, descrevemos e analisamos os resultados para as sentenças que incluem palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas (seção 5.2.2.1) e para as sentenças que incluem palavras lexicais simples, compostas e que compõem um mesmo  $\phi$  (seção 5.2.2.2). Na seção 5.2.3, estabelecemos a comparação entre o comportamento prosódico de palavras funcionais em relação às palavras lexicais na mesma posição linear da sentença e no mesmo tipo de contexto.

Posteriormente, na seção 5.3, passamos ao experimento 3, que investiga a estrutura entoacional de sentenças declarativas produzidas em contexto de foco largo e de foco estreito contrastivo. Diferentemente do experimento 2, o experimento 3 inclui apenas palavras lexicais (simples e compostas) também na mesma posição linear da sentença. Desse modo, na seção 5.3.1, descrevemos o *corpus* e a metodologia experimental de obtenção dos dados tanto para PB quanto para PE. Destacamos que a análise de um *corpus* experimental de PE tem como objetivo apenas comparar o comportamento prosódico relativo aos fenômenos investigados para o PB e assim fortalecer a literatura sobre a estrutura entoacional do português.

A descrição entoacional e a análise dos dados de PB e de PE são apresentadas na seção 5.3.2, que será dividida em duas outras seções: em 5.3.2.1 são descritos os dados obtidos nos contextos de foco largo para PB e em 5.3.2.2, os dados obtidos para PE. Na análise das sentenças produzidas em contexto de foco largo (seção 5.3.2.1), iremos destacar a distribuição de eventos tonais na cadeia segmental em I – tanto PAs quanto tons de fronteira –, a atribuição de acento enfático e de acento de início de PW, além de discutir o comportamento tonal de palavras compostas em comparação com palavras simples. Também discutiremos a relação dessas palavras com o domínio da PW.

As estratégias prosódicas não neutras utilizadas pelas informantes de PB e de PE para marcar foco nas sentenças produzidas em contexto de foco estreito contrastivo serão descritas e analisadas (seção 5.3.3). Entre as estratégias, discutiremos a relação entre

acentos de foco fonológico, acento enfático, compressão tonal antes/após o elemento focalizado e a posição na PW e em PWG à qual os eventos tonais são associados.

Na seção 5.4, fazemos a comparação dos resultados obtidos para o PB e para o PE, dando destaque ao comportamento das duas variedades em relação aos fenômenos prosódicos observados tanto em contexto de foco largo (seção 5.4.1) quanto em contexto de foco estreito contrastivo (seção 5.4.2).

Por fim, na seção 5.5, finalizamos o capítulo 5 explicitando nossas contribuições em relação à prosodização de palavras funcionais e de palavras lexicais e à aplicação e/ou bloqueio dos fenômenos entoacionais investigados (distribuição de PAs na sentença, atribuição de acento de foco fonológico, de acento enfático e de acento inicial de PW, presença de tons adicionais e de fronteira no PB), dando destaque à relação entre tais fenômenos e o domínio PW no PB.

## **5.1 Estudos sobre a estrutura entoacional de sentenças declarativas em PB e em PE**

Na presente seção, apresentaremos uma revisão dos trabalhos que exploraram a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional em PB e em PE, dando destaque aos estudos realizados na variedade brasileira de português.

Entre os trabalhos que descrevem a estrutura entoacional do PB, podemos citar os estudos de Rameh (1962), Aubert (1976), Fernandes (1976), Gebara (1976), Cagliari (1980, 1981, 1982a, 1982b, 1991, 1992), Moraes (1982, 1984, 1993, 1995, 1998), Freitas (1995), Gonçalves (1997), Madureira (1999), Frota e Vigário (2000), Cunha (2000), Sandalo e Truckenbrodt (2002), Tenani (2002), Fernandes (2007ab), Tenani e Fernandes-Svartman (2008), Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2008), Lucente e Barbosa (2007, 2009, 2010), Lucente (2008, 2012), Toneli (2009), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli, Vigário e Abaurre (2013, 2014) e Frota et al. (no prelo).

Destacamos que os trabalhos mencionados acima, com exceção dos estudos anteriores ao de Frota e Vigário (2000) e os trabalhos de Lucente e Barbosa (2007, 2009, 2010) e Lucente (2008, 2012), foram desenvolvidos a partir da ótica do Modelo Métrico Autossegmental dentro da Fonologia Entoacional.

Tais trabalhos dentro desse modelo teórico têm mostrado não só uma estreita relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional, mas também semelhanças (como o acento nuclear de declarativas neutras) e diferenças (como a densidade tonal) entre PB e PE. Em relação ao acento nuclear das declarativas neutras, as duas variedades recebem acento H+L\* seguido opcionalmente de L%, associado à última PW de I.

Tenani (2002) e Fernandes (2007) observam que no PB em posição inicial de I, ocorre preferencialmente um contorno ascendente, marcado pelos PAs LH\*/L\*+H, associados à primeira sílaba acentuada de I, independentemente de essa sílaba ser a mais proeminente do primeiro  $\phi$  de I. Essas autoras observam também que não há tons de fronteiras associados a  $\phi$ . Por outro lado, no PE, Frota (2000, 2014) mostra que esse PA inicial é H\*.

Também é notada a ocorrência de um evento tonal inicial de PW quando há uma distância superior a três sílabas entre o início de PW e a primeira sílaba acentuada no PB (FROTA e VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007A, 2007B; TENANI e FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA ET AL., NO PRELO).

Frota (2000, 2014) mostra que, em declarativas neutras, a melodia mínima é caracterizada pela presença de um PA associado ao pico em início de I e um PA associado ao final de I, que é a posição que carrega o acento nuclear das declarativas neutras no PE. Nesse tipo de sentença, a autora descreve a curva melódica com um formato de um *plateau*. Nesse caso, a autora mostra que o domínio relevante para a distribuição tonal no PE é I, uma vez que em sentenças declarativas simples  $\phi$ s internos tendem a não receber PA e apenas a cabeça de I é obrigatoriamente portadora de PA nesta variedade.

Mesmo assim, as posições intermediárias de I podem ser opcionalmente marcadas por PAs, e, quando ocorrer uma PA em  $\phi$ s intermediários, este estará associado à cabeça de  $\phi$  (cf. DELGADO MARTINS e LACERDA, 1977; VIANA, 1987; FROTA, 1991, 1997, 2000, 2002A, 2002B, 2003, NO PRELO; FALÉ, 1995; VIGÁRIO, 1998; GR $\phi$ NNUM e VIANA, 1999; FROTA e VIGÁRIO, 2000; FERNANDES, 2007; FROTA ET AL., no prelo; entre outros).

Em relação à regra de associação de acentos tonais no PE (cf. FROTA, 2000; FROTA e VIGÁRIO, 2000; VIGÁRIO, 1998A, 2003; entre outros) e no PB (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010), o que se pode concluir é que, embora o português, tanto o europeu quanto o brasileiro, e assim como outras línguas românicas, não tenha tons lexicais, a informação entoacional pode fornecer pistas de domínios prosódicos, como PW,  $\phi$  e I.

Contudo, conforme a literatura, tanto em PB quanto em PE, as PWs não cabeças de  $\phi$ s internos podem receber opcionalmente PA, embora seja descrito que, no PB, a incidência de PA nas PWs não cabeças de  $\phi$  ocorre com maior frequência, enquanto que, no PE, essa ocorrência é bem mais baixa.

Essa discussão trouxe contribuições sobre o domínio relevante para a distribuição tonal no PB. Embora haja uma alta incidência de PA por PW, Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) afirmam que o domínio relevante para os eventos tonais no PB é  $\phi$ .

Uma das contribuições do trabalho de Tenani é chamar a atenção para a proeminência de  $\phi$  para a organização entoacional e para uma preferência pela alternância L H L H entre os eventos tonais dentro e entre  $\phi$ s, de modo a obedecer a uma distância ótima mínima de três sílabas entre os tons (cf. FROTA e VIGÁRIO, 2000). Para a autora, os domínios em que a estrutura entoacional se organiza no PB são I e  $\phi$ .

Ao contrário de Frota e Vigário e Tenani, Fernandes (2007) afirma que o fato de haver PAs associadas a (quase) todas as PWs não cabeças de  $\phi$  pode ser tomado como evidência da relevância do domínio PW para a distribuição tonal no PB.

Por outro lado, a análise apresentada por Vigário e Fernandes-Svartman (2010) aponta PWG como o domínio relevante para a distribuição de PAs no PB. O fato de a quantidade de PAs associados à PW não cabeça de PWG ramificado curto (contem de quatro a cinco sílabas) ser menor do que em PW que coincidem com PWG não ramificado e estar dependente do tamanho dessa PW justifica a análise apresentada pelas autoras.

Diante do exposto, nota-se não haver convergência sobre o domínio prosódico relevante em que a distribuição se implementa no PB. Contudo, as evidências apontam que é um domínio mais baixo que I, entre  $\phi$ , PWG e PW, assim como o japonês e o coreano, ao

contrário do PE, que toma I como o domínio relevante para a distribuição tonal (cf. PIERREHUMBERT e BECKMAN, 1988; JUN, 1993; FROTA, 1997, 2000; VIGÁRIO, 1998; ELORDIETA, FROTA e VIGÁRIO, 2005; FERNANDES, 2007a, b; VIGÁRIO e FERNANDES-SVARTMAN, 2010).

No entanto, o fato de não ter sido testada estatisticamente a possibilidade de ocorrer um PA na PW não cabeça de PWG ramificado e de  $\phi$  ramificado por nenhum dos trabalhos anteriores vulnerabiliza as análises apresentadas. Com isso, não se pode afirmar categoricamente se a probabilidade de ocorrer um PA por PW é significativa. Com exceção do trabalho de Vigário e Fernandes-Svartman (2010), os estudos anteriores não exploraram a distribuição tonal em sentenças que incluíam palavras compostas, e nenhum deles testou tais palavras em posição interna com o intuito de evitar influências das fronteiras de I e de confirmar ou não a hipótese de Fernandes (2007). Nesse sentido, a presente pesquisa ampliará o que tem sido descrito em relação à distribuição tonal e corroborará, com testes estatísticos, a análise de que o domínio relevante para a aplicação de tal regra no PB é mais baixo que  $\phi$ , avançando também no objetivo da presente tese, que é propor um estudo sistemático sobre a PW no PB.

Em termos de densidade tonal do português, Frota et al. (no prelo) mostram que há variação em relação à densidade tonal entre as variedades quando comparam algumas variedades de PE com as de PB e entre as variedades dentro do mesmo país<sup>71</sup>.

De um modo geral, tem sido mostrado na literatura que a distribuição tonal é mais densa no PB e mais escassa no PE.

Voltando à questão da ocorrência de eventos tonais em PW, Vigário e Fernandes-Svartman (2010) trazem contribuições para a compreensão do comportamento

---

<sup>71</sup> Em Frotal et al. (no prelo), especificamente, são exploradas ao todo quatro variedades de PB (Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador) e quatro variedades de PE (Lisboa, Porto, Castro Verde e Albufeira). Ver mais informações sobre o projeto *Interactive Atlas of the Prosody Portugueses* (InAPoP) na página: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/InAPoP>. Embora ainda seja uma pesquisa em curso, esse trabalho tem trazido novas contribuições ao inventário entoacional do português, ou seja, do léxico entoacional, já que é feita uma descrição dos padrões dos contornos entoacionais não só de declarativas neutras e focalizadas, mas também de interrogativas parciais e totais, ordens, pedidos e vocativos (chamamento e insistente). Os autores têm notado que alguns tipos de tons só aparecem em determinada variedade de português, por exemplo, L\*+H L% só ocorrem em PB, e um mesmo tom é usado com diferentes significados, por exemplo, H+L\* L% é usado em declarativas neutras e *wh-questions* em PB e PE, mas também em ordens apenas em PB.

tonal de palavras simples que formam uma única PW (PWG não ramificado) e de palavras compostas por duas PWs (PWG ramificado). Além de mostrar que a cabeça de PWG ramificado recebe obrigatoriamente um PA e que tal associação é não opcional na não cabeça, as autoras ressaltam que a diferença entre PWs internas em PWG ramificado e PW interna em PWG não ramificado está relacionada à diferente métrica da associação de H(+L) inicial de PW, por exemplo: esse acento inicial apenas começa a surgir no interior de PWG ramificado se o acento de palavra ocorrer a partir da quinta sílaba de PW, incluindo o clítico, enquanto ele pode ocorrer a partir da quarta sílaba de PW se a posição inicial de PW coincidir com a posição inicial de PWG.

Em se tratando de distribuição tonal em sentenças produzidas em contexto de foco estreito, Fernandes (2007, p. 212) afirma que “em todas as sentenças com *foco prosódico no sujeito* em PB, não há associação de tons às PWs intermediárias entre a PW cabeça de  $\phi$  que contém o sujeito focalizado e a PW cabeça do último  $\phi$  de I”, ou seja, há uma ausência de eventos tonais após o elemento focalizado. Essa ausência de eventos tonais também é encontrada em outras línguas como o chinês de Shangai e o japonês (cf. JIN, 1986; SHIN, 1986; SELKIRK e SHIN, 1990; NAGAHARA, 1994; GUSSENHOVEN, 2004).

Fernandes mostra que pode ocorrer um acento tonal H\*+L ou L\*+H seguido opcionalmente de um acento frasal Lp associado à fronteira de  $\phi$ , alinhados à sílaba tônica do elemento focalizado e de contorno final predominantemente marcado apenas por tom de fronteira Li ou H+L\* seguido por Li (cf. FERNANDES, 2007).

Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2008) mostram que, em caso de foco estreito, além de a gama de variação de F<sub>0</sub> sobre o elemento focalizado ser estendida, o padrão encontrado por Fernandes (2007) não ocorre sistematicamente. Os autores mostram que, quando o foco estreito coincide com o final do enunciado, o padrão encontrado foi H+L\* L-, enquanto o foco, quando é não final, ocorreu uma variedade de contornos, por exemplo, L\*+H, assim como encontrado por Fernandes que também encontrou outras possibilidades de marcação, sendo está última a mais frequente. Assim como Fernandes (2007), os autores notaram a ausência de PAs após o elemento focalizado ou a compressão de F<sub>0</sub> quando o foco incidia sobre o elemento não final de I.

Esse tipo de marcação tonal em final de I após o elemento focalizado pode ser acompanhado de compressão tonal à direita. A compressão tonal após o elemento focalizado é um efeito observado em outras línguas como francês (cf. ROSSI, 1985; TOUATI, 1987; DI CRISTO E HIRST, 1993; CLECH-DARBON, REBUSCHI e RIALLAND, 1997; DI CRISTO, 1998; JUN e FOUGERON, 2000; entre outros), italiano (cf. D'IMPERIO, 1999, 2002; AVESANI e VAYRA, 2000; entre outros), espanhol (cf. GUSSENHOVEN, 2004; entre outros), basco (cf. ELORDIETA e HUALDE, 2001; entre outros); catalão (cf. PRIETO, no prelo; entre outros); mandarim (e.g. GARDING, 1987; JIN, 1996; XU, 1999), e PE (cf. FROTA 1994, 1997, 2000, 2009; VIGÁRIO, 1997, 1998; entre outros).

Já Toneli (2009) mostra que palavras funcionais acidentalmente inertes podem receber PA (L)H\*+L, característico de palavras lexicais quando produzidas em contexto de foco estreito corretivo. Esse trabalho levanta duas questões (i) o domínio para a atribuição de foco pode ser mais baixo que PW ou (ii) não há um domínio exclusivo para aplicação do acento de foco no PB.

Por outro lado, Vigário (2010) afirma que a atribuição de acento de foco fonológico em sentenças que envolvem palavras compostas é restrita à PW cabeça de PWG, o que é uma das evidências apresentadas pela autora para o domínio PWG no PE.

A diferença crucial entre nosso trabalho e os de Fernandes (2007) e Toneli (2009) é que testamos experimentalmente se a atribuição tonal em sentenças que incluem palavras compostas produzidas em contexto de foco estreito contrastivo toma a PW como domínio de aplicação exclusivo, já que uma palavra funcional normalmente átona recebe estatuto de PW por receber um acento de foco fonológico. Além desse objetivo, discutimos, no presente trabalho, o comportamento prosódico de palavras simples e compostas e o modo como as regras de distribuição de eventos tonais, de atribuição de acento de foco fonológico, de acento enfático e de acento inicial de PW podem trazer evidências sobre a PW no PB. Desse modo, procuramos enriquecer os conhecimentos não só sobre a estrutura prosódica abaixo de I, como  $\phi$ , PWG e PW, mas também sobre o léxico entoacional do português.

## 5.2 Experimento 2: palavras funcionais x palavras lexicais

Nesta seção, descreveremos a elaboração do *corpus* experimental elaborado para a aplicação do experimento 2, que teve o intuito de comparar o comportamento prosódico de palavras funcionais em relação às palavras lexicais na mesma posição linear da sentença e no mesmo tipo de contexto (foco de escopo largo), em busca de evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais no PB (seção 5.2.1).

Na sequência, os resultados são descritos e analisados, primeiramente para as sentenças que incluem palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas (seção 5.2.2.1) e, posteriormente, para as sentenças que incluem palavras lexicais simples, compostas e quando duas PWs compõem um mesmo  $\phi$  que é ramificado (seção 5.2.2.2). Na seção 5.2.3, estabelecemos a comparação entre palavras funcionais e palavras lexicais para o experimento 2.

### 5.2.1 *Corpus* e metodologia de obtenção dos dados

Nesta seção, descrevemos o *corpus* elaborado para a aplicação do experimento 2 que inclui sentenças com palavras funcionais monossilábicas (e.g. *um, de, por, etc.*) e dissilábicas (e.g. *para, entre, sobre, etc.*) seguidas por uma palavra lexical em oposição a sentenças com palavras lexicais simples (e.g. *Araraquara, parlamentaristas, etc.*) e compostas (e.g. *cata-vento, autossustentabilidade, etc.*) na mesma posição sintática linear.

Esse experimento foi aplicado apenas na variedade de PB, já que há estudos feitos sobre o comportamento prosódico das palavras funcionais em PE – ver Vigário (1999, 2003).

Durante a elaboração do *corpus* experimental, foram consideradas as seguintes variáveis: (i) o contexto em que o foco é eliciado, no caso o de escopo largo (foco amplo); (ii) o tipo de palavra funcional que estaria em análise, palavras monossilábicas e dissilábicas – ver 5.1.a e 5.1.b; (iii) o tipo e a quantidade de palavra(s) lexical(is) que seriam comparadas com a sequência palavra funcional + palavra lexical (uma única PW, uma palavra composta por duas PWs e duas PWs independentes que formavam um  $\phi$

ramificado) – ver 5.1.c, 5.1.d e 5.1.e; (iv) o número de sílabas pretônicas em relação à fronteira esquerda de cada palavra lexical – ver 5.2; (v) a posição das palavras-alvo na sentença – posição pós-verbal a fim de evitar influências das fronteiras de I; (vi) o número de repetições – três repetições; (vii) a estrutura sintática fixa (aqui entendida como ordenação linear dos constituintes): sujeito (clítico+PW) + verbo (PW) + palavra(s)-alvo + complemento (clítico + PW) – ver exemplo em 5.1; (viii) o número de sílabas dos  $\phi$ s inicial e final foram mantidos equivalentes em todas as sentenças (entre quatro a seis sílabas).

- (5.1) a. As bolivianas gostavam **das** jabutiCAbas da fazenda.  
 b. Os estudantes encontraram **uma** borboLEta na janela.  
 c. Os empresários demonstraram responsabiliDAde nos negócios.  
 d. Os estudantes encontraram LUSo-brasiLEIros no aeroporto.  
 e. Os americanos encontraram ONze eleFANtes no safári.

- (5.2) a. [LUSo]<sub>PW1</sub>[brasiLEIro]<sub>PW2</sub> – três sílabas entre acentos  
 acento na 1ª sílaba de PW1  
 acento na 3ª sílaba de PW2  
 b. [parlamentarISta]<sub>PW</sub> – acento na 5ª sílaba de PW

O *corpus* é constituído por 80 sentenças no total: 18 sentenças incluíam a sequência palavra funcional monossilábica + palavra lexical, como exemplificado em 5.1.a; 30 sentenças incluíam a sequência palavra funcional dissilábica + palavra lexical, como exemplificado em 5.1.b; 12 sentenças incluíam uma única palavra lexical (uma PW), como exemplificado em 5.1.c; 10 sentenças incluíam uma palavra composta formada por duas PWs (PWG ramificado), como exemplificado em 5.1.d; e 10 sentenças incluíam a sequência de duas PWs independentes que formam um  $\phi$  ramificado, como exemplificado em 5.1.e.

Dentre as sentenças que contêm palavras compostas formadas por duas PWs, há compostos morfológicos, como *luso-moçambicanos*, e compostos morfossintáticos formados por Verbo+Nome, como *cata-ventos*.

As gravações foram feitas em uma sala silenciosa no Instituto de Ciências e Tecnologias Exatas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Para a gravação, foram utilizados um computador portátil, um gravador digital portátil, modelo *Microtrack* da M-

*Audio* (mono, fonte de input ¼”TRS e taxa de amostragem 44.1) e um microfone de cabeça *headset* DPA, modelo d:fine omni com MicroDot (frequência ±2 dB, 20 Hz – 20 kHz).

Para a recolha do material, primeiramente o investigador explicava o procedimento experimental às informantes que, em seguida, participavam de uma fase treino para que o investigador verificasse se eles haviam compreendido a tarefa. Após essa etapa, iniciava-se a fase teste. O experimento consistia em uma tarefa de leitura.

Durante a tarefa, as informantes tinham de ler silenciosamente uma sentença-contexto projetada na tela do computador, e três segundos depois ouviam uma pergunta referente ao contexto de foco de escopo largo da sentença nos fones de ouvido; e, na sequência, davam uma resposta apropriada, utilizando a informação apresentada na tela – ver 5.3. Era esperado que as informantes produzissem a mesma sentença que haviam lido na tela do computador de modo mais próximo a uma situação real de interação.

- (5.3) Procedimento experimental para obtenção de sentenças em foco largo  
Sentença projetada na tela do computador: *Os caçadores encontraram um hipopótamo na floresta.*  
Pergunta ouvida pela informante: *Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?*  
Resposta alvo: *Os caçadores encontraram um hipopótamo na floresta.*

Para esse experimento, foram gravadas três informantes de sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos, nível universitário e residentes na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A tarefa foi dividida em duas etapas que foram realizadas em dias diferentes. Foram feitas três repetições de cada etapa de gravação, totalizando 720 produções (80 sentenças x 3 informantes x 3 repetições). As sentenças foram distribuídas aleatoriamente em slides, e cada slide continha um único contexto para que fosse produzida uma única sentença.

Tanto a segmentação das sentenças, que foram salvas em arquivos formato wav, quanto a análise foram feitas no programa Praat (BOERSMA e WEENINK, 2012). A análise engloba a transcrição ortográfica em palavras e a transcrição entoacional, indicadas em camadas pelo programa Praat – ver exemplos nas seções seguintes. Para análise entoacional, seguimos a notação P-ToBI do Modelo Métrico e Autossegmental dentro da

Fonologia Entoacional, conforme adaptações para o português feita por Frota (2000, 2009, no prelo), Tenani (2002), Fernandes (2007) e Frota et al. (no prelo).

Em relação à análise estatística a que os resultados foram submetidos, realizamos um teste de proporções múltiplas. Para isso, o valor de  $\alpha$  foi ajustado ao número de arranjos, 2 a  $2^{72}$ . Por exemplo, quando foi realizado um teste de hipótese em que são comparadas duas proporções quaisquer, o valor de  $\alpha$  foi de 0,05; quando o teste de hipótese englobava várias proporções, o valor de  $\alpha$  considerava o número dos arranjos analisados, por exemplo, para um arranjo de 5 – 2 a 2, o valor de  $\alpha$  era de  $0,0025 = 0,05$  dividido por 20.

Para a análise dos resultados, foi considerado que a hipótese nula ( $H_0$ ) significava que os valores de p (os valores analisados) eram iguais, enquanto a hipótese alternativa ( $H_1$ ) considerava que os valores de p eram diferentes. Se p fosse maior do que o valor de significância (valor de  $\alpha$ ), a hipótese  $H_0$  deveria ser aceita e  $H_1$  rejeitada, enquanto se p fosse menor do que o valor de significância, a hipótese  $H_0$  deveria ser rejeitada e a hipótese  $H_1$  aceita. Todos os testes estatísticos foram feitos no programa R, versão 3.0.2.

Na seção seguinte, são apresentados os resultados para as sentenças em contexto de foco largo e em contexto de foco estreito contrastivo de PB e de PE.

A análise dos dados é apresentada nas seções seguintes.

### **5.2.2 Descrição e discussão dos resultados**

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos para o experimento 2. Como vários tipos de sentenças foram analisadas e nos interessavam observar vários fenômenos entoacionais nas sentenças declarativas, além de buscar evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais, separamos os resultados em duas subseções: em 5.2.2.1, descrevemos os resultados para as sentenças que incluíam apenas palavras funcionais seguidas de palavras lexicais, tal como nos exemplos em 5.1.a e 5.1.b;

---

<sup>72</sup> Gostaríamos de agradecer aos professores Plínio Barbosa (Unicamp) e Flávio Molina (UFTM) que gentilmente auxiliaram na aplicação dos testes estatísticos e na interpretação dos resultados.

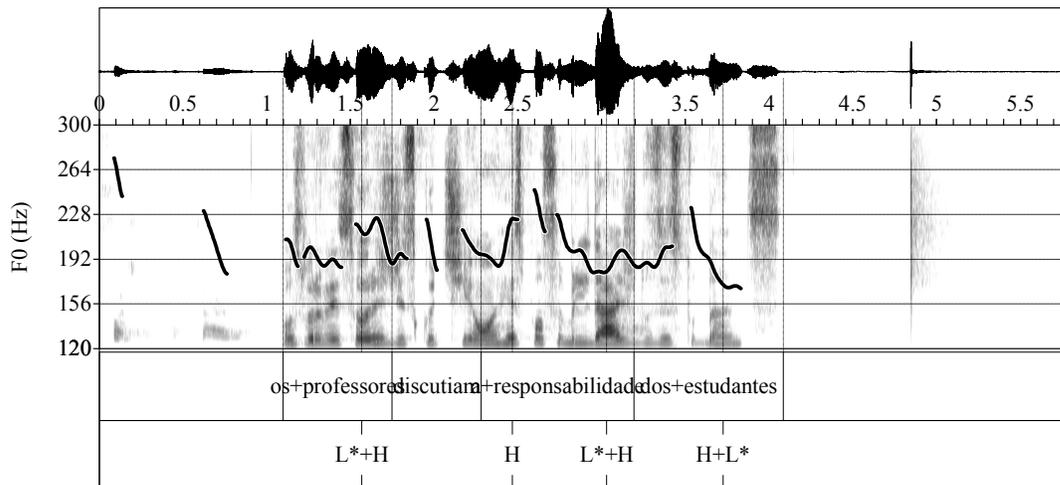
em 5.2.2.2, são apresentados os resultados para as sentenças que incluíam apenas palavras lexicais; e, por fim, em 5.2.3, comparamos os resultados para os tipos de sentenças analisadas em busca apenas de fenômenos entoacionais que diferenciam palavras funcionais de palavras lexicais.

### **5.2.2.1 Descrição dos resultados das sentenças com palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas**

Começaremos nossa descrição dos resultados obtidos pelo experimento 2, apresentando as sentenças que incluíam apenas palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas. No total, foram analisadas 432 sentenças (48 sentenças x 3 informantes x 3 repetições), lembrando que 18 sentenças incluem palavras funcionais monossilábicas e 30 sentenças incluem palavras funcionais dissilábicas.

Como nosso objetivo com esse experimento era buscar evidências entoacionais do estatuto prosódico das palavras funcionais do PB, incluiremos, na descrição dos resultados, apenas as sentenças produzidas em um único I e as condições (i) distribuição tonal na posição interna de I, incluindo o verbo (PWG não ramificado) e complemento pós-verbal (palavra funcional e palavra lexical) e (ii) distribuição tonal nas posições inicial e final de I.

De um total de 162 sentenças produzidas, os resultados para a sequência palavra funcional monossilábica e palavra lexical, por exemplo, *os húngaros*, totalizam 150 produções (100%). Foram rejeitadas doze sentenças que foram produzidas em mais de um I. Desse total, há atribuição de PA à cabeça da palavra lexical em 149 produções (99,33%), e em nenhuma produção houve a associação de evento tonal à palavra funcional monossilábica, independentemente do número de sílabas pretônicas da palavra lexical – ver Figura 5.1.



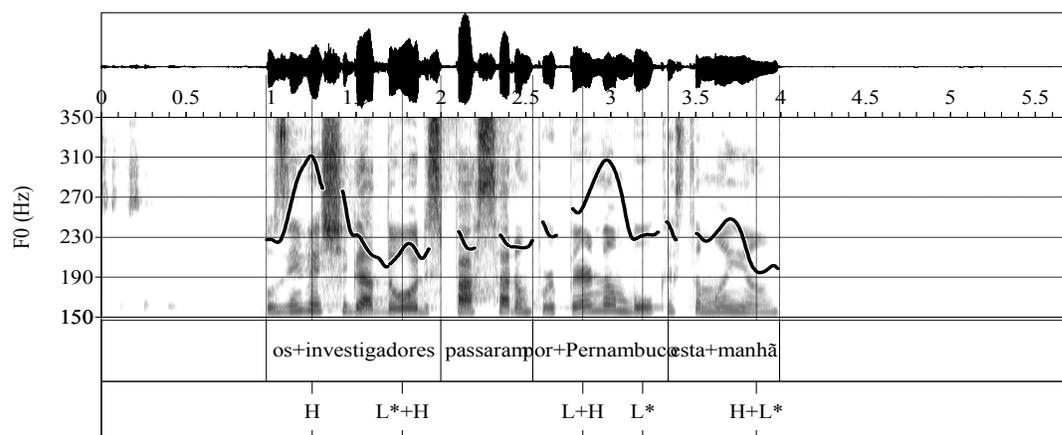
**Figura 5.1 – Sentença que inclui palavra funcional monossilábica + palavra lexical, a *responsabiliDAde*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

A Figura 5.1 exemplifica um caso em que há acento inicial de PW associado à primeira sílaba pretônica de PW e PA associado à sílaba tônica, mas não há evento tonal associado à palavra funcional monossilábica. Destacamos que não foi encontrado acento inicial de PW alinhado às palavras funcionais monossilábicas, embora tenha ocorrido associação de acento inicial nas sílabas pretônicas iniciais de palavra lexical em 20% (30 sentenças) dos dados, como na Figura 5.1. Destacamos que esse tipo de acento começa a aparecer quando a PW tem no mínimo três sílabas pretônicas (apenas duas sentenças). O maior número de ocorrências de acento inicial foi em palavras com quatro (13 sentenças) a cinco sílabas (15 sentenças).

Também ocorreu acento enfático associado às sílabas pretônicas de PW em 18,5 % das sentenças (28 sentenças), como exemplificado pela Figura 5.2. Desse total, o acento enfático aparece associado à sílaba pretônica imediatamente precedente à tônica, como em *gambá*, em cinco sentenças, e em sílabas mais à esquerda, como exemplificado pela Figura 5.2. Destacamos que há poucos casos em que o acento enfático incidiu sobre a

tônica e por isso não os contabilizamos aqui. Além disso, esses casos podem ser analisados como realizações enfáticas do PA associado à sílaba tônica e não um acento enfático independente.



**Figura 5.2 – Sentença que inclui palavra funcional monossilábica + palavra lexical, *por Pernambuco*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante NA de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Em relação às palavras funcionais dissilábicas, foram analisadas 270 produções que incluíam, especificamente, algumas preposições, como *sob*, *pelo(a)(s)*, *para*, *contra*, *sobre* e *entre*, e o artigo indefinido feminino *uma*. Desse total, foram incluídas na análise 243 sentenças produzidas em um único I e 27 foram excluídas por serem produzidas em mais de um I.

A Tabela 5.1 apresenta a distribuição tonal dentro do  $\phi$  formado pela palavra funcional dissilábica seguida pela palavra lexical.

**Tabela 5.1 – Distribuição tonal em sentenças com a sequência palavra funcional dissilábica + palavra lexical em  $\phi$  interno**

Associação tonal [func + lex] $\phi$	MG
[ - - ] $\phi$	1% (2)
[ - T* ] $\phi$	90% (218)
[ T* T* ] $\phi$	9% (23)
p-valor	<2,2e-16

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Para avaliarmos se há diferenças nas proporções encontradas, aplicamos um teste de hipótese para proporções múltiplas. O nível de significância (alfa –  $\alpha$ ) considerado para esse arranjo 3 de 2 a 2 foi de 0,008333. Se o valor de p for menor do que o nível de significância, aceita-se a hipótese  $H_1$  (as proporções obtidas para as possibilidades de distribuição tonal dentro de I não são iguais) e rejeita-se  $H_0$  (as proporções obtidas para as possibilidades de distribuição tonal dentro de I são iguais), já que as proporções não são iguais. Contudo, se o valor de p for maior, aceita-se  $H_0$ , isso porque as proporções são iguais.

O valor obtido para p apresentado na Tabela 5.1, <2,2e-16<sup>73</sup>, quando o teste de proporções múltiplas compara todas as proporções, é menor do que o nível de significância (0,008333), ou seja, os valores não são todos iguais, rejeitando  $H_0$ . Isso significa que um dos valores se sobrepõe aos demais.

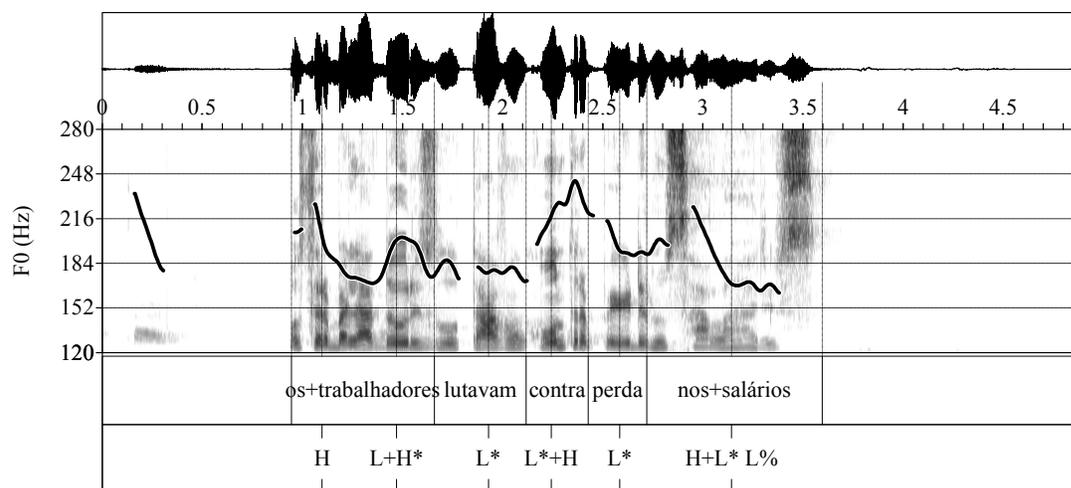
Para identificarmos qual valor se sobrepõe, passamos a analisar as proporções em pares. Se compararmos as condições de ter PA apenas na palavra lexical (218/243) com a condição de ter PA tanto na palavra lexical quanto na palavra funcional (23/243), o valor obtido para p é **2,2e-16**, que novamente é menor do que o nível de significância estabelecido, o que mostra que as duas proporções não são iguais. Nesse caso, a probabilidade de ocorrer PA apenas na palavra lexical é estatisticamente significativa do

---

<sup>73</sup> Esse valor é uma forma simplificada de 2,2 multiplicado a 10 elevado a menos 16.

que ocorrer nas duas PWs em  $\phi$ , ou seja, de ocorrer PA associado à palavra funcional e à palavra lexical.

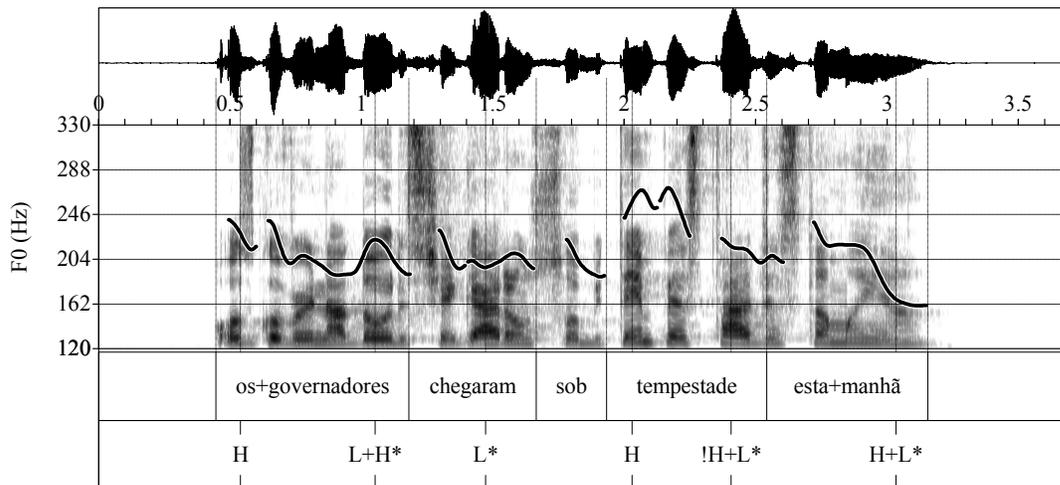
A Figura 5.3 ilustra um exemplo em que tanto a palavra funcional dissilábica quanto a palavra lexical recebem PAs.



**Figura 5.3 – Sentença que inclui palavra funcional dissilábica + palavra lexical, *CONtra* *PERdas*, com PAs associados às sílabas tônicas das PWs, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Assim como nas sentenças com palavras funcionais monossilábicas, as palavras lexicais que seguem as palavras funcionais dissilábicas podem receber acento inicial de PW e acento enfático. A seguir, apresentamos um exemplo de acento enfático associado às sílabas iniciais da palavra lexical em sentenças que incluem palavras funcionais dissilábicas – ver Figura 4.



**Figura 5.4 – Sentença que inclui palavra funcional dissilábica + palavra lexical, *Sob(i) tempesTAd*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Em relação ao acento inicial de PW, ele tende a ocorrer nas sílabas iniciais pretônicas à esquerda, mantendo uma distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário, como exemplificado em 5.3. Já o acento enfático pode ser produzido não só nas pretônicas iniciais, como exemplificado em 5.4, mas também na pretônica adjacente à sílaba tônica e inclusive sobre a sílaba tônica, embora nestes casos se possa considerar que essa é uma realização enfática realizada do PA associado à tônica.

É importante destacar que das palavras funcionais dissilábicas analisadas, apenas *contra*, *entre* e *sobre* receberam PAs. Não houve casos em que *para*, *pelo(a)(s)*, *sob* e *uma(s)* receberam associação de PA.

Ressaltamos que não há casos em que a palavra funcional recebe PA e a palavra lexical recebe acento inicial ou acento enfático. O fato de ocorrer acento inicial nas sílabas iniciais da palavra lexical também é evidência de que a palavra funcional dissilábica não faz parte da PW que inclui a palavra lexical.

Em termos gerais, os resultados obtidos pelo experimento 2 mostram que a regra de distribuição tonal parece não selecionar palavras funcionais como alvo para eventos tonais, nem mesmo quando há uma palavra funcional que constitui PW. Contudo, o fato de ser possível ocorrer PA em palavras funcionais dissilábicas é uma evidência de que formam PW independentes.

### 5.2.2.2 Descrição dos resultados das sentenças com palavras lexicais simples e com palavras compostas

Nesta seção, descreveremos os resultados para a ocorrência de eventos tonais às palavras lexicais simples e compostas que estão na mesma posição linear da sentença que as palavras funcionais para fins comparativos.

Primeiramente, apresentaremos os dados referentes às sentenças que incluíam uma palavra lexical que constitui uma única PW, como ilustrado em 5.1.c. No total foram analisadas 108 sentenças, contudo, somente 96 delas foram produzidas em um único I. Na Tabela 5.2, apresentamos a distribuição tonal para o tipo de sentença analisado. Nesta tabela, não é feita distinção entre acento enfático e acento inicial de PW.

**Tabela 5.2 – Distribuição tonal em sentenças com uma única PW interna em I**

Associação tonal [verbo + lex] $\phi$	MG
[ - - ] $\phi$	0% (0)
[ - T* ] $\phi$	5% (5)
[ T* T* ] $\phi$	54% (52)
[ T* (T)T* ] $\phi$	41% (39)
p-valor	<2,2e-16

Fonte: Elaborada pela própria autora.

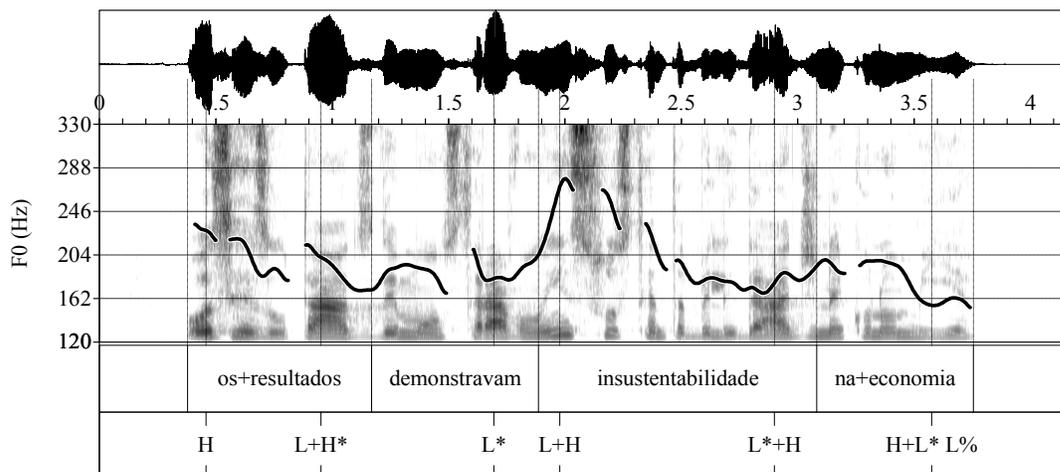
Neste teste de proporções múltiplas, avaliamos a probabilidade de ocorrer um PA por PW interna em I. Assim, a hipótese  $H_0$  considerava que todas as proporções obtidas para a aplicação da regra de distribuição tonal eram todas iguais, ou seja, a probabilidade de ocorrer ou não um PA por PW era a mesma.

No entanto, o teste de hipótese aplicado, considerando um nível de significância 0,004166, para um arranjo 4 de 2 a 2, para analisar se as proporções são iguais ou diferentes, mostra-nos que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, já que as proporções não são todas iguais.

Passemos a comparar as proporções em pares para analisarmos qual delas se sobrepõe as demais. Se compararmos as proporções em que há PA associado a cada PW da sequência verbo + palavra lexical (91/96) em oposição à proporção de ocorrer PA apenas na palavra lexical (5/ 96), o resultado do teste é de  $<2.2e-16$ . O teste de proporções em pares no mostra novamente que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, uma vez que as duas proporções não são iguais. Isso se dá pelo fato de a proporção de PA associado a cada PW da sequência ser estatisticamente maior do que a proporção de ocorrer PA apenas na palavra lexical.

Também ocorreu acento inicial de PW associado às sílabas iniciais das palavras lexicais em análise em 37,5% das sentenças (36 sentenças de um total de 96). Em relação ao acento enfático, só foram notadas três ocorrências (3% do total) de acento enfático nas sílabas pretônicas de PW quando esta equivalia à palavra lexical. Há associação de PA à cabeça da palavra lexical em 100% das sentenças analisadas (96 sentenças).

A Figura 5.5 exemplifica um caso em que há PA associado à cabeça da palavra lexical e um acento enfático associado às sílabas iniciais de PW.



**Figura 5.5 – Sentença que inclui uma única PW, *insustentabiliDAde*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Passaremos agora a descrever os resultados obtidos para as palavras lexicais compostas. Foram analisadas 90 sentenças, contudo a análise inclui 80 delas que foram produzidas em um único I – exemplo em 5.1.d. Na Tabela 5.3, apresentamos a distribuição tonal para às PWs internas em I em sentenças que continham palavras compostas como complemento verbal.

**Tabela 5.3 – Distribuição tonal em sentenças com palavras compostas internas em I**

Associação tonal [verbo] [PW+PW] <sub>PWG</sub>	MG
[ - ] [ - - ] <sub>PWG</sub>	0% (0)
[ - ] [ - T* ] <sub>PWG</sub>	1,25% (1)
[ - ] [ T* T* ] <sub>PWG</sub>	3,75% (3)
[ - ] [ T* (T)T* ] <sub>PWG</sub>	5% (4)
[ T* ] [ - T* ] <sub>PWG</sub>	8,75% (7)
[ T* ] [ - (T)T* ] <sub>PWG</sub>	5% (4)
[ T* ] [ T* T* ] <sub>PWG</sub>	43,75% (35)
[ T* ] [ T* (T)T* ] <sub>PWG</sub>	32,5% (26)
p-valor	<2,2e-16

Fonte: Elaborada pela própria autora.

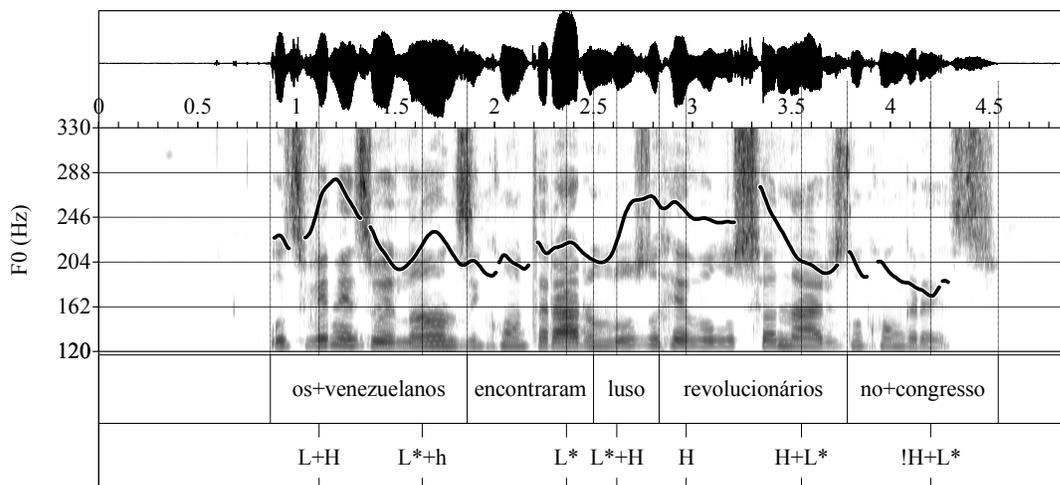
Neste teste de proporções múltiplas, avaliamos novamente a probabilidade de ocorrer um PA por PW interna em I. A hipótese  $H_0$  considerava que todas as proporções obtidas para a associação ou não de um PA por PW apresentadas na Tabela 5.3 eram iguais, ou seja, não havia diferença significativa entre ter um PA por PW. O teste de hipótese aplicado para analisar se as proporções são iguais ou diferentes nos mostra novamente que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, considerando um nível de significância 0,00893, para um arranjo 8 de 2 a 2. O valor de p apresenta na Tabela 5.3 é menor do que o nível de significância, significando que as proporções não são todas iguais.

Assim, para analisarmos quais dessas proporções se sobrepõem as demais, passamos a comparar as proporções em pares. Quando comparamos a possibilidade de ocorrer um PA por cada PW interna de I (61/ 80) em oposição à possibilidade de ocorrer PA apenas na cabeça de PWG ramificado (19/ 80), o resultado do teste é 9.011e-11, novamente menor que o nível de significância 0,05. Esse teste de proporções em pares no

mostra que a probabilidade de ocorrer um PA por cada PW interna em I é estatisticamente significativa do que ocorrer PA apenas na cabeça de PWG ramificado.

Observando as possibilidades de distribuição tonal apresentadas na Tabela 5.3, notamos que há associação categórica de PA à cabeça de PWG ramificado, enquanto em 14% das sentenças não houve associação de PA à PW não cabeça de PWG ramificado.

Foi encontrada também a associação de acento inicial de PW na PW cabeça de PWG ramificado em 42,5% das sentenças, uma vez que foi controlado o número de sílabas apenas dessa PW. Assim como nos dados discutidos anteriormente, o acento inicial mantém uma distância mínima de duas sílabas átonas em relação ao acento primário – ver Figura 5.6.



**Figura 5.6 – Sentença que inclui um PWG ramificado com duas PWs, *Luso-revolucioNÁrios*, com PA associado às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda de PW2, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante NA de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Também foi notada associação de acento enfático na cabeça de PW1 em 47,5% (38 sentenças) e apenas 5% na cabeça de PW2 (4 sentenças).

Por fim, descrevemos os resultados obtidos para as sentenças que incluíam duas palavras lexicais que não constituem PWG ramificado, pois estão diretamente ligadas a  $\phi$ ,

como exemplificado em 5.1.e. De um total de 90 sentenças analisadas, 87 delas foram produzidas em um único I e incluídas na análise. Na Tabela 5.4, apresentamos a distribuição tonal para as PWs internas.

**Tabela 5.4 – Distribuição tonal em sentenças com duas PWs internas em I**

Associação tonal [verbo] [PW+PW] <sub>φ</sub>	MG
[ - ] [ - - ] <sub>PWG</sub>	0% (0)
[ - ] [ - (T)T* ] <sub>PWG</sub>	1% (1)
[ - ] [ T* T* ] <sub>PWG</sub>	14% (12)
[ - ] [ T* (T)T* ] <sub>PWG</sub>	5% (4)
[ T* ] [ - T* ] <sub>PWG</sub>	0% (0)
[ T* ] [ - (T)T* ] <sub>PWG</sub>	1% (1)
[ T* ] [ T* T* ] <sub>PWG</sub>	53% (46)
[ T* ] [ T* (T)T* ] <sub>PWG</sub>	26% (23)
p-valor	<2,2e-16

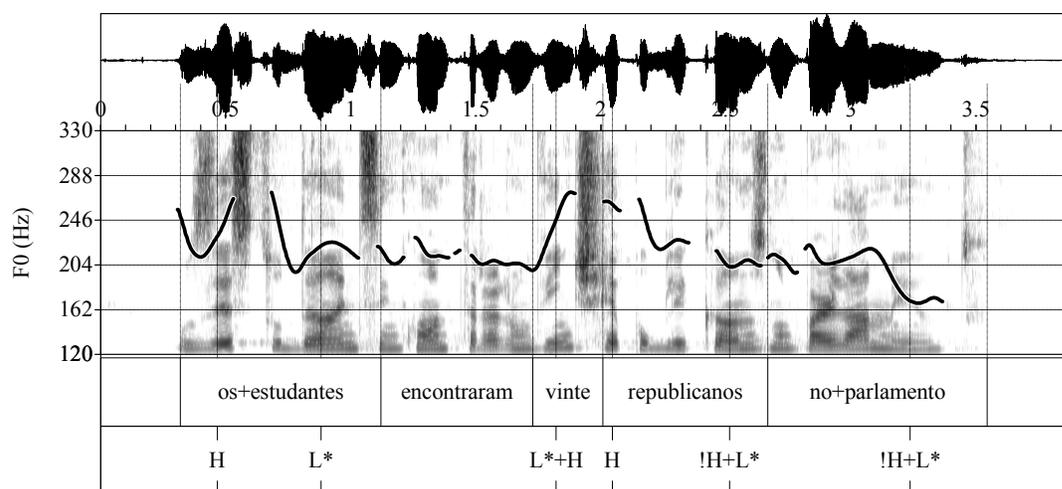
Fonte: Elaborada pela própria autora.

Novamente este teste de proporções múltiplas avalia a probabilidade de ocorrer um PA por PW interna em I. Nesse caso,  $H_0$  considera que todas as proporções obtidas são iguais, ou seja, a probabilidade de ocorrer ou não um PA por PW não é significativa. No entanto, o teste de hipótese aplicado para avaliar se as proporções são iguais ou diferentes mostra que o valor de p é menor do que o nível de significância (0,00893), o que significa que as proporções não são todas iguais.

Pode-se notar que há associação categórica de PA à PW cabeça de  $\phi$  e praticamente categórica à PW não cabeça de  $\phi$  (98% das sentenças). No entanto, para testarmos qual dessas proporções se sobrepõe as demais, passamos a compará-las em pares.

Quando comparamos a proporção de ocorrer um PA por cada PW em I (69/ 87) em oposição à proporção de ocorrer PA apenas na palavra lexical mais à direita, o teste de proporções em pares no mostra que o valor de p é =3.43e-14 que é menor que o nível de significância 0,00893. Isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, uma vez que os dois valores não são iguais, pois a proporção de ocorrer um PA por PW é estatisticamente significativa (é maior).

Como houve um controle do número de pretônicas apenas da segunda PW, foi encontrada associação de acento inicial de PW às sílabas pretônicas da PW cabeça de  $\phi$  em 32% (28 sentenças), mantendo a distância mínima de três sílabas pretônicas – ver Figura 5.7.



**Figura 5.7 – Sentença que inclui uma única PW, *VINte republiCANos*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Também houve atribuição de acento enfático associado (i) à sílaba inicial da PW cabeça de  $\phi$  (1% das sentenças), (ii) à sílaba tônica da PW cabeça de  $\phi$  (3% das sentenças) e (ii) à sílaba tônica da PW não cabeça de  $\phi$  (20% das sentenças).

Descrito o comportamento entoacional das palavras lexicais, faremos, na seção seguinte, a comparação entre as sentenças que incluíam palavras funcionais *versus* as sentenças com palavras lexicais.

### 5.2.3 Comparação das sentenças obtidas pelo experimento 2

Com base nas descrições feitas nas seções 5.2.2.1 e 5.2.2.2, faremos agora a comparação entre o comportamento entoacional das palavras em análise. Nosso objetivo com essa comparação é verificar se a estrutura entoacional pode fornecer evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais monossilábicas e dissilábicas.

Quando comparamos a sequência palavra funcional monossilábica + palavra lexical, como em *a responsabiliDade*, com uma única PW que é uma palavra lexical, como em *agramaticaliDade*, ambas com seis sílabas pretônicas, incluindo a palavra funcional átona, notamos que as duas recebem PA associado à sílaba tônica e acento inicial associado às sílabas pretônicas iniciais, primeira ou segunda sílaba à esquerda, mantendo a distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário. No entanto, não foi notado acento inicial associado à palavra funcional em nenhuma das informantes. Em relação ao acento enfático, não houve diferença de aplicação nos dois casos, podendo ocorrer tanto na sílaba tônica quanto em alguma das sílabas pretônicas de PW. Embora não tenha ocorrido, por intuição, parece possível haver a ocorrência de acento enfático associado à palavra funcional. Essa possibilidade pode ser corroborada pelo fato de palavras funcionais poderem receber acento de foco contrastivo, como mostrado por Toneli (2009). Contudo, destacamos a necessidade de se testar experimentalmente essa assunção.

Em relação à regra de distribuição tonal, o que esses resultados mostram é que uma palavra funcional monossilábica não recebe PA tal como uma palavra lexical em contexto de foco de escopo largo, e isso pode ser evidência de que não formam uma PW independente da palavra lexical, embora não seja evidência de que não se comportam como sílabas pretônicas da palavra lexical.

Por outro lado, quando comparamos (i) a sequência palavra funcional dissilábica + palavra lexical, como em *ENtre parlamentaRIStas*, em relação (ii) a uma

palavra composta por duas PWs que formam um PWG ramificado, como em *LUso-revolucioNÁrios*, e (iii) a duas PWs que formam um  $\phi$  ramificado, como em *VINte republiCANos*, notamos que, nos dois últimos casos (ii) e (iii), o comportamento entoacional é praticamente o mesmo: PA associado à sílaba tônica da PW cabeça e não cabeça do domínio PWG/ $\phi$ , acento inicial associado às sílabas pretônicas iniciais da PW cabeça de PWG/ $\phi$  e acento enfático associado tanto à PW cabeça quanto na PW não cabeça. Sobretudo em relação ao primeiro caso (i), palavra funcional dissilábica + palavra lexical, há algumas diferenças: a ocorrência de PA associado à sílaba tônica da palavra funcional é rara e não há associação de acento enfático a ela também. No caso do acento inicial, somente a palavra lexical tinha contexto para sua aplicação, como nos outros casos.

Esses resultados nos mostram que, embora ocorra raramente, a palavra funcional dissilábica sofre um processo típico de palavras lexicais que são PW, que é a associação de um PA na sílaba tônica, o que é evidência do estatuto de PW de tais palavras. Contudo, como já destacado anteriormente, somente três das palavras analisadas, entre elas *contra*, *sobre* e *entre*, receberam PA. Sobretudo, esse fato não pode sozinho ser evidência de que as palavras funcionais dissilábicas, como *pelo(a)(s)*, *sob* e *uma(s)* possuam estatuto de palavras clíticas e não de PWs, uma vez que não sofrem processos típicos dessas sílabas átonas no léxico. Ressaltamos a necessidade de mais estudos em prol de verificar o estatuto prosódico dessas palavras funcionais em outras variedades do PB.

O fato de a regra de associação de acento inicial de PW não considerar as palavras funcionais dissilábicas como sílabas pretônicas para sua realização é uma evidência de que não fazem parte da PW que engloba a palavra lexical. Contudo, não serve de evidência do estatuto prosódico de PW das palavras funcionais.

Outro ponto interessante para ser destacado é que a regra de distribuição tonal parece não considerar palavras funcionais dissilábicas para a atribuição de eventos tonais, o que poderia gerar implicações quanto à análise do domínio relevante para a distribuição tonal no PB. Voltaremos a essa questão nas próximas seções.

### 5.3 Experimento 3: palavras lexicais simples e compostas

O experimento 3 investiga a estrutura entoacional de sentenças declarativas produzidas em contexto de foco largo e de foco estreito contrastivo, que incluem apenas palavras lexicais (simples e compostas) também na mesma posição linear da sentença e compara PB com PE, como já explicado no início do capítulo. Desse modo, na seção 5.3.1, descrevemos o *corpus* e a metodologia experimental de obtenção dos dados tanto para PB quanto para PE. A descrição entoacional e a análise dos dados são apresentadas na seção 5.3.2 que é dividida em duas seções: 5.3.2.1 inclui as sentenças produzidas em contexto de foco largo (5.3.2.1.1 para PB e 5.3.2.1.2 para PE) e 5.3.2.2 inclui as sentenças produzidas em contexto de foco estreito contrastivo (5.3.2.2.1 para PB e 5.3.2.2.2 para PE). Na seção 5.4, fazemos a comparação dos resultados obtidos para o PB e para o PE que é dividida em duas seções: 5.4.1 para comparação das sentenças produzidas em contexto de foco largo e 5.4.2 para as sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo. Por fim, na seção 5.5, apresentamos as considerações finais do capítulo.

#### 5.3.1 *Corpus* e metodologia de obtenção dos dados

Nesta seção serão descritos os *corpora* que incluem palavras compostas (PWG ramificado) e palavras simples (PWG não ramificado) na mesma posição sintática linear e a metodologia de obtenção dos dados em PB e em PE.

Durante a elaboração do *corpus* experimental, foram consideradas as seguintes variáveis: (i) os contextos que eliciam de foco de escopo largo (neutro) e estreito contrastivo; (ii) o número de sílabas pretônicas em relação à fronteira esquerda de cada PW em PWG ramificado – de um a seis sílabas – ver 5.5; (iii) a posição de PWG ramificado e não ramificado na sentença –  $\phi$  interno de I a fim de evitar influências das fronteiras de I; (iv) a inserção das palavras-alvo em diferentes sentenças; (v) o contexto segmental entre PWs; (vi) o número de repetições – três repetições; (vii) a estrutura sintática fixa (aqui entendida como ordenação linear dos constituintes): sujeito (clítico+PW) + verbo (PW) + palavra composta (PW + PW)/palavra simples (PW) + complemento (clítico + PW) – ver

exemplo em 5.4; (viii) a posição do acento em relação à fronteira esquerda de PW – de uma a quatro sílabas; e, por fim, (ix) a eliciação de foco incidindo sobre PW1 e sobre PW2/PWG como um todo.

- (5.4) a. As meninas viram reLAMpagoZInhos ao anoitecer.  
b. Os macacos pediam baNANas às crianças.
- (5.5) a. [hipoPOtamo]<sub>PW1</sub>[ZInho]<sub>PW2</sub> – duas sílabas entre acentos  
acento na 3<sup>a</sup> sílaba de PW1  
acento na 1<sup>a</sup> sílaba de PW2  
b. [Afro]<sub>PW1</sub>[dominiCAno]<sub>PW2</sub> – quatro sílabas entre acentos  
acento na 1<sup>a</sup> sílaba de PW1  
acento na 4<sup>a</sup> sílaba de PW2  
c. [congestionAMENto]<sub>PW</sub> – acento na 5<sup>a</sup> sílaba de PW

O *corpus* é constituído por 62 sentenças no total: 30 sentenças produzidas em contexto de foco largo e 32 em contexto de foco estreito contrastivo.

Dentre as sentenças em contexto de foco largo, 20 sentenças contêm palavras compostas formadas por duas PWs em PWG ramificado (e.g. compostos morfológicos como ‘*luso-moçambicanos*’, palavras derivadas por prefixos acentuados como ‘*autossustentabilidade*’, palavras derivadas pelos sufixos acentuados *-zinho* e *-mente* como ‘*hipopotamozinho*’ e ‘*arquiteticamente*’, e compostos morfossintáticos V+N ‘*cata-ventos*’) e 10 sentenças que contêm palavras simples que constituem uma única PW em PWG não ramificado (e.g. *congestionamento*).

Dentre as sentenças em contexto de foco contrastivo, o foco é eliciado na primeira PW (PW1) de PWG ramificado ou em PW2/PWG – ilustrado em 5.7.

As gravações tanto de PB quanto de PE foram feitas em salas silenciosas no Instituto de Ciências e Tecnologias Exatas da Universidade do Triângulo Mineiro e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para a gravação, foram utilizados um computador portátil, um gravador digital e um microfone de cabeça *headset*, conforme descrição apresentada na seção 5.2 do presente capítulo.

Os procedimentos de gravação para o experimento 3 foram semelhantes aos utilizados para a recolha dos dados do experimento 2. Após o investigador explicar o

procedimento experimental às informantes e as mesmas fazerem uma fase treino para que o investigador verificasse se haviam compreendido a tarefa, iniciava-se a gravação. As informantes tinham de ler uma sentença projetada na tela do computador, ouviam uma pergunta referente àquela sentença nos fones de ouvido e na sequência davam uma resposta apropriada, utilizando a informação apresentada na tela – ver 5.6.

- (5.6) Procedimento experimental para obtenção de sentenças neutras  
Sentença projetada na tela do computador: *Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio.*  
Pergunta ouvida pela informante: *O que aconteceu?*  
Resposta alvo: *Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio.*

O procedimento experimental para obtenção de sentenças em contexto de foco estreito contrastivo foi o mesmo, a diferença foi apenas no tipo de pergunta que as informantes ouviam, como pode ser observado em 5.7. Nesse exemplo o foco é eliciado em PW1.

- (5.7) Procedimento experimental para obtenção de sentenças com foco contrastivo  
Sentença projetada na tela do computador: *Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.*  
Pergunta ouvida pela informante: *Os técnicos ensinaram autoprocessoamento aos alunos?*  
Resposta alvo: *(Não). Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.*

Para o PB, foram gravadas informantes de sexo feminino sem problemas fonoarticulatórios reportados, com idade entre 18 e 30 anos, cursando o nível universitário e que residem nas cidades de Cascavel, Paraná, e Uberaba, Minas Gerais. No caso da variedade do Paraná foram gravadas três informantes e para Minas Gerais, dez informantes. Mantivemos a pesquisa apenas com informantes de sexo feminino para comparar com os estudos já realizados no PB.

Houve uma alteração metodológica para a recolha em MG e para PE, pois para diminuir o tempo total de gravação, o *corpus* foi dividido em duas partes iguais. No caso de MG, optamos também por aumentar o número de informantes, o que, por consequência, aumentou o tamanho da amostra para o PB. Desse modo, um número maior de dados da

variedade de MG poderia confirmar ou refutar a hipótese de que não há diferença entre as variedades de PB analisadas em termos de ocorrência de processos fonológicos entoacionais.

Essa alteração na metodologia de obtenção dos dados consiste na divisão do conjunto de sentenças em dois grupos A e B, mantendo um número equilibrado de sentenças em contexto de foco largo e em contexto de foco contrastivo nos dois grupos.

No PE, seis informantes de sexo feminino, todas nascidas e residentes em Lisboa, com idade entre 18 e 30 anos, e estudantes universitárias, participaram do experimento.

A recolha de dados de PE se justifica pelo fato de não haver trabalhos experimentais que investiguem especificamente o comportamento entoacional de PWs em PWG ramificado no PE, para que a comparação com o PB fosse feita. Devido a isso, adaptamos o *corpus* elaborado para o PB à variedade europeia de português.

Essa adaptação se resume apenas no âmbito lexical com a substituição de palavras que compõem as sentenças que sejam mais comuns e mais usadas na variedade lusitana. Essa alteração não interferiu na organização sintática, nas palavras-alvo e nos contextos discursivos (foco largo e estreito). Em 5.8, são apresentados exemplos da mesma sentença em PB e em PE, com as adaptações em negrito.

(5.8) Exemplo de sentença de PB

a. *Os **policiais** encontraram galego-portugueses **na** Espanha.*

Exemplos de sentença adaptada ao PE

b. *Os **polícias** encontraram galego-portugueses **em** Espanha.*

É importante destacar que as mesmas variáveis controladas no *corpus* elaborado para o PB foram mantidas na adaptação das sentenças que constituem o *corpus* de PE.

Também seguimos a mesma metodologia para edição, análise dos dados e transcrição entoacional em PB e PE, já descrita na seção 5.2.

Em relação à análise estatística a que os resultados foram submetidos, realizamos os mesmos tipos de testes já apresentados na seção 5.2 para analisar as

proporções encontradas para os fenômenos entoacionais investigados: um teste de comparação de duas proporções e um teste de proporções múltiplas. Nos dois casos, o valor de  $\alpha$  foi ajustado ao número de arranjos, 2 a 2, por exemplo, quando foi realizado um teste de hipótese em que são comparadas duas proporções quaisquer, o valor de  $\alpha$  foi de 0,05; quando o teste de hipótese englobava várias proporções, o valor de  $\alpha$  considerava o número do arranjo analisado, por exemplo, para um arranjo de 5 – 2 a 2, o valor de  $\alpha$  era de 0,0025.

Para a análise dos resultados, novamente foi considerado que a hipótese nula ( $H_0$ ) significava que os valores de p (os valores analisados) eram iguais, enquanto a hipótese alternativa ( $H_1$ ) considerava os valores de p eram todos diferentes. Se p fosse maior do que o valor de significância (valor de  $\alpha$ ), a hipótese  $H_0$  deveria ser aceita e  $H_1$  rejeitada, enquanto se p fosse menor do que o valor de significância, a hipótese  $H_0$  deveria ser rejeitada e a hipótese  $H_1$  aceita. Todos os testes estatísticos foram feitos no programa R, versão 3.0.2.

Na análise entoacional dos dados, foi utilizado o programa Praat, como já especificado na seção 5.2.1. Nas seções seguintes, são apresentados os resultados para as sentenças em contexto de foco largo e em contexto de foco estreito contrastivo de PB e de PE.

### **5.3.2 Descrição e discussão dos resultados obtidos em contexto de foco largo e em contexto de foco estreito contrastivo em PB e PE**

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos da análise entoacional de PB e PE. Na seção 5.3.2.1 são apresentados os resultados e a análise para as sentenças produzidas em contexto de foco largo, inicialmente para PB (5.3.2.1.1) e depois para PE (5.3.2.1.2), enquanto na seção 5.3.2.2, as sentenças em contexto de foco estreito contrastivo para PB (5.3.2.2.1) e para PE (5.3.2.2.2).

### 5.3.2.1 Descrição das sentenças produzidas em contexto de foco largo

Primeiramente, apresentaremos os resultados para as sentenças produzidas em contexto de foco largo em PB – seção 5.3.2.1.1 – e, posteriormente, os dados de PE – seção 5.3.2.1.2.

#### 5.3.2.1.1 Descrição e discussão dos resultados no PB para as sentenças produzidas em contexto de foco largo

Nesta seção, são descritos e analisados os resultados obtidos para as sentenças produzidas em contexto de foco de escopo largo com *palavras compostas* (PWG ramificado) e, em seguida, os resultados para as sentenças com *palavras simples* (PWG não ramificado) para as duas variedades de PB e para as condições observadas em termos de (i) distribuição tonal na posição interna de I, incluindo o verbo (PWG não ramificado) e complemento pós-verbal (PWG ramificado e não ramificado) e (ii) distribuição tonal nas posições iniciais e finais de I<sup>74</sup>.

É importante destacar que nosso objetivo neste capítulo é procurar evidências do domínio relevante para a distribuição tonal no PB a partir da hipótese de que esse domínio é mais baixo que I, preferencialmente entre PW, PWG ou  $\phi$ . Nossa hipótese de partida será considerar que esse domínio é PW e, para isso, tentaremos validar nossa análise dos resultados com a aplicação de testes estatísticos.

Em contexto de foco largo, para o PR, foram analisadas 180 sentenças com PWG ramificado (20 palavras x 3 informantes x 3 repetições) e 90 sentenças com PWG não ramificado (10 palavras x 3 informantes x 3 repetições), totalizando 270 sentenças.

---

<sup>74</sup> Parte dos resultados obtidos, apresentados na presente seção, foram apresentados em dois congressos internacionais. O trabalho apresentado no 4º Simpósio internacional sobre aspectos tonais das línguas (TAL – *Tonal Aspects of Languages*), intitulado *Distinguishing emphatic and PW initial stresses: evidence from Brazilian Portuguese* em que foram analisadas as regras de atribuição de acento inicial de PW e de acento enfático em duas variedades de PB (Minas Gerais e Paraná), e o outro, *Distribuição tonal em sentenças declarativa neutras em duas variedades de Português Brasileiro (Paraná e Minas Gerais)*, apresentado no XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), que tratava da regra de distribuição tonal de PAs em sentenças declarativas neutras. Os dois trabalhos foram desenvolvidos em co-autoria com as professoras Marina Vigário e Maria Bernadete Abaurre.

Para MG, foram analisadas 300 sentenças com PWG ramificado (10 palavras x 10 informantes x 3 repetições) e 150 com PWG não ramificado (5 palavras x 10 informantes x 3 repetições), totalizando 450 sentenças.

Já que nos interessa ver a distribuição tonal dentro desse domínio no PB, nossa análise só incluirá as sentenças produzidas em um único I. Para as sentenças com PWG ramificado, somente 103 para o PR e 205 para MG foram produzidas em um único I. No caso das sentenças que incluem PWG não ramificado, a análise inclui um total de 79 sentenças (57% do total produzido) para o PR e 147 (68% do total produzido) para MG.

Do total de sentenças com PWG ramificado produzidas, algumas foram excluídas por serem produzidas em dois Is (32 % para o PR e 19% para MG) ou por serem más produções<sup>75</sup> (11% para o PR e 13% para MG).

Diferentemente dos resultados para sentenças com PWG ramificado, as sentenças com PWG não ramificado apresentam um número alto de fraseamento em um único I tanto para o PR (88% do total produzido) quanto para MG (98% do total produzido).

As hipóteses que justificariam o uso pelas informantes das estratégias de fraseamento em dois Is nas duas variedades e das consideradas mal produzidas nas sentenças com PWG ramificado são o tamanho em número de sílabas das palavras do constituinte em posição pós-verbal e o estranhamento por conta da baixa frequência de uso das palavras compostas inseridas no *corpus*.

Contudo, quando se compara o resultado para as sentenças com PWG ramificado com o resultado obtido para as sentenças com PWG não ramificado, é possível notar que, no segundo caso, a hipótese do número de sílabas não se sustenta, já que o número foi mantido equivalente. Se considerarmos que no PR houve fronteiras de I após o verbo, principalmente diante de palavras como *espiritualidade* e *aportuguesamento*, que são palavras longas e pouco frequentes, poderíamos afirmar que há estranhamento decorrente da frequência de uso e de familiaridade. Todavia, ao observarmos os resultados de MG, percebemos que as informantes mineiras não tiveram problemas em produzir as

---

<sup>75</sup> As sentenças consideradas mal produzidas foram descartadas por serem (i) segmentadas em mais de dois Is, (ii) reformuladas após a inserção de uma fronteira, (iii) leituras pausadas, (iv) clivagens e/ou pseudoclivagens.

sentenças em um único I com as mesmas palavras<sup>76</sup>, o que não invalida uma diferença regional, além do fato de estarmos analisando estruturas prosódicas distintas nos dois tipos de sentenças: PWG ramificado x PWG não ramificado.

Como não é nosso objetivo investigar tais hipóteses, ficarão para estudos futuros. O que é importante destacar dessa discussão, independentemente do tamanho e da frequência de uso, é que a estrutura prosódica entre os dois tipos de palavras analisadas é diferente, o que pode influenciar na inserção da fronteira de I após o verbo e antes da palavra-alvo.

Passamos, agora, à descrição da distribuição tonal nas PWs internas de I dos dados referentes às sentenças produzidas com PWG ramificado, uma vez que um dos intuitos da presente pesquisa é discutir a distribuição tonal em I sem influências das fronteiras desse domínio e verificar se essa distribuição pode fornecer evidências do domínio PW no PB.

As sentenças analisadas variam no número total de PWs (quatro a seis PWs) e no número de sílabas (de 13 a 24 sílabas), mas todas apresentam a mesma estrutura sintática linear, como descrito na seção anterior.

As sentenças que contêm PWG ramificado são formadas por três PWs na posição interna de I, que podem ser fraseadas em dois  $\phi$ s internos, [verbo] $\phi$  + [complemento] $\phi$ , que são duas cabeças lexicais, ou com um  $\phi$  reestruturado, para não romper a relação cabeça complemento, formando um único  $\phi$  [verbo + complemento]  $\phi$  – ilustrado em 5.9.

- (5.9) a. [[As meninas]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub>  [[observaram]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub>  [[relâmpago]<sub>PW</sub>[zinhos]<sub>PW</sub>]<sub>PWG/ $\phi$</sub>  [ao anoitecer]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub> ]<sub>I</sub>.  
b. [[As meninas]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub>  [[observaram]<sub>PW/PWG</sub> [[relâmpago]<sub>PW</sub>[zinhos]<sub>PW</sub>]<sub>PWG/ $\phi$</sub>  [ao anoitecer]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub> ]<sub>I</sub>.

---

<sup>76</sup> Para validar esta hipótese, seria necessário um estudo sobre a frequência desses tipos de palavras na língua oral e sobre a familiaridade do falante com tais palavras, contudo, foge de nosso objetivo realizá-lo, mas é um tema interessante para pesquisas futuras.

A Tabela 5.5 apresenta os resultados para a distribuição tonal às PWs dentro de sentenças que incluem PWG ramificado para cada variedade, englobando casos em que não há nenhum PA associado às PWs e casos em que há um evento tonal por PW. Nessa tabela, os dados são apresentados do seguinte modo: na linha denominada p-valor, apresentamos os resultados obtidos para a comparação de todas as proporções para cada variedade separadamente. Na coluna, denominada p-valor, apresentamos os resultados obtidos para a comparação de cada possibilidade de aplicação do processo entre as variedades.

**Tabela 5.5 – Distribuição de PAs em sentenças com PWG ramificado no PB**

Distribuição de PAs	PR	MG	p-valor
( - )Verbo (( - )PW1 ( - )PW2)PWG	0% (0)	1% (1)	=1
( - )Verbo (( - )PW1 (T*)PW2)PWG	3% (3)	3% (6)	=1
( - )Verbo ((T*)PW1 (T*)PW2)PWG	8% (8)	17% (35)	=0,04046
(T*)Verbo (( - )PW1 (T*)PW2)PWG	17% (18)	12% (25)	=0,2769
(T*)Verbo ((T*)PW1 (T*)PW2)PWG	72% (74)	67% (138)	=0,4972
Total em %	100% (103)	100% (205)	
p-valor	<2,2e-16	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os testes de hipótese aplicados na Tabela 5.5 são bilaterais de tal modo que a hipótese nula (denominada  $H_0$ ) para a proporção de ocorrência de não atribuição de PA à PW (denominado  $p_1$ ) é igual à proporção de ocorrência de atribuição de PA à PW (denominado  $p_2$ ), e a hipótese alternativa ( $H_1$ ) é que  $p_1$  é menor do que  $p_2$  ou vice-versa. Se o resultado em que o p-valor é maior do que o valor de significância, aceita-se a hipótese  $H_0$  (rejeitando  $H_1$ ), caso contrário, rejeita-se  $H_0$  (aceitando  $H_1$ ).

Primeiramente, aplicamos um teste de hipótese para comparar todas as proporções obtidas (proporções múltiplas) para a aplicação de PA às PWs internas de I.

Considerando que a sentença era formada por três PWs, foram encontradas cinco possibilidades de aplicação do processo em questão. Por conta disso, o valor de significância foi reajustado para 0,0025, já que estamos considerando um arranjo de 5 – 2 a 2, para a análise. Tanto no PR quanto em MG, o valor de p – última linha da Tabela 5.5 - foi menor do que o valor de significância, e isso significa que as proporções não são todas iguais, rejeitando  $H_0$ .

Nesse caso, o teste não nos mostra que qual das proporções é significativa para a distribuição de PAs em PWs internas em I. Para isso, passamos a comparar as proporções em pares.

Se aplicarmos o teste de hipótese para comparar se há diferença significativa entre as proporções da atribuição de um PA apenas à cabeça de PWG ramificado em relação à ausência de atribuição de PA nessa posição, teremos os resultados apresentados na Tabela 5.6, que apresenta uma síntese dos resultados apresentados na Tabela 5.5 em apenas duas condições.

Na Tabela 5.6, os dados são apresentados do seguinte modo: na linha denominada p-valor, apresentamos os resultados obtidos para a comparação entre a aplicação e a não aplicação de PA à PW mais à direita para cada variedade separadamente. Na coluna denominada p-valor, apresentamos dois resultados obtidos para o teste estatístico que compara, primeiramente, a significância de não aplicação de PA à PW, e, em seguida, a significância de aplicação entre as variedades.

**Tabela 5.6 – Comparação da condição de ter apenas um ou nenhum PA interno em I**

Distribuição de PAs	PR	MG	p-valor
( - ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> ( - ) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	0% (0)	1% (1)	= 1
(?) <sub>Verbo</sub> ((?) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	100% (103)	99% (204)	= 1
p-valor	<2,2e-16	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

O resultado do teste, descrito como na linha p-valor, mostra-nos que, comparando o primeiro valor, que é não ter nenhum PA associado à PW, não é igual à proporção em que há pelo menos um PA associado à PW mais à direita que é cabeça de PWG e de  $\phi$ , uma vez que a segunda possibilidade é maior do que a primeira, tanto no PR quanto em MG. Nos dois casos, os valores obtidos para p são menores que o nível de significância (0,0025). Nas duas variedades, o teste rejeita  $H_0$  e aceita  $H_1$ , que prediz que as proporções são diferentes, ou seja, a probabilidade de ter pelo menos um PA associado a pelo menos uma PW e esta coincidir com a cabeça de PWG/ $\phi$  é estatisticamente significativa.

O teste acima, além de indicar que o domínio relevante para a distribuição tonal no PB é abaixo de I, uma vez que considera apenas as PWS internas de I, aponta esse domínio pode PWG ou  $\phi$ .

Em relação à comparação entre as variedades de PB, os resultados apresentados na coluna denominada p-valor mostram que, na linha em que a possibilidade é não ocorrer nenhum PA associado à PW entre as variedades, o p-valor (= 1) é maior do que o nível de significância, logo se aceita a hipótese  $H_0$ , a qual prediz que os valores são iguais entre as variedades, e rejeita-se a hipótese  $H_1$ . O mesmo resultado é obtido para a possibilidade de haver pelo menos um PA associado à PW mais à direita. Logo, os testes estatísticos nos mostram que não há diferença significativa entre as variedades analisadas, pois, independentemente de a variedade de PB analisada, a probabilidade de ocorrer um PA associado à PW e esta ser a cabeça de PWG/ $\phi$  é significantemente maior do que de não ocorrer nenhum PA interno a I.

Voltando aos resultados apresentados na Tabela 5.5, passamos a discutir agora as outras possibilidades de aplicação de PAs às PWs internas de I em busca de corroborar ou refutar nossa hipótese em relação ao domínio relevante para a distribuição tonal.

Na Tabela 5.7, apresentamos então os resultados do teste de hipótese que analisam se a probabilidade de haver um PA associado à PW não cabeça de PWG ramificado é estatisticamente significativa.

**Tabela 5.7 – Comparação da condição de ter ou não um PA associado à PW não cabeça de PWG ramificado**

Distribuição de PAs	PR	MG	p-valor
( ? ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	20% (21)	15,6% (32)	=0,3744
( ? ) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	80% (82)	84,4% (173)	=0,3744
p-valor	<2,2e-16	=8,367e-12	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os resultados dos testes, apresentados na linha denominada p-valor, mostram que, tanto no PR quanto em MG, as proporções analisados não são iguais, rejeitando  $H_0$  e aceitando  $H_1$ . O que esse teste nos mostra é que, quando houver um PWG ramificado, a probabilidade de haver dois PAs, cada um associado a cada PW de PWG ramificado, é estatisticamente significativa quando se compara com a possibilidade de haver apenas PA associado à cabeça do domínio, ou seja, a probabilidade de haver um PA associado à PW não cabeça de PWG ramificado é significativamente maior do que não ter PA associado a essa posição.

Desse modo, esse teste de hipótese fornece evidências estatísticas para a hipótese de que PW é relevante para a distribuição tonal e enfraquece as análises de que os domínios relevantes seriam PWG ou  $\phi$ .

Esses resultados mostram uma diferença em relação ao trabalho de Vigário e Fernandes-Svartman (2010) em relação ao fato de a PW não cabeça (PW1) de PWG ramificado receber (quase) obrigatoriamente PAs quando PWG é formado por mais de cinco sílabas, ou seja, o número de sílabas interfere na atribuição de PA (e.g. *teleprocessamento*, *hipopotamozinho*, *galego-portugueses*, *eletronegatividade*, *arquiteticamente*, etc.) – ver Figuras 5.8 e 5.9.

Se testarmos a significância entre as duas variedades de PB para avaliar a probabilidade de ter um PA por PW de PWG ramificado, obtemos o resultado apresentado na coluna de p-valor = 0,3744 da mesma Tabela que é maior do que o nível de significância (0,05) para um arranjo de 2 a 2. Ou seja, a hipótese  $H_0$  deve ser aceita, já que os valores de

p são proporcionalmente semelhantes, não havendo diferença significativa entre as variedades em nenhuma das possibilidades.

Outra comparação que poderia corroborar a análise de que o domínio relevante é PW e não PWG ou  $\phi$  é a probabilidade de haver um PA associado apenas às cabeças de PWG; no caso, um PA associado ao verbo (PWG não ramificado) e apenas um PA na cabeça de PWG ramificado (primeira linha da tabela), em comparação à probabilidade de haver um PA por PW – no caso, um no verbo e dois associados a PWG ramificado (segunda linha da tabela), por variedade.

**Tabela 5.8 – Comparação da condição – ter um PA associado à cabeça de PWG**

Distribuição de PAs	PR	MG	p-valor
$(T^*)_{\text{Verbo}} ((- )_{PW1} (T^*)_{PW2})_{PWG}$	17% (18)	12% (25)	=0,2769
$(T^*)_{\text{Verbo}} ((T^*)_{PW1} (T^*)_{PW2})_{PWG}$	72% (74)	67% (138)	=0,4972
p-valor	= 1.277e-14	<2.2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os resultados para esse teste de hipótese na linha denominada p-valor mostram que, tanto para o PR quanto para MG, o valor de p apresentado nas colunas é menor do que o nível de significância, rejeitando  $H_0$  e aceitando  $H_1$ , a qual prediz que os valores são diferentes. Isso mostra que a proporção de um PA por PW é estatisticamente maior do que apenas nas cabeças de PWG ramificado e não ramificado, ou seja, esse teste também corrobora a análise de que PW é relevante para a distribuição tonal nas duas variedades de PB.

Se compararmos cada condição analisada entre as variedades, como demonstram os resultados apresentados na coluna denominada p-valor, veremos que não há diferença significativa entre as variedades em nenhuma das condições analisadas, já que nos dois casos o valor das proporções para cada variedade em ambas condições é maior do que o nível de significância, aceitando  $H_0$ . Isso quer dizer que as proporções analisadas são estatisticamente iguais. Esse teste de hipótese só indica que, independentemente da

variedade de PB analisada, a probabilidade de ocorrer um PA por PW é a mesma, confirmando nossa análise de que não há variação em relação à distribuição tonal em PB.

Em relação à reestruturação ou não de verbo e complemento, a presença de um PA associado ao verbo pode ter duas interpretações: (i) o verbo não sofre reestruturação com seu complemento e o alto número de associações de PAs ao verbo é uma evidência disso, uma vez que a literatura sobre a entoação do PB tem mostrado que a cabeça de  $\phi$  recebe obrigatoriamente um PA; ou (ii) o verbo é reestruturado ao  $\phi$  que contém seu complemento e recebe opcionalmente PA, já que, no português, PAs podem ser opcionalmente atribuídos às PWs não cabeça de  $\phi$  (cf. FROTA e VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b).

Se a interpretação mais adequada a esses resultados for a apresentada em (ii), uma conclusão possível é que PW é o domínio relevante para a associação de PAs no PB. Entretanto, se não aceitarmos a reestruturação de  $\phi$  apresentada em (i), embora haja coincidência entre PW, PWG e  $\phi$ , o número de PAs associados à PW não cabeça de PWG ramificado ainda corrobora nossa análise em prol da PW para a distribuição tonal no PB.

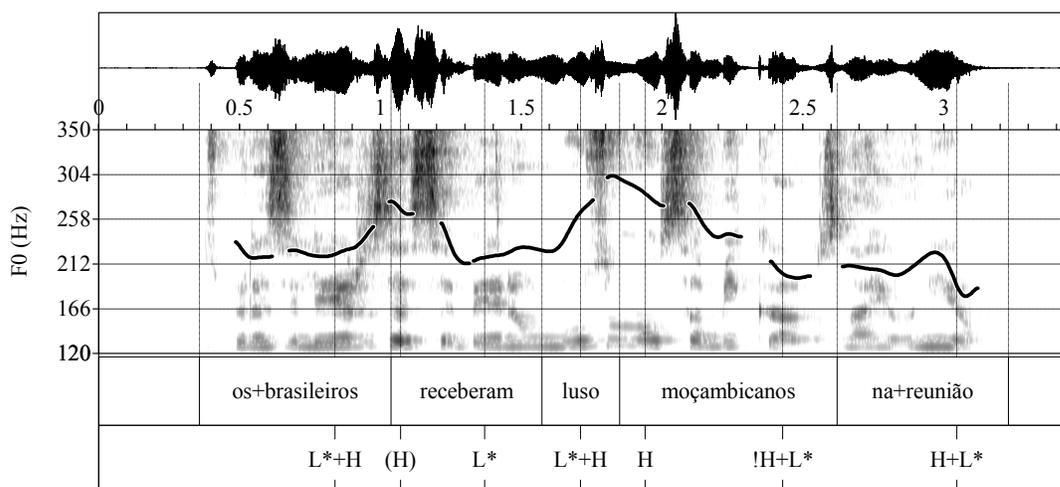
Ou seja, independentemente de a palavra composta formar sozinha um  $\phi$  ou não, nos dois casos, PWG ramificado é cabeça de  $\phi$  e a atribuição obrigatória de um PA nessa posição e a probabilidade de haver um PA associado à PW não cabeça de PWG corrobora nossa hipótese da relevância de PW para a distribuição tonal.

A possibilidade de haver reestruturação ou não entre verbo e complemento já foi estudada por Sandalo e Truckenbrodt (2002). Conforme apontam os autores, rege sobre a formação de  $\phi$  o princípio da uniformidade. Como não é nosso objetivo aprofundar essa discussão, remetemos ao trabalho dos autores e deixamos essa discussão para trabalhos futuros.

Em termos gerais, os resultados para a distribuição tonal dentro de PWG ramificado em posição interna de I mostram que há associação praticamente categórica de um PA na cabeça de PWG (PW2) para cada variedade, independentemente do número de sílabas de PWG ramificado. Tais resultados confirmam aqueles encontrados por Vigário e Fernandes-Svartman (2010) que também encontraram associação obrigatória de PA à

cabeça de PWG que também era cabeça de  $\phi$ , tanto em posição inicial quanto em posição final de I.

A Figura 5.8 exemplifica um caso em que há um PA por PW interna de I. Há também a produção de um evento tonal adicional H associado ao início da PW cabeça de PWG ramificado (e.g. *luso-moçambicanos*). O PA associado à sílaba tônica de PW1, *luso*, é produzido de modo enfático pela informante em contexto de foco largo.



**Figura 5.8 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *LUso-moçambiCAnos*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento inicial de PW associado à primeira pretônica à esquerda de PW2, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR do PR**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

De modo geral, há poucas produções com a associação de acento inicial de PW associado às sílabas iniciais das PWs de PWG, independentemente de ele ser enfático ou não enfático. Destacamos que a Tabela 5.5 não inclui todos os resultados para os acentos iniciais de PW, quando apareceram associados às sílabas pretônicas da PW não cabeça de PWG ramificado (e.g. *civilizadamente*, *arquitetonicamente* e *paralelepipedozinhos*) e da PW cabeça (e.g. *luso-moçambicanos*, *micropaleontologia*, *autossustentabilidade*, etc.)<sup>77</sup>,

<sup>77</sup> As sílabas que recebem acento inicial ou acento enfático de PW estão sublinhadas. A caixa alta indica sílaba tônica.

uma vez que nem sempre esse tipo de acento ocorria em sentenças produzidas em um único I.

Mais detalhadamente, descrevemos a seguir os resultados encontrados para a distribuição de eventos tonais adicionais em PW nas sentenças com PWG ramificado. No caso do PR, observamos a ocorrência de: (i) um acento inicial não enfático associado com as sílabas iniciais da PW não cabeça de PWG ramificado (7% das sentenças), como em *civiliZadaMENte*; (ii) um acento inicial não enfático associado com as sílabas iniciais da PW cabeça (29% das sentenças), como em *MlcropaleontoloGla*; (iii) um acento inicial enfático associado com as sílabas iniciais da PW não cabeça (10% das sentenças), como em *arquiteTONicaMENte*; (iv) um acento inicial enfático associado com as sílabas iniciais da PW cabeça (1% das sentenças), como em *eletronegativiDAde*; (v) um acento enfático associado com a sílaba acentuada da PW não cabeça (27% das sentenças), como em *LUso-moçambiCANos*; e (vi) um acento enfático associado com a sílaba acentuada da PW cabeça (4% das sentenças), como em *eletricaMENte*.

Já para MG, encontramos nas sentenças com PWG ramificado: (i) um acento inicial não enfático associado com as sílabas iniciais da PW não cabeça de PWG ramificado (14% das sentenças); (ii) um acento inicial não enfático associado com as sílabas iniciais da PW cabeça (20% das sentenças); (iii) um acento inicial enfático associado com as sílabas iniciais da PW não cabeça (7% das sentenças); (iv) um acento inicial enfático associado com as sílabas iniciais da PW cabeça (3% das sentenças); (v) um acento enfático associado com a sílaba acentuada da PW não cabeça (16% das sentenças); e (vi) um acento enfático associado com a sílaba acentuada da PW cabeça (6% das sentenças).

Para o PR, foram analisadas 108 sentenças com PWG ramificado, enquanto para MG foram 259.

Esse acento tonal enfático inicial (L+)H é bem recorrente em sentenças com PWG ramificado produzidas em contexto de foco estreito contrastivo (cf. TONELI, VIGÁRIO e ABAURRE, 2013) – conferir seção 5.3.2.2.1.

Uma hipótese para a pouca ocorrência de (L+)H inicial associado à PW não cabeça de PWG é o fato de que, em grande parte dos dados, o acento lexical está muito próximo à fronteira esquerda de PW, ou seja, na primeira ou na segunda sílaba de PW.

Estamos considerando a subida (L+) como opcional, uma vez que em alguns dados há ocorrência de apenas um evento tonal H na mesma posição.

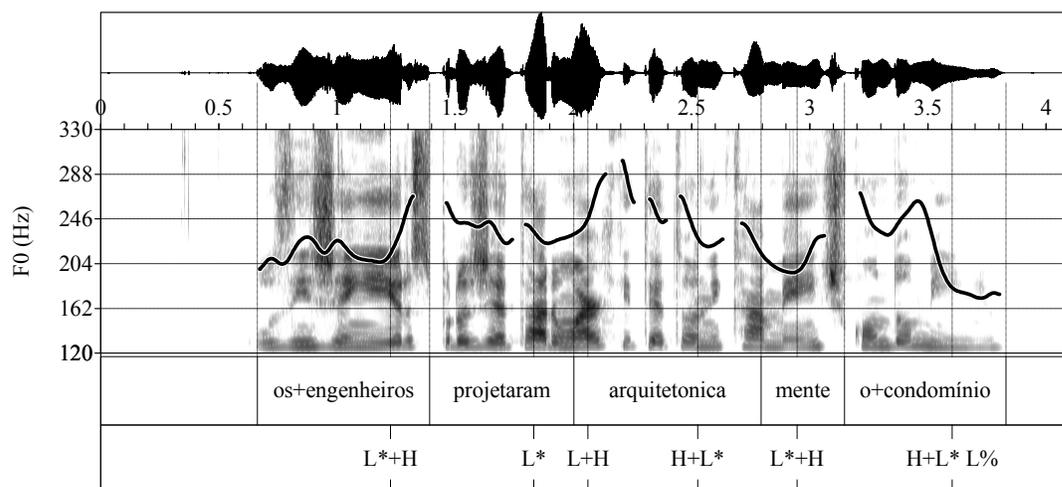
Em palavras como *autossustentabilidade*, *micropaleontologia*, *antiparlamentaristas*, *teleprocessamento*, etc., esse tipo de PA L\*+H, associado à sílaba tônica da PW não cabeça de PWG ramificado foi recorrente, principalmente quando a produção foi enfática. Esses resultados levantam um questionamento se os PAs associados às PWs não cabeças não podem ser apenas eventos iniciais associados às sílabas tônicas e não PAs propriamente ditos já que foi notado esse tipo de marcação inicial em PWs com mais de três sílabas pretônicas.

Poderíamos até interpretar esse PA como uma marcação inicial de PWG, entretanto, com dois tipos de eventos tonais associados a essa posição: um evento bitonal (L+)H associado às sílabas pretônicas e um acento bitonal L\*+H associado à sílaba tônica de PWs não cabeças, porém o fato de o acento inicial ser obrigatoriamente marcado apenas por um H e de essa mesma marcação em início de PW cabeça de PWG leva-nos a concluir que são fenômenos distintos.

Essa distinção entre acento inicial de PW e acento enfático é a mesma apresentada por Toneli, Vigário e Abaurre (2014). As autoras argumentam que, além de serem percebidos de modo diferente (enfático e não enfático), há uma diferente métrica para a ocorrência desses acentos. No caso do acento enfático, ele ocorre em qualquer sílaba de uma PW, com exceção das postônicas, enquanto o acento inicial é restrito às primeiras sílabas pretônicas à esquerda do acento primário, mantendo uma distância mínima de duas sílabas pretônicas em relação ao acento lexical. Outra diferença entre esses dois acentos é com relação à função, já que o acento enfático é usado para destacar uma PW, assim como já notado por Vigário (2003) para o PE, enquanto o acento inicial de PW tem função demarcatória, pois marca o início de PW, independentemente do tipo de PWG a que a PW pertence.

Uma diferença em relação ao trabalho de Vigário e Fernandes-Svartman (2010) é que encontramos um evento tonal inicial associado à PW não cabeça de PWG em algumas realizações com a forma de um evento bitonal (L+)H – ver Figura 5.9, enquanto o evento bitonal encontrado pelas autoras é H(+L), associado preferencialmente às sílabas

iniciais da PW cabeça de PWG ramificado. É possível haver diferença dialetal em relação à configuração desse acento, já que as autoras investigam a variedade falada em Campinas, São Paulo. No entanto, essa hipótese fica a ser investigada em trabalhos futuros.



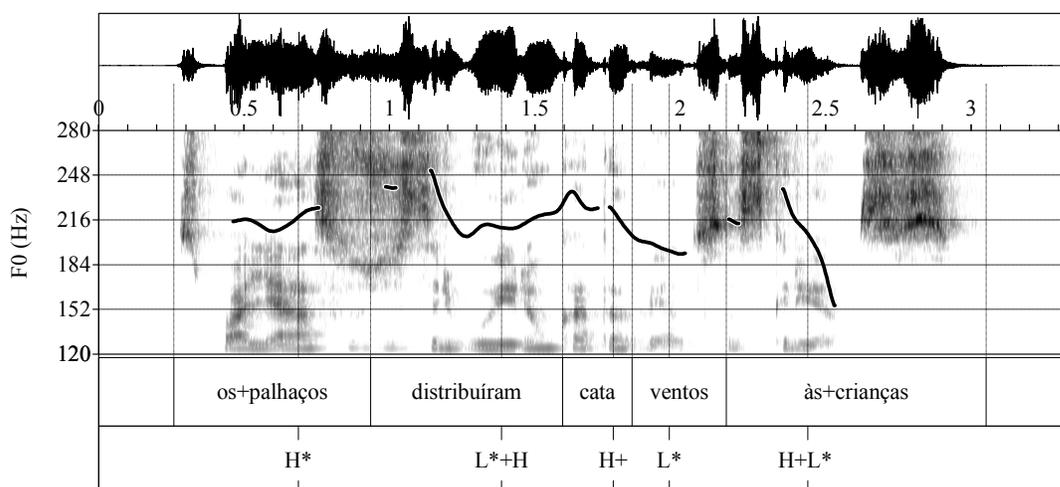
**Figura 5.9 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *arquiteTONicaMENte*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento enfático associado à primeira pretônica à esquerda de PW1, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR do PR**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Convém destacar que o acento inicial de PW é evidência do caráter de PW dos dois elementos da palavra composta, uma vez que, segundo Vigário e Fernandes-Svartman, o fato de aparecerem PAs associados tanto à PW cabeça quanto à não cabeça de PWG ramificado diferencia uma PW interna de sílabas pretônicas internas a uma PW em PWG não ramificado. Já o acento enfático, por ocorrer ora em sílaba tônica de PW1 ou PW2 ora nas sílabas iniciais, aponta a relevância de PWG para sua distribuição. Na seção 5.3.2.2.1, discutiremos melhor essa questão.

Outra hipótese para a pouca ocorrência de (L+)H inicial na cabeça de PWG é que isso pode se dever ao fato de o PA predominantemente associado a ela ser H+L\*, sendo o H alinhado à pretônica e L\* à tônica, respectivamente.

Outro aspecto notado sobre a atribuição de PAs ao PWG ramificado é que, quando PWG ramificado é formado por quatro a cinco sílabas (e.g. *cata-ventos*, *vira-latas* e *porta-bandeiras*), em grande parte das sentenças há apenas um PA associado à sílaba tônica da cabeça de PWG – ver Figura 5.10.



**Figura 5.10 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *CAtaVENtos*, com PA associado à sílaba tônica de PW2, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR do PR**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Nas sentenças em que PWG tem mais de cinco sílabas, há apenas duas sentenças com PA associado à PW não cabeça de PWG ramificado<sup>78</sup>.

Com o intuito de comparar o comportamento tonal de palavras que constituem PWG ramificado com palavras que constituem PWG não ramificado, e também de encontrar evidências da relevância de PW para aplicação da regra de distribuição tonal, são apresentados, a seguir, nas Tabelas 5.9 e 5.10, os resultados encontrados, para a posição interna de I, para as sentenças com PWG não ramificado pós-verbal.

<sup>78</sup> É importante destacar que, quando PWG ramificado é formado por quatro e cinco sílabas, como em *cata-vento*, há a atribuição de um PA associado à cabeça de PWG e a possibilidade de haver um PA associado à PW não cabeça parece opcional. Para analisarmos se a quantidade de sílabas é significativa para a distribuição tonal em PWG ramificado, teríamos que expandir o número de palavras compostas com quatro e cinco sílabas e aplicarmos os testes de hipótese para validar nossa análise. Por isso, essa questão fica aberta a trabalhos futuros.

Esse tipo de sentença é formada por duas PWs na posição interna de I, [verbo] + [complemento], que podem também ser fraseadas em dois  $\phi$ s internos, ou em um  $\phi$  reestruturado para não romper a relação cabeça complemento, conforme ilustrado em 5.10.

- (5.10) a. [[Os motoristas]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub>  [[pegaram]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub>  [ [congestionamento]<sub>PW</sub>]<sub>PWG/ $\phi$</sub>  [na marginal]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub> ]<sub>I</sub>.  
 b. [[Os motoristas]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub>  [[pegaram]<sub>PW/PWG</sub> [ [congestionamento]<sub>PW</sub>]<sub>PWG/ $\phi$</sub>  [na marginal]<sub>PW/PWG/ $\phi$</sub> ]<sub>I</sub>.

A Tabela 5.9, a seguir, apresenta os resultados para a distribuição tonal em sentenças com PWG não ramificado (complemento verbal) pós-verbal. Na linha denominada p-valor, são apresentados os testes estatísticos para todas as proporções encontradas em cada variedade separadamente. Na coluna p-valor, os resultados do teste de hipótese comparam cada condição separadamente, comparando as duas variedades. Para análise de tais resultados, o nível de significância foi reajustado para 0,00833, já que o arranjo é de 3 – 2 a 2.

**Tabela 5.9 – Distribuição tonal em sentenças com PWG não ramificado**

Distribuição tonal	PR	MG	p-valor
(-) <sub>Verbo</sub> ((-) <sub>PW</sub> ) <sub>PWG</sub>	1% (1)	1% (1)	=1
(-) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	38% (30)	31% (46)	=0,3864
(T*) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	61% (48)	68% (100)	=0,3426
total	100% (79)	100% (147)	
p-valor	=1,227e-14	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

A Tabela 5.9 apresenta, na linha p-valor, os resultados para o teste de hipótese que analisa se há diferença entre as proporções encontradas para a regra de distribuição tonal em I no PR e em MG. Os valores de p mostram que as proporções não são todas

iguais nas duas variedades, já que são menores do que o nível de significância estabelecido (0,00833). Já quando a comparação é feita entre as variedades para cada tipo de possibilidade de aplicação do processo, por exemplo, a possibilidade de não ocorrer nenhum PA interno em I, conforme mostrado na coluna p-valor, os valores para p são maiores que o nível de significância, mostrando que as proporções são estatisticamente iguais. Não há diferença significativa entre as variedades.

Entretanto, para corroborarmos nossa análise apresentada para as sentenças com PWG ramificado, passamos a comparar as possibilidades de aplicação em pares 2 a 2, aplicando o teste de hipótese que compara duas proporções utilizado acima nas sentenças com PWG ramificado.

Primeiramente, vamos comparar a probabilidade de ocorrer pelo menos um PA associado à PW que é o complemento do verbo e a probabilidade de não ocorrer nenhum PA interno em I, como representado pela Tabela 5.10.

**Tabela 5.10 – Comparação para a condição ocorrer ou não a aplicação de pelo menos um PA interno em I**

Distribuição tonal	PR	MG	p-valor
( - ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW</sub> ) <sub>PWG</sub>	1% (1)	1% (1)	=1
(?) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW</sub> ) <sub>PWG</sub>	99% (78)	99% (146)	=1
p-valor	< 2,2e-16	< 2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

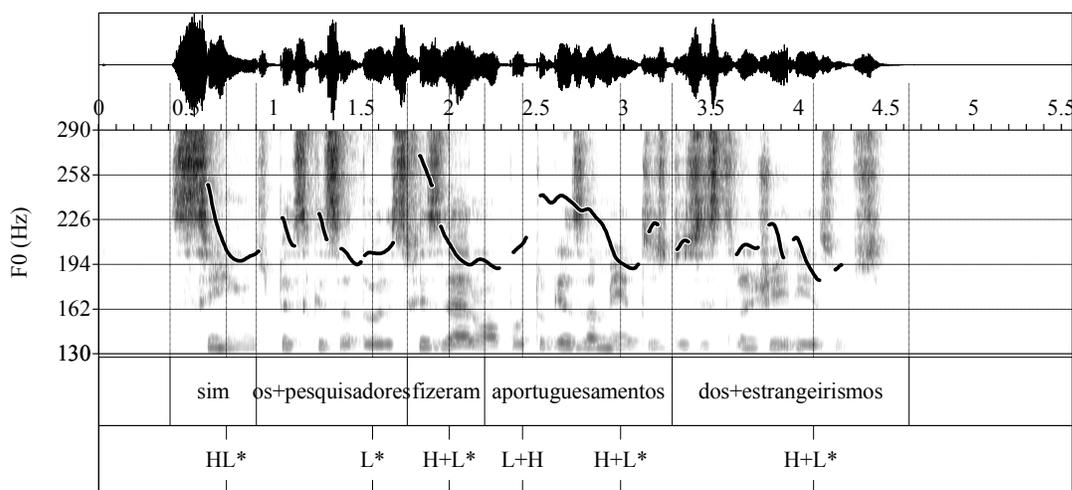
Como pode ser observado na linha denominada p-valor, tanto para o PR quanto para MG, o valor obtido de p é menor do que o nível de significância (valor de  $\alpha$  0,008333). Isso indica que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada e a hipótese  $H_1$  deve ser aceita, já que as proporções não são iguais.

Em outras palavras, a probabilidade de haver um PA interno de I é muito maior do que não ocorrer nenhum PA interno, corroborando também a análise de que o domínio

para distribuição tonal no PB é mais baixo que I, independentemente do número de PWs que vão ocorrer internas a I, como já argumentado anteriormente.

Em relação à variação entre PR e MG, novamente o teste de hipótese corrobora o que tem sido discutido ao longo da tese: que não há diferença significativa entre as variedades do PR e de MG para a distribuição tonal, já que ambos os resultados obtidos pelo teste de proporção apresentados na coluna denominada p-valor são maiores que o nível de significância. Lembramos que nos casos em que o p-valor é maior do que o valor de significância, aceitamos a hipótese  $H_0$  e rejeitamos a hipótese  $H_1$ , considerando que os valores de p são iguais.

A Figura 5.11 exemplifica um caso em que há um PA por PW interna de I e um acento inicial de PW associado às sílabas iniciais da PW que é complemento verbal, em posição mais à direita que coincide com a cabeça de PWG não ramificado e de  $\phi$ .



**Figura 5.11 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, *apertuguesaMENTos*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento inicial associado às sílabas iniciais à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante CR do PR**  
 Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Ainda, com o intuito de comparar a distribuição tonal entre sentenças com PWG ramificado e não ramificado, são apresentados os resultados do teste de hipótese das proporções para a associação de PAs ao verbo em sentenças com PWG não ramificado em

comparação aos casos em que há apenas um PA associado à cabeça de PW pós-verbal – Tabela 5.11.

**Tabela 5.11 – Comparação da condição: um PA por PW**

Distribuição tonal	PR	MG	p-valor
( - ) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW</sub> ) <sub>PWG</sub>	38% (30)	31% (46)	=0,3864
(T*) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW</sub> ) <sub>PWG</sub>	61% (48)	68% (100)	=0,3426
p-valor	= 0,006828	=6,322e-10	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Em relação aos resultados obtidos para a probabilidade de haver um PA por cada PW interna de I, tanto no PR quanto em MG, o teste de hipótese mostrou resultados significativos, já que os valores de p não são iguais. Na linha denominada p-valor, os resultados para as duas variedades foram menores que o nível de significância, e isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada e a hipótese  $H_1$  deve ser aceita, a qual prediz que as proporções não são iguais.

Já a comparação entre variedades para cada condição, apresentada na coluna p-valor da Tabela 5.11, mostra que novamente não há diferença significativa entre elas, uma vez que os valores de p são maiores que o nível de significância (0,008333), e isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser aceita.

Os resultados apresentados na Tabela 5.11 corroboram a análise que tem sido feita no presente capítulo de que a probabilidade de haver um PA por PW em posições internas de I é estatisticamente significativa, já que ocorre em maior número, independentemente dessas posições equivalerem sintaticamente ao verbo (PWG não ramificado) e seu complemento verbal (PWG não ramificado). Novamente há a dupla interpretação dos resultados como já apontado acima no que se refere à reestruturação ou não do verbo com seu complemento em um único  $\phi$ .

Nas produções das sentenças com PWG não ramificado, os resultados do teste de hipótese mostram que a presença de um PA associado ao verbo fortifica a hipótese de

que PW é o domínio relevante para a distribuição tonal. Contudo, não corrobora a análise de que a associação de um PA nessa posição é opcional, podendo ser também uma evidência de que verbo e complemento são reestruturados em um único  $\phi$ , já que PWs não cabeças de  $\phi$  podem receber opcionalmente um PA. O que queremos destacar é que, independentemente de haver ou não reestruturação de  $\phi$ , os resultados apresentados para a distribuição tonal no PB mostram a relevância de PW.

Destacamos, todavia, a relevância de se fazer um teste que investigue as evidências entoacionais da (re)estruturação dos  $\phi$ s internos de I em trabalhos futuros, já que é uma questão de pesquisa que foge dos nossos objetivos.

Para finalizar a discussão sobre o domínio relevante para a distribuição tonal no PB, apresentamos na Tabela 5.12 os resultados obtidos para o número de PAs por cada PW dos dois tipos de sentenças analisados para cada variedade de PB.

**Tabela 5.12 – Comparação entre os tipos de sentenças**

Distribuição tonal	PR	MG	p-valor
$(T^*)_{\text{Verbo}} ((T^*)_{\text{PW}})_{\text{PWG}}$	61% (48/79)	68% (100/147)	=0,3426
$(T^*)_{\text{Verbo}} ((T^*)_{\text{PW2}} (T^*)_{\text{PW2}})_{\text{PWG}}$	72% (74/103)	67% (138/205)	=0,6143
p-valor	= 0,1563	=0,9801	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Tanto no PR quanto em MG, o valor do teste de hipótese para as proporções quando comparados os tipos de sentenças com PWG ramificado e PWG não ramificado mostrou que o resultado obtido para p é maior do que o nível de significância, e esse resultado aceita a hipótese  $H_0$  e rejeita a hipótese  $H_1$ , já que os valores obtidos são estatisticamente iguais. Ou seja, independentemente do número de PWs internas em I, a probabilidade de ocorrer um PA por PW é estatisticamente significativa.

Em relação à comparação entre as variedades para cada tipo de sentença, o teste também mostrou que não há diferença entre PR e MG, já que os valores de p são maiores

do que o nível de significância, o que mostra que os resultados das duas variedades são iguais.

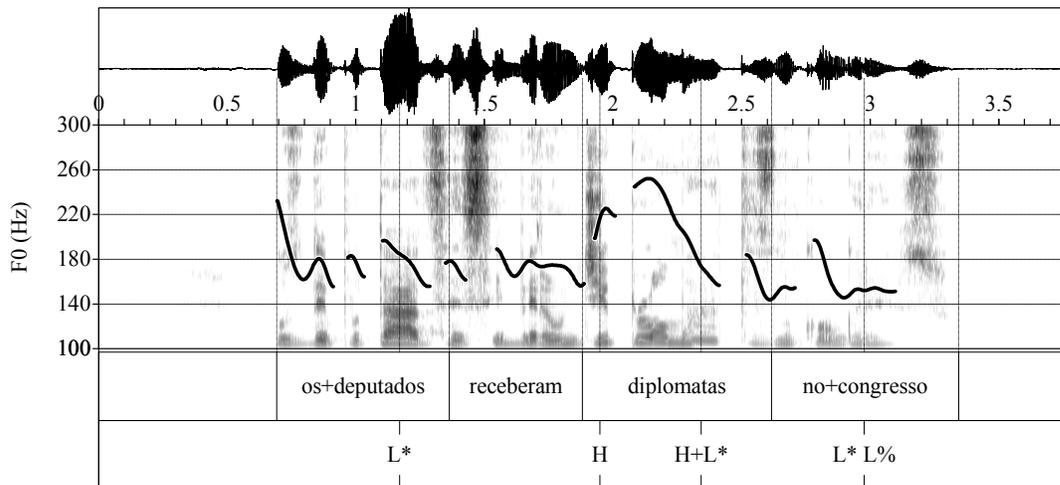
Enfim, nos dois tipos de sentenças, os resultados indicam uma significância do domínio PW na distribuição tonal nas variedades de PB analisadas.

Em relação à associação de acento inicial de PW, não houve muitas ocorrências desse tipo de acento nas sentenças com PWG não ramificado, assim como nas sentenças com PWG ramificado, embora em MG haja mais casos do que no PR. Além do acento inicial de PW, também foram encontrados casos de acento enfático.

Para o PR, foram analisadas 87 sentenças, e nelas, foram encontrados (i) acento inicial de PW associado às sílabas pretônicas iniciais de PW com mais de duas sílabas pretônicas (27% das sentenças) e (ii) acento enfático associado à sílaba acentuada de PW (2% das sentenças). É importante destacar que esse tipo de evento tonal adicional ocorreu também em sentenças que foram produzidas em dois Is. Já em MG, foram analisadas 149 sentenças e, além de (i) acento inicial de PW associado às sílabas pretônicas iniciais de PW com mais de duas sílabas pretônicas (10% das sentenças) e (ii) acento enfático associado à sílaba acentuada de PW (6% das sentenças), foram encontrados (iii) acento enfático associado às sílabas pretônicas iniciais de PW (3% das sentenças).

Assim como já descrito por Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007), Vigário e Fernandes-Svartman (2010) e Toneli, Vigário e Abaurre (2014) e já discutido anteriormente no presente trabalho para as sentenças com PWG ramificado, o acento inicial de PW obedece a uma restrição do número de sílabas pretônicas para sua ocorrência, enquanto o acento enfático pode incidir sobre qualquer sílaba de PW, com exceção das postônicas.

A Figura 5.12 apresenta um exemplo em que há associação de acento enfático.



**Figura 5.12 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, *diploMAtas*, com PA associado à sílaba tônica de PW e acento enfático associado à sílaba inicial à esquerda, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AC de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Os acentos iniciais de PW trazem evidências robustas de que PWG ramificado e PWG não ramificado possuem estruturas prosódicas distintas: o primeiro é constituído por duas PWs, enquanto o segundo, apenas uma PW. A evidência para tal argumentação é que o PWG ramificado e o não ramificado apresentam comportamento tonal distinto, já que, no primeiro caso, o acento inicial pode incidir sobre as sílabas pretônicas tanto de PW1 quanto de PW2 em PWG ramificado, enquanto em PWG não ramificado só pode incidir sobre as sílabas pretônicas de uma única PW. Outra diferença é com relação à associação de PA à sílaba tônica, já que em PWG ramificado pode haver dois PAs, enquanto em PWG não ramificado, apenas uma.

É importante destacar também que a presença de PA e de acento inicial de PW são evidências do domínio PW no PB. Para finalizar a descrição entoacional das declarativas neutras analisadas no PB, são apresentados a seguir os resultados obtidos para as posições inicial e final de I.

Na Tabela 5.13, são apresentadas as porcentagens dos tipos de PAs produzidos pelas informantes das duas variedades de PB, associados à PW do primeiro  $\phi$  não ramificado de I, formado por um clítico e uma PW.

**Tabela 5.13 – Tipos de PAs associados à PW cabeça do 1º  $\phi$  não ramificado de I em sentenças com PWG ramificado**

Tipo de PAs/ Variedade	L*	L*+H	H*	%	p-valor
PR	12,5% (13)	80% (82)	7,5% (8)	100% (103)	<2,2e-16
MG	17,5% (36)	73,5% (151)	9% (18)	100% (205)	<2,2e-16
p-valor	=0,3405	=0,3136	=0,9326		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Em relação ao pico inicial de I em sentenças com PWG ramificado, foram notados três tipos de PAs, L\*, L\*+H e H\*, associados à primeira PW do primeiro  $\phi$  de I. Entretanto, há uma predominância do acento L\*+H em termos de porcentagem. Quando aplicamos o teste de hipótese de proporções múltiplas, notamos que tanto no PR quanto em MG o valor de p, apresentado na coluna p-valor, é menor do que o nível de significância, e isso mostra que as proporções não são todas iguais, ou seja, há uma preferência pelo tom L\*+H em início de I. Por outro lado, quando comparamos cada tipo de PA entre as variedades, os resultados de p são maiores do que o nível de significância, mostrando que não há diferença entre as variedades, já que as proporções são iguais.

Comparando as sentenças formadas por PWG ramificado com as sentenças formadas por PWG não ramificado, o pico inicial do segundo tipo de sentença também apresenta predominantemente o mesmo acento tonal L\*+H para duas informantes e L\* para apenas uma informante, como pode ser observado na Tabela 5.14. Também nesse tipo de sentença o  $\phi$  inicial de I é formado por um clítico e por uma PW.

**Tabela 5.14 – PAs associados à PW cabeça do 1º  $\phi$  não ramificado de I em sentenças com um PWG não ramificado**

Variedade/ Tipos de PAs	L*	L*+H	H*	%	p-valor
PR	53% (42)	44% (35)	3% (2)	100% (79)	=5,142e-12
MG	32% (47)	65% (96)	3% (4)	100% (147)	<2,2e-16
p-valor	=0,003013	=0,00363	=1		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Em relação ao pico inicial de I em sentenças com PWG não ramificado, foram notados também os mesmos três tipos de PAs, L\*, L\*+H e H\*, associados à primeira PW do primeiro  $\phi$  de I, com predominância do acento L\*+H em termos de porcentagem. Quando aplicamos o teste de hipótese de proporções múltiplas, notamos que tanto no PR quanto em MG o valor de p, apresentado na coluna p-valor, é menor do que o nível de significância, e isso mostra que as proporções não são todas iguais. Por outro lado, quando comparamos cada tipo de PA entre as variedades, os resultados de p são maiores do que o nível de significância, mostrando que não há diferença entre as variedades, independentemente do tipo de PA que ocorrer, já que as proporções são iguais.

Esses resultados para o tipo de acento tonal associado ao pico inicial confirmam o que tem sido descrito em trabalhos anteriores sobre o PB para as declarativas neutras – conferir seção 5.1 no presente capítulo.

Em relação ao pico final, que é a posição que recebe o acento nuclear nas declarativas neutras no português, os resultados são apresentados na Tabela 5.15 para sentenças com PWG ramificado.

**Tabela 5.15 – PAs associados à PW cabeça do último  $\phi$  não ramificado de I em sentenças com um PWG ramificado**

Variedade/ Tipo de PAs	H+L* L%	L* L%	%	p-valor
PR	96% (99)	4% (4)	100% (103)	<2,2e-16
MG	87% (178)	13% (27)	100% (205)	<2,2e-16
p-valor	=0,01852	=0,01852		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Para as sentenças com PWG ramificado, como ilustrado na Tabela 5.15, o acento tonal predominante associado à última PW do último  $\phi$  de I é H+L\* L%, assim como nos resultados para sentenças com PWG não ramificado na mesma posição sintática, como serão apresentados na Tabela 5.16.

Em relação ao teste de hipótese, novamente temos os valores de p na coluna p-valor menores que o nível de significância (0,05), o que mostra que as proporções não são todas iguais, já que a probabilidade de ocorrer o PA H+L\* seguido opcionalmente por L% como acento nuclear das declarativas neutras é estatisticamente maior nas duas variedades. Já a comparação entre as variedades mostram também que não há diferença significativa entre as proporções, já que o valor de p é maior do que o nível de significância (as proporções são estatisticamente iguais) – ver Tabela 5.16.

**Tabela 5.16 – PAs associados à PW cabeça do último  $\phi$  não ramificado de I em sentenças com um PWG não ramificado**

Variedades/ Tipo de PAs	H+L* L%	L* L%	%	p-valor
PR	91% (72)	9% (7)	100% (79)	<2,2e-16
MG	87% (128)	13% (19)	100% (147)	<2,2e-16
p-valor	=0,4874	=0,9031		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os resultados para o pico final de I confirmam a predominância do acento H+L\* L% como descrito na literatura sobre o acento nuclear da declarativa neutra no PB, como pode ser observado nas Figuras 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4 – ver seção 5.1.

Em relação ao teste de hipótese, os mesmos resultados para as sentenças com PWG ramificado foram encontrados para as sentenças com PWG não ramificado: os valores de p na coluna p-valor são menores que o nível de significância (0,05), o que mostra que as proporções não são iguais; os valores para a comparação entre as variedades na linha p-valor da Tabela 5.16 mostram também que não há diferença significativa entre as proporções, já que são maiores do que o nível de significância.

Em linhas gerais, os resultados apresentados para a distribuição tonal nas declarativas neutras mostram que o PB é uma variedade com densidade tonal rica (uma média de 88% de PAs por PW interna), com PAs obrigatórios associados às cabeças, não só do(s)  $\phi$ (s) inicial(is) e final(is) de I, mas também ao(s)  $\phi$ (s) intermediário(s) de I, confirmando o que tem sido mostrado na literatura em relação à relevância de  $\phi$  para a distribuição tonal no PB (cf. FROTA ET AL. no prelo).

Os resultados para o(s)  $\phi$ (s) interno(s) em I apontam também uma tendência à associação de PAs por PW, e os testes estatísticos realizados confirmam a hipótese inicialmente levantada de que o domínio relevante para a distribuição tonal na variedade de PB analisada é PW.

A diferença de comportamento tonal entre PWG ramificado e não ramificado mostra que a regra de distribuição tonal pode ser considerada uma evidência de que tais palavras, além de morfologicamente, são fonologicamente diferentes, já que há a atribuição praticamente obrigatória de dois PAs e eventos tonais adicionais associados ao primeiro tipo de palavras e de apenas um PA e um evento tonal associados ao segundo tipo. Essa constatação sobre a associação tonal à PW é também um bom diagnóstico para a identificação de PW no PB.

Em síntese, a interpretação dos resultados para a distribuição tonal em PWG ramificado em posição interna de I é que: (i) há atribuição obrigatória de PA à cabeça de PWG ramificado e não ramificado; (ii) elevada frequência de PA associado à PW não cabeça de PWG; (iii) pode opcionalmente ocorrer acento inicial de PW tanto na PW cabeça

quanto na não cabeça de PWG ramificado, desde que haja mais de duas sílabas pretônicas em PW; e (iv) as sílabas iniciais e tônicas de PW podem opcionalmente receber acento enfático.

Em relação à regra de distribuição tonal, embora tenhamos mostrado que ela considera o domínio da PW para sua aplicação, alguns pontos levantam alguns questionamentos. O fato de a regra não associar PA à PW não cabeça de PWG ramificado quando PWG é formado por quatro a cinco sílabas é porque a regra respeita restrições de tamanho em número de sílabas de PWG? O baixo número de associação de PAs às palavras funcionais dissilábicas que formam PWs independentes das palavras lexicais que a seguem evidencia a interação de restrições da gramática para a regra de distribuição tonal? São questões que permanecem em aberto e dão encaminhamento para pesquisas futuras.

#### **5.3.2.1.2 Descrição e discussão dos resultados para as declarativas em contexto de foco largo no PE**

Como um de nossos objetivos é comparar o domínio da PW no PB com o PE, nesta seção, apresentamos os resultados para distribuição tonal nas declarativas produzidas em contexto de foco largo no PE que incluem palavras compostas em comparação a sentenças com palavras simples. Nossa meta neste capítulo é apenas comparativa, já que a variedade de PE em questão tem sido descrita e analisada em vários trabalhos, já mencionados na seção 5.1 do presente capítulo.

Assim como para o PB, serão apresentados os resultados obtidos por informante para as condições observadas em termos de distribuição tonal na posição intermediária de I, incluindo o verbo (PWG não ramificado) e o complemento pós-verbal (PWG ramificado e não ramificado) e da distribuição tonal nas posições iniciais e finais de I para as declarativas neutras no PE.

Foram analisadas 180 sentenças produzidas em contexto de foco largo das sentenças com PWG ramificado e 90 sentenças com PWG não ramificado. No total, foram analisadas 270 sentenças que incluem dados de seis informantes. Vale lembrar que para o

PE houve uma alteração metodológica com a divisão do *corpus* em dois grupos com três informantes em cada um.

Para a análise da distribuição tonal em PE, também incluímos na análise apenas as sentenças produzidas em um único I, que totalizam 124 sentenças. Os critérios de exclusão das sentenças que não fazem parte da análise foram os mesmos já apresentados na seção anterior para o PB. No caso do fraseamento em dois Is, foi notada a mesma estratégia utilizada pelas informantes de PB para cumprir a tarefa de leitura. Em todos os casos, a fronteira de I é seguida por pausa após o verbo.

Em relação ao número de sentenças analisadas quando estas incluíam um PWG não ramificado, de um total de 90 sentenças, apenas quatro sentenças não foram produzidas em um único I, totalizando 86 sentenças nessa condição. Esses resultados fortalecem a hipótese levantada para o fraseamento em dois ou mais Is de que há um estranhamento em relação às palavras compostas, embora não enfraqueça nossa hipótese em relação ao estranhamento por conta do tamanho de PWG, uma vez que há palavras simples longas como *espiritualidade*, *aportuguesamento* e *congestionamento* que têm tamanho semelhante, em número de sílabas, a algumas palavras compostas, já que as palavras morfológicas analisadas são estruturas prosódicas distintas, uma vez que PWG ramificado é formado por duas PWs enquanto PWG não ramificado é formado por uma única PW, e isso também pode influenciar na produção dessa fronteira de I antes da palavra composta<sup>79</sup>.

Acreditamos que os diferentes fraseamentos devem-se ao estranhamento com relação às palavras compostas devido a questões de tamanho e de serem palavras pouco usadas pelas informantes. Vale lembrar que também na realização da tarefa pelas informantes de PB houve o mesmo tipo de problema de fraseamento, o que nos leva a crer na possibilidade de estranhamento em termos de frequência de uso nas duas variedades de português.

---

<sup>79</sup> Para confirmar tal hipótese seria necessário um estudo apreciativo para atestar se há ou não o estranhamento em relação ao tamanho ou ao uso de tais palavras. Entretanto fazê-lo neste momento foge do objetivo de nossa pesquisa.

Como nosso objetivo na presente seção é apenas comparar os resultados obtidos para o comportamento prosódico das palavras compostas, na Tabela 5.17 apresentamos os resultados para a distribuição tonal às PWs dentro de PWG ramificado.

**Tabela 5.17 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE**

Distribuição de PAs	PE
( - ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> ( - ) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	33% (41)
( - ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	8% (10)
( - ) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	7% (9)
(T*) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	28,5% (35)
(T*) <sub>Verbo</sub> ((T*) <sub>PW1</sub> (T*) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	23,5% (29)
Total em %	100% (124)
p-valor	=1,043e-08

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os resultados para a distribuição tonal em sentenças com PWG ramificado mostram que há uma variabilidade na distribuição tonal em PE em termos do que tem sido descrito sobre a variedade falada em Lisboa – ver Figuras 5.13 e 5.14.

Em termos de porcentagem, notamos que a probabilidade de haver pelo menos um PA interno é maior do que não haver nenhum. Quando aplicamos um teste de hipótese de proporções múltiplas para analisar se todas as proporções são estatisticamente diferentes, notamos que o valor de p é menor do que o valor de significância (0,0025), e isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, já que as proporções não são todas iguais. Em outras palavras, as proporções não são todas iguais estatisticamente quando avaliamos a distribuição tonal dentro de I. É importante destacar que como há um arranjo de 5 – 2 a 2, o nível de significância é reajustado.

Os dados apresentados na Tabela 5.17 não incluem todas as ocorrências dos acentos iniciais de PW já que há casos em que o acento inicial de PW ocorreu em sentenças produzidas em mais de um I (10% em PW1 e 6% em PW2). Contudo, é importante destacar que os poucos casos em que há a produção de acento inicial de PW são restritos a algumas informantes.

Para avaliar qual proporção é significativa em relação às demais, analisamos o número de ocorrências em que não há nenhum PA associado às PWs internas em I e quando há pelo menos um PA associado à PW mais à direita, conforme apresentado na Tabela 5.18.

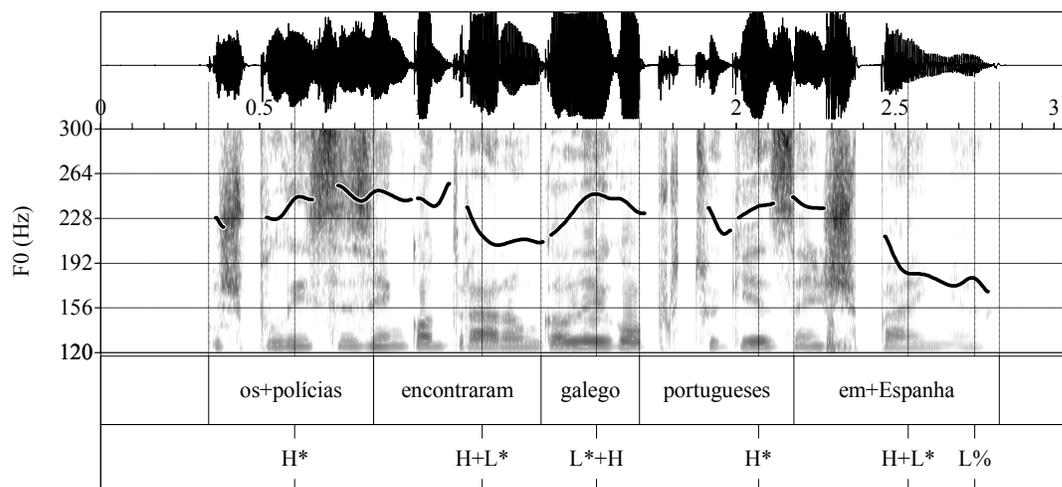
**Tabela 5.18 – Distribuição de acentos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE**

Distribuição de PAs	PE
( - ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> ( - ) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	33% (41)
( ? ) <sub>Verbo</sub> (( ? ) <sub>PW1</sub> ( T* ) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	67% (83)
p-valor	=1,919e-07

Fonte: Elaborada pela própria autora.

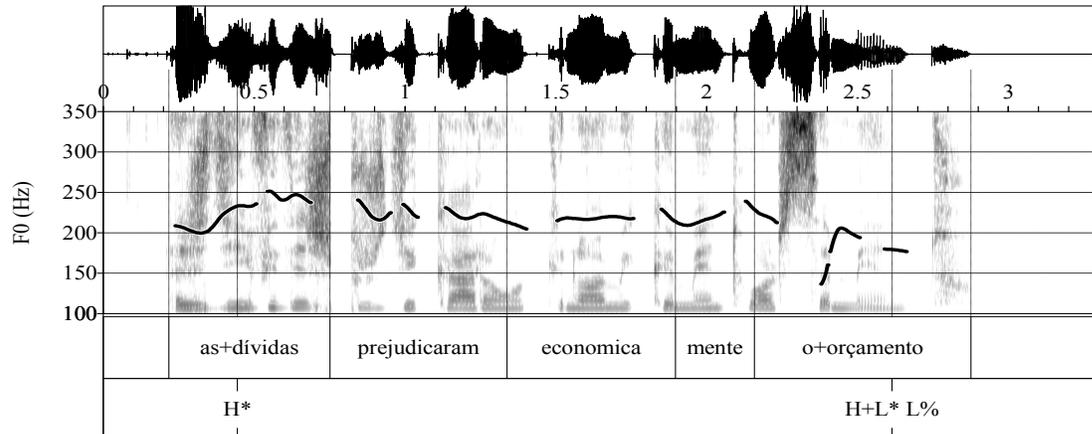
O teste de hipótese aplicado aos dados mostra que a probabilidade de ter pelo menos um PA associado à cabeça de PWG ramificado é proporcionalmente maior do que não ter nenhum PA associado a alguma PW interna de I. Nesse caso, como o valor de p obtido pelo teste é menor do que o nível de significância (0,05), aceita-se a hipótese H<sub>1</sub> e rejeita-se H<sub>0</sub>, uma vez que as proporções não são estatisticamente iguais, o que mostra uma alta ocorrência de PAs internos em I.

Apresentamos dois exemplos produzidos pela mesma informante AR de declarativas produzidas em contexto de foco largo com PWG ramificado em que há produção de PAs associados a PWG – ver Figura 5.13 – e outra sentença em que há PAs associados apenas às posições inicial e final de I – ver Figura 5.14.



**Figura 5.13 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *gaLEgo-portuguGUEses*, com PA associado às sílabas tônicas de PW1 e PW2 produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR de PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.



**Figura 5.14 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *ecoNOMicaMENte*, com PA associado às sílabas tônicas dos  $\phi$ s inicial e final de I, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR de PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Comparando se há relevância significativa entre ter pelo menos um PA interno ou um PA por PW dentro de I, apresentamos, na Tabela 5.19, o resultado do teste de hipótese de duas proporções para a distribuição tonal nas sentenças com PWG ramificado.

**Tabela 5.19 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE**

Distribuição de PAs	PE
$(-)\text{Verbo} ((-)\text{PW1} (-)\text{PW2})\text{PWG}$	33% (41)
$(T^*)\text{Verbo} ((T^*)\text{PW1} (T^*)\text{PW2})\text{PWG}$	23,5% (29)
p-valor	=0,1207

Fonte: Elaborada pela própria autora.

O resultado apresentado na linha denominada p-valor mostra que o valor obtido é maior do que o nível de significância. Desse modo, aceita-se a hipótese  $H_0$  (as proporções obtidas eram iguais) e rejeita-se  $H_1$ . Nesse caso, o teste de hipótese mostra que não há diferença significativa entre ter um PA por PW e não haver nenhum. Assim, a interpretação mais adequada parece ser que a associação de PA por PW parece ser opcional, o que fortifica nossa hipótese de que a distribuição tonal em PWs internas em I é motivada por fatores externos à estrutura fonológica. Por esse motivo apresentamos na Tabela 5.20 uma comparação entre ter nenhum PA interno e haver PAs associados apenas às PWs cabeças de PWG.

**Tabela 5.20 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE**

Distribuição de PAs	PE
$(-)\text{Verbo} ((-)\text{PW1} (-)\text{PW2})\text{PWG}$	33% (41)
$(T^*)\text{Verbo} ((-)\text{PW1} (T^*)\text{PW2})\text{PWG}$	28,5% (35)
p-valor	=0,491

Fonte: Elaborada pela própria autora.

O resultado apresentado na linha denominada p-valor mostra novamente que o valor obtido é maior do que o nível de significância, aceitando a hipótese  $H_0$  e rejeitando  $H_1$ . Esse resultado parece confirmar a opcionalidade da associação de PA às PWs internas, uma vez que não há diferença significativa entre ter PAs apenas nas cabeças de PWG e não haver nenhum PA interno em I.

Se compararmos as possibilidades de haver PAs associados a pelo menos duas PWs internas com a possibilidade de haver um PA por PW, obtemos o resultados apresentado na Tabela 5.21.

**Tabela 5.21 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG ramificado em PE**

Distribuição de PAs	PE
$(?)_{\text{Verbo}} ((?)_{\text{PW1}} (T^*)_{\text{PW2}})_{\text{PWG}}$	35,5% (44)
$(T^*)_{\text{Verbo}} ((T^*)_{\text{PW1}} (T^*)_{\text{PW2}})_{\text{PWG}}$	23,5% (29)
p-valor	=0,1207

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Novamente o teste de hipótese nos mostra que não há diferença significativa entre ter dois PAs internos ou ter três, um por PW interna, já que o valor de p é maior do que o valor de significância, aceitando-se  $H_0$  (as proporções são iguais) e rejeitando-se  $H_1$ .

O único teste que atesta uma significância é a comparação entre a possibilidade de ter pelo menos um PA interno em relação à possibilidade de não haver nenhum. Nossa análise para a possibilidade de haver PAs internos em I, a princípio, mostra que, quando há sentenças com PWG ramificado, a probabilidade de haver PAs internos de domínios mais baixos é estatisticamente significativa. Contudo, esses dados não mostram que no PE o domínio relevante para a distribuição tonal é mais baixo que I, e isso ficará mais claro quando apresentarmos os resultados para a distribuição tonal em sentenças em que há PWG não ramificado na mesma posição que PWG ramificado.

Assim como no PB, no PE, também houve atribuição de acento enfático às sílabas iniciais (casos raros) e tônicas de PW, principalmente a estas últimas. Quando o

acento enfático incidia sobre PWG ramificado, houve 25 ocorrências de acento enfático sobre PW1 (20% de um total de 124 sentenças), por exemplo, *LUso-moçambiCAnos*, e 13 ocorrências em PW2 (10% de um total de 124 sentenças), por exemplo, *FRANco-briTÁnicos*, cabeça de PWG ramificado, enquanto houve apenas duas ocorrências de acento enfático associado às sílabas iniciais de PW1 (apenas 1,5% de um total de 124 sentenças), por exemplo, *civiliZAdaMENte*.

Como afirmado por Vigário (2003), a presença de acento enfático inicial em PW é uma evidência desse domínio no PE, assim como o acento inicial de PW. Em nossa visão, essa marcação enfática pode corroborar a análise de que houve um estranhamento em relação às palavras compostas que compunham as sentenças do *corpus*, principalmente pelo fato de haver um maior número de acentos enfáticos associados a PW1 e não à PW2, que era a PW cabeça de PWG ramificado.

Para dar continuidade à discussão sobre a distribuição tonal em PE, apresentamos, na Tabela 5.22, os resultados obtidos para as sentenças com PWG não ramificado.

**Tabela 5.22 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG não ramificado em PE**

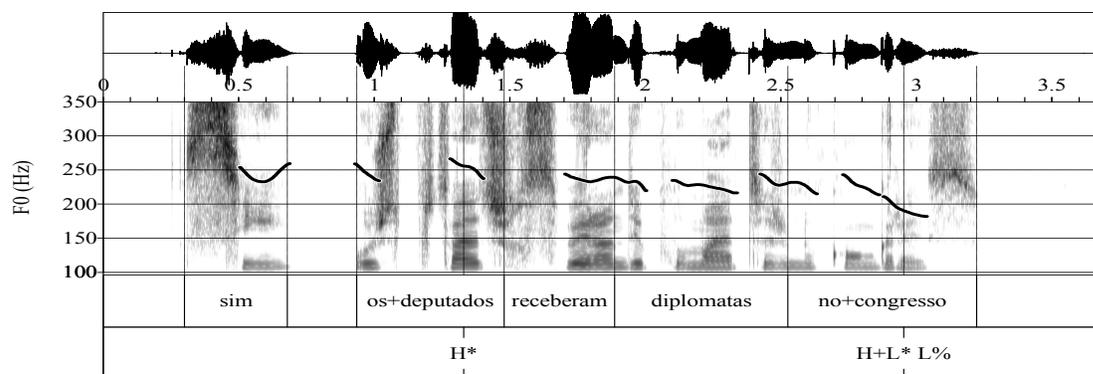
Distribuição de PAs	PE
( - )Verbo ( - )PWG	70% (60)
( - )Verbo (T*) PWG	23% (20)
(T*)Verbo (T*)PWG	7% (6)
Total em %	100% (86)
p-valor	<2,2e-16

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os resultados apresentados para a distribuição tonal em sentenças com PWG não ramificado indicam uma alta porcentagem para nenhum PA associado às PWs internas em comparação com as possibilidades de haver um ou dois. Na linha denominada p-valor,

apresentamos o resultado do teste de hipótese de proporções múltiplas que compara as proporções obtidas. Esse resultado mostra que o valor de  $p$  é menor do que o nível de significância, e isso significa que devemos rejeitar  $H_0$  e aceitar  $H_1$ , já que as proporções não são todas iguais para a distribuição tonal em sentenças com PWG não ramificado. É importante destacar que como estamos analisando um arranjo de 3 – 2 a 2, o nível de significância considerado é de 0,008333.

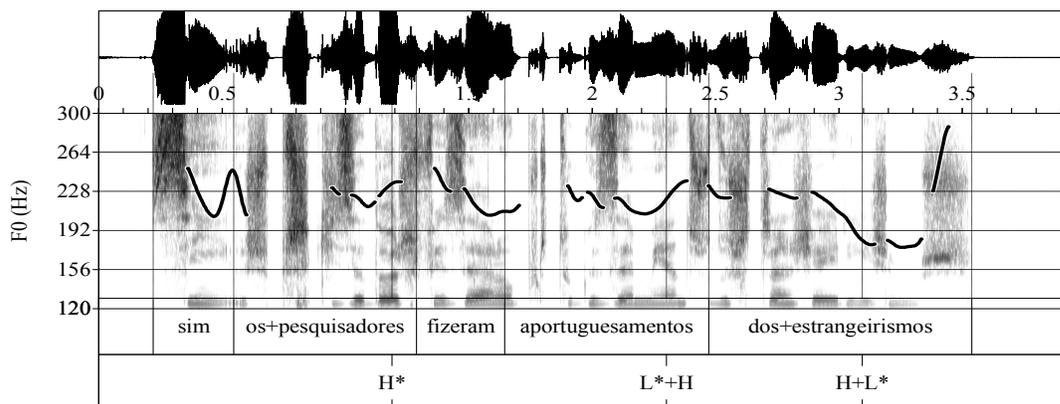
Em contraposição aos resultados apresentados na Tabela 5.17 para PWG ramificado, os resultados apresentados pela Tabela 5.22 mostram que nos dados de todas as informantes as sentenças são produzidas com PAs associados, em grande parte, apenas aos picos inicial e final, ou seja, há um grande número de produções em que não há associação de PAs às PWs internas em I – ver Figura 5.15.



**Figura 5.15 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, *diploMAtas*, com PAs associados às sílabas tônicas dos  $\phi$ s inicial e final de I, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AX de PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

A Figura 5.16 ilustra uma sentença em que há ocorrência de um PA em uma das PWs internas em I.



**Figura 5.16 – Sentença declarativa que inclui um PWG não ramificado, *aportuguesaMENTos*, com PA associado à sílaba tônica de PWG não ramificado interno e às sílabas tônicas dos  $\phi$ s inicial e final de I, produzida em contexto de foco de escopo largo pela informante AR de PE**  
 Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Se compararmos a relevância entre ter um PA por PW com a possibilidade de não haver nenhum, obteremos o resultado apresentado em p-valor na Tabela 5.23.

**Tabela 5.23 – Distribuição de eventos tonais em sentenças com PWG não ramificado em PE**

Distribuição de PAs	PE
(-) <sub>Verbo</sub> (-) <sub>PWG</sub>	70% (60)
(T*) <sub>Verbo</sub> (T*) <sub>PWG</sub>	7% (6)
p-valor	<2,2e-16
Total em %	100% (86)

Fonte: Elaborada pela própria autora.

O teste de hipótese aplicado para essa comparação mostra que o valor de p é menor do que o nível de significância, uma vez que  $p_1$  é estatisticamente maior do que  $p_2$ . Nesse caso, rejeita-se  $H_0$  e se aceita  $H_1$ . Nossa conclusão para esse resultado é de que independentemente das possibilidades apresentadas na Tabela 5.17, a distribuição de PA às

PWS internas é opcional e motivada por fatores externos à estrutura prosódica, uma vez que a probabilidade de não haver PAs internos é estatisticamente significativa.

Em relação à distribuição de acento inicial de PW, foram encontradas apenas oito sentenças em que há acento inicial de PW associado às sílabas iniciais de PWG não ramificado (complemento verbal) na mesma posição sintática que PWG ramificado. Assim como no PB, o acento inicial de PW ocorreu apenas em palavras que tinham mais de três sílabas pretônicas. Contudo, pela baixa ocorrência, seria interessante, em pesquisas futuras, observar se no PE o acento inicial de PW também é restrito a uma distância mínima em relação ao acento de palavra, tal como no PB, conforme mostra a literatura.

Em relação ao acento enfático, foram notadas quatro sentenças em que há uma realização enfático incidindo na sílaba tônica de PWG não ramificado.

Para finalizar a discussão sobre a distribuição tonal em PE a fim de confirmar ou refutar nossa hipótese, apresentamos na Tabela 5.24 o resultado obtido para a comparação dos tipos de sentenças em relação à possibilidade de haver ou não haver PAs associados às PWs internas em I.

**Tabela 5.24 – Distribuição de acentos tonais em sentenças declarativas em PE**

Distribuição de PAs	PE
( - ) <sub>Verbo</sub> ( - ) <sub>PWG</sub>	70% (60)
( - ) <sub>Verbo</sub> (( - ) <sub>PW1</sub> ( - ) <sub>PW2</sub> ) <sub>PWG</sub>	33% (41)
p-valor	=3,5e-07

Fonte: Elaborada pela própria autora.

O resultado apresentado na linha denominada p-valor mostra que o valor de p é menor do que o nível de significância (0,05), e isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada e a hipótese  $H_1$  aceita. Esse teste mostra que a probabilidade de não haver nenhum PA associado às PWs internas em sentenças com PWG não ramificado é estatisticamente significante quando comparado com a probabilidade de haver PAs internos em sentenças com PWG ramificado, já que as proporções são diferentes.

Quando comparamos, entretanto, à probabilidade de haver pelo menos um PA associado à PW interna mais à direita nos dois tipos de sentença, obtemos o resultado apresentado na linha p-valor da Tabela 5.25.

**Tabela 5.25 – Distribuição de eventos tonais em sentenças declarativas em PE**

Distribuição de PAs	PE
$(?)_{\text{Verbo}} (T^*)_{\text{PWG}}$	30% (26)
$(?)_{\text{Verbo}} ((?)_{\text{PW1}} (T^*)_{\text{PW2}})_{\text{PWG}}$	67% (83)
p-valor	=3,5e-07

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Esse resultado mostra que a hipótese  $H_0$ , que espera que as proporções sejam iguais, deve ser rejeitada, já que o valor obtido para p é menor do que o nível de significância (0,05). Os dados de PE indicam que, em sentenças com PWG não ramificado, a distribuição tonal de PA internos não é obrigatória. No caso das sentenças que incluem palavras compostas, defendemos que a distribuição tonal mais densa é uma estratégia usada pelas informantes para produzir uma palavra pouco comum e pesada fonologicamente, já que o constituinte é formado por duas PWs que vêm a seguir.

Entretanto, se considerarmos que o tamanho das palavras que estão sob comparação são semelhantes, fica uma questão em aberto: quais fatores influenciam a distribuição de PAs às PWs internas quando há PWG ramificado?

Nossa hipótese é a de que há um estranhamento em relação às palavras compostas que compõem o *corpus*, o que influencia as produções, e o fato de haver a produção de acentos enfáticos associados às sílabas tônicas poderia corroborar essa hipótese.

Os resultados apresentados na presente seção nos levam a concluir que a associação de PAs às PWs que compõem o(s)  $\phi$ (s) interno(s) de I em PE é opcional e parece ser motivada por fatores externos à estrutura prosódica. Contudo, investigar os fatores externos que podem influenciar a distribuição tonal no PE foge ao objetivo deste

trabalho. No entanto, este é um tópico interessante para trabalhos futuros. Para isso seria necessário controlar questões de tamanho, de posição em I e de frequência de uso de palavras compostas que formam PWG ramificado para testar se há algum tipo de influência externa na produção de tais sentenças.

A possibilidade de haver ou não reestruturação dos  $\phi$ s que compõem o verbo e complemento, cabeças lexicais, não altera nossa análise da opcionalidade de PAs nas PWs internas em I, pois, de acordo com a literatura (ver seção 5.1), se houver um PA associado a uma PW em  $\phi$ s intermediários de I, esse PA estará associado à cabeça de  $\phi$ .

Sintetizando os resultados obtidos para a distribuição tonal em posição intermediária de I no PE, podemos destacar que a ocorrência de PAs nas PWs que compõem o(s)  $\phi$ (s) intermediário(s) de I é opcional e, quando ocorre um PA, é motivada por fatores externos à estrutura prosódica, como velocidade de fala, estratégias de produção de sentenças longas e variação entre informantes. Logo, a associação tonal nas sentenças declarativas analisadas não pode ser tomada como evidência de que o domínio para a distribuição tonal no PE é mais baixo que I. Destacamos também que a distribuição tonal nesses casos diferencia palavras compostas de palavras simples, já que há mais PAs associados ao primeiro tipo de palavra do que ao segundo.

Na Tabela 5.26, apresentamos os resultados para o pico inicial para as sentenças com PWG ramificado e para as sentenças com PWG não ramificado.

**Tabela 5.26 – Acentos tonais associados à PW cabeça do 1º  $\phi$  não ramificado de I**

Informantes/ PW/PAs	PWG ramificado	PWG não ramificado	p-valor
H*	80% (99)	63,5% (70)	=0,9181
L*+H	20% (25)	36,5% (16)	=0,9181
p-valor	<2,2e-16	=6,349e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Em relação ao pico inicial de I em sentenças com PWG ramificado, há predominantemente um acento tonal H\* associado à primeira PW do primeiro  $\phi$  de I,

embora ocorra L\*+H em alguns dados nos dois tipos de sentenças, o que confirma as descrições anteriores (VIGÁRIO, 1998; FROTA, 2002, 2014). O teste de hipótese confirma esse resultado, como pode ser observado na linha p-valor da Tabela 5.26, já que o valor de p é menor do que o nível de significância (0,05). Em trabalhos recentes sobre o PE, como Frota (2014), é sugerido que é o limite direito da primeira PW de I que recebe o evento tonal. Nesse sentido, nossos dados parecem corroborar isso. Em relação à comparação entre os tipos de sentenças, o teste de hipótese mostra que não há diferença entre elas para cada tipo de PA inicial, embora o PA predominante seja H\*.

Em relação ao pico final de I, apresentamos os resultados para as sentenças com PWG ramificado e PWG não ramificado na Tabela 5.27.

**Tabela 5.27 – Acentos tonais associados à PW cabeça do último  $\phi$  não ramificado de I**

Tipo de sentença/ Tipo de PAs	PWG ramificado	PWG não ramificado	p14-valor
H+L* L%	86% (107)	96,5% (83)	=0,02494
L* L%	14% (17)	3,5% (3)	=0,02494
p12-valor	<2,2e-16	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Assim como no PB, o acento tonal predominante é H+L\* seguido de L%, acento que representa também o acento nuclear de sentenças declarativa neutras no português, e o teste de hipótese apresentado na linha p-valor confirma essa análise, já que o valor de p é menor do que o nível de significância.

O teste de hipótese que compara os tipos de sentenças mostra que, para os dois tipos de PAs que ocorreram, os valores de p são maiores do que o nível de significância, e isso mostra que não há diferença significativa quanto ao tipo de sentença, ou seja, a probabilidade de ocorrer o PA H+L\* seguido opcionalmente por L% é maior estatisticamente do que ocorrer L\* L%. Efetivamente os resultados apresentados confirmam o que tem sido descrito na literatura sobre as declarativas neutras no PE em

relação ao acento inicial e nuclear de I no PE (cf. VIGÁRIO, 1998, 2003; FROTA, 2000, 2003, 2014; FERNANDES, 2007A, 2007B; FROTA ET AL., NO PRELO; entre outros).

O pico final tem sido descrito como uma descida pronunciada marcada pela associação do acento tonal H+L\*, associado às sílabas pretônica e tônica, respectivamente, seguido por L%, associado à sílaba postônica, da última PW do último  $\phi$  de I, independentemente do tipo de PWG interno.

Em resumo, os dados de PE padrão confirmam o que tem sido descrito na literatura, apresentada na seção 5.1, sobre declarativas neutras: (i) acento nuclear de sentença declarativa H+L\* seguido por L%; (ii) acento tonal inicial de sentença declarativa H\*; (iii) distribuição esparsa de acentos tonais; (iv) opcionalidade de PAs associados às PWs cabeças e não cabeças dos  $\phi$ s intermediários; e (v) baixa densidade tonal, desde que não influenciada por fatores externos à estrutura prosódica (cf. FROTA, 2000, 2010; FROTA e VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; entre outros).

### **5.3.2.2 Descrição e discussão dos resultados para as declarativas em contexto de foco estreito contrastivo**

Esta seção apresenta os resultados obtidos para as sentenças produzidas em contexto de foco estreito contrastivo. Como estamos comparando PB com PE, a presente seção é dividida em duas seções: na seção 5.3.2.2.1, são descritos os resultados para as sentenças de PB, e, em 5.3.2.2.2, apresentamos os resultados de PE. Também incluímos junto à descrição dos dados uma análise da distribuição de eventos tonais (acento enfático inicial associado às sílabas pretônicas de PW e acento de foco associado à sílaba tônica) às sentenças produzidas como não neutras, ou seja, as sentenças foram produzidas com alguma marcação enfática.

### 5.3.2.2.1 Sentenças declarativas de PB produzidas em contexto de foco estreito contrastivo

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos para as sentenças com PWG ramificado em contexto de foco estreito contrastivo para duas variedades de PB analisadas: Cascavel (PR)<sup>80</sup> e Uberaba (MG).

Como um dos objetivos desta pesquisa é observar se há evidências de PW associadas à estrutura entoacional e investigar a hipótese acerca do domínio relevante para a associação de acento de foco fonológico, nossa meta na presente seção é testar se o acento de foco é restrito a PWG também no PB, tal como afirmado por Vigário (2003) para o PE, e, assim, verificar a relação da atribuição desse acento com o domínio da PW.

Para alcançar nossos objetivos nesta seção, consideraremos, em nossa descrição e análise dos dados, outras condições que não foram consideradas para as sentenças produzidas em contexto de foco largo, como: (i) as estratégias de fraseamento em Is; (ii) os tipos de eventos tonais associados às sílabas tônicas, às sílabas pretônicas iniciais de PW e às fronteiras em PWG ramificado produzidas de modo não neutro; (iii) a posição em que os eventos tonais não neutros ocorrem em PW/PWG; e iv) a gama de variação de  $F_0$  à esquerda e à direita do elemento focalizado.

Nossa hipótese, a partir dos trabalhos feitos sobre o PB e PE, era de que, quando o foco incidisse sobre PWG ramificado, o acento tonal de foco fonológico apareceria associado à cabeça de PWG, ou seja, na sílaba tônica de PW2. Também era esperado que esse acento tivesse a configuração tonal descrita na literatura do PB, como  $H^*+L$  ou  $L^*+H$ , seguido opcionalmente de acento frasal  $L_p/H_p$ . Se esse resultado fosse confirmado, poderíamos considerar que a atribuição de acento é uma evidência de PWG também no PB e não de que o domínio relevante seria PW ou  $\phi$ , tal como apontado na literatura.

---

<sup>80</sup> O trabalho intitulado *Focus assigning in complex words with two prosodic words in Brazilian Portuguese*, apresentado no PaPI 2013 – *Phonetics and Phonology in Iberia*, realizado na Universidade de Lisboa, inclui uma análise prévia dos dados obtidos para a variedade do PR (cf. Toneli, Vigário e Abaurre, 2013).

Como já apresentado na seção 5.1, quando há marcação de foco prosódico, não há associação de PAs e tons de fronteira entre o  $\phi$  que contém o elemento focalizado e a PW do último  $\phi$  de I, que nada mais é do que um efeito de desacentuação entre o elemento focalizado e os elementos à direita dele, efeito também encontrado em outras línguas como o chinês de Shangai e o japonês (cf. JIN, 1986; SHIN, 1986; SELKIRK E SHIN, 1990; NAGAHARA, 1994).

Também é descrito nos casos de foco estreito um efeito de compressão tonal pós-foco (compressão/aplanamento da curva de  $F_0$  após o elemento focalizado). Esse efeito não é observado somente no PB, mas também em línguas como o francês, o mandarim, variedades do sul de italiano, como o palermo, o bari, o napolitano e o florentino, o basco, o catalão, o japonês, o romeno, o PE, entre outras (cf. também ROSSI, 1985; TOUATI, 1987; DI CRISTO e HIRST, 1993; JUN, 1996; CLECH-DARBON, REBUSCHI e RIALLAND, 1997; DI CRISTO, 1998; XU, 1999; JUN e FOUGERON, 2000; ELORDIETA e HUALDE, 2001; GRICE, ET AL., 2004; GUSSENHOVEN, 2004; MANOLESCU, OLSON, ORTEGA-LLEBARIA, 2009; PRIETO, no prelo; FROTA, 2000, 2014).

Para análise da marcação de foco, foi considerado um total de 32 sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, totalizando 288 para o PR (32 palavras x 3 informantes x 3 repetições) e 480 para MG (16 palavras x 10 informantes x 3 repetições). É importante lembrar que o *corpus* foi dividido em duas partes com o mesmo número de sentenças, e optou-se por aumentar o número de informantes. Diminuiu o tempo total do experimento para a obtenção dos dados de MG em relação aos dados do PR e também foi aumentado o número de informantes.

Na Tabela 5.28, são apresentados os resultados para as estratégias de fraseamento para cada variedade. Nesta tabela, estamos excluindo as sentenças que foram consideradas más produções. Assim, do total de sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, foram inseridas na análise as sentenças produzidas em um único I ou em dois Is: 253 para o PR e 424 para MG. É importante destacar que os dados da presente tabela não diferenciam as sentenças produzidas de modo neutro e de modo não neutro.

**Tabela 5.28 – Estratégias de produção das sentenças com PWG ramificado em contexto de foco contrastivo**

Variedades/ estratégias	PR (n=249)	MG (n=424)	p-valor
Mesmo I	72% (180)	80% (341)	=0,01921
I+I	28% (69)	20% (83)	=0,01921
p-valor	<2,2e-16	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Em relação às estratégias utilizadas pelas informantes nas sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, nota-se um resultado equilibrado entre as variedades, e notamos que a preferência ainda é o fraseamento em um único I. Do total de sentenças produzidas em dois Is, no PR, em 68 sentenças foram produzidas logo após o verbo, e em MG, a fronteira após o verbo foi produzida em 74 sentenças.

Esse tipo de marcação de fronteira após o verbo pode ser uma pista da marcação de foco, independentemente de haver associação tonal não neutra ao elemento contrastado semanticamente, pois a produção da fronteira pode indicar que a informante sabe da importância semântica que o elemento a seguir tem no enunciado. Outra hipótese seria o estranhamento com relação às palavras e ao tamanho de PWG ramificado. No entanto, nesse caso do contexto de foco contrastivo, a inserção de uma fronteira antes de PWG ramificado e/ou a reformulação antes da palavra composta ainda podem ser justificadas pelo fato de as informantes saberem que o próximo elemento é o mais importante da sentença e que deve ser de algum modo destacado para que se conclua com êxito a intenção comunicativa.

Também é possível que a produção de uma fronteira seja influenciada pelo fato de as informantes se prepararem para uma produção com mais energia em termos de  $F_0$ , já que uma gama de variação mais estendida sobre o elemento focalizado é a principal característica do foco estreito no PB quando se comparam as mesmas sentenças produzidas de modo neutro (sem ênfase). Embora, investigar essas hipóteses fuja do objetivo do

presente capítulo, esse é um tema interessante para pesquisas futuras sobre a marcação de foco no PB.

Quando aplicamos um teste de hipótese para compararmos se há diferença significativa entre os modos de produção das sentenças em um único I e em dois Is, notamos que tanto para o PR quanto para MG o valor de  $p$  é menor do que o valor de significância (um  $\alpha$  de 0,05), como pode ser observado na linha denominada  $p$ -valor da Tabela 5.28, e isso significa que se deve rejeitar  $H_0$ , confirmando a preferência pelo fraseamento em um único I que é o valor maior da tabela. É importante lembrar que  $H_0$  considera que os dois valores comparados são iguais (os valores são estatisticamente iguais) e  $H_1$  considera que são diferentes (ou seja, um dos valores é maior do que o outro). Se o valor de  $p$  for menor do que 0,05, rejeita-se  $H_0$  e aceita-se  $H_1$ , contudo, se  $p$  for maior do que 0,05, rejeita-se  $H_1$  e aceita-se  $H_0$ .

Quando comparamos as estratégias de produção entre as variedades analisadas, os resultados apresentados na coluna  $p$ -valor mostram que o valor de  $p$  novamente é menor do que o valor de significância, rejeitando-se  $H_0$ , já que um valor é maior do que outro para os dois modos de produção. Em outras palavras, os resultados mostram que há diferença significativa entre PR e MG para o modo de fraseamento em Is, sendo que os resultados de MG são estatisticamente maiores.

Como o objetivo da pesquisa na presente seção é observar a distribuição do acento de foco fonológico em sentenças em que o foco estreito contrastivo incidia sobre PWG ramificado, incluiremos nos resultados apresentados na Tabela 5.28 apenas as sentenças em que as informantes utilizam algum tipo de marcação prosódica enfática (não neutra) associada a PWG ramificado, independentemente de terem sido produzidas em um único ou em mais de um I, no caso dois Is.

Na Tabela, 5.29, apresentamos os resultados para os modos de produção neutra e não neutra para as sentenças produzidas em contexto de foco estreito contrastivo.

**Tabela 5.29 – Produções neutras x não neutras em PB em contexto de foco estreito contrastivo**

Variedades/ Modo de produção	PR (n=249)	MG (n=424)	p-valor
Neutras	25% (64)	20% (84)	=0,09195
Não neutras	75% (185)	80% (340)	=0,09195
p-valor	<2,2e-16	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Os resultados apresentados na Tabela 5.29 mostram que nas duas variedades analisadas as informantes produziram mais sentenças com marcações não neutras associadas a PWG ramificado do que produções neutras.

Quando aplicado o teste de hipótese para validar as porcentagens obtidas para cada variedade separadamente, foi encontrada diferença significativa para a quantidade de marcações neutras *versus* não neutras, já que as não neutras foram produzidas em maior número. O resultado apresentado na linha p-valor mostra que o valor de p é menor do que o valor de significância (0,05), aceitando  $H_1$  e rejeitando  $H_0$ . Isso significa que o número de sentenças alvo produzidas de modo não neutro é estatisticamente significativo nas duas variedades de PB analisadas.

Entretanto, quando a comparação foi entre os modos de produção neutro e não neutro entre as variedades, o valor obtido para p apresentado na coluna denominada p-valor foi maior do que o valor de significância, aceitando  $H_0$  e rejeitando  $H_1$ . Isso significa que não há diferença significativa entre os modos de produção entre as variedades, o que confirma o que temos afirmado que não há diferença significativa entre as variedades de PB.

Como nos interessa observar as marcações não neutras que podem conter associação de acento de foco, apresentamos, na Tabela 5.30, os resultados obtidos para as sentenças não neutras produzidas em contexto de foco contrastivo. Nessa tabela não há distinção se a sentença foi produzida em um único I ou em dois Is.

Ao contrário da hipótese inicial, nas duas variedades de PB analisadas, as informantes utilizaram diferentes marcações não neutras nas sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, associadas não só à cabeça de PWG ramificado, mas também à PW não cabeça e também às sílabas iniciais de PW. Convém destacar que, dependendo do caso, o foco contrastivo era eliciado em PW1 ou em PW2/PWG. No apêndice 4, apresentamos os contextos e as perguntas que eliciavam o foco estreito contrastivo.

Na Tabela 5.30, são apresentados os tipos de eventos tonais associados às PWs de PWG ramificado com prosódia não neutra e as posições dentro de PWG quando o foco era eliciado em PW1 em PWG ramificado para as duas variedades. Na primeira coluna, estão os tipos de eventos tonais utilizados, a posição na PW (sílabas iniciais ou sílaba tônica) e a descrição do tipo de acento que representa (acento enfático ou de foco) na marcação do foco. A segunda e a terceira coluna representam em qual PW de PWG ramificado (PW1 ou PW2) ocorreu a marcação não neutra quando o foco foi eliciado em PW1 para o PR e nas colunas quarta e quinta para MG.

**Tabela 5.30 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW1**

Variedades de PB/ Tipos de eventos tonais	PR (n = 128)		MG (n = 174)		p6-valor
	PW1	PW2/ PWG	PW1	PW2/ PWG	
Acento enfático Fronteira esquerda de PW – (L+)H	21,5% (28)	0% (0)	21,5% (37)	0% (0)	=1,038e-15
Acento de foco Cabeça de PW – L*+H	45,5% (58)	0% (0)	49% (86)	3,5% (6)	<2,2e-16
Acento de foco Cabeça de PW – H*(+L/!H)	19,5% (25)	0,75% (1)	8,5% (15)	6% (10)	=5,997e-10
Acento de foco Cabeça de PW – H+L*	0,75% (1)	12% (15)	2,5% (4)	9% (16)	=9,994e-05
p5- valor	< 2,2e-16		< 2,2e-16		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Conforme mostra a Tabela 5.30, foram observadas várias estratégias para a marcação do contraste semântico nas sentenças analisadas em contexto de foco estreito

contrastivo. Para testar a significância de um ou de outra porcentagem dos tipos de acentos que ocorreram, aplicamos um teste de hipótese de proporções múltiplas. Nesse caso, a hipótese  $H_0$  considera que não há diferença entre os valores encontrados e uma hipótese  $H_1$ , que considera o contrário. Entretanto, como a comparação é para um arranjo de  $8 - 2$  a  $2$ , o valor de  $\alpha$  é corrigido para  $0,05/56 = 0,00893$ . Desse modo, se  $p$  for maior do que  $0,00893$ , aceita-se  $H_0$  e se for menor rejeita-se  $H_0$ .

Com base nos valores obtidos para  $p$  apresentados na linha denominada  $p$ -valor na Tabela 5.30, tanto no PR quanto em MG, o valor de  $p$  é menor do que o valor de significância, e isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada e  $H_1$  deve ser aceita, uma vez que as proporções encontradas para os referidos acentos não são todas iguais.

Quando a comparação feita é entre cada tipo de acento entre as variedades, os resultados obtidos e apresentados na coluna denominada  $p$ -valor mostram que, independentemente do tipo de acento, os valores para  $p$  são menores que o valor de significância, e isso significa novamente que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, já que as proporções não são todas iguais estatisticamente.

Se quisermos comparar os pares de tipos e de posição dos PAs para marcar foco contrastivo, por exemplo, para saber se há diferença significativa entre associação de acento de foco  $L^*+H$  em relação ao acento  $H^*(+L)$  associados à PW1 quando o foco é eliciado em PW1, obtemos os seguintes resultados: para o PR, o valor de  $p$  para essa comparação é  $=1,931e-05$ , enquanto para MG  $< 2,2e-16$ . Nos dois casos, o valor de  $p$  é menor do que o valor de significância, rejeitando  $H_0$ . Nas duas variedades, a proporção de acento tonal  $L^*+H$  associado à PW1 é estatisticamente significativa em relação ao acento  $H^*(+L/!H)$ , confirmando os resultados de Fernandes (2007).

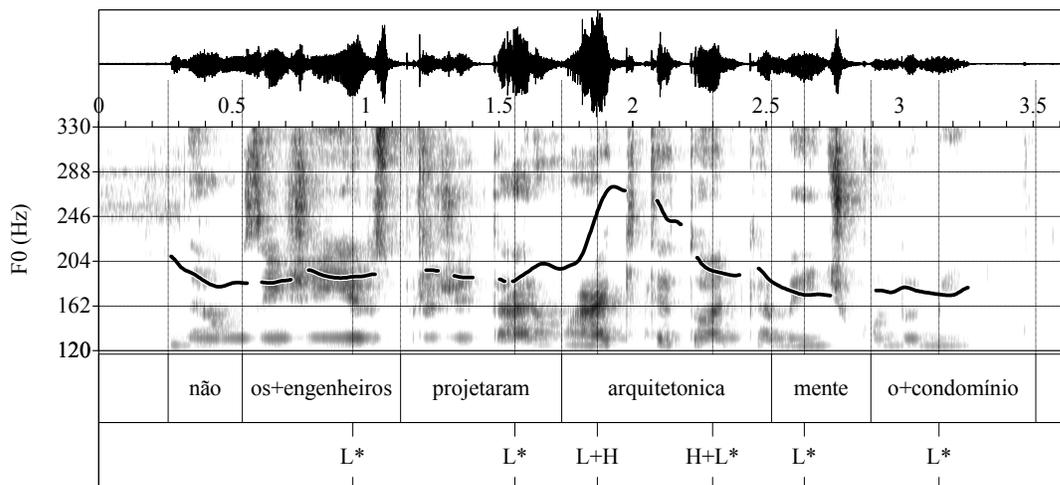
Quando a comparação é entre acento de foco  $L^*+H$  em relação ao acento  $H+L^*$  associados à PW1 quando o foco é eliciado em PW1, nas duas variedades o valor obtido para  $p$  é  $<2,2e-16$ , valor menor do que o valor de significância, o que significa que  $H_0$  deve ser rejeitada novamente, já que as proporções não são iguais. Assim, a probabilidade de ocorrer  $L^*+H$  associado à PW1 quando o foco é eliciado em PW1 é estatisticamente maior do que a probabilidade de ocorrer  $H+L^*$ .

A mesma interpretação pode ser feita se a comparação for entre acento de foco L\*+H em PW1 e H+L\* em PW2 quando o foco foi eliciado em PW1. No caso do PR, o valor de p é =**6,096e-09** e para MG, =**4,441e-16**, sendo que nos dois casos os valores obtidos para p são menores que o valor de significância., rejeitando a hipótese  $H_0$  já que os valores não são iguais.

Também foi encontrada diferença significativa entre o número de PAs associados à PW1 em relação ao número de PAs em PW2 quando o foco é eliciado em PW1, já que o valor obtido para p tanto no PR quanto em MG é o mesmo <**2,2e-16**. Nesse caso, o valor de p é menor do que o valor de significância. A interpretação dada é que a probabilidade de ocorrer um PA associado à PW1 quando o foco é eliciado em PW1 é estatisticamente significativa em relação à probabilidade de ocorrer PA associado à PW2.

Como Fernandes (2007) descreveu para o PB a possibilidade de um acento L\*+H seguido opcionalmente de acento frasal  $L_p$  para marcar casos de foco informativo, estamos considerando para nossos dados que a ocorrência de uma marcação L\*+H é um tipo de acento de foco. No caso de H+L\*, assumimos a mesma análise de Truckenbrodt, Abaurre e Sandalo (2008) como uma possibilidade de marcar foco no PB.

Passamos agora a exemplificar os tipos de PAs que apareceram associados às PWs de PWG ramificado. Na Figura 5.17, há a ocorrência de um acento enfático (L+)H associado à fronteira esquerda de PW1, quando o elemento eliciado foi PW1.



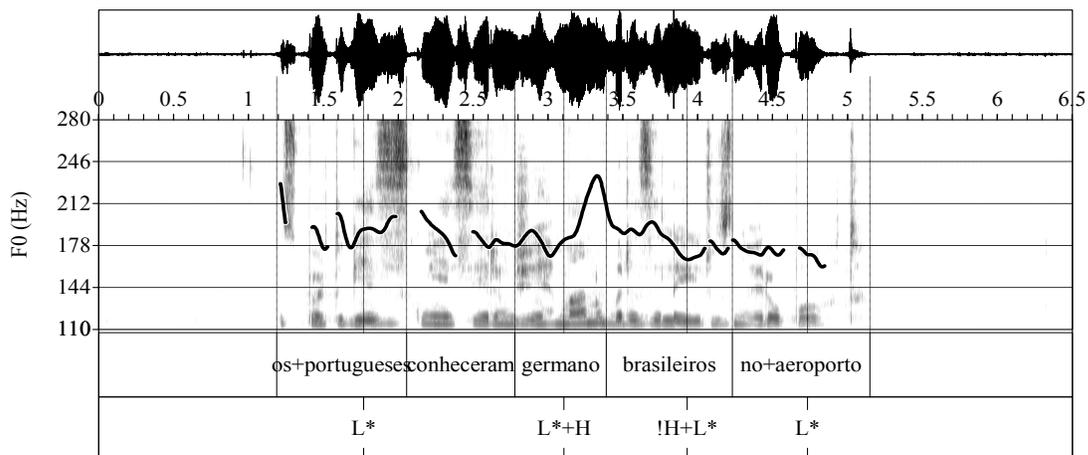
**Figura 5.17** – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *arquiteTONicaMENte*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2G e acento enfático associado à sílaba pretônica de PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante AR do PR

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Há também a associação de um acento bitonal L\*+H associado à sílaba tônica de PW1, seguido normalmente de uma descida de F<sub>0</sub> que é normalmente marcada pela associação de um acento tonal (H+)L\* associado à sílaba tônica de PW2 ou um *downstep*<sup>81</sup> (!H) associado a alguma sílaba pretônica de PW2, como exemplificado pela Figura 5.18. Convém destacar que foi notado um efeito de compressão de F<sub>0</sub> não só pós-foco em direção ao final do enunciado, mas também antes do elemento focalizado.

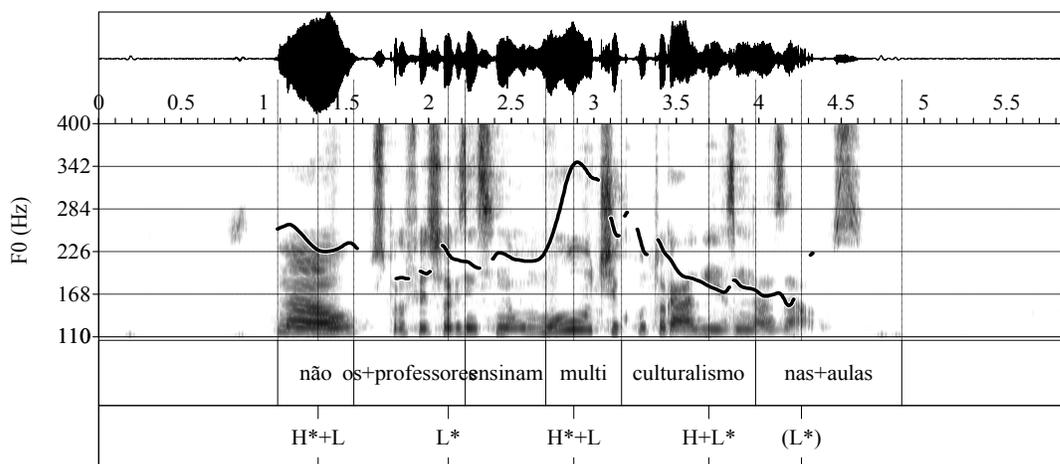
Também foi encontrada a associação do acento de foco H\*(+L) à cabeça de PW1, ilustrado pela Figura 5.19. Há também produções em que ocorre apenas H\* seguido por *downstep* que aparece associado à sílaba inicial de PW2 ou à sílaba tônica de PW2.

<sup>81</sup> O *downstep* é caracterizado por uma descida ‘em degraus’ e marcado por ponto de exclamação e um tom H (cf. LADD, 1994, 1996).



**Figura 5.18** – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *gerMANo-brasiLEiros*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2G, sendo um deles, acento de foco L\*+H associado à sílaba pretônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante JL de MG

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.



**Figura 5.19** – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *MULTiculturaLISmo*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento de foco H\*+L associado à sílaba tônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante PR de MG

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Assim como nas figuras anteriores, nas Figuras 5.18 e 5.19 há compressão de  $F_0$  tanto à direita quanto à esquerda do elemento focalizado.

Na Tabela 5.31, são apresentados os resultados obtidos para as estratégias de marcação de contraste semântico utilizadas pelas informantes quando o foco é eliciado em PW2 ou PWG.

**Tabela 5.31 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW2/PWG**

Variedades de PB/ Tipos de eventos tonais	PR (n = 57)		MG (n = 166)		p-valor
	PW1	PW2/PWG	PW1	PW2/ PWG	
Acento enfático Fronteira esquerda de PW – (L+)H	0% (0)	14% (8)	4% (7)	10% (17)	=0,001475
Acento de foco Cabeça de PW – L*+H	30% (17)	0% (0)	36% (60)	2,5% (4)	<2,2e-16
Acento de foco Cabeça de PW – H*(+L)	9% (5)	1% (1)	8% (13)	7,5% (12)	=0,02803
Acento de foco Cabeça de PW – H+L*	0% (0)	46% (26)	0% (0)	32% (53)	<2,2e-16
p-valor	<2,2e-16		<2,2e-16		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Quando o foco foi eliciado em PW2 ou PWG como um todo, foram notadas quatro tipos de estratégias: associação de acento enfático L+H às sílabas iniciais PW1 ou de PW2, acento de foco H+L\* associado à sílaba tônica de PW1 ou de PW2, acento de foco H\*(+L/!H) associado à sílaba tônica de PW1 ou de PW2 e acento de foco L\*+H associado à sílaba tônica de PW1 ou de PW2.

Quando submetemos esses resultados a um teste de hipótese de proporções múltiplas, obtemos o mesmo resultado para as duas variedades, apresentados na linha denominada p-valor na Tabela 5.31, pois, nos dois casos, o valor de p é menor do que o valor de significância, rejeitando a hipótese  $H_0$  que diz que são iguais, lembrando que o nível de significância (0,000893) é reajustado para um arranjo de 8 – 2 a 2.

Se testarmos separadamente cada tipo de acento entre as variedades quando o foco é eliciado em PW2/ PWG, obtemos os resultados apresentados na coluna denominada p-valor na Tabela 5.31. Os valores obtidos para a associação de PA L\*+H e H+L\* quando a comparação é feita entre as duas variedades são menores que o valor de significância,  $<2,2e-16$  para os dois tipos de PAs, rejeitando  $H_0$ , já que as proporções não são todas iguais.

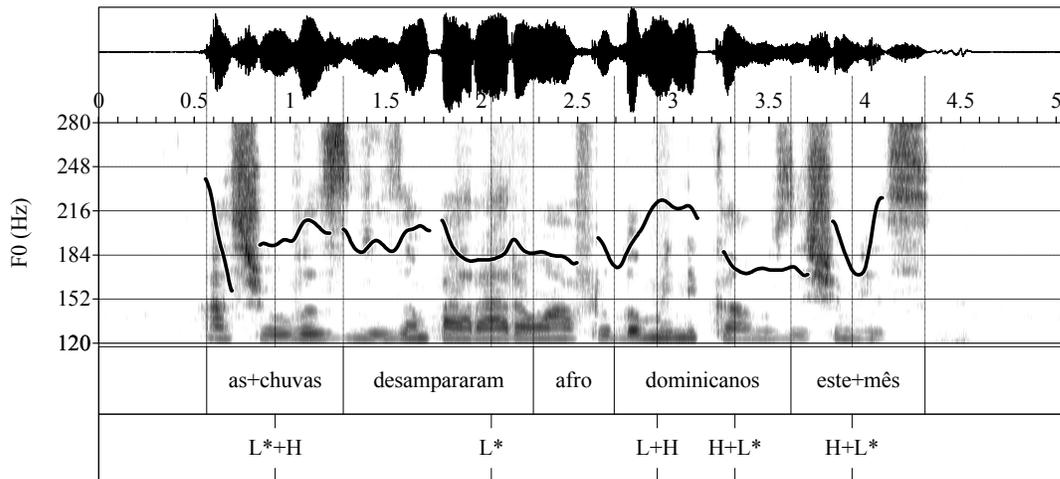
No entanto, os valores obtidos para a associação de acento enfático inicial em PW ao PA H\*(+L) ou H\*(+!H), = **0,001475** e = **0,02803**, respectivamente, mostram que p é maior do que o valor de significância, aceitando  $H_0$ . Para esses dois tipos de acento, não há diferença significativa entre as variedades tanto em PW1 quanto em PW2.

Quando comparamos a proporção de PAs L\*+H associados à PW1 em relação à H+L\* associado à PW2 com o foco sendo eliciado em PW2, obtemos um valor para p de =**0,1221** para o PR e =**0,4871** para MG. Nos dois casos o valor de p é maior do que o valor de significância, o que significa que a hipótese  $H_0$  deve ser aceita, pois as proporções são estatisticamente iguais, não havendo diferença significativa entre elas nas duas variedades. Também não foi encontrada diferença significativa se a comparação entre tais PAs for feita entre as variedades. Nesse caso, o valor de p é de =**0,2328**, valor maior do que o valor de significância, significando que  $H_0$  deve ser aceita, pois as proporções são estatisticamente iguais.

Se compararmos o número total de PAs associados à PW1 em oposição ao número de PAs associados à PW2 quando o foco foi eliciado em PW2, também não foi encontrada diferença significativa, pois o valor de p =**0,0952** é maior do que o valor de significância, aceitando  $H_0$ , já que as proporções são estatisticamente iguais. Nesse caso, a probabilidade de haver um PA associado à PW1 ou a PW2 é a mesma quando o foco é eliciado em PW2/ PWG.

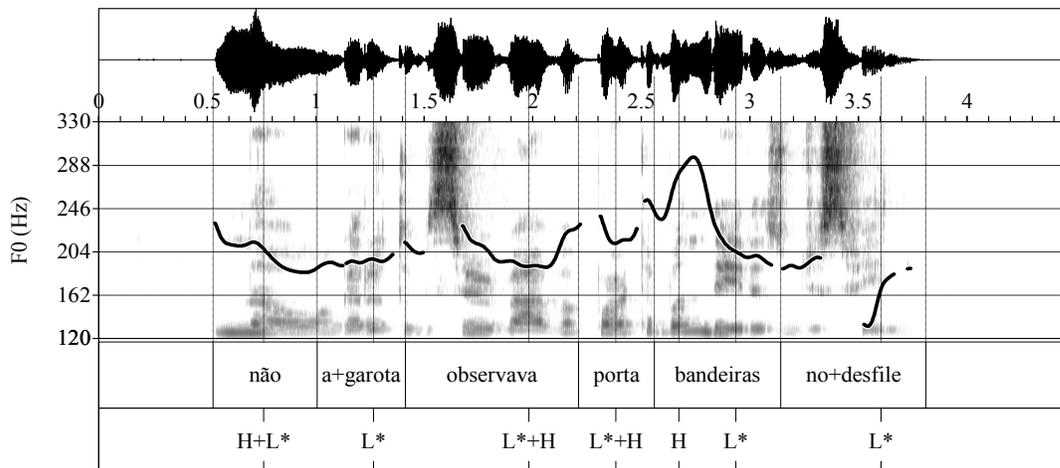
Passamos agora a exemplificar os tipos e as posições dos PAs quando o foco foi eliciado em PW2.

Os resultados mostram que há a associação de acento enfático na fronteira esquerda de PW2, como pode ser observado na Figura 5.20.



**Figura 5.20 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *Afro-dominicanos*, com PAs associados à sílaba tônica de PW2 e acento enfático L+H associado à sílaba pretônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PW2, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante JL de MG**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.



**Figura 5.21 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *Porta-bandeiras*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento enfático H associado à sílaba pretônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PW2, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante CR do PR**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Na maioria das produções, foi percebida essa configuração tonal L+H em PW1 e H+L em PW2, com compressão tonal à direita e à esquerda, sem efeito de desacentuação à direita.

Comparando os resultados para o acento enfático (L+)H ou L\*+H produzido em contexto de foco amplo, com os PAs produzidos em sentenças em contexto de foco contrastivo, notamos uma mesma configuração tonal associada normalmente à porção mais à esquerda de PWG, à fronteira esquerda de PW1 e na cabeça de PW1.

Em grande parte das sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, independentemente de qual elemento está sobre focalização, o elemento em contraste, sejam esses elementos focalizados ou enfatizados, é precedido e seguido por um efeito de compressão tonal, ou seja, a curva de F<sub>0</sub> é estreitada até o final do enunciado – ver Figuras de 5.17 a 5.21 – em contraposição às figuras que são produzidas em contexto de foco largo – ver Figuras de 5.8 a 5.16. Desse modo, além dos PAs produzidos de modo enfático associados a alguma PW de PWG ramificado, a compressão tonal antes e pós-foco parece ter um significado linguístico para a marcação de foco contrastivo nas variedades de PB analisadas.

Os resultados para a compressão tonal são apresentados nas Tabelas 5.32, quando o foco é eliciado em PW1, e 5.33, quando o foco é eliciado em PW2/PWG.

**Tabela 5.32 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW1**

Variedade/ Eliciação em PW1	PR (N = 128)			MG (N = 174)		
	Ênfase	Foco	p-valor	Ênfase	Foco	p-valor
Só direita	7% (9)	17% (22)	=0,02151	2,5% (4)	0% (0)	=0,1314
Só esquerda	2,5% (3)	7% (9)	=0,1393	1% (2)	8,5% (15)	=0,002843
Direita e Esquerda	12,5% (16)	51,5% (66)	=5,256e-11	8,5% (15)	52% (91)	<2,2e-16
Não há compressão	0% (0)	2,5% (3)	=0,2454	8,5% (15)	19% (32)	=0,01209
p-valor	<2,2e-16			<2,2e-16		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

A linha denominada p-valor na Tabela 5.32 mostra que, tanto no PR quanto em MG, o valor de p é menor do que o valor de significância (0,000893), rejeitando a hipótese  $H_0$  de que são iguais as proporções para a compressão tonal nas duas variedades.

Quando comparamos cada tipo de compressão em cada variedade, como mostrado nas colunas da Tabela 5.32, diferenciando se foi ênfase inicial em PW ou acento de foco, notamos que somente quando a compressão é à direita e à esquerda os resultados são menores que o valor de significância, rejeitando também a hipótese  $H_0$ , enquanto nos demais casos, os valores de p são maiores que o valor de significância, aceitando  $H_0$  já que são estatisticamente iguais. Nesse caso pode se interpretar que a compressão tonal antes e após o elemento focalizado é significativa.

Se compararmos, entretanto, os valores obtidos para a compressão à direita (p1), não diferenciando o que é ênfase do que é foco e se há compressão à esquerda em contraposição aos valores obtidos para quando não há compressão à direita (p2), incluindo as linhas ‘não há compressão’ e ‘só à esquerda’, obtemos o seguinte resultado: para o PR, para os valores para p1 (113) e p2 (15), obtemos o resultado para p de  $<2,2e-16$  que é menor do que o valor de significância, rejeitando a hipótese  $H_0$ ; para MG, os valores para p1 (110) e p2 (64) dão o resultado para p de  $=1,404e-06$  que também é menor do que o valor de significância. Nos dois casos, o teste de hipótese mostra que a ocorrência da compressão tonal após o elemento enfatizado é estatisticamente maior do que sua não ocorrência quando a sentença é produzida em contexto de foco contrastivo com alguma marcação enfática, seja acento enfático inicial de PW ou acento de foco fonológico nas duas variedades do PB analisadas.

Para conferirmos se há diferença significativa entre as variedades, submetemos os resultados obtidos para a condição ‘compressão tonal à direita’, independentemente de ela ter sido à esquerda também e se é diferenciada entre acento enfático ou acento de foco, para as duas variedades, considerando os valores p1 (113) para o PR e p2 (110) para MG. O resultado para p é de  $<2,2e-16$  que é menor do que o valor de significância, já que os valores não são iguais. Isso quer dizer que a variedade do PR produz mais compressão tonal à direita do que a variedade de MG, contudo, não invalida a análise de que os PAs

associados ao contexto de foco contrastivo são acompanhados de compressão tonal à direita no PB.

Passamos agora a analisar os resultados para a compressão tonal quando o foco foi eliciado em PW2/PWG.

**Tabela 5.33 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW2/PWG**

Variedade/ Eliciação em PW1	PR (N = 57)			MG (N = 166)		
	Ênfase	Foco	p-valor	Ênfase	Foco	p-valor
Só direita	3,5% (2)	21% (12)	=0,010122	0% (0)	0% (0)	=NA <sup>82</sup>
Só esquerda	0% (0)	3,5% (2)	=0,04756	1% (2)	15% (25)	=9,993e-06
Direita e Esquerda	11% (6)	59,5% (34)	=1,166e-07	6% (10)	55% (91)	<2,2e-16
Não há compressão	0% (0)	1,5% (1)	=1	3% (5)	20% (33)	=3,249e-06
p-valor	<2,2e-16			<2,2e-16		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

A linha denominada p-valor na Tabela 5.33 mostra que, tanto no PR quanto em MG, o valor de p é menor do que o valor de significância (0,000893), rejeitando a hipótese  $H_0$  de que as proporções obtidas são todas iguais, assim como já mostrado para os resultados obtidos para os casos em que o foco foi eliciado em PW1.

Contudo, se comparamos cada tipo de compressão em cada variedade, como mostram as colunas, diferenciando se foi ênfase inicial em PW ou acento de foco, notamos um quadro um pouco mais complexo do que aquele mostrado pela Tabela 5.32. No caso do PR, somente quando a compressão é à direita e à esquerda, o resultado é menor do que o valor de significância (0,004166), rejeitando também a hipótese  $H_0$  que prediz que as proporções são iguais estatisticamente. Nesse caso, podemos interpretar que a compressão

<sup>82</sup> O resultado apresentado como NA significa não aleatório, podendo ser considerado igual a 1.

tonal é significativa para o PR tanto antes quanto após o elemento focalizado quando o foco é eliciado em PW2/ PWG.

Nos demais casos, os valores de p são maiores que o valor de significância, aceitando  $H_0$ , já que são estatisticamente iguais, ou seja, não há diferença estatística entre as proporções apresentadas em relação à compressão e à comparação entre PR e MG.

Por outro lado, em MG, somente o resultado para a compressão tonal à direita é maior do que o valor de significância, aceitando a hipótese  $H_0$ . Nos demais casos, os valores obtidos para p são menores que o valor de significância, e isso significa que não são iguais, já que os valores obtidos para a compressão após um acento de foco são maiores do que aqueles obtidos para um acento enfático.

Quando comparamos, entretanto, os valores obtidos para a compressão à direita (p1), não diferenciando o que é ênfase do que é foco e se há compressão à esquerda em contraposição aos valores obtidos para quando não há compressão à direita (p2), incluindo as linhas ‘não há compressão’ e ‘só à esquerda’, obtemos o seguinte resultado: para o PR, para os valores para p1 (54) e p2 (3), obtemos o resultado para p de  $<2,2e-16$ , que é menor do que o valor de significância, rejeitando a hipótese  $H_0$ ; para MG, os valores para p1 (101) e p2 (65) dão o resultado para p de  $=0,0001222$  que é maior do que o valor de significância. No caso do PR, o teste de hipótese mostra que a compressão tonal após o elemento enfatizado é estatisticamente maior do que quando não ocorre a compressão, enquanto em MG não há diferença significativa quando o foco é eliciado em PW2.

Quando conferimos se há diferença significativa entre as variedades, independentemente de a compressão ter sido à esquerda também e se é diferenciada entre acento enfático ou acento de foco, obtemos o seguinte resultado: considerando os valores p1 (54) para o PR e p2 (101) para MG, o resultado para p é de  $=3,677e-06$ , que é menor do que o valor de significância, já que os valores não são todos iguais. Isso quer dizer que a variedade do PR produz mais compressão tonal à direita do que a variedade de MG, contudo, não invalida a análise de que os PAs associados ao contexto de foco contrastivo são acompanhados de compressão tonal à direita no PB.

Se compararmos os valores para ‘compressão tonal à direita’, independentemente de ser ênfase ou foco ou de haver compressão também à esquerda

quando o foco é eliciado em PW1 e em PW2/PWG, obtemos o seguinte resultado: considerando os valores p1 (113/128), p2 (54/57), p3 (110/174) e p4 (101/166), o valor de p é  $=1,792e-10$ , menor do que o valor de significância, já que os valores não são proporcionalmente iguais, o que confirma uma variação entre os resultados entre as variedades, já que o PR produz mais compressão tonal do que MG.

No entanto, quando comparamos os resultados obtidos para a compressão tonal à direita para os dois tipos de eliciação de foco, os valores de p para cada variedade mostram que não há diferença significativa entre haver compressão tonal quando o foco é eliciado em PW1 ou em PW2. No caso do PR, comparando p1 (113/128) com p2 (54/57), o valor de p é  $=0,2716$ , maior do que o valor de significância, enquanto em MG um p1 (110/174) e um p2 (101/166) dão um valor de p de  $=0,7344$ , maior também que o valor de  $\alpha$ . O que esse teste mostra é que, independentemente da PW em que o foco foi eliciado, a probabilidade de o elemento focalizado ser seguido por compressão tonal é a mesma nas duas variedades.

Em termos gerais, o teste de hipótese confirma nossa previsão inicial de que a marcação de foco fonológico no PB não é feita apenas por PA e por uma extensão da gama de variação de  $F_0$  no elemento destacado enfaticamente, mas também pela compressão tonal após o elemento focalizado. Dependendo da variedade de PB, a compressão pode vir à esquerda também.

É interessante destacar que uma diferença entre as sentenças produzidas em contexto de foco largo, com presença de acento enfático, em relação às sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, com alguns dos tipos de marcação enfática apresentados acima, é justamente a compressão tonal após ou mesmo antes do elemento focalizado. No primeiro caso, não há compressão de  $F_0$  após o elemento destacado.

Outra diferença consiste nas posições inicial e final de I. No caso das sentenças produzidas em contexto de foco largo, o pico inicial de I é marcado por um movimento ascendente mais marcado do que em sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, em que a curva é mais comprimida e o movimento, mais sutil, justamente porque antecede o elemento focalizado, em que a gama de variação é estendida. Em relação ao pico final, o acento preferencial associado à última PW do último  $\phi$  de I em sentenças produzidas em

contexto de foco largo é H+L\*, enquanto nas sentenças em contexto de foco contrastivo o PA preferencial é apenas um tom baixo L\* com compressão de F<sub>0</sub>, seguido por L% que nem sempre é pronunciado, embora possa ocorrer H+L\* seguido de L% com uma curva aplanada.

Em resumo, as conclusões sobre os tipos de eventos tonais utilizados e as posições na PW para marcar foco contrastivo eliciado em PWG ramificado são: quando o foco é eliciado em PW1, pode ocorrer (i) acento enfático inicial de PW marcado por (L+)H na fronteira esquerda de PW1 (em palavras com mais de três sílabas pretônicas, como em *arquiteTONicaMENTe*); (ii) acento de foco L\*+H associado à sílaba acentuada de PW1 (essa marcação ocorre quando PW1 tem no máximo três sílabas, como em *LUso* e *gaLEgo*); (iii) acento de foco H\*(+L/!H) associado à sílaba tônica de PW1 (menos frequente); e (iv) acento de foco H+L\* associado à sílaba tônica de PW1 (pouco frequente) ou de PW2. Quando o foco é eliciado em PW2 ou PWG, observamos que há (i) acento enfático inicial de PW marcado por (L+)H na fronteira esquerda de PW2 (em palavras com mais de três sílabas pretônicas, como em *eLEtronegativiDAde*); (ii) acento de foco L\*+H associado à sílaba acentuada de PW1 (essa marcação ocorre quando PW1 tem no máximo três sílabas, como em *LUso* e *gaLEgo*); (iii) acento de foco H\*+L associado à sílaba tônica de PW1 ou de PW2 (menos frequente); e (iv) acento de foco H+L\* associado à sílaba tônica de PW2 (com gama de variação estendida na sílaba pretônica anterior à cabeça de PWG, como em *PORta-banDEIRas*).

Nos casos em que o elemento destacado é PW1, é importante destacar que não foi percebida alteração de proeminência, isto é, não houve um efeito de desacentuação de PW2. Em termos gerais, notou-se, além da preferência em destacar o elemento contrastado, uma clara preferência para uma marcação inicial de PWG (fronteira esquerda de PW1 ou na cabeça de PW1) em sentenças em contextos de foco contrastivo, mesmo quando foco é eliciado em PW2/PWG.

Retomando o que foi apresentado na seção 5.1 sobre a marcação de foco no português, o acento de foco fonológico, tanto no PE quanto no PB, tem sido descrito como H\*+L associado à cabeça do constituinte focalizado, seguido por compressão de F<sub>0</sub> e um efeito de desacentuação à direita, ou, no caso do PB, também foi encontrado L\*+H

associado à cabeça do constituinte focalizado, opcionalmente seguido por acento frasal (Lp) (FROTA, 1995, 2000; FERNANDES, 2007; FROTA ET AL., no prelo). Destacamos que não foi percebido acento frasal após o elemento focalizado.

Em relação ao domínio de marcação do foco, Frota (2000, 2002) e Fernandes (2007) mostram que o foco fonológico pode ser atribuído a PWs finais ou não finais dentro de  $\phi$ , tanto no PE quanto no PB, o que reforça a análise de que o domínio para a atribuição do foco no português é  $\phi$ . Por outro lado, Vigário (2010) afirma que, em palavras morfossintáticas com duas PWs, o foco é restrito à PW proeminente de PWG no PE.

Um dos nossos objetivos na presente seção era observar se essa restrição também era ativa no PB, além de observar se o domínio PW apresenta alguma relevância para esse tipo de marcação.

Os resultados das variedades de PB aqui analisadas mostram que há uma diversidade de possibilidades para destacar o elemento contrastado com algum tipo de marcação enfática, como as descritas no decorrer da presente seção. Esses resultados revelam que a restrição do PE não é válida para o PB e que a marcação de foco não é restrita também a PWG ou a  $\phi$ .

Em relação aos tipos de PAs produzidos em contexto de foco estreito de modo não neutro, nossos dados parecem ir ao encontro do que tem sido descrito pela literatura do PB no que se refere aos tipos de PAs associados ao elemento focalizado, por exemplo, L\*+H seguido por uma curva ascendente que pode ser marcada por um *downstep* ou por um tom baixo, H\*+L e H+L\*, já descritos por Fernandes (2007) e Truckenbrodt, Abaurre e Sandalo (2008). Uma diferença notada em nossos dados que não foi descrita na literatura é a atribuição de acento enfático inicial (L+)H nas sílabas pretônicas de PW e que é associado a uma das PWs que compõem PWG ramificado. Embora esse tipo de acento possa ocorrer em qualquer uma das duas PWs, ele ocorre preferencialmente sobre a PW em que o foco foi eliciado.

Em relação ao PA L\*+H, normalmente associado à PW1, ao contrário do que é descrito por Fernandes (2007), não parece ser seguido por um acento frasal, já que normalmente há um tom L\* associado à cabeça de PWG. Um acento semelhante L+H\* é encontrado no mesmo tipo de contexto de foco contrastivo em uma variedade do italiano,

napolitano e no catalão (cf. D'IMPERIO, 2002; GRICE ET AL., 2004; PRIETO, no prelo). Contudo, assim como notado pela autora, há um movimento descendente de  $F_0$  após o elemento focalizado. Apesar de não ter o mesmo comportamento que o PA descrito por Fernandes, é importante destacar que a autora trabalhou com contextos em que o foco estreito era informativo e sempre na posição de sujeito da sentença e não incluía palavras compostas como as por nós estudadas. É também necessário considerar em estudos futuros a possibilidade de estar ocorrendo uma variação dialetal, Fernandes estudou uma variedade de SP.

Em vista disso, podemos afirmar que o presente trabalho apresenta alguns avanços em torno das estratégias de marcação do foco contrastivo no PB, como, por exemplo, a associação de um acento enfático inicial a uma das PWs de PWG ramificado, assim como já descrito por Toneli, Vigário e Abaurre (2013, 2014). Esse tipo de marcação nos leva a concluir, com base nos dados de associação de acento enfático em sentenças produzidas em contexto de foco largo, que a ênfase pode pragmaticamente ressaltar PWG como um todo, independentemente de ela ocorrer em sílabas pretônicas<sup>83</sup>.

Quando  $L^*+H$  ocorre como acento enfático em contexto de foco amplo nas variedades de PB analisadas, consideramos que é usado pelas informantes para dar destaque a algo do discurso que julgam importante, mas que não tem relação com o contexto discursivo. Outro ponto interessante sobre esses dados é que o mesmo acento é utilizado como acento enfático e como acento de foco.

Quanto à associação de  $H+L^*$  à cabeça de PWG, uma questão levantada era se poderia ser uma antecipação do acento de foco  $H^*+L$ , ou mesmo uma questão de alinhamento do tom H, já que o movimento ascendente incidia sobre a cabeça de PWG, embora grande parte do tom H apareça associado à pretônica precedente, principalmente quando a cabeça de PWG coincidia com os sufixos *-zinho* e *-mente* e se ouve claramente uma ênfase associada a essa posição. Entretanto, como mencionado, esse tipo de acento é utilizado no PB para marcar foco. O fato de haver uma gama de variação de  $F_0$  estendida na sílaba pretônica seguida de compressão tonal à direita é uma forte evidência de que há

---

<sup>83</sup> Essa análise é também respaldada por um teste de julgamento feito com cinco informantes de PB. Todavia, destacamos a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre essa questão no futuro.

concomitância de uso desse acento em contextos discursivos diferentes nas variedades de PB analisadas.

Além disso, em nossa visão, a possibilidade de se atribuir qualquer um dos acentos aqui descritos às sílabas iniciais ou tônicas da PW cabeça de PWG ou da PW não cabeça é uma evidência de PWG, já que, quando o foco incidir sobre alguma PW de  $\phi$  ramificado com duas PWs, somente as sílabas tônicas da PW focalizada em contraste semântico podem receber acento de foco – ver seção 4.4 no capítulo 4. Embora nossos informantes tenham aceitado a possibilidade de haver marcação enfática nas sílabas pretônicas iniciais de PW para marcar contraste quando o foco incide em uma PW em  $\phi$  ramificado, a marcação é restrita à PW contrastada semanticamente, ao contrário do que ocorre nos nossos dados com PWG ramificado, como exemplificado novamente a seguir em 5.11 e em 5.12.

(5.11) **a. marcação de acento foco fonológico na sílaba tônica da cabeça de PWG<sup>84</sup>**

A: Os palhaços distribuía**m** balões às crianças?

B: (Não). Os palhaços distribuía**m** cata-**VEN**tos/ ?CA**T**a-ventos às crianças.

**b. marcação enfática contrastiva na sílaba tônica da PW não cabeça de PWG**

A: Os policiais encontraram afro-portugueses na Espanha?

B: (Não). Os policiais encontraram ga**LE**go-portugueses/ galego-portu**GUE**ses / galego-**PORT**ugueses na Espanha.

**c. marcação enfática contrastiva na(s) sílaba(s) iniciali(s) da PW não cabeça de PWG**

A: Os engenheiros projetaram cuidadosamente o condomínio?

B: (Não). Os engenheiros projetaram AR**Q**uitetonicamente/ ar**Q**uitetonicamente/ arquite**T**onicamente/ arquite**TON**icamente/ arquite**TON**icamente**MEN**te o condomínio.

**d. marcação enfática contrastiva na(s) sílaba(s) iniciali(s) da PW cabeça de PWG**

A: Os átomos ganham eletropositividade nas ligações químicas?

B: (Não). Os átomos ganham eletro**NE**gatividade/ eletrone**G**atividade/ e**LE**tronegatividade/ eletronegati**VI**DAde nas ligações químicas.

(5.12) 1. A: Os palhaços distribuía**m** pirulitos azuis às crianças?

B: (Não). Os palhaços distribuía**m** pirulitos ama**RE**los/ pirulitos Amarelos/ \*piru**L**itos amarelos/ \*PIrulitos amarelos às crianças.

---

<sup>84</sup> A caixa alta indica a posição em que se ocorre a atribuição de algum acento de foco no PB.

2. A: Os palhaços distribuíam pirulitos amarelos às crianças?

B: (Não). Os palhaços distribuíam \*refrigerantes amaRElos/ refrigeRANtes amaRElos/ \*refrigerantes Amarelos/ REfrigerantes amarelos às crianças.

Em relação à compressão da gama de variação de  $F_0$  antes e depois do elemento em contraste, tanto nos casos de acento enfático quanto nos casos de acento de foco, vemos que desempenha um papel crucial para marcar contraste no PB, assim como ocorre no Romeno, descrito por Manolescu, Olson e Ortega-Llebaria (2009), e em outras línguas, como já apontado no início da presente seção, o que corrobora a relevância desse fenômeno para a marcação de foco no PB.

Uma diferença clara entre as sentenças produzidas em contexto de foco estreito e em contexto de foco largo, em que há marcação de acento enfático nas sílabas iniciais de PW ou na sílaba tônica, é que, no segundo caso, não há compressão tonal após o elemento enfatizado.

Destacamos, sobretudo, a importância de um estudo futuro sobre os correlatos acústicos da ênfase em PB, principalmente para ajudar a diferenciar um  $L^*+H$  enfático de um não enfático, por exemplo, e também de uma ampliação dos estudos sobre a marcação de foco contrastivo em comparação com o foco corretivo e informacional, para que tenhamos evidências sólidas das estratégias de marcação de foco prosódico (tipos de PAs e posições em que ocorrem em PW, PWG e  $\phi$ ) em sentenças com palavras simples e compostas.

Um último ponto a ser levantado a partir desses dados é com relação ao domínio mínimo para a atribuição de acento de foco fonológico. Embora Gonçalves (1997) afirme que o domínio de atribuição de foco no PB é  $\phi$ , os dados aqui analisados mostram que na variedade de PB analisada a atribuição de foco no PB parece não ter domínio exclusivo de aplicação, já que se aplica em  $\phi$ , em PWG, em PW e em  $\sigma$ .

Apesar das evidências de que a estrutura de PWG é considerada relevante, nossos dados mostram que a marcação enfática pode incidir sobre qualquer uma das PWs que compõem PWG sem prejuízo de sentido, enquanto o mesmo não é possível quando há um  $\phi$  formado por duas PWs e o foco é eliciado em apenas uma delas – ver discussão no capítulo 4, seção 4.4.

É importante destacar que nossa pesquisa avança em vários aspectos em relação aos estudos feitos sobre a marcação de foco no PB por: (i) estudar a marcação prosódica de foco contrastivo em palavras compostas; (ii) mostrar como se implementa a marcação enfática em contextos de contraste semântico no PB em duas variedades ainda não estudadas, PR e MG; (iii) apontar outros tipos de eventos tonais diferentes dos já descritos na literatura, como o (L+)H associado às sílabas pretônicas iniciais; (iv) mostrar que a marcação enfática pode estar associada não só às posições tônicas, mas também às posições pretônicas de PW; e (v) mostrar que a compressão de  $F_0$  após o elemento focalizado é uma informação importante para definirmos a marcação prosódica de foco no PB, além da presença de um acento tonal.

O fato de nossa pesquisa incluir contextos com foco estreito contrastivo em palavras morfológicamente compostas pode representar outra contribuição para a descrição do inventário entoacional para a marcação de foco no PB.

Mesmo com todas os avanços que nosso trabalho traz aos estudos sobre a estrutura segmental, entoacional e prosódica do PB, destacamos a necessidade de aprofundar, em estudos futuros, uma pesquisa sobre o inventário tonal em contextos de foco estreito informacional, corretivo e contrastivo em mais variedades do PB e também com um número diversificado de estruturas morfológicas.

Em suma, o que podemos concluir diante da análise dos dados aqui apresentados é que: (i) o acento de foco fonológico pode ter mais de duas realizações fonéticas e pode ser associado a diferentes posições em PWG; (ii) a atribuição de acento de foco e de acento enfático em PWG ramificado é evidência desse domínio no PB; (iii) a compressão tonal, antes ou após o elemento focalizado, é uma característica da marcação de foco no PB, além da ocorrência de PAs; e (iv) o acento enfático parece ter PWG como o domínio de aplicação e tem a forma de um evento bitonal (L+)H associado às sílabas iniciais de PW.

### 5.3.2.2.2 Descrição e discussão dos resultados para as declarativas em contexto de focalização em PE

Nesta seção, apresentamos os resultados para as sentenças declarativas de PE em contexto de foco contrastivo. Como nosso intuito é comparar as sentenças produzidas em PE com as produzidas em PB, também analisaremos para a variedade lusitana: (i) as estratégias de fraseamento em Is; (ii) a marcação prosódica neutra e não neutra (foco); (iii) o tipo de evento tonal não neutro e a posição em que ocorre (início ou sílaba tônica de PW); e (iv) a presença de compressão tonal antes e/ou após o elemento focalizado.

No total, foram analisadas 288 sentenças, que foram obtidas a partir da gravação de dois grupos A e B com três informantes cada, utilizando a metodologia já apresentado na seção 5.2 do presente capítulo. Na Tabela 5.34, somente incluímos as sentenças que foram consideradas boas produções e que foram produzidas em um único I ou em dois Is, em um total de 264 sentenças.

**Tabela 5.34 – Estratégias de fraseamento em PE**

Variedades/ Estratégias	PE
Único I	75% (197)
I + I	25% (67)
p-valor	<2,2e-16

Fonte: Elaborada pela própria autora.

A partir da análise inicial dos dados, notamos que a estratégia preferencial de fraseamento para o PE é a produção da sentença em um único I em termos de porcentagem, análise também confirmada pelo teste de hipótese, já que o valor apresentado na linha denominada p-valor é menor do que o valor de referência (0,05). Nesse caso, a hipótese  $H_0$  é rejeitada já que as proporções para as estratégias de fraseamento não são iguais, o que

confirma nossa interpretação para a proporção de fraseamento em um único I ser a preferencial pelas informantes.

Das 67 sentenças produzidas em dois Is, foi realizada uma fronteira logo após o verbo em 64 delas e em apenas três sentenças houve uma fronteira após a palavra composta.

A hipótese para o fraseamento em dois Is antes da palavra composta é a mesma levantada para os dados de PB, em relação ao tamanho e talvez uma menor familiaridade com as palavras compostas selecionadas, já que o referido *corpus* foi elaborado primeiramente para PB e posteriormente adaptado ao PE. Nossa hipótese mais forte continua a ser de que há a necessidade de preparação para ressaltar a informação mais importante da sentença, no caso, a palavra composta, sendo então a fronteira de I inserida como uma estratégia de preparação para estender a gama de variação de  $F_0$ .

Contudo, nem todas essas sentenças foram produzidas com algum tipo de marcação enfática. Para darmos sequência à análise dos tipos de PAs associados aos elementos em que o foco foi eliciado, descrevemos na Tabela 5.35 os resultados obtidos para o modo de produção das sentenças: modo neutro e modo não neutro. É importante ressaltar que os resultados da Tabela 5.35 incluem sentenças produzidas em um ou dois Is.

**Tabela 5.35 – Marcações neutras x não neutras em PE**

Variedade/modo de produção	PE
Neutro	48% (126)
Não neutro	52% (138)
p-valor	=0,3384

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Como pode ser observado na Tabela 5.35, há um grande número de sentenças produzidas de modo neutro. É importante destacar que as informantes de PE tiveram dificuldade em utilizar marcações enfáticas para destacar o elemento focalizado, e isso pode ser devido ao fato de a tarefa proposta pelo experimento limitá-las a utilizar a

estratégia prosódica para marcação de foco. Aplicando um teste de hipótese para analisar a significância dessas porcentagens, notamos que o valor obtido e apresentado na linha denominada p-valor é maior do que o nível de significância (0,05), então a hipótese  $H_0$  deve ser aceita. Isso significa que as proporções para as marcações neutras e não neutras são estatisticamente iguais. Em outras palavras, o teste de hipótese mostra que não há diferença significativa entre as proporções apresentadas na Tabela 5.35, o que nos leva a indagar se a estratégia prosódica seria a preferencial para a marcação de foco no PE. Fernandes (2007) mostra que a marcação prosódica não é a preferencial para foco informacional em sujeito no PE. Contudo, esta é uma questão que fica aberta para estudos futuros.

Analisando apenas as sentenças em que houve algum tipo de marcação não neutra, apresentamos a seguir os resultados obtidos para as marcações prosódicas consideradas enfáticas, quando o contraste semântico é eliciado em PW1 ou em PW2/PWG.

Primeiramente, na Tabela 5.36, são apresentados os resultados para as sentenças em que o foco foi eliciado em PW1. Em relação aos tipos de PAs encontrados para o PB, no PE foram encontrados um acento enfático  $L^*+H$  associado à sílaba tônica de PW1, um acento enfático H associado às sílabas pretônicas de PW e um acento de foco  $H^*+L$  que apareceu associado tanto à PW1 quanto à PW2. É importante destacar que como não tem sido descrito para a variedade falada de Lisboa um outro tipo de acento tonal para marcar foco além de  $H^*+L$ , caracterizamos a marcação enfática  $L^*+H$  como um acento enfático.

**Tabela 5.36 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW1**

Prosódia não neutra (N=74)	PW1	PW2/PWG
Acento enfático H - Fronteira esquerda de PW	3% (2)	0% (0)
Acento enfático L*+H - Cabeça de PW	27% (20)	0% (0)
Acento de foco H*+L - Cabeça de PW	21,5% (16)	48,5% (36)
p-valor	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Analisando apenas a porcentagem apresentada na Tabela 5.36, podemos afirmar uma preferência das informantes em ressaltar PW2, mesmo quando o foco era eliciado em PW1. No entanto, pode-se notar que há outras marcações associadas a PW1, como exemplo, acento enfático H associado às pretônicas de PW e acento enfático L\*+H associado à sílaba tônica de PW.

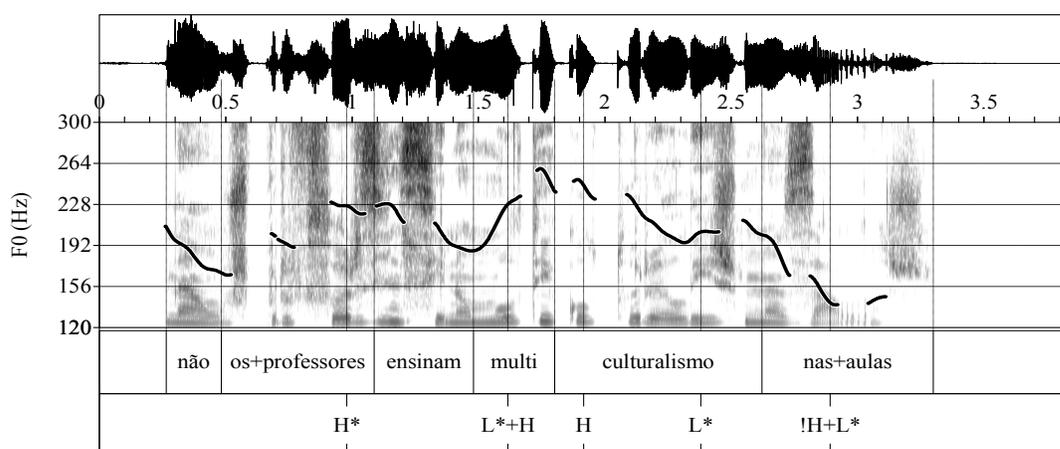
Para comparar as proporções obtidas, os resultados foram submetidos a um teste de hipótese de proporções múltiplas que analisa um arranjo de 6 – 2 a 2, e, para isso, foi necessário ajustar o valor de significância ( $\alpha = 0,001666$ ). O resultado obtido e apresentado na linha denominada p-valor foi menor do que o valor de significância, e isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser rejeitada, já que as proporções não são todas iguais.

Se testarmos o número total de marcações em PW1 (n=36), sem diferenciar os acentos enfáticos do acento de foco, em comparação com as marcações em PW2 (n=36), o valor obtido é de **0,8694** que é maior do que o valor de significância. Isso significa que a hipótese  $H_0$  deve ser aceita já que as proporções são iguais, ou seja, não há diferença significativa entre ocorrer marcação enfática em PW1 e PW2 quando o foco é eliciado em PW1.

No entanto, se testarmos a significância do número de ocorrências de H\*+L associado à PW1 (16) e à PW2 (36) quando o foco é eliciado em PW1, o valor de p é

=0,00107, menor do que o valor de significância, então, rejeita-se  $H_0$ , já que a probabilidade de ocorrer um acento de foco  $H^*+L$  associado à cabeça de PWG é significativamente maior do que associado à PW1.

A seguir, exemplificamos com Figuras 5.22 e 5.23 os tipos de acentos e as posições de marcações que ocorreram em PE quando o contraste semântico incidia sobre PW1. Na Figura 5.22, há a associação de um acento enfático  $L^*+H$  associado à cabeça de PW1 quando o foco foi eliciado em PW1.

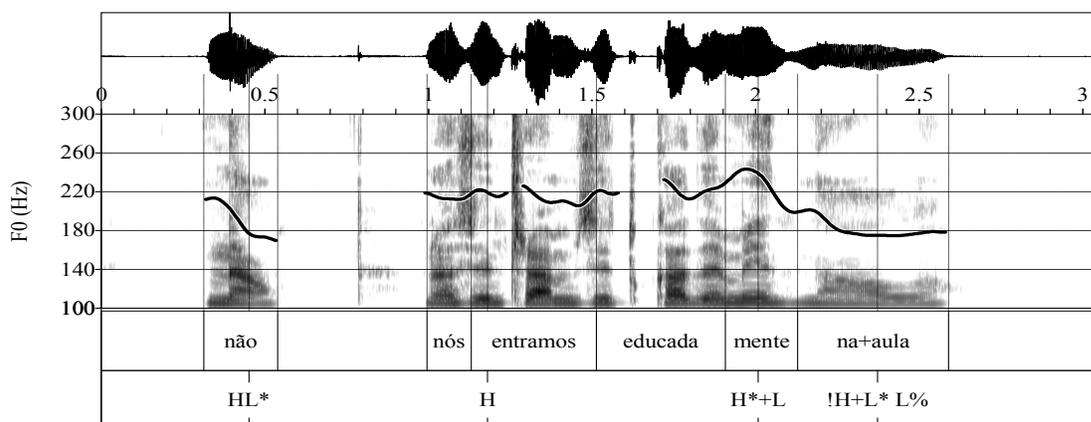


**Figura 5.22 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *MULTiculturalISmo*, com PAs associados às sílabas tônicas de PW1 e de PW2 e acento enfático  $L^*+H$  associado à sílaba tônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante AR do PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Entretanto, mesmo que o foco incidisse sobre PW1, houve a marcação de acento de foco fonológico  $H^*+L$  associado à cabeça de PWG – ver Figura 5.23.

No geral, quando o foco foi eliciado em PW1, o elemento focalizado era seguido por compressão tonal ou um efeito *downstep*.



**Figura 5.23 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *eduCadaMEnte*, com acento de foco H\*+L associado à sílaba tônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PW1, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante FI em PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Seguindo na apresentação dos resultados para o PE, na Tabela 5.37 são apresentados os resultados obtidos para as sentenças em que o foco incidia sobre PW2 ou sobre PWG como um todo.

**Tabela 5.37 – Prosódia não neutra na realização de PWG em contexto em que o foco é eliciado em PW2/PWG**

Prosódia não neutra (N=64)	PW1	PW2/PWG
Acento enfático Fronteira esquerda de PW – H	0% (0)	3% (2)
Acento enfático Cabeça de PW – L*+H	23% (15)	0% (0)
Acento de foco Cabeça de PW – H*+L	5% (3)	69% (44)
p-valor	<2,2e-16	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Nos contextos em que o foco era eliciado em PW2/PWG, em termos de porcentagem, foi observada uma preferência pela atribuição de acento de foco fonológico associado à cabeça de PWG, embora tenha ocorrido também a marcação de acento enfático L\*+H e acento de foco H\*+L associado à sílaba tônica da PW não cabeça de PWG.

Primeiramente, para validarmos as proporções encontradas para os tipos de acentos e posições, aplicamos um teste de hipótese de proporções múltiplas sobre as proporções encontradas, e o valor de p encontrado, apresentado na linha denominada p-valor, foi menor do que o valor de significância estabelecido (0,001666). Nesse caso, o teste nos mostra que as proporções encontradas não são iguais.

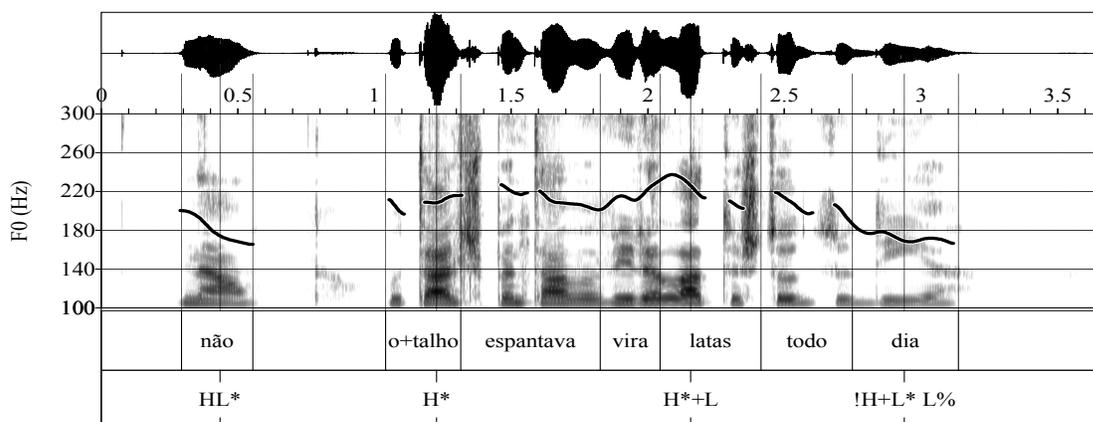
Seguindo o mesmo tipo de comparação feita para quando o foco era eliciado em PW1, passamos a comparar o número de marcações não neutras, sem diferenciar o que é acento enfático do que é acento de foco, associadas à PW1 (18) em contraposição às associadas à PW2 (46). O resultado obtido para p é de  $=1,815e-06$ , que é menor do que o valor de significância. Nesse caso, o teste, ao rejeitar  $H_0$  e aceitar  $H_1$ , mostra-nos que o número de PAs associados à PW2/PWG é significativamente maior do que em PW1 quando o foco é eliciado em PW2/PWG.

Se testarmos o número de ocorrências de acento de foco  $H^*+L$  associado à PW1 (3) em oposição ao número associado à PW2/PWG (44), o valor de p é  $=2,225e-13$ , que é menor do que o valor de significância. Isso mostra que a probabilidade de ocorrer um PA  $H^*+L$  associado à cabeça de PWG é estatisticamente maior do que ocorrer associado à PW1.

As figuras a seguir exemplificam os tipos e posições de acentos não neutros quando o foco foi eliciado em PW2/PWG.

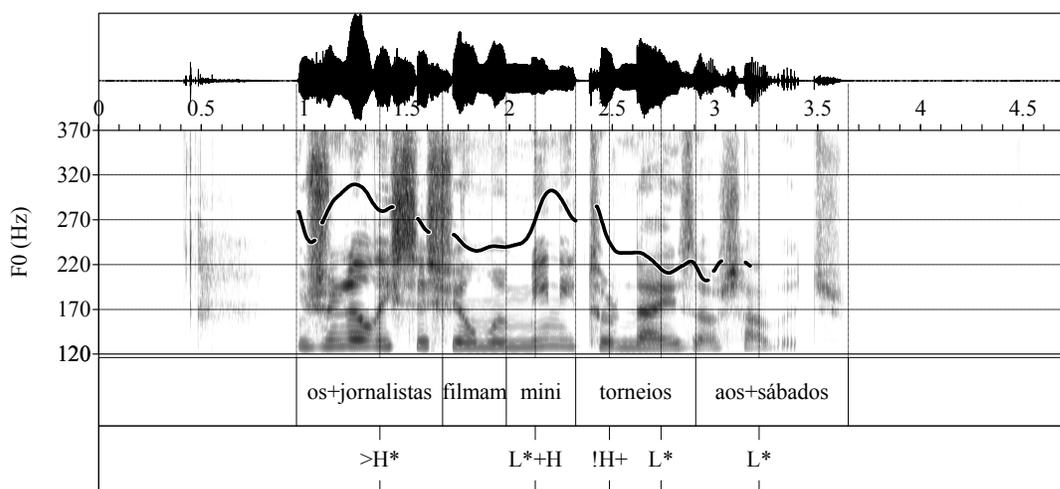
A Figura 5.24 apresenta um exemplo em que o acento de foco  $H^*+L$  foi associado à cabeça de PWG quando o foco foi eliciado em todo o composto. Nesse exemplo pode ser observado o efeito *downstep* após o elemento focalizado.

Já na Figura 5.25 há a associação de acento enfático  $L^*+H$  associado à PW1 quando o foco foi eliciado em PW2. Nesse exemplo também é notado o efeito *downstep* após o elemento focalizado.



**Figura 5.24 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *Vira-Latas*, com acento de foco H\*+L associado à sílaba tônica de PW2, quando o foco foi eliciado em PWG, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante FI em PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.



**Figura 5.25 – Sentença declarativa que inclui um PWG ramificado, *MinitorNEIos*, com acento enfático L\*+H associado à sílaba tônica de PW1, quando o foco foi eliciado em PWG, produzida em contexto de foco estreito contrastivo pela informante AR em PE**

Fonte: Elaborada pela própria autora diante da inserção de dados no programa Praat, versão 5.3.63.

Como nosso intuito é comparar os resultados de PB com os de PE, apresentamos uma análise da compressão tonal após o elemento focalizado, já que o evento

tonal inicial de I no PE é H\* e inserimos nas tabelas mais uma condição, que é o efeito *downstep* após o elemento focalizado, já que este efeito parece ser relevante no PE.

A Tabela 5.38 apresenta os resultados obtidos para tais condições quando o foco foi eliciado em PW1.

**Tabela 5.38 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW1**

Variedade/ Eliciação em PW1	PR (N = 74)		
	Ênfase	Foco	p-valor
Só direita	15% (11)	43% (32)	=0,004726
<i>Downstep</i> (!H)	7% (5)	19% (14)	=0,04732
Não há compressão	8% (6)	8% (6)	=1
p-valor	=8,198e-10		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Quando aplicamos um teste de hipótese de proporções múltiplas, considerando um arranjo de 6 – 2 a 2 e mantendo o valor de significância de 0,001666, o resultado para p apresentado na linha denominada p-valor é menor do que o valor de significância, já que as proporções não são todas iguais. Destacamos uma prevalência de compressão tonal à direita quando ocorria acento de foco H\*+L associado à PW2 nessa condição em termos de porcentagem.

Em relação à comparação de cada condição quando ocorre junto a um acento enfático ou a um acento de foco, todos os resultados obtidos para p são maiores do que o valor de significância, e isso significa que não há diferença significativa entre ter compressão tonal, efeito *downstep* ou não ter nada após o acento enfático ou um acento de foco.

Entretanto, se compararmos a probabilidade de haver um efeito de compressão de F<sub>0</sub> após o elemento focalizado (62 ocorrências), seja ele marcado por acento enfático ou acento de foco, em relação à probabilidade de não ocorrer esse efeito (12), quando o foco é

eliciado em PW1, o valor obtido para p é =7,912e-16, menor do que o valor de significância. Isso significa que o efeito de compressão após o elemento focalizado é estatisticamente significativo para o PE também.

Na Tabela 5.39, apresentamos os resultados obtidos para quando o foco foi eliciado em PW2/PWG para as mesmas condições.

**Tabela 5.39 – Compressão tonal quando o foco é eliciado em PW2/PWG**

Variedade/ Eliciação em PW1	PR (N = 64)		
	Ênfase	Foco	p-valor
Só direita	11% (7)	44% (28)	=7,307e-05
<i>Downstep</i> (!H)	5% (3)	23% (15)	=0,005161
Não há compressão	11% (7)	6% (4)	=0,5282
p-valor	=3,002e-11		

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Quando comparamos as proporções encontradas para as condições analisadas quando o foco foi eliciado em PW2/PWG, o valor de p, apresentado na linha denominada p-valor, é menor do que o valor de significância, já que as proporções não são iguais.

Já quando comparamos cada condição em termos de acento enfático *versus* acento de foco (teste de hipótese de duas proporções), observamos que, quando há compressão após o elemento focalizado (só à direita ou *downstep*), o valor de p é menor do que o valor de significância, já que o número de ocorrências em que há compressão após o acento de foco é maior estatisticamente do que quando ocorre acento enfático. Quando não há compressão, o valor de p é maior do que o valor de significância, o que significa que as proporções são estatisticamente iguais, não havendo diferença significativa entre elas.

No entanto, se compararmos a probabilidade de haver um efeito de compressão de F<sub>0</sub> após o elemento focalizado (53), seja ele marcado por acento enfático ou acento de foco, em relação à probabilidade de não ocorrer esse efeito (11), quando o foco é eliciado

em PW2/PWG, o valor obtido para  $p$  é  $=4,235e-13$ , menor do que o valor de significância. Isso significa que esse efeito após o elemento focalizado é estatisticamente significativo nesse caso também para o PE, ou seja, além de ocorrer acento de foco, haverá o efeito de compressão tonal após o elemento em destaque.

Em termos gerais, assim como ocorre no PB, com base nos dados analisados para o PE, os resultados mostram que, além do foco contrastivo ser marcado pela atribuição de acento tonal  $H^*+L$ , o fenômeno de compressão de  $F_0$  é relevante para a variedade europeia, independentemente de haver acento enfático  $L^*+H$  ou acento de foco  $H^*+L$ .

Em suma, os resultados observados para a marcação não neutra em contextos de focalização contrastiva no PE corroboram as análises apresentadas anteriormente por Frota (2000, 2009) e Frota et al. (no prelo) de que, em contexto de foco estreito, há a associação de acento tonal  $H^*+L$  à sílaba tônica do elemento focalizado.

Sobretudo, o presente estudo apresenta uma contribuição em relação à atribuição de marcações prosódicas não neutras para o foco estreito no PE, que é a identificação do acento enfático  $L^*+H$ , acento também encontrado no PB.

Em relação ao fato de haver marcação não neutra em PW1, mesmo quando o elemento focalizado incide sobre PW2/PWG, é uma questão controversa e que permanece aberta à discussão, uma vez que estas possibilidades ferem a restrição apresentada por Vigário (2007, 2010) de que o acento de foco no PE é restrito à cabeça de PWG, embora, assim como propomos para o PB, essa possibilidade de marcação só seja possível porque toma PWG como domínio de aplicação, mostrando sua relevância no português. Outro ponto que deve ser destacado em relação a essa questão é que o PE tem o uso esperado do acento de foco  $H^*+L$  sobre a cabeça de PWG, tal como afirmado por Vigário (2003, 2007, 2010), corroborando as afirmações anteriores de que o PE tem um acento específico para foco.

#### **5.4 Comparação da estrutura entoacional no PB e no PE**

Nesta seção, apresentamos a comparação da estrutura entoacional em relação à estrutura prosódica entre as variedades de PB e PE para as sentenças obtidas em contexto

de foco largo – sentenças declarativas neutras (ver 5.3.2.1) – e para as sentenças obtidas em contexto de foco estreito contrastivo – sentenças declarativas com foco contrastivo (ver 5.3.2.2). A seção 5.4.1 apresenta a comparação para as sentenças produzidas em contexto de foco largo, e a seção 5.4.2 apresenta a comparação para as sentenças produzidas em contexto de foco estreito contrastivo.

#### **5.4.1 As sentenças declarativas neutras em PB e PE**

A análise dos dados apresentada na seção 5.3.2.1 mostra tanto diferenças quanto semelhanças entre PB e PE.

A principal semelhança é o acento nuclear de declarativa neutra H+L\* seguido opcionalmente por L%, pois esse acento tonal marca o tipo frásico declarativo no português quando há material segmental. Nos dados analisados para PB e PE, o fato de a sentença conter tanto PWG ramificado quanto PWG não ramificado não influencia a atribuição de acento nuclear na sentença declarativa neutra, tampouco influencia a configuração desse PA.

Por outro lado, em relação ao pico inicial, é notada uma diferença entre as variedades, já que o PB mostra uma preferência por um evento bitonal ascendente, marcado predominantemente pelo PA L\*+H associado à primeira PW de I, enquanto o PE apresenta uma predominância de um evento tonal simples alto, marcado predominantemente pelo PA H\*, também associado à primeira PW de I.

Esses resultados para os picos inicial e final não trazem novidade ao padrão já descrito na literatura para PB e PE, apenas confirmam o que pesquisas anteriores haviam apontado, como descrito na seção 5.1.

Em relação à distribuição interna em I, na Tabela 5.40 são apresentados os resultados para a densidade tonal em PB e PE para as sentenças com PWG ramificado e não ramificado. Para o cálculo da densidade tonal das declarativas neutras, foram excluídos os PAs associados ao início e fim de I, ou seja, são calculados apenas os PAs associados às PWs internas a I que não fazem parte dos  $\phi$ s iniciais e finais. Aqui incluímos também os

acentos inicial de PW e enfático, este último quando não associado a alguma sílaba tônica. Quanto ao PB, fizemos uma média dos valores obtidos para as duas variedades analisadas.

**Tabela 5.40 – Densidade tonal nas sentenças com PWG ramificado e PWG não ramificado em PB e PE**

Tipo de PWG na sentença/variedades	PB	PE	p-valor
PWG ramificado	96% (886/924)	50% (187/372)	<2,2e-16
PWG não ramificado	91% (413/452)	15% (26/172)	<2,2e-16
p-valor	=0,0009736	=1,198e-14	

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Para analisar se há diferença entre os tipos de sentenças e entre PB e PE, submetemos os resultados obtidos para a densidade tonal ao teste de hipóteses de duas proporções. Entretanto, embora os dois tipos de sentenças pareçam ser iguais em termos de porcentagem, o resultado do teste de hipótese apresentado na linha p-valor para o PB mostra que o valor de p é menor do que o nível de significância (0,05) considerado, e isso quer dizer que as proporções não são iguais. Ou seja, a probabilidade de sentenças que incluem PWG ramificado receber mais eventos tonais é estatisticamente maior do que as sentenças que incluem PWG não ramificado. Em relação ao PE, a mesma interpretação pode ser feita.

Quando comparamos as variedades para cada tipo de sentença, o teste de hipótese de duas proporções corrobora o que tem sido afirmado na literatura de que o PE é uma variedade mais escassa tonalmente enquanto o PB apresenta maior densidade. Os valores de p apresentados na coluna p-valor para os dois tipos de sentença são menores do que o nível de significância (0,05), já que a probabilidade de a regra de distribuição tonal atribuir uma PA por cada PW no PB é maior do que no PE.

Esses resultados também mostram que, ao contrário do PB, que tem associação obrigatória de PA à cabeça de  $\phi$  interno em I, no PE essa associação é opcional, independentemente de a cabeça de  $\phi$  incluir um PWG ramificado. Essa opcionalidade é

comprovada a partir dos resultados obtidos para as sentenças declarativas neutras que incluem PWG não ramificado como complemento verbal, já que a distribuição tonal nesse segundo caso atribui PA obrigatoriamente apenas às cabeças dos  $\phi$ s inicial e final de I.

Essa opcionalidade de ocorrer PAs associados aos  $\phi$ s internos de I atesta a hipótese levantada sobre o PE de que fatores externos à estrutura prosódica favorecem a distribuição densa de PAs nas declarativas neutras com PWG ramificado e não invalida propostas anteriores de que o domínio relevante para a distribuição tonal no PE é I e não um domínio mais baixo.

Por outro lado, como já mostrado na seção 5.3.2.1.1, no PB o domínio relevante para a distribuição tonal é PW, o que justifica a variedade brasileira ser mais rica em termos de eventos tonais. Contudo, a questão de haver ou não reestruturação de verbo e complemento em um único  $\phi$  não é clara e não invalida nossa análise, como argumentado anteriormente.

Em síntese, nossos resultados, além de confirmarem o que tem sido descrito sobre a distribuição tonal em sentenças declarativas neutras no PB e no PE, avançam ao trazer evidências de qual é o domínio relevante para a distribuição tonal no PB, no caso, PW, e ao apontar que, apesar de ter I como domínio relevante no PE, fatores externos à estrutura prosódica influenciam a regra de distribuição tonal no PE, aumentando a probabilidade de ocorrer PAs associados às PWs internas de I.

#### **5.4.2 As sentenças focalizadas em PB e PE**

Com base nos resultados apresentados na seção 5.3.2.2 para PB e PE, respectivamente, no que se refere às sentenças produzidas em contexto de foco contrastivo, tecemos algumas semelhanças e diferenças entre as duas variedades de português, com destaque para a relação entre estrutura entoacional e prosódica.

Em relação às estratégias de fraseamento utilizadas nas sentenças produzidas em contexto de focalização, notamos que tanto PB quanto PE utilizam as mesmas estratégias, sendo preferencial o fraseamento em um único I.

Também é apresentada a hipótese de que o fraseamento em dois Is antes de PWG ramificado que terá um de seus elementos focalizado é uma estratégia utilizada nas duas variedades. Essa hipótese, embora pareça especulativa, é corroborada pelo fato de haver um baixo fraseamento em dois Is em comparação a sentenças com PWG não ramificado na mesma posição. Contudo, não podemos ignorar também que essa fronteira pode ser motivada pelo estranhamento em relação às palavras compostas que compõem o *corpus*, hipótese que precisaria ser mais bem investigada em trabalho futuros com testes de frequência de uso.

Quanto às sentenças produzidas com algum tipo de marcação não neutra, os resultados apresentados na seção 5.3.2 mostram mais de um tipo de acento para destacar o elemento focalizado, tanto em PB quanto em PE, embora um deles tenha sido mais privilegiado em uma variedade do que em outra. Dentre os tipos de acentos utilizados nas duas variedades, PB e PE, foram produzidos: (i) um acento enfático inicial de PW (L+)H associado às sílabas pretônicas iniciais de PW e (ii) um acento de foco H\*+L, produzido com uma gama de variação estendida, seguido opcionalmente por compressão de F<sub>0</sub> (marcado opcionalmente por *downstep*). No caso do PB, foram produzidos (iii) um acento de foco L\*+H, H\*+L e H+L\* com uma gama de variação de F<sub>0</sub> estendida, seguido por compressão de F<sub>0</sub> e, no caso do PE, (iv) um acento enfático L\*+H.

Embora hajam semelhanças e diferenças entre as duas variedades, no caso do PE, é claro que o foco é marcado por PA H\*+L associado preferencialmente à cabeça de PWG, seguido por compressão de F<sub>0</sub>, enquanto no PB, por conta de ter tido uma diversidade de acentos marcados enfaticamente, o que caracteriza o foco é a associação de um PA a alguma sílaba de PWG com gama de variação estendida sobre o elemento focalizado, mas também a compressão de F<sub>0</sub> pós-foco.

Outra diferença que emerge entre as variedades é a preferência no PE pela associação de acento de foco em PW2, cabeça de PWG ramificado, mesmo quando o foco é eliciado em PW1, o que está em sintonia com o observado em Vigário (2010) com base apenas em dados de intuição.

Contudo, em relação ao PB, o número de marcações em PW1 e PW2 quando o foco é eliciado em PW2 é proporcionalmente igual, ao contrário do que ocorre quando o

foco é eliciado em PW1, quando há preferencialmente a associação de alguma marcação enfática em PW1. Ou seja, enquanto no PE há uma preferência em destacar a cabeça de PWG ramificado, no PB a preferência é destacar o elemento em que o foco é eliciado.

Essa ampla variedade de estratégias para marcação de foco em PB e mesmo em PE evidencia PWG, independentemente de serem acentos diferentes ou variação de um mesmo acento de foco fonológico, uma vez que não é possível fazê-la em PWs que constituem diretamente  $\phi$ , como exemplificado no capítulo 4, seção 4.4, e no presente capítulo na seção 5.3.2.2.1.

Outro ponto que merece destaque em nossa comparação entre as variedades tem a ver com o domínio em que o foco se implementa. O fato de haver marcação enfática tanto na cabeça de PWG quanto na PW não cabeça e em sílabas pretônicas iniciais de PW é uma forte evidência de que não há domínio mínimo para a marcação do foco na variedade brasileira.

No caso do PE, o que parece restrito à cabeça de PWG é a associação do acento de H\*+L e não a marcação enfática para destacar contraste semântico. Entretanto, consideramos que um estudo sistemático deva ser feito para que possa definir quais acentos podem marcar foco contrastivo no PE, além de H\*+L.

Nesse sentido, nossa pesquisa avança mostrando evidências de PWG tanto em PB quanto em PE e aponta evidências de que a regra de atribuição de foco não tem  $\phi$  como domínio exclusivo de aplicação.

Em suma, nossa meta na presente seção foi cumprida, pois apresentamos as principais semelhanças e diferenças entre PB e PE e mostramos a interação de fenômenos entoacionais com os domínios PW, PWG e  $\phi$ . Sobretudo, é importante destacar que nossas análises se encontram abertas a discussões e a contra-argumentos.

## **5.5 Considerações finais**

Nosso objetivo geral no presente capítulo era descrever e analisar os dados de PB, além de compará-los com PE, com referência à estrutura entoacional de sentenças

declarativas que incluem palavras funcionais, monossilábicas e dissilábicas, e palavras lexicais, simples (PWG não ramificado) e compostas (PWG ramificado), em posição interna de I, produzidas em contexto de foco largo e de foco estreito contrastivo.

Em nossa análise, discutimos a aplicação e/ou bloqueio de fenômenos entoacionais, como a distribuição de PAs na sentença, a atribuição de acento de foco fonológico, de acento enfático e de acento inicial de PW, além da presença de tons adicionais de fronteira associados a algum domínio prosódico como a PW.

Embora o objetivo principal da presente tese fosse fornecer evidências do domínio da PW no PB, o presente capítulo trouxe evidências de PWG no PB e da prosodização de palavras funcionais e lexicais nesta mesma variedade.

Partimos da hipótese de que PW é o domínio relevante para a aplicação de fenômenos entoacionais no PB, considerando a não convergência entre as análises existentes para o domínio relevante para a distribuição tonal e para a atribuição de acento de foco.

Em relação à prosodização de palavras funcionais no PB, a análise da estrutura entoacional mostrou que algumas palavras funcionais monossilábicas comportam-se como sílabas pretônicas que não recebem PA. Em nossos dados, tais palavras não receberam sequer acento inicial de PW. Já as palavras funcionais dissilábicas comportam-se como PWs, recebendo PA, embora o baixo número de ocorrências tenha nos levado a levantar a hipótese de que a regra de distribuição tonal tem como restrição a aplicação de PA à categoria funcional, hipótese que merece ser mais bem investigada em trabalhos futuros.

Em termos gerais, a realização de testes estatísticos de hipótese corroborou nossas hipóteses iniciais sobre a distribuição de eventos tonais à cadeia segmental em PB e PE.

Na seção 5.2.2, em que apresentamos o experimento 2, que explorava as palavras funcionais, os testes estatísticos corroboraram nossa análise para as palavras funcionais monossilábicas como sílabas átonas e para algumas palavras dissilábicas como PWs.

Posteriormente, na seção 5.3, em que apresentamos o experimento 3, que investigava a estrutura entoacional de sentenças declarativas produzidas em contexto de

foco largo e foco estreito contrastivo, os testes estatísticos foram cruciais para a definição de questões centrais da presente pesquisa, por exemplo, para a constatação de que PW é o domínio relevante para a distribuição tonal no PB, como já apontado inicialmente por Fernandes (2007).

Entre as contribuições do presente capítulo, podemos destacar:

- a confirmação de que o acento nuclear das declarativas neutras é H+L\* seguido por L%, como já descrito na literatura existentes para as duas variedades;
- a confirmação de que o pico inicial em PB é realizado preferencialmente como L\*+H e em PE como H\*, assim como já descrito na literatura;
- o domínio de atribuição obrigatória para a distribuição tonal no PB é PW e em PE é I;
- a confirmação de que o PB é uma variedade densa em termos de PAs internos enquanto o PE (variedade falada em Lisboa) apresenta baixa densidade;
- a confirmação da associação de acento inicial de PW em PW1 ou PW2 de PWG ramificado, desde que PW tenha no mínimo três sílabas pretônicas e mantenha uma distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário em PB;
- a identificação da associação de acento enfático às sílabas iniciais ou à sílaba tônica de PW de PB e de PE;
- a identificação da associação de acento enfático inicial de PW (L+)H nas sílabas iniciais de PW e de acento de foco L\*+H, H\*+L e H+L\* às sílabas tônicas para destacar contraste semântico no PB;
- a identificação da associação de acento enfático inicial de PW (L+)H e L\*+H na sílaba tônica e acento de foco H\*+L na sílaba tônica para destacar contraste semântico no PE;
- a confirmação da relevância da compressão de F<sub>0</sub> após o elemento focalizado em PB e PE;
- a apresentação de evidências de que não há domínio mínimo para a marcação de foco pelo menos na variedade brasileira.



## 6 Considerações finais

O objetivo principal da presente tese foi apresentar um estudo sistemático do domínio da PW no PB.

Para isso, descrevemos e discutimos (i) os diagnósticos de prosodização das palavras morfológicas, estabelecendo os fenômenos que identificam o domínio da PW no PB, além de discutir aqueles que a caracterizam como domínio de regras; (ii) uma proposta de formação desse domínio conforme a teoria de domínios prosódicos; (iii) a prosodização de palavras lexicais (simples e compostas) e de palavras funcionais (monossilábicas e dissilábicas) como PW ou sílaba átona (clítico prosódico); (iv) a relação entre estrutura entoacional e estrutura prosódica, com o intuito de testar a hipótese de que a PW é o domínio relevante no PB para a distribuição tonal e o comportamento de fenômenos entoacionais, como a atribuição de acento de foco fonológico, acento inicial de PW e acento enfático.

Uma comparação com o respectivo domínio no PE a partir do estudo feito por Vigário (2003) foi feita ao longo da tese e um estudo experimental que compara a estrutura entoacional de PB e PE foi apresentado no capítulo 5. Essa comparação foi importante para mostrar diferenças e semelhanças entre as variedades brasileira e europeia.

Nossa investigação explorou dados empíricos recolhidos por meio de observação e experimentalmente, principalmente para a análise da estrutura entoacional. Para validar os resultados quantitativos obtidos experimentalmente, testes estatísticos de hipótese, como o de duas proporções e de proporções múltiplas, foram realizados.

Em vista dos objetivos apresentados, no presente capítulo retomaremos os pontos principais discutidos nos capítulos anteriores, dando destaque às principais

contribuições da presente tese para a literatura sobre domínios prosódicos e entoação no PB.

No capítulo 1, apresentamos a revisão bibliográfica dos trabalhos fundamentais que auxiliaram na análise dos dados e na reflexão sobre o nosso tema de pesquisa, como a Fonologia Prosódica, o Modelo Métrico e Autossegmental enquadrado na Fonologia Entoacional, os principais diagnósticos para a identificação do domínio PW nas línguas e, por fim, propostas de prosodização de palavras lexicais e funcionais em algumas línguas.

O capítulo 2 seguiu a mesma linha do capítulo 1, apresentando revisão bibliográfica de trabalhos feitos sobre o português que faziam referência a quatro grandes temas: domínio da PW, prosodização de palavras clíticas e palavras compostas, tipologia de fenômenos fonológicos segmentais e autossegmentais.

O capítulo, embora tenha retomado muitos estudos feitos sobre a prosodização de palavras funcionais, como clíticos fonológicos ou como PWs, como propõe Toneli (2009), de prefixos átonos, como propõe Schwindt (2000, 2005, 2008), apresenta contribuições relativas à prosodização de palavras lexicais que formam um único domínio de acento, denominadas *palavras simples* (e.g. palavras derivadas por afixos não acentuados), além de discutir uma proposta de definição do domínio da PW para o PB, a partir da proposta feita por Vigário para o PE.

Mostramos que palavras funcionais, quando dissilábicas e não sofrem processos típicos de sílabas átonas, são prosodizadas como PWs no léxico, compartilhando com palavras lexicais simples, características de formarem um único domínio para a regra de acento lexical e de serem contexto de aplicação de regras fonológicas segmentais e autossegmentais. Entretanto, quando monossilábicas, são prosodizadas como sílabas átonas no léxico, comportando-se como clíticos prosódicos, sendo acentualmente inertes e propensas a sofrer regras fonológicas típicas de sílabas átonas.

Já para as palavras lexicais simples são sempre prosodizadas como PW no léxico. Em relação aos sufixos não acentuados, como *-idade* e *-mento*, mostramos evidências fonológicas de que são incorporados à base lexical no léxico. Por outro lado, os prefixos átonos como *re-* e *des-* sofrem processo de adjunção à base lexical. Esse processo os diferencia de palavras funcionais, já que são adjungidos à base no nível lexical, enquanto

as palavras funcionais são adjungidas no pós-léxico. Outra diferença entre eles é que como os afixos unem-se a uma PW no nível lexical, formam com ela uma PW, enquanto as palavras funcionais não, pois a junção à PW se dá em no pós-léxico.

Foi observado que algumas unidades morfológicas são agrupadas juntas, formando no léxico (i) uma única PW com um radical e uma vogal temática, por exemplo, *[cas+a]<sub>PWlex</sub>*, (ii) uma PW com um sufixo incorporado à direita de PW, por exemplo, *alegrar+mento = [alegramento]<sub>PWlex</sub>*, (iii) uma PW com um prefixo ou um proclítico adjungido à esquerda de PW, por exemplo, *des+honesto = [desonesto]<sub>PWlex</sub>*. No pós-léxico, é possível ocorrer a adjunção de unidades morfológicas como em (iv) *[[me[aguarde]<sub>PW</sub>]<sub>PWpós-lex</sub>* e (v) uma PW com um enclítico adjungido à direita, como em *[[falávamo]<sub>PWnos</sub>]<sub>PWpós-lex</sub>*.

Em vista do apresentado, a definição do domínio PW no PB é “O domínio da PW lexical inclui um radical mais afixos não acentuados no léxico” (cf. VIGÁRIO, 2003).

Para definir a prosodização de palavras funcionais clíticas junto a uma PW, assumimos a proposta de Vigário (2003) que diz “Somente as fronteiras esquerdas de uma PW lexical são pós-lexicalmente projetadas”. A união de palavra funcional e hospedeiro, que é uma PW, é constituída no pós-léxico, formando uma PW pós-lexical. O fato de a fronteira esquerda de PW ser definida pós-lexicalmente, não impede que o clítico se associe à PW, uma vez que ele é adjungido a uma PW pronta em um nível diferente que é o pós-léxico. Nossa análise para a sequência palavra funcional+hospedeiro não desrespeita exaustividade, já que uma PW hospedeira reentra na derivação no pós-léxico para ter um elemento adjunto à direita ou à esquerda que não é processado no nível lexical, no caso as palavras funcionais clíticas. As evidências de que os clíticos do PB funcionam como sílabas pretônicas, que não mantêm a mesma relação com o hospedeiro que os afixos foram mostradas no capítulo 3.

No capítulo 4, discutimos o estatuto prosódico de algumas estruturas morfológicas, como as palavras derivadas por prefixos acentuados, as palavras derivadas específicas formadas pelos sufixos acentuados *-mente* e *-zinho/a* e algumas combinações de palavras morfossintáticas, como as formadas por Verbo+Nome, Radical+Radical e Radical+Palavra. Nossa meta foi diferenciar estruturas que constituem uma única PW, no

caso de palavras simples, a partir da análise de fenômenos fonológicos que funcionam como diagnósticos para identificação de PWs no PB, de estruturas que são formadas por mais de duas PWs, como o acento primário, o bloqueio da harmonia vocálica, da nasalização fonética, etc.

Para isso, utilizamos dados empíricos, obtidos experimentalmente e a partir da observação e da introspecção. Nossas contribuições nesse capítulo foram as discussões sobre os fenômenos segmentais que caracterizam a estrutura prosódica dos acrônimos do PB, complementando a análise de Vigário e Fernandes-Svartman (2010), o comportamento de dois fenômenos que não são de natureza puramente fonológica, como o apagamento sob identidade e o truncamento, que enriquecem a sistematização do domínio PW no PB, ajudando em sua identificação o domínio PW, já que o primeiro só apaga PWs dentro de PWG ramificado e o segundo forma PWs encurtadas em uma única PWs que equivale a PWG não ramificado.

Além desses dois fenômenos, mostramos a ocorrência de alguns fenômenos fonológicos que dão indícios de que tais PWs são agrupadas dentro de PWG ramificado, que é um domínio formado no nível pós-lexical. Desse modo, um PWG não ramificado pode conter uma PW lexical, que vem pronta do nível lexical até o pós-léxico e que equivaleria à PW mínima proposta por Vigário.

Como mostrado no capítulo 4, a PW máxima de Vigário (2003) incluiria todos os elementos não dominados pelo nó PW no léxico, já que tem sua fronteira esquerda projetada no nível pós-lexical, incluindo as palavras compostas. No caso de palavras compostas, cada PW é processada no léxico como uma PW independente. Essas palavras readentram a derivação e vão se unir no nível pós-lexical a um domínio mais alto que elas na hierarquia prosódica, no caso PWG que é ramificado por conterem duas PWs. Como a presença de acento implica a formação de PW a cada elemento da palavra composta, elas vão formar uma única unidade num único  $Lex^0$  e esse  $Lex^0$  é mapeado no pós-léxico em uma PW recursiva ou, nos termos de Vigário (2010), em um domínio próprio que é o PWG.

Mostramos, ainda no capítulo 4, evidências de que no PB, assim como no PE, o domínio prosódico que inclui palavras compostas que contêm duas PWs é PWG e não  $\phi$ .

No caso do PB, fenômenos fonológicos como a atribuição de foco fonológico e a haplologia fornecem evidências de  $\phi$  PWG e não  $\phi$  como o domínio relevante para as palavras compostas. O fato de poder ocorrer marcação de foco tanto em PW1 quanto em PW2 em PWG ramificado, independentemente de em qual PW o foco foi eliciado no PB, não podem servir de contra-argumento de que as PWs que pertencem a uma palavra composta são diretamente ligadas a  $\phi$ , uma vez que isso não é possível quando as PWs estão diretamente ligadas a  $\phi$ , como mostrado na seção 4.4 do capítulo 4.

Outra contribuição importante de nosso estudo é ter mostrado que o fato de poder ser atribuído foco às sílabas iniciais pretônicas de PW é uma evidência de que não há um domínio exclusivo para a atribuição de foco no PB. No capítulo 5, mostramos os tipos de acentos tonais não neutros associados a PWG ramificado quando produzido em contexto de foco contrastivo.

Por fim, no capítulo 5, descrevemos e analisamos os dados de PB referentes à estrutura entoacional de sentenças declarativas que incluem palavras funcionais, monossilábicas e dissilábicas, e palavras lexicais, simples (não ramificado) e compostas (PWG ramificado) em posição interna de I.

Nosso principal objetivo nesse capítulo foi investigar se a distribuição de PAs na sentença tem a PW como domínio relevante para sua aplicação. Os testes estatísticos de hipótese corroboraram nossa hipótese, mostrando que independentemente do tipo de PWG que estiver em posição interna de I, a probabilidade de ocorrer um PA por PW é maior do que a de ocorrer PA apenas nas cabeças de  $\phi$  no PB.

No capítulo 5, mostramos também que, além da atribuição de acento de foco fonológico ser evidência de PWG no PB, a atribuição de acento enfático corrobora a relevância desse domínio no PB.

Em relação à prosodização de palavras funcionais no PB, a análise da estrutura entoacional mostrou que as palavras funcionais monossilábicas comportam-se como sílabas pretônicas que não recebem PA. Em nossos dados, tais palavras não receberam nem acento inicial de PW. O que corrobora a análise de que elas são ligadas diretamente a PWG e não são adjuntas a PW, caso em que deviam comportar-se como sílabas iniciais de PW e assim receber o acento inicial que caracteriza opcionalmente o limite esquerdo deste domínio.

Já as palavras funcionais dissilábicas comportam-se como PWs, recebendo PA, embora o baixo número de ocorrências tenha nos levado a levantar a hipótese de que a regra de distribuição tonal tem como restrição a aplicação de PA à categoria funcional, hipótese que merece ser mais bem investigada em trabalhos futuros.

Além de ter trazido informações novas ao que já se sabia sobre a estrutura entoacional do PB e do PE - o acento nuclear das declarativas neutras é H+L\* seguido por L%, e o acento típico associado ao pico inicial do PB é L\*+H e o do PE é H\* -, nossa pesquisa avançou no sentido de ter mostrado e confirmado estatisticamente que (i) PW é um domínio em que se dá a distribuição tonal no PB; (ii) o PB é uma variedade densa em termos de PAs internos enquanto o PE apresenta baixa densidade; (iii) há associação de acento inicial de PW em PW1 ou PW2 de PWG ramificado, desde que PW tenha no mínimo três sílabas pretônicas e mantenha uma distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário; (iv) o número de sílabas de PWG desempenha papel importante na atribuição tonal; (v) pode haver associação de acento enfático às sílabas iniciais ou à sílaba tônica de PW; (vi) há associação de acento enfático inicial de PW L(+H) nas sílabas iniciais de PW e acento de foco L\*+H, H\*+L e H+L\* nas sílabas tônicas para destacar contraste semântico no PB; (vii) há associação de acento enfático inicial de PW (L+)H e L\*+H na sílaba tônica e acento de foco H\*+L na sílaba tônica para destacar contraste semântico no PB; (viii) a compressão de F<sub>0</sub> após o elemento focalizado em PB e PE caracteriza a marcação prosódica de foco; e (ix) não há domínio mínimo para marcação de foco no PB.

Em suma, nosso objetivo inicial foi alcançado e conseguimos avançar e trazer muitas contribuições para a literatura prosódica e entoacional do português. Embora, tenhamos cumprido nosso objetivo, algumas questões levantaram outros questionamentos que sugerem vários encaminhamentos para pesquisas futuras, entre eles:

- O fato de haver baixa aplicação de acento tonal às palavras funcionais dissilábicas que são PWs poderia ser uma restrição da regra de distribuição tonal à categoria funcional ou evidência de que o domínio PW não é relevante para a aplicação de tal regra?

- A inserção de uma fronteira de I antes de PWG ramificado poderia ser motivada por estranhamento, já que são palavras pouco frequentes no PB e no PE?
- Os acentos tonais encontrados para a marcação de foco contrastivo no PB seriam os mesmos encontrados para o foco informacional e corretivo em outras variedades de PB?
- A posição das palavras-alvo em I influenciam os tipos e as posições dos acentos tonais na marcação de foco estreito no PB?
- Haveria evidências entoacionais da reestruturação de  $\phi$  no PB?



- ABAURRE, M. B. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. In: Leda Bisol (Ed.), **Letras de Hoje** 31 (2), 1994, p. 41-50.
- ABAURRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (UNICAMP), Campinas, 1981, v. 2, p. 23-43.
- ABAURRE, M. B. M. **Identidade de representações básicas e fatores de diferenciação superficial no componente fonológico de línguas cognatas**. 1973. Dissertação de Mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1973.
- ABAURRE, M. B. e FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Secondary stress, vowel reduction and rhythmic implementation in Brazilian Portuguese. In: Leda Bisol e Cláudia R. Brescancini (Orgs.). **Contemporary Phonology in Brazil**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008, p. 54-83, 2008.
- ABAURRE, M. B. e GALVES, C. As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: Uma Abordagem Otimalista e Minimalista. **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, 1998, v. 14, n.2, p. 377-403.
- ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C.; MANDEL, A.; SANDALO, F. Secondary stress in two varieties of Portuguese and the sotaq optimality based computer program. **Probus**. Dordrecht, 2006, v. 18, p. 97-125.
- ABAURRE, M. B e PAGOTTO, E. G. Nasalização fonética e variação. In: Maria Bernadete Marques Abaurre (Org.). **A construção fonológica da palavra**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2013, v. 1, p. 141-164.

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t,d/. In: Maria Bernadete Marques Abaurre. (Org.). **A construção fonológica da palavra**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2013, v. 1, p. 195-236.
- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: Maria Bernadete Marques Abaurre; Angela C. S. Rodrigues. (Org.). **Gramática do Português Falado VIII**. 1ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, v. VIII, p. 557-601.
- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Nasalização No Português do Brasil.. In: Ingedore Grunfeld Villaça Koch. (Org.). **Gramática do Português Falado VI**. 1ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996, v. 1, p. 495-526.
- ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, F. Representação e subespecificação de vogais no português. **Cadernos de Pesquisas em Linguística**. PUCRS, 2009, v. 4, p. 21-40.
- ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, F. Acento secundário em duas variedades de português: uma análise baseada na OT. In: Gabriel A. Araújo. (Org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 145-167.
- ABAURRE, M. B. e SANDALO, F. Fatos de nasalidade como evidência para a representação da vogal /a/ no português como segmento debucalizado. In: Demerval da Hora (org.). **Vogais: no ponto mais oriental das Américas**. João Pessoa: Ideia Editora e Editora Universitária da UFPA, 2009, v. 1, p. 11-28.
- ALCKMIN, M.; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. **Ensaio de Linguística**, 1982, n.7, p. 43-51.
- ARANTES, P. **Integrando produção e percepção de proeminências secundárias numa abordagem dinâmica do ritmo da fala**. 2010. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.
- ARANTES, P.; BARBOSA, P. A. F1 and Spectral Correlates of Secondary Stress in Brazilian Portuguese. In: Speech Prosody 2008 Conference, 2008, Campinas. **Proceedings of the Speech Prosody 2008 Conference**. Campinas: RG, 2008. v. 1. p. 559-562.
- ARANTES, P.; BARBOSA, P. A. Percepção da acentuação secundária em português brasileiro. In: **II Congresso Internacional/VIII Congresso Nacional de Fonética e**

- Fonologia**, 2007, São Luís. Anais do II Congresso Internacional/VIII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, 2004, p. 121-130.
- ARANTES, P.; BARBOSA, P. A. Secondary stress in Brazilian Portuguese: the interplay between production and perception studies. In: **Speech Prosody 2006**, 2006, Dresden. Proceedings of the Speech Prosody 2006 Conference, 2006. p. 73-76.
- ARAÚJO, G. Truncamento e Reduplicação no PB. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 61-90, 2002.
- ARAÚJO, G. Processos morfofonológicos marginais no Português Brasileiro: Truncamento e reduplicação. Artigo submetido ao **XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa, 2001.
- AUBERT, F. H. Preliminares para um estudo perceptivo da entonação. **Estudos Linguísticos**, 1976, n.1, p. 42-45.
- BACHRACH, A.; WAGNER, M. Syntactically Driven Cyclicity vs. Output-Output Correspondence: The Case of Adjunction in Diminutive Morphology. In **U. Penn Working Papers in Linguistics**, 2007, Volume 10.1.
- BARBOSA, P. A.; ARANTES, P. ; SILVEIRA, L. S. Unifying stress shift and secondary stress phenomena with a dynamical systems rhythm rule. In: **Speech Prosody 2004** Conference, 2004, Nara. Proceedings of the Speech Prosody 2004 Conference, 2004. p. 49-52.
- BATTISTI, E. Haplologia sintática e efeitos da economia. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre - RS, 2004, v. 18, n.36, p. 31-39.
- BATTISTI, E. e B. HERMANS. Fixed and variable properties of the palatalization of dental stops in Brazilian Portuguese in an Italian immigrant community. In: Vigário, M.; Frota, S.; Freitas, M. J. (Org.). **Phonetics and Phonology: Interactions and Interrelations**. 1ed. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co., 2009, v. 1, p. 235-246.
- BECKMAN, M. e PIERREHUMBERT, J. Intonational Structure in Japanese and English. **Phonology Yearbook**, n. 3, 1986, p. 255-310.
- BELCHOR, A. P. **A morfologia prosódica circunscritiva aplicada ao truncamento no Português Brasileiro**. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

- BELCHOR, A. P. **Construções de Truncamento no Português do Brasil: Análise Estrutural à luz da Teoria da Otimalidade**. Dissertação De Mestrado. Rio De Janeiro, UFRJ, julho de 2009.
- BERENDSEN, E. **The Phonology of Cliticization**. Dordrecht: Foris, 1986.
- BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. **Letras de hoje**. Porto Alegre. V. 40, nº 3, 2005, p. 163-184.
- BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. **Delta**, 20: especial, 2004, p. 59-70.
- BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. **Probus** (Dordrecht), Mouton de Gruyter, Berlin. NY, 2003, v. 15, n.2, p. 177-200.
- BISOL, L. A elisão, uma regra variável. **Letras de Hoje**, n. 35 (1), 2000a, p. 319-330.
- BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, 1998, v. 14, n. especial, p. 24-46.
- BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. **Revista de estudos da Linguagem**. Belo Horizonte. v. 9, n. 1, 2000b, p. 5-30.
- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996a.
- BISOL, L. O sândi e a ressilabação. **Letras de Hoje**, 1996b, n. 31 (2), p. 159-168.
- BISOL, L. Sândi externo: o processo e a variação. **Gramática do Português Falado**, v. 5, 1996c, p. 55-96.
- BISOL, L. Ditongos Derivados. **D.E.L.T.A**, SP, v. 10, 1994, p. 123-140.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo. **Gramática do Português Falado**, v. 2, Campinas: Editora Unicamp, 1993, p. 21-38.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, 1992, p. 83-101.
- BISOL, L. O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, 1989, v. 05, n.2, p. 185-224.
- BOOIJ, G. The Role of the Prosodic Word in Phonotactic Genrealizations. In: T. Alan Hall e Ursula Kleinhenz (eds.). **Studies on the Phonological Word**. Amsterdam: John Benjamins. 1999, p. 47-72.

- BOOIJ, G. Cliticization as Prosodic Integration: The case of Dutch. **The Linguistic Review** 13, 1996, p. 219-242.
- BOOIJ, G. **The Phonology of Dutch**. Oxford: Clarendon Press. 1995.
- BOOIJ, G. On the relation between Lexical and Prosodic Phonology. In: P. M. Bertinetto e M. Loporcaro(Ed), **Certamen Phonologicum**. Torino: Rosenberg and Sellier, 1988, p. 63-76.
- BOOIJ, G. Coordination Reduction in Complex Words: a Case for Prosodic Phonology. In: Van der Hulst, H. E Smith, N. (eds), **Advances in Nonlinear Phonology**. Dordrecht: Foris, 1985, p. 143-160.
- BORDUQUI CAMPOS, L. B. **Segmentações alternativas e constituintes prosódicos em Português brasileiro: uma análise de canções da MPB**. 2007. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.
- BOERSMA, P. e D. WEENINK. **Praat: doing phonetics by computer** (Version 5.3.22) [Computer Program]. Retrieved June, 12, 2012, from: [http://: www.praat.org/](http://www.praat.org/).
- BOPP DA SILVA, T. **Formação de Palavras Compostas em Português Brasileiro: uma Análise de Interfaces**. Tese de Doutorado. 2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- BRISOLARA, L. B. **A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na regra de elevação da vogal átona /e/**. Dissertação de Mestrado. 2004. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004.
- BRISOLARA, L. **Os clíticos pronominais do Português Brasileiro e sua prosodização**. Tese de Doutorado. 2008. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BRUCE, G. e B. HERMANS. Word tone in Germanic languages. In Harry van der Hulst (ed.), **Word Prosodic Systems in the Languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter. 1999, p. 605-658.
- CABRÉ, T. **Estrutura Gramatical i Lexico: el mot minim em Catalana**. 1993. Ph. D. Dissertation – Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 1993.

- CAGLIARI, L. C. **Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro**. Série Estudos, 1982, n.8, p. 45-59.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. Tese de livre docência. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CAGLIARI, L. C. **A entoação do Português Brasileiro**. Estudos Linguísticos, 1980, n.3, p. 308-329.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguístico**, 1992, n. 23, p. 137-151.
- CAMARA Jr, M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- CÂMARA, Jr. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Organização Simões: Rio de Janeiro, 1953.
- CARNEIRO, D. **O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari**. <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article>. 2008.
- COOK, V. J. e NEWSON, M. **Chomsky's Universal Grammar - an introduction (second edition)**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- COLLISHONN, G. **Análise prosódica da sílaba em português**. 1997. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- COLLISHONN, G. **Um estudo do acento secundário em português**. 1993. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- COLLISHONN, G. 2005 A sílaba em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-133.
- COLLISHONN, G. O acento em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 135-169.
- COLLISHONN, G. A interação entre acento e processos de (re) estruturação silábica: um desafio para a teoria da otimalidade. **Linguística** (Rio de Janeiro), 2011, v. 7, p. 87-98.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 8ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da Abralin**, v. 10, n. 1, 2011, p. 205 – 229.

- CRUZ, M. e FROTA, S. Para a prosódia do foco em variedades do Português Europeu. Textos Seleccionados do **XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. 2012.
- CUNHA, G. **Entoação regional no Português do Brasil**. 2000. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- CUNHA, C. E CINTRA, L. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3ª edição revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- D'ANDRADE, E. **Aspects de la phonologie (générative) du Portugais**. Lisboa: INIC. 1977.
- D'ANDRADE, E. e B. LAKS. Na crista da onda: o acento de palavra em português. In: **Actas do III Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa, 1992, p.91-102.
- D'ANDRADE, E; M. C. VIANA. Constantino e os acidentes de Constantinopla: os acentos do Português e do Castelhana. In: Palmira Marrafa e M. Antónia Mota (Eds.). **Linguística Computacional. Investigação Fundamental e Aplicações**. Lisboa: APL/ Colibri, 1999, p. 79-95.
- D'ANDRADE, E; M. C. VIANA. Ainda sobre o acento e o ritmo do Português. **Actas da do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Braga, 1989, p. 3 – 16.
- DELGADO MARTINS, M. R.; LACERDA, F. Para uma gramática da entoação. Artigo apresentado no **Congresso de Filologia e Lingüística**. Rio de Janeiro, 1977.
- D'IMPERIO, M. Tonal Structure and Pitch Targets in Italian Focus Constituents. In J. Ohala, Y. Hasegawa, M. Ohala, D. Granville, and A. Bailey (eds). **Proceedings of the XIV International Congress of Phonetic Sciences**. Berkeley: University of California, 3. 1999, p. 1757-1760.
- D'IMPERIO, M. Focus and Tonal Structure in Neapolitan Italian. **Speech Communication**, 33(4). 1999, p. 339-356.
- DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. **On definition of Word**. Cambridge, MIT Press, 1987.

- DOWNING, L. Prosodic Stem  $\neq$  Prosodic Word in Bantu. In: Hall, Alan and Ursula Kleinhenz (eds) **Studies on the Phonological Word**. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 255-294.
- ELORDIETA, G., FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. **Studia Linguistica** 59(2-3), 2005, p. 110-143.
- ELORDIETA, G. E HUALDE, J. The Role of Duration as a Correlate of Accent in Lekeitio Basque. **Proceedings of Eurospeech 2001 - Scandinavia**. 2001, p. 115-118.
- FALÉ, I. **Fragmento da prosódia do Português Europeu: as estruturas coordenadas**. 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.
- FERNANDES, N. H. **Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do Português**. Dissertação de Mestrado. 1976. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1976.
- FERNANDES, F. R. Tonal association in neutral and subject narrow focus sentences in Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics** (special issue: Prosody in Ibero-Romance and Related Languages, Guest-edited by G. Elordieta e M. Vigário) 5(2)/6(1), 2007a, p. 91-115.
- FERNANDES, F. R. **Ordem, focalização, e preenchimento em Português: sintaxe e prosódia**. 2007. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007b.
- FERNANDES, F. R. 2009 Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). **Estudos Lingüísticos** (São Paulo), v. 38, 2009, p. 47-58.
- FERREIRA, A. B. **Minidicionário da língua portuguesa Aurélio**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- FREITAS, M. J. Alveolar trill(ions of problems): Evidence from children acquiring European Portuguese syllables. In: Isabel Faria e M. João Freitas (eds.), **Studies on the Acquisition of Portuguese**. Lisboa, APL/ Colibri. 1995, p. 55-68.
- FROTA, S. The intonational phonology of European Portuguese. Sun-Ah Jun (ed.) **Prosodic Typology II**. Oxford: Oxford University Press, Chapter 2, 2014.

- FROTA, S. Prosodic structure, constituents and their representations. In A. Cohn, C. Fougeron e M. Huffman (eds) **The Oxford Handbook of Laboratory Phonology**. Oxford. Oxford University Press, Chapter 11, 2012a , p. 255-265.
- FROTA, S. A focus intonational morpheme in European Portuguese: production and perception. In Gorka Elordieta and Pilar Prieto (eds.). **Prosody and Meaning**. Berlin/ New York. Mouton de Gruyter, 2012b , p. 163-196.
- FROTA, S. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. **Catalan Journal of Linguistics**, 2003, n. 2, p. 133-152.
- FROTA, S. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. **Probus**, n. 14(1) (Special Issue on Intonation in Romance, edited by José-Ignacio Hualde), 2002a, p. 113-146.
- FROTA, S. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In: GUSSENHOVEN, C. e N. WARNER, (Eds.). **Laboratory Phonology 7**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b, p.387-418.
- FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.
- FROTA, S. Aspectos da Prosódia do Foco no Português Europeu. **Letras de Hoje**, n. 29(4), Porto Alegre. 1994, p. 77-99.
- FROTA, S. On the prosody of focus in European Portuguese. **Proceedings of the Workshop on Phonology**. Lisboa: APL. 1993, p. 45-66.
- FROTA, S. **Para a prosódia da frase: quantificador, advérbio e marcação prosódica**. 1991. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1991.
- FROTA, S. ET AL. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota e P. Prieto (eds.). **Intonational variation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, no prelo, p. 235-283.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; MARTINS, F. Language discrimination and rhythm classes: evidences from Portuguese. **Proceedings of Speech Prosody 2002**, Aix en Provence. 2002, 319-322.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Early intonation in European Portuguese. Talk given at the **Third Conference on Tone and Intonation (TIE3)**, Lisboa, 2008.

- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V. e P. BARBOSA (Eds.) **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, v. 1. Coimbra: APL, 2000, p. 533-555.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. "On weights effects in European Portuguese". Paper given at the **GLOW Workshop on Weight Effects**. Athens, ms. 1996.
- GEBARA, E. S. **Alguns aspectos da intonação no Português**. Dissertação de Mestrado. 1976. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.
- GALVES, C.; ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica.. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). **Gramática do Português Falado IV**. 1aed.Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996, v. 1, p. 273-319
- GIMSON, A. **An Introduction to the Pronunciation of English**. 2<sup>nd</sup> ed. London, Edward Arnold, 1970.
- GONÇALVES, C. A. V. **Focalização no Português do Brasil**. 1997. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- GONÇALVES, C. A. V. O fenômeno da Focalização e a interface Fonologia-Sintaxe. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 15, n.2, 1999, p. 319-342.
- GRICE, M. et al. Strategies for Intonation Labelling across Varieties of Italian. In S, A. Jun, ed.; **Prosodic typology**. Oxford, Oxford University Press, 2004, p. 629-683.
- GRØNNUM, N. Superposing and subordination in intonation: a nonlinear model. **Proceedings of the XIIIth International Congress of Phonetic Sciences**. Stockholm, 1995, p. 124-131.
- GRØNNUM, N. **The groundworks of Danish intonation: an Introduction**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1992.
- GRØNNUM, N.; VIANA, M. C. **Aspects of European Portuguese Intonation**. ICPhS 99. San Francisco, 1999, v. 3, p. 1997-2000.
- GUSSENHOVEN, C. **The Phonology of Tone and Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

- GUSSENHOVEN, C. e G. BRUCE. Word prosody and intonation. In Harry van der Hulst (ed.), **Word Prosodic Systems in the Languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter. 1999, p. 233-271.
- HALL, T. A. Phonotactics and the Prosodic Structure of German Function Words. In: T. Alan Hall e Ursula Kleihenz (eds.). **Studies on the Phonological Word**. Amsterdam: John Benjamins, 1999a, p. 99-131.
- HALL, T. A. The Phonological Word: a Review. In T. Alan Hall e Ursula Kleihenz (eds.). **Studies on the Phonological Word**. Amsterdam: John Benjamins, 1999b, p. 1-22.
- HANNAS, S. J. **Prosodic Structure and French Morphophonology**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995a.
- HANNAS, S. J. Glide formation, prefixation, and the phonological word in French. In: Jon Amastae, Grant Goodall, Mario Montalbetti e Marianne Phinney (eds.), **Contemporary Research in Romance Linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishers. 1995b, p. 13-24.
- HARRIS, J. W. **Syllable Structure and Stress in Spanish**. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter, In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (eds). **Rhythm and Meter, Phonetics and Phonology 1**. New York, Academic Press, 1989, p. 201-260.
- HAYES, B.; LAHIRI, A. Bengali Intonational Phonology. **Natural Language and Linguistic Theory 9**. p. 47-96, 1991.
- HELLMUTH, S. The relationship between prosodic structure and pitch accent distribution: evidence from Egyptian Arabic. **The Linguistic Review** (special issue: Prosodic Phrasing and Tunes, Guest-edited by S. Frota e P. Prieto) 24 (2), 2007.
- HIRST, D. e DI CRISTO, A. A survey of intonation systems. In: HIRST, D. e DI CRISTO, A. (Eds.) **Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages**, 1998, p. 1-44.
- HORA, D. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear**. 1990. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 1990.

- HUALDE, J. I. Stress removal and stress addition in Spanish. **Journal of Portuguese Linguistics** (special issue: Prosody in Ibero-Romance and Related Languages, Guest-edited by G. Elordieta e M. Vigário) 5(2)/6(1), 2007, p. 59-89.
- HULST, H. Separating primary and secondary accent. In: Rob Goedemans, Harry van der Hulst and Ellis Visch (eds.). **Stress Patterns of the World. Part I: Background**. The Hague: Holland Academic, 1996, p. 1-25.
- INKELAS, S. Prosodically constrained syntax. In: INKELAS, S. e ZEC, D. (Orgs.). **The phonology-syntax connection**. Cambridge: The University of Chicago Press, 1990.
- INKELAS, S.; ZEC, D. Auxiliary reduction without empty categories: a prosodic account. **Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory 8**. 1993, p. 205-253.
- ISHIARA, S. **Intonation and Interface condition**. 2003. Ph.D. Dissertation. Massachusetts Institute of Technology (MIT). MIT Press. 2003.
- JACKENDOFF, R. **The Architecture of the Language Faculty**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1997.
- JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge: MIT Press, 1972.
- JIN, S. **Shanghai Morphotonemics**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1986.
- JONES, D. **Outline of English Phonetics**. 9<sup>th</sup> ed. Cambridge, Mass, 1964.
- JUN, SUN-AH. **Prosodic Typology. The Phonology of Intonation and Phrasing**. New York: Oxford University Press, 2005.
- JUN, SUN-AH. **The Phonetics and Phonology of Korean Prosody: Intonational Phonology and Prosodic Structure**. New York: Garland Publishing, 1996.
- JUN, SUN-AH e C. FOUGERON. A Phonological Model of French Intonation ". In **Intonation: Analysis, Modeling and Technology**, ed. by Antonis Botinis. Kluwer Academic Publishers. 2000, p. 209-242.
- KAISSSE, E. **Connected Speech**. New York, Academic Press, 1985.
- KAISSSE, E., SHAW, P. On the theory of Lexical Ohonology. **Phonology Yearbook 2**, 1985, p. 1-30.

- KELLER, T. **Um estudo experimental do acento secundário no Português Brasileiro**. 2004. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- KENSTOWICZ, M. **Phonology in generative grammar**. Cambridge, Blackwell, 1994.
- KISS, K. É. Identificational focus versus information focus. *Language*, n. 74, 1998, p. 245-273.
- KLAVANS, J. The independence of syntax and phonology in cliticization. **Language** 61: 1985, p.95-120.
- KLEINHENZ, U. The Prosody of German Clitics. In: ALEXIADOU, A. ET AL. (orgs) **ZAS Papers in Linguistics** 6, 1996, p. 81-95.
- KLEINHENZ, U. **Focus and Phrasing in German**. Arbeitspapiere de Sonderforschungsbereichs 340. 1994.
- LADD, D. R. **Compound Prosodics Domains**. University of Edinburgh Press, ms, 1992.
- LADD, D. R. **Intonational Phonology**. Cambridge: CUP, 1996.
- LAROCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes, 1994.
- LEE, SEUNG-HWA. Sobre as Vogais Pretônicas no Português Brasileiro. **Estudos Lingüísticos** (São Paulo), Araraquara, v. 1, n.35, 2006, p. 166-175.
- LEE, SEUNG-HWA. Acento secundário do PB. **Letras de Hoje**, Porto alegre, v. 37, 2002, p. 149-162.
- LEE, SEUNG-HWA. O Acento Primário do Português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n.2, 1997, p. 44-69.
- LEE, SEUNG-HWA. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil**. 2005. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.
- LEE, SEUNG-HWA. A Regra do Acento do Português: Outra Alternativa. **Letras de Hoje** 98, PUC-RS, v. 98, 1994, p. 43-53.
- LEE, SEUNG-HWA. Fonologia Lexical do Português. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (UNICAMP), Campinas, v. 23, 1992.
- LEAL, E. G. **Elisão silábica e haploglia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari**. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 2006.

- LEBEN, W E F. AHOUA. Prosodic Domains in Baule. *Phonology* 14. 1997, p. 113-132.
- LEIRIA, L. L. **Em busca da palavra prosódica**. 2000. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- LUFT, C. P. **Gramática resumida**: explicação da nomenclatura gramatical brasileira. 12<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora Globo, 2001.
- MADUREIRA, S. Entoação e síntese de fala: modelos e parâmetros. In: SCARPA, E. **Estudos de Prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 53-68.
- MAGALHÃES, J. S. **O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade**. 2004. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.
- MATEUS, M. H. O acento de palavra em Português: uma nova proposta. **Boletim de Filologia** 28. 1983, p. 211-229.
- MATEUS, M. H. e D'ANDRADE, E. **The Phonology Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MANOLESCU, A., D. OLSON e M. ORTEGA-LLEBARIA. Cues to contrastive focus in Romanian. In M. Vigário, S. Frota e M. J. Freitas (eds.) **Phonetics and Phonology. Interactions and Interrelations**. Amsterdam: John Benjamins, 71-106, 2009.
- MIOTO, C. ET AL. **Manual de Sintaxe**. Florianópolis, Insular, 2004.
- MORAES, J. A. Three types of prosodic focus in brazilian portuguese: form and meaning. In: **Workshop on Prosody and Meaning**, 2009, Barcelona. Abstracts of the Workshop on Prosody and Meaning, 2009.
- MORAES, J. A. Variações em torno de tema e rema. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. IX, 2006, p. 279-289.
- MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D. e DI CRISTO, A. (Eds.), **Intonation Systems: a survey of twenty languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 179-194.
- MORAES, J. A. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 25, 1993, p. 101-111.
- MORAES, J. A. **Aspects of the Brazilian Portuguese intonation**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 25 (1), 1990, p. 101-111.

- MORAES, J. A. **Rechercher sur l'intonation modale du Portugais Brésilien**. Thèse de Doctorat de 3ème cycle. Paris: Université de Paris III, 1984.
- MORAIS BARBOSA, J. **Etudes de Phonologie Portugaise**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar 2ª Ed. Évora: Universidade de Évora, 1983.
- MORAES, J. A. E WETZELS, L. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (UNICAMP), campinas, v. 23, 1992, p. 153-166.
- MORAIS BARBOSA, J. **Etudes de phonologie portugaise**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. Évora: Universidade de Évora, 1965.
- MORENO, C. **Morfologia Nominal do Português: um Estudo de Fonologia Lexical**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.
- NAGAHARA, H. **Phonological phrasing in Japanese**. Tese de doutorado. Los Angeles: University of California, 1994.
- NEIJT, A. Clitics in Arboreal Phonology. In: Harry van der Hulst and Norval Smith (Eds.), **Advances in Nonlinear Phonology**. Dordrecht: Foris, 1985, p. 179-192.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NESPOR, M. Stress domains. In: Harry van der Hulst (ed.), **Word Prosodic Systems in the Language of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- NESPOR, M. The phonology of clitic groups. In: Henk van Riemsdijk (ed.), **Clitics in the Language of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999, p. 865-887.
- NESPOR, M. The phonological word in Italian. In: HULST, H.; Norval Smith (eds.) **Advances in nonlinear phonology**. Dordrecht: Foris, 1985, p. 193 - 204.
- NESPOR, M. e GUASTI, M. T. Focus to stress alignment. **Lingue e Linguaggio**, n. 1, 2002, p. 79-106.
- NESPOR, M. e RALLI, A. Morphology-phonology interface: Phonological domains in Greek compounds. **The Linguistic Review** 13. 1996, p. 357-382.
- NÓBREGA, V. A. **Tópicos em composição: estrutura, formação e acento**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

- OHALA, J. J. Experimental Phonology. In: GOLDSMITH, J. A. (ed). **A handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995, p. 713-722.
- PAVEZI, V. **A haplogia na variedade paulista**. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, 2006.
- PEPERKAMP, S. On the Prosodic Representation of Clitics. **Interfaces in Phonology**, (ed. By U. Kleinhenz). Berlin: Akademie Verlag, **Studia Grammatica 41**, 1996, p. 102-127.
- PEPERKAMP, S. **Prosodic Words**. 1997. Ph. D. Dissertation. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.
- PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. 1980. Ph.D. Dissertation. Cambridge, Mass.: M.I.T., 1980.
- PIERREHUMBERT, J.; BECKMAN, M. **Japanese Tone Structure**. Cambridge, Mass.: M. I. T. Press, 1988.
- PRIETO, P. The Intonational Phonology of Catalan. **Prosodic Typology 2**, The Phonology of Intonation and Phrasing, ed. by Sun-Ah Jun. Oxford University Press: Oxford (no prelo).
- RAMEH, C. **Contrastive analyses of English and Portuguese intonation**. 1962. Master Dissertation. Washington: Georgetown University, 1962.
- RAFFELSIEFEN, R. Diagnostics for Prosodic Words Revisited: The Case of historically Prefixed Words in English. In T. Alan Hall and Ursula Kleinhenz (eds), **Studies on the Phonological Word**. Amsterdam: John Benjamins, 1999a, p. 133-201.
- RAFFELSIEFEN, R. Phonological constraints on English word formation. In: Geert Booij and Jaap van Marle (eds), n: Geert Booij and Jaap van Marle (eds), **Yearbook of Morphology 1998**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1999b.
- ROCHEMONT, M.; P. CULICOVER. **English focus constructions and the theory of grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SANDALO, F.; ABAURRE, M. B.; MADRUGA, M. R.. Dispersão e harmonia vocálica em dialetos do Português do Brasil. **Organon**. Porto Alegre, v. 28, n. 54, 2013, p. 13-30, jan./jun.
- SANDALO, M. F.; TRUCKENBRODT, H. Some Notes on Phonological Phrasing in Brazilian Portuguese. **The MIT Working Papers in Linguistics**, n. 42, 2002.

- SCHWINDT, L. C. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro. **Organon** (UFRGS), v. 28, 2013a, p. 1-19.
- SCHWINDT, L. C. Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). **Fonologia: teorias e perspectivas**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 15-28.
- SCHWINDT, L. C. Prosodic word and morphological derivation in Brazilian Portuguese. In: **Phonology 2013**, 2014, Amherst, USA. Proceedings of the Annual Meetings on Phonology - Linguistic Society of America (LSA). Washington DC: Linguistic Society of America, 2013. p. 1-5.
- SCHWINDT, L. C. Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 52(2), 2008, p. 391-404.
- SCHWINDT, L. C. O prefixo no Português Brasileiro: análise prosódica e lexical. **Delta**, vol. 17, nº 2, São Paulo, 2001.
- SCHWINDT, L. C. **O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica**. 2000. Tese de Doutorado. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2000.
- SCHER, Ana Paula. Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: descrição preliminar. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011.
- SEARA, I. C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.
- SELKIRK, E. **On prosodic structure and its relation to syntactic structure**. Bloomington, Indiana University Linguistics Club. 1980.
- SELKIRK, E. **Phonology and Syntax. The Relation between Sound and Structure**. Cambridge: The Mit Press, 1984.
- SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yearbook**, n. 3, 1986, p. 371-405.
- SELKIRK, E. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J. ET AL. **Papers in Optimality Theory**. Amherst, Mass.: GLSA University of Massachusetts Occasional Papers, 18, 1995, p. 439-469.

- SELKIRK, E.; SHEN, T. Prosodic Domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, S. e ZEC, D. (Eds.). **The phonology-syntax connection**. Chicago: UCP, 1990, p. 313-337.
- SHEN, T. **The formation of tone groups in Shanghai**. University of Massachusetts, 1980.
- SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na hierarquia prosódica em português brasileiro. **Alfa** v. 52, n.2, 2008.
- SWEET, H. **A handbook of Phonetics**. Oxford: Henry Frowde, 1891.
- SWEET, H. **The sounds of English** – An Introduction to Phonetics. Oxford, Clarendon Press, 1908.
- SUN-AH, J.; C. FOUGERON. A phonological model of French intonation. In: BOTINIS, A (ed.), **Intonation**. Kluwer Academic Publishers, 2000.
- TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.
- TENANI, L.; FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. **Proceedings of Fourth Conference on Speech Prosody 2008**. Campinas: RG/CNPq, 2008, p. 445-448.
- TONELI, P. M. The compound words and the prosodic word domain in Brazilian Portuguese. **Revista Interlinguística**. Espanha, v. II, 2012, p. 119-132.
- TONELI, P. M. **A palavra prosódica no Português Brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.
- TONELI, P. M.; VIGARIO, M.; ABAURRE, M. B. M. Distinguishing emphatic and Prosodic Word initial stresses: evidences from Brazilian Portuguese. In: **Proceedings of the 4th International Symposium on Tonal Aspects of Languages**, Nijmegen. 4th International Symposium on Tonal Aspects of Languages, 2014.
- TONELI, P. M.; VIGARIO, M.; ABAURRE, M. B. M. Focus assignment in complex words with two prosodic words in Brazilian Portuguese. 2013. In **Phonetics and Phonology in Iberia**, Lisboa, 2013.
- TRUCKENBRODT, H.; SANDALO, F. e ABAURRE, M. B. Elements of Brazilian Portuguese intonation. **Journal of Portuguese Linguistics** 8, 2009, p. 75-114.

- VIANA, M. C. **Para a síntese da entoação do Português**. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC, 1987.
- VIEIRA, S. R. O parâmetro da cliticização fonológica e os pronomes átonos no Português do Brasil e no Português Europeu. **Estudos Lingüísticos XXXIV**, 2005, p. 1003-1008.
- VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? **The Linguistic Review** 27. Mouton de Gruyter. 2010, p. 485-530.
- VIGÁRIO, M. The Prosodic Word Group (PWG) as a domain of prosodic hierarchy. Comunicação apresentada no **OCP6**, Edimburgo, Janeiro de 2009.
- VIGÁRIO, M. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. e COUTINHO, M. A. (Orgs.). **Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.
- VIGÁRIO, M. **The Prosodic Word in European Portuguese**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003. (Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001).
- VIGÁRIO, M. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: *Studies on the phonological word. Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam/Philadelphia, 1999.
- VIGÁRIO, M. **Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica**. Braga: CEHUM, 1998.
- VIGÁRIO, M. Processos de desambiguação em estruturas com advérbios de exclusão. In: BRITO, A. M., OLIVEIRA, F., LIMA, I. P. E MARTELO, R. (eds). **Sentido que a vida faz. Estudos para Oscar Lopes**. v. I. Lisboa: APL/Colibri, 1997, p. 329-349.
- VIGÁRIO, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: **Actas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, 2010, Porto. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Porto: Tip. Nunes, Ltda - Maia, v. 1. 2010, p. 769-786.
- VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas. Unidades e Hierarquias de Palavras do Português**. Tese de doutorado – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

- VOGEL, I. The status of the Clitic Group. In J. Grijzenhout e B. Kabak (eds.) **Phonological Domains. Universals and Derivations**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009, p. 15-46.
- VOGEL, I. The Clitic Group in prosodic phonology. In: MASCARÓ, J; M. NESPOR (eds.), **Grammar in Progress**, Dordrecht: Foris, 1990, p. 447-454.
- ZEC, D. Prosodic differences among function words. **Phonology** **22**, Cambridge University Press, 1995, p. 77-111.
- ZEC, D.; S., INKELAS. The place of clitics in the prosodic hierarchy. In: BATES, D. (ed.), **Proceedings of the Thent West Coast Conference on Formal Linguistics**, Stanford: CSLI, 1991, p. 505-519.
- ZWICKY, A. M. Auxiliary reduction in English. **Linguistic Inquiry** **1**. 1970, p. 323-336.
- ZWICKY, A. M. Clitics and Particles. **Language**. 62, v. 2, 1985, p. 283 – 305.
- ZWICKY, A. M. **On clitics**. Bloomington: Indiana university Linguistics Club, 1977.
- WETZELS, L. **Estudos Fonológicos de Línguas Indígenas Brasileiras**. Editora da UFRJ. Rio de Janeiro. Brazil. 1995.
- WETZELS, L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. In: Wetzels e Abaurre (eds.), **Fonologia do Português**, Número Especial dos Cadernos de Estudos Lingüísticos. IEL/ UNICAMP. 1992, p. 19-55.
- WETZELS, L. Harmonia Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma Análise Autossegmental. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. IEL/UNICAMP. 1991, 25-58.
- WIESE, R. **The Phonology of German**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

**Apêndice 1: Termo de consentimento livre e esclarecido e folha de aprovação do projeto no comitê de ética**

**Termo de consentimento livre e esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) da pesquisa de doutorado “*A Palavra Prosódica no Português Brasileiro*”, sob a responsabilidade da pesquisadora Priscila Marques Toneli e orientação das professoras Maria Bernadete Marques Abaurre e Marina Vigário.

Ao assinar este Termo de Consentimento, juntamente com a pesquisadora responsável, declaro que fui informado(a) de que esta pesquisa tem por objetivo fazer um estudo sistemático do domínio da Palavra Prosódica no Português Brasileiro e posterior comparação com o respectivo domínio no Português Europeu.

Fui informado(a), ainda, de que o objetivo da pesquisa é apenas documental, uma vez que a análise consiste em observar a fonologia do Português Brasileiro e Europeu, e de que o trabalho a ser realizado pela pesquisadora pretende contribuir com as pesquisas já realizadas sobre as duas variedades de Português, ressaltando as semelhanças e as diferenças entre elas.

Fui informado, também, de que minha participação consiste no fornecimento de dados de fala durante sessões de gravação, e de que é necessário que eu autorize o uso das gravações da minha fala produzidas durante essas sessões experimentais. Com minha autorização, as produções sonoras gravadas passarão a compor o *corpus* de análise desse estudo.

Fui informado, ainda, de que minha identidade será mantida em sigilo, de que os dados (material sonoro) serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa, e de que, caso eu deseje conhecer os resultados desta pesquisa, os mesmos ficarão à disposição com a responsável e, posteriormente, serão publicados como parte integrante da Tese de Doutorado. Além disso, se esse trabalho for publicado em revista científica ou divulgado em evento científico, meu nome não será divulgado.

Estou ciente de que esta pesquisa não terá nenhum ônus para mim e também não trará nenhum benefício financeiro. Minha participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória, e eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Finalmente, fui informado de que todos os participantes terão uma cópia deste termo assinado pela pesquisadora responsável, como previsto na Resolução CNS/MS 196/96; e de que poderão ser solicitados, em qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa, devendo o(s) pesquisador(es) ser contatado(s) por email: [pntoneli@gmail.com](mailto:pntoneli@gmail.com), telefone: (+351) 916963021, ou endereço: rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Campinas, SP, Brasil; e de que o Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, situado no endereço: rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Campinas, SP - Brasil poderá ser consultado, em caso de denúncia, pelo telefone (+5519) 3521-8936.

Declaro, pois, estar esclarecido sobre todos os aspectos relacionados à minha participação nessa pesquisa, e concordo que minhas produções sonoras integrem o *corpus* da pesquisa e sejam analisadas pela pesquisadora.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

Assinatura do Participante

Priscila Marques Toneli  
responsável



## Apêndice 2: Corpus com palavras lexicais compostas – Experimento 1 – capítulo 4

Neste experimento, os informantes liam a sentença-contexto na tela do computador, na sequência liam uma pergunta “O que aconteceu?” e a resposta esperada era a sentença a mesma do contexto. A seguir, apresentamos um exemplo da metodologia utilizada e as sentenças-contexto que foram as produzidas pelos informantes.

Exemplo:

(sentença-contexto) *Apareceu um porta-lápis na televisão.*

(pergunta a ser respondida) *O que aconteceu?*

(resposta esperada) *Apareceu um porta-lápis na televisão.*

1. José apareceu alegremente na televisão.
2. José apareceu previamente na televisão.
3. José apareceu rebeldemente na televisão.
4. José apareceu credulamente na televisão.
5. José apareceu eletricamente na televisão.
6. José apareceu docilmente na televisão.
7. José apareceu pobrememente na televisão.
8. José apareceu morbidamente na televisão.
9. José apareceu molemente na televisão.
10. José apareceu sobriamente na televisão.
11. José apareceu calmamente na televisão.
12. José apareceu sãmente na televisão.
13. José apareceu somente na televisão.
14. José apareceu inocentemente na televisão.
15. José apareceu pacientemente na televisão.
16. José apareceu brilhantemente na televisão.
17. José apareceu apressadamente na televisão.
18. José apareceu rapidamente na televisão.

19. José apareceu educadamente na televisão.
20. O José apareceu timidamente na televisão.
21. Apareceu um papelzinho na televisão.
22. Apareceu um exercitozinho na televisão.
23. Apareceu um rebeldezinho na televisão.
24. Apareceu um jacarezinho na televisão.
25. Apareceu um chapeuzinho na televisão.
26. Apareceu um pobrezinho na televisão.
27. Apareceu um oculozinho na televisão.
28. Apareceu um sobriozinho na televisão.
29. Apareceu um homenzinho na televisão.
30. Apareceu um orfãozinho na televisão.
31. José apareceu sozinho na televisão.
32. Apareceu um pozinho na televisão.
33. Apareceu um livrozinho na televisão.
34. Apareceu um abacatezinho na televisão.
35. Apareceu um enfeitezinho na televisão.
36. Apareceu um passarozinho na televisão.
37. Apareceu um trafegozinho na televisão.
38. Apareceu um chocolatezinho na televisão.
39. Apareceu um elefantezinho na televisão.
40. Apareceu uma pazinha na televisão.
41. Apareceu um bebezinho na televisão.
42. Apareceu a gramaticazinha na televisão.
43. Apareceu um mosquitozinho na televisão.
44. Apareceu um porta-lápis na televisão.
45. Apareceu o guarda-costas na televisão.
46. Apareceu o puxa-saco na televisão.
47. Apareceu o cata-vento na televisão.
48. Apareceu um pós-modernista na televisão.

49. Apareceu o pré-candidato na televisão.
50. Apareceu a foto-legenda na televisão.
51. Apareceu o macroendividamento na televisão.
52. Apareceu o ítalo-iraniano na televisão.
53. Apareceu a megapromoção na televisão.
54. Apareceu a fotomontagem na televisão.
55. Apareceu o tetracampeão na televisão.
56. Apareceu o ítalo-descendente na televisão.
57. Apareceu o latino-americano na televisão.
58. Apareceu o socioeconomista na televisão.
59. Apareceu o microeconomista na televisão.
60. Apareceu o multimilionário na televisão.
61. Apareceu a catalogadora na televisão.
62. Apareceu o diretor na televisão.
63. Apareceu o alistamento na televisão.
64. Apareceu o governador na televisão.
65. Apareceu a venezuelana na televisão.
66. Apareceu o paralelepípedo na televisão.

#### Lista de abreviaturas e acrônimos

1. José apareceu na FM ontem.
2. Apareceu o RPM na televisão.
3. Apareceu a OCDE (Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Econômico) na televisão.
4. Apareceu o ECA na televisão.
5. Apareceu o PSDB na televisão.
6. Apareceu o PMDB na televisão.
7. Apareceu o PC do B na televisão.
8. Apareceu o TJF (Tribunal de Justiça Federal) na televisão.
9. Apareceu a KLM (empresa aérea) na televisão.

10. Apareceu o INSS na televisão.
11. Apareceu a ONU na televisão.
12. Apareceu o MEC na televisão.
13. Apareceu o Detran na televisão.
14. Apareceu a Unesco na televisão.
15. Apareceu a Embrapa na televisão.
16. Apareceu a Unesp na televisão.
17. Apareceu a Unicamp na televisão.
18. Apareceu o Bovespa na televisão.
19. Apareceu a Fipe na televisão.
20. Apareceu a Fuvest na televisão.

## **Apêndice 3: Corpus de PB – palavras funcionais x palavras lexicais – capítulo 5**

### **2.1. Experimento 2**

Neste experimento, as informantes liam a sentença-contexto na tela do computador e, em seguida, ouviam uma pergunta. Apresentamos, a seguir, as sentenças-contextos e as perguntas. Destacamos que a sentença a ser produzida pelas informantes eram as mesmas lidas no contexto.

Exemplo: (sentença lida na tela do computador) *Os governadores esperavam os húngaros na conferência.*

(pergunta ouvida) *Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?*

(sentença a ser produzida) *Os governadores esperavam os húngaros na conferência.*

### **Palavras funcionais monossilábicas produzidas em contexto de foco de escopo largo no PB**

1. Os governadores esperavam os húngaros na conferência.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

2. Os professores precisavam de químicos na faculdade.

- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

3. Os pesquisadores encontraram um físico no aeroporto.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me contar?

4. As colombianas gostavam dos morangos dos Açores.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me contar?

5. Os governadores viajaram a Brasília em novembro.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

6. Os venezuelanos encontraram um gambá na floresta.

- O que aconteceu?

7. Os investigadores passaram por Pernambuco esta manhã.

- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

8. As governadoras almoçaram no restaurante do parlamento.

- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

9. Os pesquisadores encontraram um jacaré na universidade.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

10. Os governadores passaram por Araraquara esta manhã.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

11. As bolivianas gostavam das jabuticabas da fazenda.

- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

12. Os caçadores encontraram um hipopótamo na floresta.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

13. Os professores discutiam o desenvolvimento do Brasil.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

14. Os empresários investiam na modernização das indústrias.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

15. Os policiais encontraram um revolucionário no parlamento.

- Não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

16. Os gerentes discutiam a sustentabilidade das empresas.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me contar?

17. Os professores trabalhavam a disciplinaridade dos alunos.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

18. Os professores discutiam a responsabilidade dos estudantes.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

### **Palavras funcionais dissilábicas produzidas em contexto de foco de escopo largo no PB**

19. Os estudantes encontraram uma lâmpada na lixeira.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me contar?

20. Os manifestantes lutavam pelo bônus nos salários.

- O que aconteceu?

21. Os estudantes viajaram para praia no feriado.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me contar?

22. Os argentinos viajaram sob águas no Paraguai.

- O que aconteceu?

23. Os trabalhadores lutavam contra perdas nos salários.

- O que aconteceu. Você pode me contar?

24. Os pesquisadores falaram entre eles na palestra.

- O que aconteceu?

25. Os estudantes encontraram uma barata no banheiro.  
- O que aconteceu. Você pode me contar?
26. Os colombianos passaram pelo caminho da floresta.  
- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?
27. Os dinamarqueses viajaram para Angola no feriado.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?
28. Os estudantes estavam sob controle dos professores.  
- Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?
29. Os palestrantes falaram sobre assuntos da modernidade.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?
30. Os adolescentes brincaram entre crianças na escola.  
- O que aconteceu. Você pode me contar?
31. Os estudantes encontraram uma borboleta na janela.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me contar?
32. Os estudantes viajaram pela Inglaterra mês passado.  
- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?
33. Os estudantes viajaram para Portugal esta manhã.  
- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.
34. Os governadores chegaram sob tempestade esta manhã.  
- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

35. Os portugueses competiram contra jogadores da Noruega.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

36. Os sindicalistas estavam entre professores no protesto.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

37. As governadoras chamavam pelas americanas na recepção.

- O que aconteceu?

38. Os manifestantes clamavam pelos republicanos na audiência.

- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

39. Os professores demoraram para aporuguesar os estrangeirismos.

- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

40. Os estudantes permaneceram sob observação dos médicos.

- Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?

41. Os venezuelanos viveram entre dinamarqueses na Noruega.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

42. Os governadores lutavam contra oscilações na economia.

- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

43. Os paulistanos passaram pelo engarrafamento na marginal.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

44. Os governadores esperavam pelos universitários na assembleia.

- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

45. Os manifestantes brigavam para nacionalizar os estrangeiros.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

46. Os colombianos passaram sob Piracicaba pela manhã.  
- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

47. Os pesquisadores falavam sobre espiritualidade ao público.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

48. Os governadores estavam entre parlamentaristas na palestra.  
- Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?

#### **Sentenças distratoras e para comparação**

49. Os pesquisadores observaram relâmpagos ao entardecer.  
- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

50. Os professores ensinavam sintaxe aos estudantes.  
- Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?

51. Os engenheiros apresentaram protótipos aos empresários.  
- O que aconteceu? Você pode me contar?

52. Os estudantes visitaram Uberlândia no feriado.  
- O que aconteceu? Você pode me contar?

53. Os portugueses encontraram jornalistas na Austrália.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

54. As governadoras saíram calmamente da conferência.  
- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.

55. Os passageiros encontraram cata-ventos no aeroporto.  
- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.
57. Os venezuelanos compraram cinco casas na cidade.  
- Você pode me colocar a par do que aconteceu, porque eu não estou sabendo.
58. Os governadores apresentaram doze planos ao presidente.  
- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?
59. Os estudantes observavam Piracicaba pela janela.  
- O que aconteceu?
60. Os governadores apontaram incompetências no senado.  
- Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?
61. Os bolivianos observavam porta-bandeiras no desfile.  
- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?
62. Os policiais prenderam afro-chilenos no aeroporto.  
- O que aconteceu? Você pode me contar?
63. Os senadores discutiram belos projetos no parlamento.  
- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?
64. As cozinheiras fizeram pastas gostosas no almoço.  
- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?
65. Os senadores encontraram parlamentaristas no congresso.  
- Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?

66. Os policiais expulsaram universitários da prefeitura.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

67. Os funcionários colocaram porta-estandartes na prefeitura.

- Eu não sei o que aconteceu. Você pode me dizer o que aconteceu?

68. Os estudantes encontraram luso-brasileiros no aeroporto.

- O que aconteceu?

69. Os veterinários trataram poucos hipopótamos no zoológico.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

70. Os americanos encontraram onze elefantes no safári.

- O que aconteceu?

71. Os empresários demonstraram responsabilidade nos negócios.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

72. Os pesquisadores fizeram aportuguesamentos dos estrangeirismos.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

73. Os americanos encontraram luso-moçambicanos no aeroporto.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

74. Os técnicos ensinavam teleprocessamento aos estudantes.

- Eu não sei o que aconteceu? Você pode me contar?

75. Os motoristas pegaram pouco congestionamento na rodovia.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

76. Os estudantes encontraram vinte republicanos no parlamento.

- Eu não entendi o que você disse. O que aconteceu?

77. Os resultados demonstravam insustentabilidade na economia.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

78. Os jornalistas encontraram agramaticalidades nas redações.

- Eu não sei o que aconteceu? Você pode me contar?

79. Os policiais expulsaram antiparlamentaristas da prefeitura.

- Eu não sei o que aconteceu? Você pode me contar?

80. Os venezuelanos encontraram luso-revolucionários no congresso.

- O que aconteceu?

81. Os governadores receberam treze universitários no congresso.

- Eu não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

82. Os pesquisadores fizeram poucos aportuguesamentos nos estrangeirismos.

- O que aconteceu? Você pode me contar?

#### **Apêndice 4: *Corpus* palavras lexicais compostas - Experimento 3 – capítulo 5**

##### **Sentenças com palavras morfológicas compostas por duas PWs em contexto de foco de escopo largo (amplo) no PB**

Neste experimento, as informantes liam a sentença-contexto na tela do computador e, em seguida, ouviam uma pergunta. Apresentamos a seguir as sentenças-contextos e as perguntas. Destacamos que a sentença a ser produzida pelas informantes eram as mesmas lidas no contexto.

Exemplo:

(sentença lida na tela do computador) *O açougueiro espantava vira-latas do açougue.*

(pergunta ouvida) *O que aconteceu?*

(sentença esperada) *O açougueiro espantava vira-latas do açougue.*

1. O açougueiro espantava vira-latas do açougue.
2. Os alunos estudavam pré-classicismo na escola.
3. Os policiais encontraram galego-portugueses na Espanha.
4. Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.
5. Os policiais expulsaram antiparlamentaristas da assembleia.
6. Os alunos estudavam autossustentabilidade das indústrias.
7. Os professores ensinavam micropaleontologia aos estudantes.
8. As meninas observaram relampagozinhos ao anoitecer.
9. As dívidas prejudicaram economicamente o orçamento.
10. Os engenheiros usaram paralelepipedozinhos na nova avenida.
11. Nós comemos amanteigadozinhos de sobremesa.
12. Os palhaços distribuía cata-ventos às crianças.
13. Nós recebemos franco-britânicos no Consulado.
14. A menina observava porta-bandeiras no desfile.
15. Os brasileiros receberam luso-moçambicanos na reunião.
16. Os átomos ganham eletronegatividade nas ligações químicas.

17. Nós saímos eletricamente da academia.
18. Nós vimos hipopotamozinhos no zoológico.
19. Os alunos saíram civilizadamente do debate.
20. Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio.

### **Sentenças com palavras simples em contexto neutro no PB**

Neste experimento, as informantes liam a sentença-contexto na tela do computador e, em seguida, ouviam uma pergunta que pedia confirmação do que haviam ouvido. Apresentamos a seguir as sentenças-contextos e as perguntas. Destacamos que a sentença a ser produzida pelas informantes eram as mesmas lidas no contexto.

Exemplo:

(sentença lida na tela do computador) *Os motoristas pegaram congestionamento na marginal.*

(pergunta ouvida) *Os motoristas pegaram congestionamento na marginal?*

(sentença esperada) *(Sim) Os motoristas pegaram congestionamento na marginal.*

1. Os motoristas pegaram congestionamento na marginal.  
- Os motoristas pegaram congestionamento na marginal?
  
2. Os pesquisadores fizeram aportuguesamentos dos estrangeirismos.  
- Os pesquisadores fizeram aportuguesamentos dos estrangeirismos?
  
3. As alunas comeram batata no almoço.  
- As alunas comeram batata no almoço?
  
4. As secretárias guardaram documentos na gaveta.  
- As secretárias guardaram documentos na gaveta?
  
5. Os senadores receberam governadores em Brasília.  
- Os senadores receberam governadores em Brasília?

6. Nós procuramos investigadores para pesquisas.

- Nós procuramos investigadores para pesquisas?

7. Os governadores receberam pernambucanos no evento.

- Os governadores receberam pernambucanos no evento?

8. Os macacos pediam bananas às crianças.

- Os macacos pediam bananas às crianças?

9. Os alunos discutiam espiritualidade no curso.

- Os alunos discutiam espiritualidade no curso?

10. Os deputados receberam diplomatas no Congresso.

- Os deputados receberam diplomatas no Congresso?

### **Sentenças em contexto de foco de escopo estreito contrastivo no PB**

Neste experimento, as informantes liam a sentença-contexto na tela do computador e, em seguida, ouviam uma pergunta. Nessa pergunta havia uma informação que não coincidia com a sentença-contexto. Desse modo, as informantes foram habituadas na fase treino a dar a resposta adequada. Apresentamos a seguir as sentenças-contextos e as perguntas. Destacamos que a sentença a ser produzida pelas informantes eram as mesmas lidas no contexto.

(sentença lida na tela do computador) *Os palhaços distribuíam cata-ventos às crianças.*

(pergunta ouvida) *Os palhaços distribuíam balões às crianças. ?*

(sentença esperada) *(Não) Os palhaços distribuíam cata-ventos às crianças.*

#### Grupo 1

1. Os palhaços distribuíam cata-ventos às crianças.

- Os palhaços distribuíaam balões às crianças?  
(Não. Os palhaços distribuíaam cata-ventos às crianças).
2. Nós recebemos franco-britânicos no Consulado.  
- Nós recebemos franco-lusitanos no consulado?  
(não. Nós recebemos franco-britânicos no Consulado.)
3. A garota observava porta-bandeiras no desfile.  
- A garota observava ginastas no desfile?  
(não. A garota observava porta-bandeiras no desfile.)
4. Os jornalistas filmam minitorneios aos sábados.  
- Os jornalistas filmam lutas aos sábados?  
(não. Os jornalistas filmam minitorneios aos sábados.)
5. Os professores ensinam multiculturalismo nas aulas.  
- Os professores ensinam monoculturalismo nas aulas?  
(não. Os professores ensinam multiculturalismo nas aulas.)
6. Os brasileiros receberam luso-moçambicanos na reunião.  
- Os brasileiros receberam argentinos na reunião?  
(não. Os brasileiros receberam luso-moçambicanos na reunião.)
7. As chuvas desamparam afro-dominicanos este mês.  
- As chuvas desamparam afro-americanos este mês?  
(não. As chuvas desamparam afro-dominicanos este mês.)
8. Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio.  
- Os engenheiros projetaram cuidadosamente o condomínio?  
(não. Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio.)

9. Nós vimos hipopotamozinhos no zoológico.

- Nós vimos zebrinhas no zoológico?

(nao Nós vimos hipopotamozinhos no zoológico.)

10. Nós vimos elefantezinhos no circo.

- Nós vimos focas no circo?

(não. Nós vimos elefantezinhos no circo.)

11. Os alunos entraram civilizadamente na sala.

- Os alunos entraram agressivamente na sala?

(não. Os alunos entraram civilizadamente na sala.)

12. Os jovens atacaram antirrevolucionários esta tarde.

- Os jovens atacaram ultrarrevolucionários esta tarde?

(não. Os jovens atacaram antirrevolucionários esta tarde.)

13. Nós saímos eletricamente da academia.

- Nós saímos calmamente da academia?

(não. Nós saímos eletricamente da academia.)

14. Os empresários demonstraram autorresponsabilidade nos negócios.

- Os empresários demonstraram irresponsabilidade nos negócios?

(não. Os empresários demonstraram autorresponsabilidade nos negócios.)

15. Os átomos ganham eletronegatividade nas ligações químicas.

- Os átomos ganham eletropositividade nas ligações químicas?

(não. Os átomos ganham eletronegatividade nas ligações químicas.)

Grupo 2

16. Os alunos estudavam autossustentabilidade das indústrias.

- Os alunos estudavam insustentabilidade das indústrias?

(não. Os alunos estudavam autossustentabilidade das indústrias.)

17. O açougueiro espantava vira-latas do açougue.

- O açougueiro espantava moscas do açougue?

(não. O açougueiro espantava vira-latas do açougue.)

18. Os alunos estudavam pré-classicismo na escola.

- Os alunos estudavam pós-classicismo na escola?

(não. Os alunos estudavam pré-classicismo na escola.)

19. Os policiais expulsaram pró-comunistas da prefeitura.

- Os policiais expulsaram pró-democratas da prefeitura?

(não. Os policiais expulsaram pró-comunistas da prefeitura.)

20. Os policiais encontraram galego-portugueses na Espanha.

- Os policiais encontraram afro-portugueses na Espanha?

(não. Os policiais encontraram galego-portugueses na Espanha.)

21. Os policiais expulsaram antiparlamentaristas da assembleia.

- Os policiais expulsaram antirrepublicanos da assembleia?

(não. Os policiais expulsaram antiparlamentaristas da assembleia.)

22. Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.

- Os técnicos ensinaram autoprocessoamento aos alunos?

(não. Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.)

23. Nós comemos amanteigadozinhos de sobremesa.

- Nós comemos bolachinhas de sobremesa?

(não. Nós comemos amanteigadozinhos de sobremesa.)

24. Os professores discutiam interdisciplinaridade nas aulas.

- Os professores discutiam ética nas aulas?

(não. Os professores discutiam interdisciplinaridade nas aulas.)

25. Os alunos estudam eletrodinâmica no curso.

- Os alunos estudam estática no curso?

(não. Os alunos estudam eletrodinâmica no curso.)

26. As dívidas prejudicaram economicamente o orçamento.

- As dívidas prejudicaram financeiramente o orçamento?

(não. As dívidas prejudicaram economicamente o orçamento.)

27. As meninas observaram relampagozinhos ao anoitecer.

- As meninas observaram trovõezinhos ao anoitecer?

(não. As meninas observaram relampagozinhos ao anoitecer.)

28. Os engenheiros usaram paralelepipedozinhos na nova avenida.

- Os engenheiros usaram tijolinhos na nova avenida?

(não. Os engenheiros usaram paralelepipedozinhos na nova avenida)

29. Nós entramos educadamente na aula.

- Nós entramos pacientemente na aula?

(não. Nós entramos educadamente na aula)

30. Os deputados receberam pós-universitários no plenário.

- Os deputados receberam pré-universitários no plenário?

(não. Os deputados receberam pós-universitários no plenário)

31. Os professores ensinavam micropaleontologia aos estudantes.

Os professores ensinavam microeconomia aos estudantes?

(não. Os professores ensinavam micropaleontologia aos estudantes.)

32. Os portugueses conheceram germano-brasileiros no aeroporto.

- Os portugueses conheceram germano-soviéticos no aeroporto?

(não. Os portugueses conheceram germano-brasileiros no aeroporto.)

### **3. *Corpus* de PE**

#### **Sentenças com palavras morfológicas formadas por duas PWs em contexto de foco de escopo largo (amplo) no PE**

Neste experimento, as informantes liam a sentença-contexto na tela do computador e, em seguida, ouviam uma pergunta. Apresentamos a seguir as sentenças-contextos e as perguntas. Destacamos que a sentença a ser produzida pelas informantes eram as mesmas lidas no contexto.

Exemplo:

(sentença lida na tela do computador) *O talho espantava vira-latas todo o dia.*

(pergunta ouvida) *O que aconteceu?*

(sentença esperada) *O talho espantava vira-latas todo o dia.*

Grupo 1

1. O talho espantava vira-latas todo o dia.

2. Os alunos estudavam pré-classicismo na escola.

3. Os polícias encontraram galego-portugueses em Espanha.

4. Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.

5. Os polícias expulsaram antiparlamentaristas da assembleia.
6. Os alunos estudavam autossustentabilidade das indústrias.
7. Os professores ensinavam micropaleontologia aos estudantes.
8. As miúdas observaram relampagozinhos ao anoitecer.
9. As dívidas prejudicaram economicamente o orçamento.
10. Os engenheiros usaram paralelepipedozinhos na nova avenida.
11. Nós comemos amanteigadozinhos de sobremesa.

#### Grupo 2

12. Os palhaços distribuíaam cata-ventos às crianças.
13. Nós recebemos franco-britânicos no Consulado.
14. A rapariga observava porta-bandeiras nas Olimpíadas.
15. Os brasileiros receberam luso-moçambicanos na reunião.
16. Os átomos ganham eletronegatividade nas ligações químicas.
17. Nós saímos eletricamente do ginásio.
18. Nós vimos hipopotamozinhos no zoológico.
19. Os alunos saíram civilizadamente da sala.
20. Os engenheiros projetaram arquite tonicamente o condomínio.

#### **Sentenças com palavras simples em contexto de foco de escopo largo no PE**

Neste experimento, as informantes liam a sentença-contexto na tela do computador e, em seguida, ouviam uma pergunta que pedia confirmação do que haviam ouvido. Apresentamos a seguir as sentenças-contextos e as perguntas. Destacamos que a sentença a ser produzida pelas informantes eram as mesmas lidas no contexto.

Exemplo:

(sentença lida na tela do computador) *Os motoristas apanharam congestionamento na autoestrada.*

(pergunta ouvida) *Os motoristas apanharam congestionamento na autoestrada?*

(sentença esperada) *(Sim) Os motoristas apanharam congestionamento na autoestrada.*

### Grupo 1

1. Os condutores apanharam congestionamento na autoestrada.  
- Os condutores apanharam congestionamento na autoestrada?
  
2. Os pesquisadores fizeram aportuguesamentos dos estrangeirismos.  
- Os pesquisadores fizeram aportuguesamentos dos estrangeirismos?
  
3. As alunas comeram batata ao almoço.  
- As alunas comeram batata ao almoço?
  
4. As secretárias guardaram documentos na gaveta.  
- As secretárias guardaram documentos na gaveta
  
5. Os senadores receberam governadores em Brasília.  
- Os senadores receberam governadores em Brasília?

### Grupo 2

1. Nós procuramos investigadores para pesquisas.  
- Nós procuramos investigadores para pesquisas?
  
2. Os governadores receberam alentejanos no evento.  
- Os governadores receberam alentejanos no evento?
  
3. Os macacos pediam bananas às crianças.  
- Os macacos pediam bananas às crianças?
  
4. Os alunos discutiam espiritualidade no curso.  
- Os alunos discutiam espiritualidade no curso?

5. Os deputados receberam diplomatas no Congresso.

- Os deputados receberam diplomatas no Congresso?

### **Sentenças em contexto de foco de escopo estreito contrastivo no PE**

#### Grupo 1

1. Os palhaços distribuíaam cata-ventos às crianças.

- Os palhaços distribuíaam balões às crianças?

(não. Os palhaços distribuíaam cata-ventos às crianças)

2. Nós recebemos franco-britânicos no Consulado.

- Nós recebemos franco-lusitanos no Consulado?

(não. Nós recebemos franco-britânicos no Consulado)

3. A rapariga observava porta-bandeiras nas Olimpíadas.

- A rapariga observava porta-bandeiras nas Olimpíadas?

(não. A rapariga observava porta-bandeiras nas Olimpíadas)

4. Os jornalistas filmam minitorneios aos sábados.

- Os jornalistas filmam lutas aos sábados?

(não. Os jornalistas filmam minitorneios aos sábados)

5. Os professores ensinam multiculturalismo nas aulas.

- Os professores ensinam monoculturalismo nas aulas?

(não. Os professores ensinam multiculturalismo nas aulas)

6. Os brasileiros receberam luso-moçambicanos na reunião.

- Os brasileiros receberam argentinos na reunião?

(não. Os brasileiros receberam luso-moçambicanos na reunião)

7. As chuvas desampararam afro-dominicanos este mês.

- As chuvas desampararam afro-dominicanos este mês?

(não. As chuvas desampararam afro-dominicanos este mês)

8. Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio.

- Os engenheiros projetaram cuidadosamente o condomínio?

(não. Os engenheiros projetaram arquitetonicamente o condomínio)

9. Nós vimos hipopotamozinhos no zoológico.

- Nós vimos zebrinhas no zoológico?

(não. Nós vimos hipopotamozinhos no zoológico)

10. Nós vimos elefantezinhos no circo.

- Nós vimos focas no circo?

(não. Nós vimos elefantezinhos no circo)

11. Os alunos saíram civilizadamente da sala.

- Os alunos saíram agressivamente da sala?

(não. Os alunos saíram civilizadamente da sala)

12. Os jovens atacaram antirrevolucionários esta tarde.

- Os jovens atacaram ultrarrevolucionários esta tarde?

(não. Os jovens atacaram antirrevolucionários esta tarde)

13. Nós saímos eletricamente do ginásio.

- Nós saímos calmamente do ginásio?

(não. Nós saímos eletricamente do ginásio)

14. Os empresários demonstraram autorresponsabilidade nos negócios.  
- Os empresários demonstraram irresponsabilidade nos negócios?  
(não. Os empresários demonstraram autorresponsabilidade nos negócios)

15. Os átomos ganham eletronegatividade nas ligações químicas.  
- Os átomos ganham eletropositividade nas ligações químicas?  
(não. Os átomos ganham eletronegatividade nas ligações químicas)

16. Os alunos estudavam autossustentabilidade das indústrias.  
- Os alunos estudavam insustentabilidade das indústrias?  
(não. Os alunos estudavam autossustentabilidade das indústrias)

#### Grupo 2

17. O talho espantava vira-latas todo o dia.  
- O talho espantava moscas todo o dia?  
(não. O talho espantava vira-latas todo o dia)

18. Os alunos estudavam pré-classicismo na escola.  
- Os alunos estudavam pós-classicismo na escola?  
(não. Os alunos estudavam pré-classicismo na escola)

19. Os polícias expulsaram pró-comunistas do parlamento.  
- Os polícias expulsaram pró-comunistas do parlamento?  
(não. Os polícias expulsaram pró-comunistas do parlamento)

20. Os polícias encontraram galego-portugueses em Espanha.  
- Os polícias encontraram afro-portugueses em Espanha?  
(não. Os polícias encontraram galego-portugueses em Espanha)

21. Os polícias expulsaram antiparlamentaristas da assembleia.  
- Os polícias expulsaram antirrepublicanos da assembleia?  
(não. Os polícias expulsaram antiparlamentaristas da assembleia)
22. Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos.  
- Os técnicos ensinaram autoprocessoamento aos alunos?  
(não. Os técnicos ensinaram teleprocessamento aos alunos)
23. Nós comemos amanteigadozinhos de sobremesa.  
- Nós comemos bolachinhas de sobremesa?  
(não. Nós comemos amanteigadozinhos de sobremesa)
24. Os professores discutiam interdisciplinaridade nas aulas.  
- Os professores discutiam ética nas aulas?  
(não. Os professores discutiam interdisciplinaridade nas aulas)
25. Os alunos estudam eletrodinâmica no curso.  
- Os alunos estudam estática no curso?  
(não. Os alunos estudam eletrodinâmica no curso)
26. As dívidas prejudicaram economicamente o orçamento.  
- As dívidas prejudicaram financeiramente o orçamento?  
(não. As dívidas prejudicaram economicamente o orçamento).
27. As miúdas observaram relampagozinhos ao anoitecer.  
- As miúdas observaram trovõeszinhos ao anoitecer?  
(não. As miúdas observaram relampagozinhos ao anoitecer)

28. Os engenheiros usaram paralelepipedozinhos na nova avenida.  
- Os engenheiros usaram tijolinhos na nova avenida?  
(não. Os engenheiros usaram paralelepipedozinhos na nova avenida)
29. Nós entramos educadamente na aula.  
- Nós entramos pacientemente na aula?  
(não. Nós entramos educadamente na aula)
30. Os deputados receberam pós-universitários no plenário.  
- Os deputados receberam pré-universitários no plenário?  
(não. Os deputados receberam pós-universitários no plenário)
31. Os professores ensinavam micropaleontologia aos estudantes.  
- Os professores ensinavam microeconomia aos estudantes?  
(não. Os professores ensinavam micropaleontologia aos estudantes)
32. Os portugueses conheceram germano-brasileiros no aeroporto.  
- Os portugueses conheceram germano-soviéticos no aeroporto?  
(não. Os portugueses conheceram germano-brasileiros no aeroporto)